VOLUME 38.° N.os 1-4 1940-1943

Revista Lusitana

Arquivo de estudos filológicos e etnológicos relativos a Portugal

DIRIGIDO

POR

J. LEITE DE VASCONCELOS

Professor catedrático (aposentado) da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, Director honorário (organizador) do Museu Etnológico

SUMÁRIO

LISBOA

LIVRARIA SÁ DA COSTA — EDITORA

SEDE: R. GARRETT, 100-102

SUCURSAL: POÇO NOVO, 24

— 1943 —

REVISTA LUSITANA

IMPRENSA PORTUGUESA
Rua Formosa, 108 — PORTO

REVISTA LUSITANA

Arquivo de estudos filológicos e etnológicos relativos a Portugal

DIRIGIDO

POR

J. LEITE DE VASCONCELLOS

Professor catedrático (aposentado) da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, Director honorário (organizador) do Museu Etnológico

---

Subsidiada pelo Instituto para a Alta Cultura

VOL. XXXVIII

LISBOA
LIVRARIA SÁ DA COSTA — EDITORA
24, Poço Novo
1941

A concessão de subsídios por parte do Instituto para a Alta Cultura não envolve juízo de valor sôbre a doutrina contida nas publicações subsidiadas nem aprovação da forma porque esta doutrina é exposta.

Revista Lusitana

Vol. XXXVIII 1940-41 N.os 1-4

AUTONOMIA E RESTAURAÇÃO

Grande ventura a de um povo que, encorporado noutro, e sentindo-se um dia em condições de se governar a si próprio, se torna autónomo! ou que, tendo nos vai-vens da vida social perdido uns anos a liberdade, sacudiu o domínio estranho e readquiriu a independência, cheio de glória!

As datas de 1139 e 1640 são pois luminosas e capitais na história de Portugal. E cabem justíssimos louvores ao nosso Govêrno por ordenar que as mesmas se celebrassem com a execução de obras materiais e culturais e que perduram (dando assim ao público uma lição moralizadora), e simultaneamente com pompa, desenvolvimento e solenidade.

A direcção da *Revista Lusitana*, que, segundo um programa definido, consagrou, auxiliada por muitos colaboradores, 37 volumes a estudos de Etnologia, língua e literatura nacionais — e espera prosseguir igual caminho — não podia deixar de se associar ao patriótico pensamento do Govêrno.

Sejam estas palavras a expressão da sinceridade e entusiasmo com que aderimos à felicíssima idéia, e nos sentimos honrados de lhe dedicar o presente número da *Revista Lusitana*.

Lisboa, 1 de Janeiro de 1940.

José Leite de Vasconcelos.

FOLK-LORE MADEIRENSE

LIVRO PRIMEIRO:

TEXTOS RELIGIOSOS

CAPÍTULO I

ORAÇÕES

I — *De manhã, ao levantar.*

a) Cum Di me deito,
Cum Di m'al'vanto,
ca d'vina graça
do Esprito-Santo.

b) 'Xtrêla da manhã,
lembrai-vui d'mim, ó Maria.
Mê sagrad'Coração d'Jasus,
ê vos of'reç'o q'ê fizer
durant'êste dia.

c) Já lá vem a lui do dia;
oh! q' rica manhã vem!
Prumita Nossa-Sinhóra
q' hôje m'assucêd'in bem.
Eu ajoelh'ás cruzes,
peç' muntas oraçons,
p'ra q' Nossa-Sinhóra nui livre
de tôdăi más tentaçons.

d) Bemdita sej' á lui do dia;
bemdito seja Quem na cria;
bemdita sej'a Vrige-Maria
e mai-la sua cumpanhia.

e) Intrego-m'a Jasus
e à flô de sua Mãe;
e à Hóstia cunsagrada
e ao pé da Cruz, àmăi.

II — *Ao sair de casa para o trabalho.*

a) Dês adiênte e mê Pai me guia.
Di me valh'e a Vrige-Maria;
e vão in minha cumpanhia
âis ármăi do sinhô San Jorze,
cum q'eu and'armado.
Ê nan seja prêz' nem tomado,
nem minha palavra retraida.
Guardad'and'ê, de noit' e dia,
assim cuma Dês andua
no ventre da Vrige-Maria.

b) Pad noss' | piquininho.
Di nui lev' | a bom caminho
ond' Crist' | ajualhua.
Em si braces | me ternua
e o sê sâingui | derramua.
Ũa crui | nos pôi defronte,
q' o q' é má | nan nos incontre,
nem de noite | nem de dia,
nem in pin' | de meio-dia.
Pad noss' | av' Maria.

III — *Depois das refeições.*

a) Graças a Dêes!
Bemdito sejás!
Ê nada mereço
e Vós tudo me dás!

b) Gráçăi Vui dou, mê Dèes,
que me désti de comer,
sem ê mercêr!
Depôi desta vida,
dai-m'o ceu!

IV — *À noite, ao deitar.*

a) Deito-me na minha cama,
munto bem acumpanhada,
cos anjinhos à cabiceira
e Nossa-Sinhór' á ilharga,
pedind'ao sê bemdito Filho,
que me livre do Maldito,
a minh'alma e o mê corpo
e também o meu esprito,
q' é de Dês que me criua.
Para sempr'amin Jasus.

b) Cum Di me deito,
cum Di m'alvanto,
ca d'vina graça
do Esprito-Santo.
Nó-Sinhô m'abafe,
co sê d'vino manto.

c) Cum Di me deito,
cum Di m'alvanto,
ca graça de Dêes
e do Esprito-Santo.
Nossa-Sinhóra m'abafe
co sê d'vino manto.
S'ê bem abafada fôr,
nan terei mêdo, nem temôr;
nem da coisa que má fôr.

d) Dês meu, alto, pedrôso,
Filho da Vrige-Maria,
acumpanhai-m'esta noite
e àmanhã por tôdo o dia.
Mê corp' nan sâje prêso,
nem a minh'alma perdida,
nem mê sâingue derramado.
Valha-m'a Vrige-Maria.

e) Toc' à hora;
a Virj'a toca;
úiz anj'z a rezo;
Crist' àdora.
Bemdităi sâj'as alminhas
que se deito nesta hora.
Ó Sinhô, nâi vóssăi mãos
intreg' a minha alma.

f) Jasui na minh'alma,
Jasui no mê peito;
Jasui na cama,
aonde me deito.

g) Q'rid' Jasus,
p'rá cama d'mim.
Cand'è morrer,
s'alembre d'mim.
Quem me qué mal
s'afaste d'mim.

h) Na minha cama me deito,
na sepultura da vida.
Bem sei que me tái vendo
munt' mal arrepindida;
q' ui mês pecades são tantos
cuma fôlhas ha no campo
e areias ha no mar.
Xper' in Dêes
d'a minh'alma s' salvar.

i) Virj' Maria,
Sinhóra, m' guia;
Virj' da piadade,
Sinhóra tão pia,
q'è tante pequei
nêste sante dia:
deixei d' uví missa.
Vos peç' perdão
ca minh' òração.

Sôi mái bonita co sol,
más prufeita do ca luma.
No ceu és más cos anjos;
cuma vói não há nenhuma.
Sois ĩmparo dâi viuvas,
das órfai desimparadas.
Sois ĩmparo, Mài de Dêes,
salvadôra dâi nossas almas.

1

j) Di vúi salve, crui sagrada,
remei' da port' humana.
No cé teremos intrada,
se formes caminho pleino.

2

Dessi vosses pei, Sinhóra,
o munde sará cativl';
eu esper' in não andar
p'r ond'o mund' nos incline.

3

O trabalh'a que nos convidas
é a cruz que nos convirte;
quem cá tem-na más pezada
no cé tem maió partido.

4

Cunfessa-te, pecadôr.
Nan tẽi senã ũ àlma só.
S'a perdes, ai de ti,
que nunca más vês a Dêes,
nem acábãi de penar!

5

Chega-t'ao alt' Sacramento,
faz ũa convissão mental;
rez'o rozairo à Virge,
q'âis almas t'írão buscar.

6

Faz por deixar's o mundo
porq'é ũa grande mundíça.
Faz po ganhar's o céu
q'é uma gran'delíça.

7

A música dum anj' só
ench' a côrte d'aligria;
que fará os anjos todos
cum Jasus e cumpanhia?!

k) Cand'eu ia para o céu,
ia ca tocha na mão.
ê chiguei ao pregatóiro,
vi ũa cama bemfeita.
Anj'-da-Guarda me disse:
—«põe-t'á minha mão direita».
Cand' ê chiguei ao ceu,
Jasui me prèguntua:
—«Cand'andavas pelo mundo,
alembravas-te de mim?
Põe-t'á minha mão direita,
para sécula sem fim».

l) Sinhô do Horto,
que fôsti viv' e fôsti môrto,
assim cuma vós perdoastes
a vossa morte,
que foi tão cruel e tão forte,
perdoai-m'úi mês pecados
esquècid's, alembrados
e q' aos pei do mê conv'ssor
nunca fôr' bem conv'ssados.

m) Valha-m'o Anj' da Guarda
e valha-m' Dês Criador.
Jasus, p'ra que nacestes?
Para ser's cruss'ficado.
Cand' no mund nacestes,
tud' foi alumiado;
a lũa e as estrelas
tudo foi magoado;
o leite que dava o peito
era da Vrige sagrada;
os panos qu'o involvio
érum de fina holanda.
Decêro do ceu à terra,
no dia d'Àssunção,
pa ver úi santos panos
q'ui devíni saingui dão.
Debáx daquêl pendão
vai um cruzeir'armado;
a virtude qu'êl leva
é Jasus cruss'ficado.
Quem est' òração disser,
um ano continiado,
neste mund' será reu
e no outro coroado.
Tri dias ant's q' morra,
a Virj' lh' aparcerá
e dirá: —«Filh' ó filha,
cunfess' os tês pecados
que deixastes p' cunfessar;
e su a Vrij' Maria
que vos venho alembrar.
As pórtãi serão abertas
pá vossa alma lá intrar».
Àmen.

N. — Esta oração, colhida na fg. de Santa Cruz, é conhecida por «oração do Anjo-da-Guarda». Na

versão corrente na fg. de Pôrto da Cruz há as seguintes variantes:

a) *2.º v.*: «Valha-me o ceu dos andores»;
b) *8.º v.*: «Tudo foi abrilhantado»;
c) Os vs. 13, 14, 15 e 16 não existem;
d) Os vs. 17 e 18: «No mei' daquêl pendão | vai um Cordeir'armado»;
e) Antes dos últimos dois vs. há os seguintes: «Lá direi a Jasus Cristo | que tos qneira perdoar».

V — *Ao avistar-se uma igreja.*

Dês te salv', igreja.
Por Di fostes ôrdenada;
on' 'tá o cáli bento
e a Hostia cônsagráda.
Os anjos q' vos acumpanho
m'acumpânhin a minh'alma

VI — *Ao avistar-se um cemitério.*

Di vui salve, crui sagrada.
Quem em ti morrêu
me salv' a minh'alma

VII — *Ao tomar-se água-benta, quer ao entrar, quer ao sair da igreja.*

a) Aqui tum'auga benta,
na casa da oração.
Ao mê côrp' dai saude,
à minh'alma salvação.

b) Auga benta, q' em mim cai,
em mim sâj' aproveitada,
q' o demôino, na minh'alma
nan tenha nenhũ intrada

VIII — *A qualquer hora e em qualquer circunstância, para afugentar os maus pensamentos.*

Mê Sinhô Jasus Cristo,
a vói nói suplicamos,
Santes imortás, Dês,
vós, que perdoastes
a tôdlũs homens,
escutai-nũ, Sinhôr;
plo voss' preciosissimo sâingui,
salvai-nũ, Sinhôr,
agor' e sempre
e por todo sempre, àmen.

IX — *Por ocasião dos temporais.*

1

Ó que triste noit' escura,
com grand' rigô de tempo!
Morreu alma pecadôra,
sem recebê sacramento.

2

Ei-m'aqui dibruçada,
Sinhô, visitar-vui venho;
q'ê fui a más trist'uvelha,
fugid'ao voss' rebanho.

3

— «Xcut'ó alma pelingrina,
q'è primeiro t' escutei.
Achei-t' nas tuas culpas,
ê sempr'nelas t'achei.

4

«Ê dava-t'o mê jejum;
sempre t'achava comendo.
Passavas p'lo mê calvairo;
sempre passavas correndo.

5

«Cand'ias par'á missa,
nan iai bem assiado.
Entr'o Cáles e a Hosta,
sempre t'achava manente.
Agora vai pa o inferno
padecer eternamente».

6

— «San Miguel, pzai a alma»,
a Virj' assim o pidia.
Tava a alma na balança;
nunc'à balança pindia.
Nossa-Sinhóra deitou lo sê sagrado lenço;
log'a balança s'unia.

7

P'cadôra rez'o Rozairo;
nan t'arrástes pelo chão,
q'a Virg' é piadosa
e nos ped'a salvação.

X — *Por ocasião de trovoada, para afastá-la.*

a) Santa Barb'la!
San Jelorme!

b) Santa Barb'la!
San Jelorme!
Santos fortes!
Santos imortás, Dèes (1),
misarera nóbes.

N. — Qualquer destas orações é de preferência proferida por voz de homem, porque, então, é certo que a trovoada não faz mal.

---

(1) Em vez de *Santos imortaes Deus*, ouve-se, aqui e acolá, *Deus imortaes.*

XI — *Para afugentar os demónios.*

Est' é a crui de San Dómino.
Fugi | da parte | da versa |
d'vice | d'veu | atrevo |
de Judas | redadau
àlalôia, àlalôia.

XII — *Depois da reza do têrço, aos serões, para pedir a salvação da alma.*

a) Bemdit' e lòvad' sej'
o Santiss'mo Sacramento.
Trag(u)' Jasus na minh'alma
e a Virg' no pensamento.
Já lá vai a lui do dia,
vai cum bom acabamento.
Da minha casa saí,
cum bâua fé caminhei;
ca lui do Esprit' Santo,
na casa de Dês intrei.
Ê meti a mã na pia,
auga-benta persinei,
auga-benta perciosa
da Santiss'ma Trindade.
Cantes pinginhes ê tomo,
cantes pecad's m'apaga.
Fui pa o pé do padre,
ao pé dêl ajualhei;
carregada de pecados,
a ele me convessei,
maldites e mal pensados
xquècidos e alembrados.
— «A Jasus peç' perdão
e a vós pad' àssolvição»
No fim destas palavras,
ao repique da matina,
incontrei Nossa-Sinhóra
rezand' a reza devina.
— «Ah! minha Vrige-Sinhóra,
Sinhóra de tôdo o imparo,
da vossa casa nan vua,

sem vui rezar ũ rozairo».
Fui pá mêza do Altiss'mo
o Saculairo adorei;
e, mês olhes a viver,
o côrp' d' Di beijei.
— «Bem sabeis, ó mê Sinhôr,
certas coisas q'ê nan sei:
missas q'è nan tenh'uvido,
Jejuns q'è tenh' faltado.
Na hora da minha morte,
tudo sará perdoado.
Venhá hostia cônsagráda
cá pa minha cumpanhia,
Assim qué' rendê luvôres
à Virge Santa Maria.
Âis álmăi dui mi d'funtos,
estas horas, tão penando.
Vós têndi grand'x prazêr'x
de m' vir's alumiando».
— «Minha filha, põe-t'alegre;
os tês p'cadi são leves.
O mê Filh' dá-t'alento
por as pórtai do cé dentro».
Virad'á mão direita,
aond'o d'vin' Pai s'assanta,
glorioso d'Assunção,
peç' p'ra Jasui m'uvir
esta minha oração.
Peç' pr'á minha familha
todà minha geração.
Nossa-Sinhóra m' guarde
lá na sua santa Mão.
Ao pé da sua santa Cruz
que me guarde côrp' e alma;
todo semp'aman Jasus.
Quin sòber est'òração
la deve sempre dezer;
lá no dia-do-Juizo
tem o cé pa receber.
Quin a sòber qui a diga,
quin a uví qui àprenda;
lá no dia-do-Juizo

sabrá o q̃ le pertenda.
Meu Esprito, Jasus,
ceu e terra fizestes,
corp' e alma me destes.
Éstăi minhas palavras
sinhô São João âi dixe,
no sant' Livro dâi suas Escreturas.
Quin est'òração dixer
dig' ũ an', de dià dia;
saberá, certamente,
can' Dês ha-de leva-lo.
Tri dias ant'x que môrra,
a Vrige vem avisa-lo:
— «Cunfessa-te, pecador,
que Dês te manda chumar,
pa no Paraiz' intrar's.
Cand'andavas pelo mundo
semp' t'alembrávăi de mim.
Vira-t'á minha direita,
para sécula sem fim».

b) Ah! mê Sinhô Jasus Cristo, alembrai-vũ d' mim q' sũa grande pecadora. Ó Vrige Santiss'ma, gardai-m'e livrai-me daquélăi bocas espantosas; cand'a minha alma do mê côrp sair, Vós a levará Bela Gueloira. Vóssăi fontes piadades, inzemplo da gloira d' Dês, cons'lação de tod' o mundo, remeid' nos trabalhos. Até uis anj' s'alegr' em vê lâi vóssăi font'x piadades. Vós que viveis e vós que reinás cum Dès Padre, cum Dês Esprito-Santo.

c) In Rom' havia ũa milhé que vivia nâi montanhas, na parte de Lôrtaliga, onde fazia solitáira a vida. Essa milhé desejava sabê cântăi fôro nâi chagas q'o Sinhô recebê no sê sagrad' Côrpo cum tanta divoção. Pedi'ao Sinhô que lhe renovasse o que lhe tinha pedido.

O Sinhôr, uvind' êssi rógos, aparcê lh' e dixe:—Tu sábi, milher, âi chagas q'ê recebi no mê sagrad' Côrpo fôro quatr' mil quatr' cent's e cinco; e ê te digo, milher, que, quem rezar quinze pad'nossos e quinze av'Marias e of'recer in honra da minha Páxão, poderei atroar, ao cab' do ano, quinz'álmai do fôgo do pregatório: po sê pai, po sua măi e po quem quizé pedir! Quem quizé cumpri cum esta reza, po tempo

d'an' inteiro, lhe perdoarei culpas e pecados e á familha de casa. Peç' na còrentina jejuae, fazei bem aos proves, peç nan mintei, nem jurai no mê nome, nem do mê santo. Fazei o sinal da santa Cruz, fazei cum divoção.

Nêste mun' terá vitoira,
no outro, gloira; àmen.

XII — *Ao deitar o pão no fôrno.*

Assim crêças tu aí,
cuma Dês está sobre ti;
assim crêças tu no fôrno,
cum' à graça de Dês sob' nós todos;
assim crêças tu na massa,
cuma Dês creceu in Graça.

N. — Emquanto esta oração se recita, faz-se, com a pá, uma cruz na porta do fôrno.

XIII — *Quando uma criancinha boceja.*

Xpirto devino,
consol'á bôca
do m'nino.

N. — Emquanto se recita esta fórmula, faz-se, com o polegar da mão direita, uma cruz sôbre a bôca da criança. A incidência do dedo coincide com a pronúncia das silabas tónicas *pir*, *vi*, *bô* e *ni*.

XIV — *Sem intenção especial, apenas por devoção religiosa.*

Olhei pr'o ceu,
avestei un andôr,
cabiceira e cama
de Noss'-Sinhôr.

Olhei pr'o ceu,
avestei ũa rosa,
cabiceira e cama
de Nossa-Sinhóra.

Olhei pr'o ceu,
avestei ũa luz,
cabiceira e cama
do bom Jasus.

XV — *Ao fazer qualquer plantação.*

Vai á conta d' San Jóquim.
Se quizé p'gá que pégue,
Senan, que fiq'assim.

XVI — *A «Magnifica».*

Magnífica d' meia Dom.
Altári mêus, esprítí mêus,
atroment' vos eu.
A cord'é sua; a brag(u) é sua.
Aqui me respeca da sua militair,
da geraciôna e da redenciôna,
regêna pregêna d' troment vuzena.

XVII — *A Santa Terêza.*

Trêzi, á frô regiosa,
tinh'ardôiri verdadeiros
Din(e) q' se der ao Espôso
erũ milhas ravações.

CAPÍTULO II

CICLO DIVINO

Versos em que se celebram as três pessoas da Santíssima Trindade — o Padre, o Filho e o Espírito Santo — e se assinala a sua acção na vida dos homens.

SECÇÃO I

O PADRE

No princípio Pai Aterno,
que ceu e mundo criua,
lá no campo da Marsina (1),
de barro Adão fravicua.
Foi ás costélăi dêl,
ũ àdoela l'arrancua.

(1) Aparecem também as formas *Macela* e *Marcela*.

Pa le fazê cumpanhia,
a Mãi Eva l'jarua.
Co preceite da maçã
ambes esprimentua;
mas a maçã i era bâua
e Eva depenicua.
Depôi d'Eva, foi Adão.
Foi aí que começua
esta triste digracia
que nunca más acabua.
Vai d'aí, o Pai Aterno

o seu Infante mandua.
Pa lavar essa digracia
o seu Sâingue derramua.
O Inocênte Cordeiro
foi posto nũa varanda
á vista do povo tôdo,
aonde a maldade manda.
Por espia le puzero
ũna cana verde na mão,
sem atender a canalha
qu'Êl é que tinha rezão.

SECÇÃO II

O FILHO

SUB-SECÇÃO I

O NATAL

I — A NARRATIVA: O *belo pastor* canta a velha promessa da vinda do Redentor.

Côro

Nacê, nacê, naceu
dos homens o Desejado,
que vai vencer o pecado
e nui guiá par'o ceu.

Sômes pastôri da serra
e vimos in romaria,
trazer ũa novidade
ao povo da freguizia.

Em Belém, agora, agora,
num currale d'animás,
nacê Jasui Salvadôr,
prometid'a nosses Pás.

Nacê da casta Maria,
a Virge de Nazaria,
que tinh'in cumpanhia
o sinhô san Josia.

Era alta noite, e ao lume
os pastôri s'aquècio;
pertichinh'os animás
bem ciadinhũ dormio.

De longe, triste soava
uivo de lobo sadento;
e ui ramás agitava
fria rajada de vento.

A noite fria gelada
o repouso imbaraçava;
e, para passar o tempo,
ha munt'se cunversava.

Infim cai'a conversa
sôbläi santas Escreturas,
que, para o povo de Dês,
contêm todas âi vinturas.

Então o *belo pastôr*,
erguend'uis olhos ao ceu,
diz: «Quin dera, anti da morte,
Inda Te vêr, amôr meu.

«Nan qu'ria nada mâi vêr,
depôi de vêr o Messias.
Nan qu'ria mêmo viver;
de gôz'acabav'ui dias.

«Em mê coração, esp'rança
de vêr o mê Salvadôr
ê tive, desde criança,
e m'abrandu munta dôr.

«Mai ai! cad'ano que passa
só me diz o coração:
— Inda tá long(e) o Amor,
o Amor da tua pàxão.

«—Dêsd' Abraão e Jacó,
Vós prometêsti, Sinhôr,
a nosses primeiros Pás,
par'um di', o Redentôr.

«E renovast'a promessa,
atravéi dâi jarações;
e Ele foi esperado,
desejado dâi Naçons.

«Os patriarcas, ui justos,
entre suspiros e ás,
pediro, mâi sempr'em vão,
doce principe da Paz.

«Vosses profétäi, Senhôr,
cantaro, enamorados,
sua bondade e amôr,
em sês inos inspirados».

II — ANUNCIAÇÃO: Depois do *pastor ancião* mostrar a sua anciedade pela vinda do Messias, um *Anjo* anuncia solenemente o seu nascimento.

— «Dâi Virgen' d'Irrael
foi Êl um sonho d'amôr.
O nosse povo e o mundo
o desejo cum fervôr.

«Mâi, Sinhôr, qui ólhũ viro
ess'amôr tão meig(u) e qu'rido?
Do mund'alegria e paz,
o Messias prometido?

«Fui moço, ja su velhinho,
ja penso na sepultura.
Vou morrêr e nan no vajo
mata-m'esta desvintura».

E chorav'em prant'aberto
o bom *pastôr ancião*.
Sês às ero tão sintidos
que metio cumpaxão.

— « Particip'a Vós, pastôres,
a maió das aligrias:
é qu'ali mêm', im Belém,
naceu agor'o Messias.

«Sois os primeiros que saibo
desta grande novidade;
mâi Dês qué q'a pruviqueis
pelo povo e pla cidade.

«Agora já nan sôis orfos;
parabens, tendes um Pai.
Rendei mil graças a Dês,
Sua bondade louvai.

«Despontú a vossa esp'rança,
manhacêu a vossa luz.
Acábim âi vossas queixas;
entre vós está Jasus.

«Pra conhecer o Menino,
ê vou lhes dar um sinal:
Êl' é tão lindo, q'o mundo
nan viu, nem verá igual.

«Êl' estará deitadinho
nas palhínhăi dum curral,
imbrulhado em paninhos.
É este todo o sinal.

«A Sua caminh'é feita
de frias palhínhăi só.
É Dês; mas tão pobrezinho,
q'até mêmo mete dó.

«Vu agora p'ra Belém
adorar o vosso Dêes.
Correi todes, ide vê-Lo.
Até log'adês, adêes.

Variante.

Ê deci do ceu à terra,
entr'ũa leve nebrinha.
Su um anjo do Sinhôr;
venho da Gloria devina.

Ê deci do ceu à terra,
de mandado do Di vivo,
para anunciar ao mundo
qu'o o Menin' é ja nacido.

Alegra-te, Humanidade,
larga hoje a tua dôr.
Venho dar-vos felí nova,
de mandado do Sinhôr.

Ê deci do ceu à terra,
de mandado do Sinhôr.
Se queres a salvação,
arrepent', ó pecador.

III — A FALA DO ANCIÃO: Em nome da Humanidade, anciosa do Messias, o Ancião canta a sua felicidade íntima pelo nascimento de Jesus.

Mê Sinhô, su um velhinho
que sempr'in Vós cunfiua
e que, desde piquininho,
nunca de Vói s'apartua.

Côro

Sim! nacê o Redentor
q'o mundo vem rigatar
e as álmăi veie salvar.
Bemvindo sejai', Sinhôr!

Venh'hoje, no fim da vida,
depôi de tant'esperar,
cum fé nunca dimintida,
acção de gráçăi Vui dar.

Os tristes tem conforto,
os humildes, protectôr;
os pobrezinhos, um pai,
e o mund'um Salvadôr.

Já posso agora morrer
na vossa paz, mê Sinhor,
pôes acabo de saber
que nacê'o Salvadôr.

Vinde oh! vinde, Desejado!
vinde oh! vinde, nosso Rei!
Vinde, nosso Pai amado,
vinde guiá vossa grei.

Deixai-m'ainda i' vê-lo,
co estes olhŭ cherosos
deixai-m'ainda beijá-lo,
com mil beijos amerosos.

Agora, Sinhô, levai-me
do cativeiro da dôr.
Nada más quero no mundo,
pôi ja vi o Redentôr.

IV — O PARTO DA VIRGEM MARIA.

Nossa-Sinhora dâi Flores,
abrandai esta maria,
para ir a vossa casa
mai-lo sinhô san Josia.

San Josi' anda de noite,
cuma quem anda de dia.
Cande chegu'a Belém
já tôda a gente dormia.

Preguntú ao Pai Aterno
cuma s'achava a parida.
— «A parida 'tá na cama
mai-lo sê Bemdito Filho».

Ū lençū da sua cama
são da holanda mái fina;
o breço em que s'imbála
é di oiro e de latão.
Aqui s'acaba, Sinhóra,
a vossa frêsc' oração.

V — Loas ao menino.

1

a) Andava Maria,
á beira do rio,
lavand'os paninhos
de sê bent' Filho.

2

Maria lavava,
José estendia.
Chorav'o Menino,
co frio que tinha.

3

Viva José,
Jesus e Maria.
Viva, viva
a nossa romaria.

1

b) Meia-noite dada,
meia-noit'im pino.
O galo contava,
chorav'o o Menino.

2

O sinhô vigáiro
'tá munt' contente,
co M'nin(e) na mão
a 'xpera da gente.

3

M'nino-Jasus,
q'tái na lapinha,
cantando e bailando,
fazend' festinha! ([a]).

4

M'nino-Jasus,
q'tai no altar,
comend'e bubendo,
de perninha ao ar!

([a]) Variante: *dand'á perninha.*

5

M'nino-Jasus,
dizei á mamãe
que mat'o porquinho,
q'a Festa já vem.

c) O vapô já vem à barra
e trai grande companhia;
vem tôdo embandeirado,
trai sinal d'alegria.

É a barca «Conceição».
Vem aparcend' à barra;
vem depressa, vem com mêdo
s' um submarin' àgarra.

A barca vem infeitada
com ricos e béli veus,
para of'recê no presépe
ao Rei da terra e dui ceus.

VI — A Missa-do-galo.

A VEZINHA

a) — Digrácia!

A MULHER

— Quem 'xtá i?
Quem está batendo à porta?

A VEZINHA

— Olhe, que é gente de paz;
nan se lhe dá má reposta.

Minha mãe mandou-me aqui,
mandou-m'aqui a um recado:
S'a vezinha vai cum ela
à noite, à missa do galo.

A MULHER PARA A VEZINHA

— Vou dezer a mê marido
que na cama tá deitado;
qu'ele tem po' sê questume
de responder infadado.

A MULHER PARA O MARIDO

— Mê marido, ó meu amor,
meu amor, ó mê Gonçalo,
a vezinha manda aqui,
plo seu menino, um recado:
Se tu me quéri deixar
i' cum ela à missa do galo.

O MARIDO

— Ó mulher, anda p'ra cama;
não sejas tão lambareira;
porque sempe, nestas coisas,
tu quéri sêr a primeira.

A MULHER

— A menina dig' à mãe
q'á missa nan posso ir.
Mê marido tá raivando;
á missa me nan deixa ir.

Prometisse o Di, Menino
q' ainda hoj' inviuvasse.
Ao inferno fôsse têr,
s'ê por alma te rezasse.

O MARIDO

— Ó mulher, anda p'ra cama,
qu'estou tremendo cum frio;
àmanhã irás à missa,
se fô' mê gôsto e mê brio.

*

O VELHO

b) — Ó milhé, dá cá camisa,
qu'ê me quero já igrêr;
hôj'in noite de Natal,
missa não s'ha-de perder.

A MULHER

— De certo qu'a Francisca
ê vu mandá-la igrêr,
q'hôj'im noite de Natal,
missa não s'ha-de perder.

O VELHO

— Pôes ê fazia tenção
dela hoj' in casa ficar,
po' sê' munto chocalheira,
andá sempre a bilhardar.

A RAPARIGA

— Mê pai de-certo que tem
tomado seita comigo;
nem tudo o que digo, faço;
nem tudo o que faço, digo.

O VELHO

— Ó mulhé, não me dirás
o que diz a rapariga?

A MULHER

— A rapariga o que diz
é que nui vamos imbóra;
que tambem, polas estrelas,
lhe parece ser a hora.

Já lá vêm ui set'estrelos,
êli já vêm impinados.
Tambem, da parte do norte,
já lá vêm os tri rei-magos.

O VELHO

— Ó milher, hão de sêr horas,
Vamos para S. Gonçalo;
o vigairo ha-de q'rer
dezer a missa-do-galo.
Vão cantando, vão cantando, ó ló ló,
vão cantado á lá moda.

A RAPARIGA

— É certo que nan cuidava,
ó lá lá,
quê hoj' alcançasse tal:
em vir a est' igreja,
hoj'in noite de Natal,
pedir ao Menino-Dêes
que mi haja de casar;
qu'esta vida de solteira
ê nan na posso aturar.

O VELHO

— Já chegamos ao adro
e basta já de cantar;
para dentro do cruzeiro
vão vocês ajoalhar,
chegadinhas uma à outra,
para podê lambarar,
q'ê, pá mêsa do Rosairo,
vou tomar o mê lugar.

Ê tinha uma fraguinha;
levou-ma um gavião.
S' ê tornar a criar outra,
êl' a levará ou não.
Ó milhé, vamos p'ra casa,
comer a carne cum pão.

VII — A caminho do presépio.

Oh! vâmi depressa,
q'a manhã ja vem,
nũa romaria,
todes a Belém!

Côro

Correi, pastorinhos,
vames a Belém
vêr o Di-Menino
e a Virge sua Mãe.

Deve ser lindinho
o filhinho de Dêes.
ai! ess'amorzinho
decido dui ceus!

No dezê do Anjo,
É bem provezinho;
por isso, levemos
algum presentinho.

Ai! ai! que prazer!
Ai! ai! qu'alegria!
Vamũ vê' Jasus,
vamũ vê' Maria.

Ai! ai! que vintura!
Ai! ai! que prazer!
Em Belém, acaba
Jasui de nacêr.

Que noite tão bela,
de tanta alegria!
Vâmui vê' Jasus,
vizitá Maria.

Lá 'stá o Menino
tão contentinho!
já olha pá gente
aquêl' amorzinho!

VIII — A pensação do Menino.

Oh! rico Menino
do mê coração!
sêd'a minh'esp'rança
e consolação.

Côro

Sim! amêmos, amêmũ Jasus,
nosso pai, noss'amô, nosso Dêes.
Lá na terra teremũ vintura
e depôes gozaremũ nui ceus.

Parabens, Maria;
paraben', José;
e viva o Menino,
lindinho qui é.

Aqui nós trazemos
estes presentinhos.
Milhó nan tivero
vossos pastorinhos.

Os que 'tão ausentes
por mundes alem,
trazeĩ-os à 'sposa,
à noivá e á mãe.

Aos que 'tão doentes,
dai-lhes a saude;
aos que tão no vicie,
dai-lhes a vertude.

Consolai os tristes
que choro a sós
e que desespero,
se nan fôrdi Vós.

Imparai os orfos
e os pobrezinhos,
q'ando errantes
por esses caminhos.

S'âi nossas esp'ranças
são de vosso agrado,
fazei que vejamos
a Jesus amado.

Na Fé confirmai-nos,
por vossa bondade.
Dâi nossas almas
tende piadade.

Do mortal pecado
livrae-nũ, Sinhôr,
e da morte má,
pelo voss'amôr.

Dai-nũ vossa bênçoa
de paz e amor;
e féstăi felizes
ao povo, Sinhôr.

Côro

a) Mê Deus, mê Menino,
mê Rei, mê Sinhor,
com' estás tão pobre
po' nosso amor!

Hoj' é um dia ditôso:
foi o mundo rigatado.
Pelo anjo do Sinhôr
assim foi anunciado.

Nascei, Menino, nascei;
o galo está p'ra cantar,
e o povo á vossa 'spera
para o remir e salvar.

A manhã ja vem raiando.
Oh! que belo resplandôr!
Abra se o veu incoberto!
Apareç' o Salvador!

Bel' Infante dui mês olhos,
da minh'alma lui devina,
aparecei hôj' ao mundo:
A sort' assim o destina.

Dai-me lecença, Sinhóra,
e o vosso Espôso tambem,
de pensar o Di-Menino,
no presepe de Belem.

Augas puras cristalinas,
córrim direitas ao mar.
Vu lavar âi mínhăi mãos
para no mê Dês tocar.

Augas puras cristalinas
cunservo pouca quintura.
Cuma tocá vosso corpo
que tem tod' á fermesura?!

Esta pobre camisinha
vui visto cum aligria,
já q'a vossa humanidade
teve ũa noite tão fria.

Esta touquinha tambem
na cabêça vui vou pôr.
Andai descançar agora,
mê Menino, meu amôr.

Ligar-vos tambem pretendo,
com este laço de fita.
Qu'ê viv'unida convosco,
o voss' amor o prumita.

Este pobre coração
ja nan dorme, só vegia.
Podei' drumí descançado;
aqui não ha tirania.

Aqui tendes, povo ingrato,
o vosso Di verdadeiro
que decê do ceu à terra,
p'ra salvar o mundo inteiro.

Oh! mê Menino-Jasus,
do mundo tod' á inocência,
abençoai este povo
que vos tem obediencia.

Abra-se o templo sagrado
e dai entrada aos pastores,
se quérim vir a Belém
a Jasus cantá louvores.

Entrai, entrai, pastores,
por esse portal sagrado.
Vinde adorar o Menino
nestas palhínhăi deitado.

b) Do campo vei' um pastôr,
á minha porta bateu.
Traz uma carta que diz:
«O Menino-Dêũ naceu».

A carta diz qu' Êle está
nas campínăi de Belém,
numa caminha de palhas,
sosinho, sem mai ninguem.

Esta noticia tivemos;
logo que cantou o galo,
deixámos ui nóssi gados
para ir acompanhá-lO.

Tambem diz a tal cartinha
q'a Vírgim 'stav' á chorar,
por nan tê siquer um pano,
com qui O possa abafar.

Dizia a carta tambem,
para 'xpôr o seu estado,
que só de dôes animais
Êl' estava acompanhado.

Esta notiça tivemos
lá nas campínäi desertas.
Não temos que duvidar;
estäi notiçai são certas.

Ê vou correr a Belém.
Quem quizé' venha comigo.
Fiquem ui gadi no campo;
vâmi ver o nosso Amigo.

Esta notiça tivemos;
lá ficou o nosso gado.
Se vós quereis, vamui ver
o Verbo divino encarnado.

Ê quero caminhá já,
do Di-Menino em procura.
Si O acho, sou ditoso;
nan procuro mai vintura.

A minha pobre choupana
lá ficú ca porta aberta.
Trago-L' o mê coração:
nan tenho milhor oferta.

Esta notíça tivemos,
q'ui nossos peitos feriu.
Quem nui disse, ainda ha pouco,
desta cabana saiu.

À serra fôsti nacêr,
entre brutos e pastores;
podendo sê na cidade,
entre bispos e doitôres.

Nacestes cum vento norte,
cum tanta rigosidade,
lá im cima, nessa serra,
podende sê na cidade!

Em dezembro, vinte cinco,
à meia noite naceu;
para dar a luz ao mundo,
de Dês o Verbo deceu.

Menino-Jasui da Lapa,
em dezembro fazeis anos.
Nacestes entre dôi brutos,
morrestes entre tiranos.

Nui braçũ da bel'Aurora,
vej' o Menino brilhando,
com a mãozinha de fora,
todo o mundo abençoando.

c) Dê-me lecença, Sinhóra,
qu'ê pegue no sê Menino.
Vu lava-lo e pensa-lo,
deita-lo no sê bercinho.

Vinde a estes póbri braços,
ao meu peito encostados,
qu'ê quero das pobres palhas
por um pouco aliviar-vos.

E dai-me aquela bacia,
tambem o jarro de prata,
para lavar o mê Dêes
que por nós até se mata.

Pertendo de Vui lavar,
nas águai d'esta bacia;
já q'a vossa humanidade
acertou noite tão fria.

Inxugae o vosso pranto
qu' ê já Vui vou alimpar;
a fria agua quê vui banho
já nan podei' suportar.

Esta touquinha também
na cabeça Vui vou pôr.
Perdoai ui mês pecados,
mê Menino, meu amôr.

Vesti esta camisinha,
feita de pobre algodão;
qu'eu a vós peço, Sinhôr,
p'rai minhas culpas perdão.

Na cintura vui vou pôr
esta fitinha inocente.
Espero me ligareis,
lá no céo, eternamente.

d) Cando chegarmos à gruita,
o Menino vamũ saudar.
Vamos pedir que nui gui,
p'ra no ceu írmũ morar.

A pastôra aqui vem;
chegou agora do campo.
Vem pedir ao Di-Menino
o céo p'ra nosso descanço.

Vim incontrar o Menino
nâi mãoi do nosse pastôr.
Hoje tôd' á gente adóra
a Jesus, o Redentôr.

A pastôra vem pedir,
n'esta noite d'aligria,
a saude p'ra sês pais
e tôda la companhia.

Revino pade Vigairo
tá co. Menino na mão,
q' é par' O dar a bajar
às pastôras q' aqui vão.

Menino, sôdes tão belo,
'té no vosso proprio nome!
Vim pedir ao Di-Menino
p'ra nui livrá da fôme.

Ah! mê Menino-Jasus,
trago uma linda galinha,
que é pró sinhô pade-cura,
po m'ensinar a doutrina.

Caçadôr que foi à caça
e não sinti' o caminho.
Apilhei estes ccelhos
para of'recer ao Menino.

e) Aqui 'stão estes pastores
qu'est'ano vero comigo.
Por um aviso dos anjos,
vimos vêr o Di nacido.

As pastoras q' aqui vêm,
guiadas por ũa luz,
vem pedir a vossa bênçoa
Ah! mê Menino-Jasus!

Cand'ê caminhei de casa
'stava repenicando o sino.
Já lá deu a meia-noite.
Vamos pensar o Menino!

Menina de saia branca,
que fázi n'esse quintal?
Tou lavando o mê lencinho
para a noite de Natal.

Vinde, pastores, intrae;
saltai, pedrinha em pedrinha.
Vinde vêr o Di-Menino
que nacê' nũa lapinha.

Alegrai-vũ, céu e terra.
Cantemos cum alegria.
Já nacê' o Di-Menino,
Filho da Vrige-Maria.

Menino-Jasui da Lápa,
da Lápa do coração,
dai-me da vossa merenda,
q'a minha mãe nan tem pão.

Ó lindo botão de cravo,
celeste rosa em botão!
quem me dera a Vós pa sempre
plantado no mê coração!

Menino-Jasui da Lapa,
qu'é do vosso camisote?
lá me ficou po bandeira,
no adro do sinhô san Roque.

Ó mê Menino-Jasus,
vestidinho d'oiro fino,
s'o nosso Rei fôr à guerra,
mandai repicar o sino.

O Menino nacê na serra,
dentro da murta viçosa;
podendo sê na cidade,
em capela preciosa.

Ó mê Menino-Jasus,
qu'é da vossa camisinha?
Deixei-a lá na rubeira,
im cima duma pedrinha.

Ó mê Menino-Jasus,
qu'é da vossa camisinha?
'Sta talhada, 'sta cosida;
falta-l' só ũa manguinha.

Ó mê Menino-Jasus,
q'é da sua camisinha?
Tá talhada, não tá feita,
po' causa duma linhinha.

Mê Menino-Jasus,
que é do vosso anel di oiro?
— Eu deixei-o na rubeira,
na pedra do lavadoiro.

Ó mê Menino-Jasus,
vossa capela a que cheira?
Cheira a cravo, cheira a rosa,
cheir' á flô de laranjeira.

Ó mê Menino-Jasus,
ó mê Menino tão rico,
deparai-me ũ bem do ceu
qu'ui bem da terra cá fico.

Ó mê Menino-Jasus,
Vói sabâs que noit' é esta?
— Hoj' é noite-de-Natal;
amanhã, dia-de-Festa.

Mê Menino-Jasus
tá hoje de fato novo,
co sê bracinho no ar
abençoando o sê povo.

Ó mê Menino-Jasus,
ó mê lindo amô-prufeito,
se Vós têndi munte frio,
vinde apoisar no mê peito.

Mê Menino-Jasus,
qu'estai nesse camarim,
tendes cadeírăi no ceu,
guardai ũa para mim.

Ó mê Menino-Jasus,
deitai-m' a vossa benção.
Na hora da minha morte,
ten' de mim compàxão.

f) Ui fili dos homens
in berço doirado!
Só vói, mê Menino,
in pálhăi deitado.

Menino tão rico,
no chão a jazer!
Sôes tão piquininho!
Quem m'dera vêr!

Menino tão rico,
tão prove qu'estás!
Deitado no feno,
entr' os animás!

O belo Menino
ê q'ria bajar.
Era só o pèsinho,
para me fartar.

Nã chorei', Menino,
nã chorâs, Amor!
Isso são pecados
que corto sem dôr!

IX — A ENTREGA DAS OFERTAS: O povo pede ao Menino-Jesus graças espirituais e materiais, e agradece as já recebidas.

O pastorinho é piqueno.
mas tenciona d'imbarcar;
e na sua cumpanhia
o Menino qué luvar.

Ah! mê Menino-Jasus,
ha um ano que nan vui vi!
âi soidádi do Menino
é que me trouxer'aqui!

Prometi esta promessa
d'o Menino vesitar,
cand'o mê pai tava pronto
par'à França caminhar.

Parabens ao sinhô padre,
parabens ê venho dar,
em Di lhe dá' saüdinha,
para o sê povo guiar.

A pastôra é piquena;
a Jasui vem vesitar.
No logá de sua mãe,
a promessa vem pagar.

Pastorinho q' aqui vem
é do sito da Palmeira.
Vem ofrecer ao Di-Menino
o fruto da bananeira.

Vim guiado pela 'strela,
inté chegar a esta igreja;
p'ra vos trazê, mê Menino,
esta piquena bandeja.

Já se chegú aos cruzeiros,
já s'acabou o caminho.
Venho pedi' mes'ricordia
para o dôno de cestinho.

Já se pensou o Menino,
á vista de todo o povo.
Venho dar âi bâuãi festas
e entrádãi do ano nôvo.

Ah! mê Menino-Jasus,
que nacestes im Belém!
O *Açor* está cá dentro
e o *Maria* já lá vem.

Ê venho de munto longe;
ninguem mai longe de q'eu.
Truve-l' dôi galõi de vinho:
Foi o q' a parreira deu.

Ah! mê Menino-Jasus,
não digo tudo o que penso.
Q'ê su pastôra piquena,
mas pa cantar inda venço.

Ah! mê Menino-Jasus,
lá dentro impinadinho,
abrei-m'as pórtãi do ceu
mesm'aí no camarinho.

Ah! mê Menino-Jasus,
debaxo daquele veu!
Tant'alegria na terra!
Que fará hoje no ceu?!

Ah! mê Menino-Jasus!
Ha um ano que nan vui vi.
Estive munto doente;
ê nan pude vir aqui.

Ah! mê Menino-Jasus,
ũa grâça venho pedir.
Dá-me força e curage,
nesta vida de servir.

Ah! mê Menino-Jasus,
filho da Vírgim-Maria,
deixai-nũ chegar ao ano,
com saúde e alegria.

Ah! mê Menino-Jasus,
— su' pobre — vói bem sabeis.
Fazei que nan caminhe
o senhore pade Reis.

Ah! mê Menino-Jasus,
junto ao sinhô san Gregóiro.
Se minha mãi tá im penas,
tirai-a do pergatóiro.

Ah! mê Menino-Jasus,
Menino do coração,
levai-me lá para o céu
tôda a minha jaração.

Ah! mê Menino-Jasus,
qu'estái defronte do altar,

aceitai esta oferta,
q' é de Francisco Gaspar.

Ah! mê Menino-Jasus,
oh! beleza sem igual!
Venho pagar a promessa
de cand' tive no 'sprital.

Ah! mê Menino-Jasus,
ê venho d'ali d'àlem.
Est'oferta qu'ê vos trago,
foi que me dê minha mãe.

Ah! mê Menino-Jasus,
ah! mê Sinhô verdadeiro!
a oferta qu'ê vos trago
é um galo do mê poleiro.

Ah! mê Menino-Jasus,
ah! mê Sinhô verdadeiro,
a oferta qu'ê vos trago
é um porco do mê chiqueiro.

Ah! mê Menino-Jasus,
minha oferta é piquininha:
trago peras e laranjas
e óvi da minha galinha.

Ó mê Dês, q'ê jà não posso
assubir esta ladeira!
A oferta qu'ê vos trago
é o fruto da bananeira.

Ah! mê Menino-Jasus,
trago ũa abóbr' àmarela.
Foi qu'ê furtei, esta noite.
Coitad' o q' ficou sem ela!

Ah! mê Menino-Jasus,
ê sou filha da viuva.
Esta oferta que vos trago
é ũa franga barbuda.

Ah! mê Menino-Jasus,
levai-nos todos pr'a o ceu.
Est'oferta que vos trago
é uma franga de chapeu.

Ah! mê Menino-Jasus,
oh! mê chalinho de franjas,
a oferta qu'ê vos trago
é um cestinho de laranjas.

Ah! mê Menino-Jasus,
mê botão de rosa bela,
dai fortuna a mê marido
que'stá fora desta terra.

Ah! mê Menino-Jasus,
peço-vui, do coração,
neste mundo, bom juizo;
para o outro, salvação.

Ah! mê Menino-Jasus,
peço-vui, do coração,
deparai-me, para o ano,
munta batata e feijão.

Ah! mê Menino-Jasus,
ah! mê Menin' adorado,
venho pedir-vũ fortuna
p'ra meu irmão imbarcado.

Ah! mê Menino-Jasus,
filho da Vrije-Maria,
conservai o sinhô padre,
cá na nossa freguezia.

Ah! mê Menino-Jasus,
sòi' filho da Primavera.
Venho pedir ao Menino
para acabá com a guerra.

Ah! mê Menino-Jasus,
nacido na Galileia,
venho pedir-vũ saúde
para o meu irmão Joseia.

Mê Menino-Jasus,
passei hoje im S. Martinho.
Mê Menino, perdoai-me
in trazê tan pucachinho.

Ah! mê Menino-Jasus,
mê botão de laranjeira,
dai saude a mê marido
que vai p'rá terra 'strangeira.

Ah! mê Menino-Jasus,
a pastorinh'áqui vem.
Dai saúde ao mê pai,
salvação a minha mãi.

Aceitada saj'a oferta
da pastorinha inocente.
Foi que mê pai prometeu,
de cando tava doente.

Mê Menino-Jasus,
nan tenhe nada de meu.
Esta oferta q'aqui vem,
foi q' meu irmão prometeu.

Mê Menino-Jasus,
perdoai, não sei cantar.
Esta oferta q'ê l'ofreço
é um ciro pa o altar.

Mê Menino-Jasus,
Mê Menino piquininho,
aceitai a pimpinela
qu'eu achei pelo caminho.

Ah mê Menino-Jasus,
da Lapinha de Belém,
ê venh'aqui munte triste,
que me morrê' minha mãe.

Deit'esta pomba a voar
na capela do Sacramento.
Assim nossas almas avâue
pelas pórtăi do cé' dentro.

Mê Menino-Jasus,
Menino do coração,
aceitai-mi esta oferta
qu'é da Maria Assunção.

Mê Menino-Jasus,
Mê botão de laranjeira,
venh'est'ano dar-vũ graças,
que mê pai ta da Madeira.

Mê Menino-Jasus,
aceitai esta oferta.
Dai saúd' a mê marido
q' vai est'ano pr'Amerca.

A oferta q'aqui trago
vem prezo nũa gaiola.
nan no pude trazê solto,
porqu' o galo é mariola.

Mê Menino-Jasus,
vosso nome é tão devino!
Minha filha vos ofrece
èst' barrilhinho de vinho.

A pastôra vem do campo
e vem munte serenada.
A oferta qu'ela ofrece
é prá Hostia consagrada.

Ah mê Menino-Jasus,
q'estái no vosso altar,

ofereço éstãi laranjas
para o Menino brincar.

Mê Menino-Jasus,
oh! mê Sinhô verdadeiro,
aceitai éstãi semilhas
da luvada do barqueiro.
Se passaro munta sêca
nan castigai lo barqueiro.

Esta pastòra me pedíe
que por ela cantasse eu.
Ela não quere cantar,
que sua mãi faleceu.

Ah! mê Menino-Jasus,
q'ê me chamo Jaribrás.
Aqui vos trago esta oferta,
q'ê nan pude trazê más.

Este galo q̃ ê vos trago
cri, cri, cri, li, ti, ró, lé
é bonito e canta bem.
Foi o galo que cantua
cri, cri, cri, li, ti, ró, lé
na Lapinha de Belém.

Este galo q'ê vos trago
é bonito e bem vrumelho;
é frangainho novo:
nacê no mi de janeiro.

Esta oferta que vos trago
é boa e bem madura:
ametade pa o s'nhô vigairo,
ametade pa o s'nhô pad cura.

SUB-SECÇÃO II

A EPIFANIA

I — *A viagem dos Reis-Magos.*

a) Os tri Reises d'Oriente
pelo caminho já vem,
àdorar o Di-Menino
que já naceu im Belém.

Que ja naceu im Belém,
naquele podê' deserto,
nui bráçui da Vírgim-Mãi;
e san José no presépe.

Guiados p'la santa luz
que l'ofrece o Criador,
a sant'estrêla os cunduz
àdorar o Salvadôr.

Irodes os qué' trair,
cum sua falsa traição.
Mâi nan se deixo cair
na inorme tentação.

Cheiũ de fé e confiança,
entraro na pobre morada,
aond'está tod'à 'xp'rança
daquela grand' imbàxada.

Cũi si joelhos in terra,
sês ólhi no Criador,
no meie daquela serra,
cum tão grand' resplandôr.

Inflamades in amôr,
ábrin já o sê tesoiro;
ofr'écin ao sê Sinhor
incenso, mirra e oiro.

E já com grande dôr
núi si liás corações,
deixum nui sês portadôres
e vão p'rái súăi nações.

Irodes, de má tenção,
por munto tempo, esperua
que le déssim direição;
mas um anj'ũs avisua.

Mas um anj'ũs avisua
que seguiss' outro destino,
porq'o Irodes pensua
in matar o Di-Menino.

O Menino nacê na serra,
entr'ovelhas e pastores,
podendo nacê na cidade,
entre bispos e dôitores.

Bem sabâs que foi o dia
que nacê nosso Sinhôr,
na lapinha de Belém,
para nosso Redentôr.

Para nosso Redentôr
lá no cé foi aclamado.
Lá o vírum in Belém,
nũas palhínhăi deitado.

Nũas palhínhăi deitado,
po desprezar a *riqueza*,
sendo Dês e rei da gloira,
sinhô de tod'à grandeza.

Sinhô de tod'à grandeza,
o Menino em Belém,
nacido da flô da palma,
sôsinho, sin mai ninguem.

Sósinho, sin mai ninguem,
todo cercado de luz.
Acabamũ de cantar.
Seja comnosco Jasus.

b) Vero nos tri Reises,
cum suma alegria,
v'sitar o Filho-de-Maria.

Caminharo eles
sói, sem mai ninguem.
Guiados pela estrela,
fôro a Belém.

— Vamos a Belém,
vamos, ó pastor;
vâmi vê' nacido
o nosso Redentôr.

Vamos a Belém,
vamos a Belinha,
vesitá Maria
e o Filho que tinha.

Virum palácio,
muito adornado.
Julgavo que era
o Berb' incarnado.

Julgavo que nacia
nalgũa riqueza.
Nacê, coitadinho!
in triste *provêza*.

Perguntar'uns aos outros
s'era verdade.

A estrela escondê-se,
cand chegar'à cidade.

Io pèlai serras.
Cando a estrela aparceu:
Disser'uns aos outros
«Foi certo que naceu».

Levavo súäis ofertas
p'ra intregar à Virgim-Mãe;
mâi sempre fôrum andando,
inté chegar a Belém.

Na sua jornada
gastaro trêze dias,
co gosto que tínhum
de ver o Messias.

Pegar'in suas ofertas,
começaro a entregar,
pedindo ao Di-Menino
q' os queira abençoar.

Era uma jumenta
e uma vaquinha.
Estava o Menino
na fria palhinha.

Cand' Irodes sôbe,
ficú inquieto;
cuidava q' esse Rei
lhe roibasse o cétro.

Cando, pensou ele
mandar a digular;
para isso o Di-Menino
mandou a pàcurar.

Di mandou o anjo
para anunciar,
dezendo à Sinhóra
para caminhar.

Fugiro p'ra o Egito
más o senhô san José.
Ora íun na jumenta,
ora íun na pé.

Encontrar'o rei Irodes.
Vinha ca sua espada.
Foi Dès tão servido,
veio um raio q'o cegava.

Os tri Reises d'Oriente
partiro com grande cuidado,
visitar o Di-Menino,
nũas palhínhãi deitado.

Os tri Reises d'Oriente
perdidos fôro na serra.
Lá no ceu vir'uma estrela;
guiados fôro por ela.

c) Vier'os tri Reises,
com suma alegria,
visitar o Filho
da Vrige-Maria.

— Alviç'ras, pastôres;
Vós o que quereis?
— Vesitar o Di-Menino
hoj'im dia-de-Reis.

Sem saber o caminho,
fôrum caminhando,
más a nova 'strêla
q'os foi guiando.

Pártim em jornada,
sói, sem mai ninguem,
guiados da estrela
fôrum a Belém.

Deixaro suas côrtes
para o adorar.
Córrim a Belém,
até O achar.

Lá vírum palacio,
munto bem adornado,
Julgando qui era
Do Berb' incarnado.

Dérum com Irodes,
o rei inemigo.
Dero-l' a notiça
de Jasui nacido.

Pergunta Irodes
quem os enganara.
Respondêrum eles
q'a 'strela ui guiara.

— «Nascêu im Belém!
Que dita terei,
se vi' c'os mês olhos
este novo rei!»

Irodes si ofrece
para os acompanhar,
dezendo tambem
qui O ia adorar.

— «Se nós o acharmos,
que dita teremos!
Pósti de joelhos,
gráçăi Lhe daremos».

— «Ide procurardes
e dai-mi a saber;
cando o achardes,
vinde-me dezer».

Êsti santi reis,
cançadū d' andar,
búscum o Menino,
até a luz parar.

Chegárum ui Magos,
pela mesma luz,
á ditosa Lapa
do Menino-Jasus.

Chegárum ao presepe
cheiū de prazer,
com suas ofertas
para l' ofrecer.

— «Ofreço oiro e incenso
e mirra tambem;
ofreço ao Menino
que estav'im Belém».

Deitados po terra,
tôdes se continhum,
com a adoração
a Jasui-Menino.

Dele se despedem
os tri reis pedrosos.
Vão pá sua pátria
muito saudosos.

Tambem se despedem
da Vírgim-Maria,

e de san José,
com munta alegria.

O anj' os envia
por outro caminho,
q'Irodes nã saiba
de Jasui-Menino.

Tentava Irodes
d'a Jasui matar.
Todos ui meninos
mandou matar.

Assim o fizero,
munto deligentes.
Irodes, com ira,
mat'os inocentes.

Em entretanto,
lhes tirav'a vida.
Sabendo, a Virgem
se pôs im fugida.

Tambem san José,
cumâ le foi dito,
toma o Menino,
foge pra o Egito.

d) Caminhárum os tri Reises,
Todes três im romaria,
á pòcura do Menino,
filho da Vrige-Maria.

Caminhárum os tri Reises,
montados em três cavalos,
partírum, há treze dias,
e ei-los aqui chegados.

Caminhárum os tri Reises,
da parte do Oriente,
vesitar o Di-Menino,
que na terra está presente.

Caminhárum os tri Reises,
tôdes três fôr'a caválo.
Caminhárum trêze dias;
ind' àgora aqui chegáro.

Caminhárum os tri Reises,
caminharum, fôrum bem,
á pòcura do Menino,
á Lapinha de Belém.

II – *Quadras soltas em comemoração dos Reis Magos*

Ê venho cantar ui Reises
e ui Râises trago comigo;
venho dar âi bâuăi festas
á porta do meu amigo.

Ê venho cantar ui Reises
pel'apanhada do fêno *.
Ó sinhôr, abra-m'a porta
q'ê tú na ru'ao serêno.

(*) Variante: *pela folhinha do fêno.*

Ê venho cantar ui Reises
e passei nũa luvada;
venho tremendo cum frio,
q' é sôbela madrugada.

Ê venho cantar ui Reises,
pelo buraco da porta.
Se nan tendes que me dar,
dai-m'o taçalho da porca.

Ê venho cantar ui Reises,
á porta do mê vezinho.
Se nan tendes que me dar,
dai-m'um copinho de vinho.

Ê venho cantar ui Reises,
á porta da minha tia.
Se nan tendes que me dar,
dai-m'um copo d'auga fria.

Ê venho cantar ui Reises,
po' ser a primeira vez.
S'est'ano me dé' bem,
pa' o ano volt'âtra vez.

Ê venho cantar ui Reises,
po' mandado dum amigo.
Se vocí não acredito,
aqui o tenho comigo.

Ê venho cantar ui Reises,
po' mandado dũ àmiga.
Se nada tem que me dê,
vu fugi cum minha tia.

Ê venho cantar ui Reises,
in mandado dos arestas.
Venho dar-vos ui búin dias
e tambem âi bâuăi festas.

Ê venho cantar ui Reises,
de mandado das aranhas.
Se nan tendes que nui dar,
dai-nũ nozes ó castanhas.

Ê venho cantar ui Reises,
de mandado do profeta.
Graças a Dês, para sempre,
que já vej'a port'àberta.

Ê venho cantar ui Reises,
de mandado da princêsa.
Graças a Dês para sempre,
que já vej'a lúiz acêsa.

Ê venho cantar ui Reises,
de mandado dum vezinho.
Lingüiça da mai gorda,
e da pip'o milhó' vinho.

Ê venho cantar ui Reises,
de mandado d'ũa inglêsa.
Graças a Dês, para sempre,
que já vej' a lúiz acêsa.

Ê venho cantar ui Reises
á porta dum hôm' honrado.
Tem ũa milhé bonita
e ũa filha cum'um cravo.

Ê venha cantar ui Reises,
po' ser a cinco do mês.
Ah! sinhôr, abra-m'a porta,
que nan sômi senão três.

Pelo buraco da porta,
ê já tú vend'ũa luz.
Ó sinhôr, abra-m'a porta
pêlăi chágăi de Jasus.

Ê venho lá de tão longe
venho de lá do Bugio.

Graças a Dês, mûntăi graças
q'esta porta já s'abriu.

Ê venho cantar ui Reises
á porta do mê pastôre.
Graças a Dês, que já oiço
passos p'la corredora.

Ê venho cantar ui Reises,
pelo buraco dâi chaves
vânho dar âi bâuăi festas
ao sinhô Manel Gonçalves.

Ê venho cantar ui Reises,
pela folha do azevinho.
Se nan tendes que me dar,
da-m-ũ copinho de vinho.

Ê venho cantar ui Reises
à porta do meu amigo.
Nan fá minga ter incom(e)do
q'ê trag'a buída comigo.

Ê venho cantar ui Reises,
pela folha da semilha.
Tenh'o sinhô paciencia,
q'ê venho pedir-lh'a filha.

Carne de porco não truve,
tenh' do ano que passúa.
Porq'o mê porco-da-festa,
dê-l'a doenç' e azoigúa.

A criada vai fazer
o que tem á sua conta:
um espêto de lingüiça,
dêsd'o pé àté à ponta.

Adonde ê tú bem vâjo
uã luzinha na Deserta.
Graças a Dês para sempre,
que já vej'a port'àberta.

Venh'o pão, venh'a rosquilha,
venh'o bôlo do borralho.
Venha da bâua lingüiça
tambem o bom taçalho.

Ê venho cantar ui Reises,
passei ao pé da bananeira.
Se nan tem que me convide,
vá venda, nũa carreira.

Ê venho cantar ui Reises,
á porta de tod'á gente.
Se nada tem p'ra me dar,
bast'um copo dàugardente.

Par'ê cantar ui Reises,
passei as ôndăi do mar;
ê trago-l'estas coisinhas
par'àmanhã, ao jantar.

Ê venho cantar ui Reises,
à moda de San-Vicente.
Não ha cuma porco gordo,
im casa de pouca gente.

Cande vim da minha casa,
passei ao pé do pireiro.
Questumo cantar os Reises,
é só no mi de janeiro.

Ê venho cantar ui Reizes,
sempe nestas casiões.
Óra Dês o tenh'àqui,
pro muntes anes e bons.

Cand'ê vim cantar ui Reises,
ê vim po minha vuntade.
Ó sinhór'àbra-m'a porta,
vos peço po' caridade.

Ânti d'ê cantar ui Reises,
fi sopínhăi de caféa.
Ó sinhor'abre-me a porta,
q'ê nan posso tá de péa.

Ê venho cantar ui Reises,
que nan cant'ha munto tempo.
Ê já vej'a port'àberta;
vamos íntrá para dentro.

Ê venho cantar ui Reises,
é nestas acasiões.
Aibr'á porta, s'nhô fedalgo,
que nói nan sômi ladrões.

Ê venho cantar os Reises,
q'é um dia assinalado.
Pass'agora bem a noite;
fico-l munt'obrigado.

Di núi dê a bâua noite,
bâua noite Di núi dia.
Preguntai-m'a q'é q'ê venho;
logo vúi direi o quía.

Venho cantar ui Reises,
im noite de tante vento.
Nunca tal aconteceu:
cantar ui Reises tan'tempo.

Ai! ui Reises! ai! ui Reises!
para quem nui sabe cantar!
Ê cant'ũa noit'inteira
e sem nunca m'įnfadar.

Estrebilhos

1) Abrei-m'essa porta,
que vói bem sabeis
que, no dia d'hoje,
se cântun nui Reis.

2) Abrei a porta,
afastai ui bancos,
q'aqui vem um velho
de cabêli brancos.

3) Abrei as portas,
afastai âi mesas,
q'aí'vem o velho
cum âi barbas têsas.

SUB-SECÇÃO III

A PAIXÃO

I — *Testamento de Nosso-Senhor.*

Jasus Cristo, Rei, Sinhor,
pelo direito julgadôr.
Cande Nó-Sinhô sôbe
q'a morte lo citava,
terrivlemente se queixava,
dezendo: Pad, Sinhor,
que me deixásti receber
a sacaritiss'ma morte-paxão!
Agora é q'os *pêri-mouros*
me dão logá de fazer
mê testamento ordinaro.

Ui mi santes pés
e âi minhăi santăi mãos
com tres cravū sarão cravados.
A minha santa bôca,
de fel e vinaigre
sará temperada.
A minha santa cabeça
c'ũa c'roa d'espinhos
sará croada;
e do sâingue que dela correr
se fará o vinho e o pão,
e abastará todo o fiel crestão.
A minha santa camisa
q'a Vrige-Maria me deu,
desde a hora qu'ê naci
até ao fim da minha vida,
nunca foi rôta nem descosida.
Agora, c'os primeiri golpes e açoites
q'os *pêri-mouros* me dão,
sará rôta e descosida.
A vói vui digo, san João,
q'esta dona q'aqui está,
q'é a Vrige-Maria,

Vós a tratarâs por mãi;
ela vos tratará por filho.
—Não ha mãi que pare
um Filho como eu paria.

— Em terceiro dia
me pòcurarás,
po ruas, po caminhos
ó po fora de caminhos,
no campo da Josafá.
Ê lá naci
e lá tenho demora
e m'acharás.

Quem esta oração disser as 30 sextas-feiras do ano, salvar-se-á a si, a seu pae e sua mãe e aos seus parentes mais desejados.

II — *Jesus na Cruz.*

Olhai, pecadores,
p'ra Cristo-Jasus,
cercado de dores,
pregado na cruz.

U sês pés cravados
súăi mãos também,
pêlui mês pecados
quem cúlpăi nan tem!...

Sê lad' aberto
sê sâingue correndo,
que núi vai dezendo:
—«Corrâmũ depressa,
que núi salvaremos».

III — *Quinta-feira Santa.*

Im quinta-feira-santa
'xtêv'o o Sinhô ciando
ca sua sant' humanidade.
....
As pédrăi se revoltaro;
lo sol escurecia,
e o Filho de Deus morria,
morria p'ra nui salvar.
Se vói nan querâs crêr,

assubid'àquel'oiteiro.
Verâs a rua regada
cum sê sânigue verdadeiro,
amarrad' á coluna,
amarrado o Cordeiro.
A Virge vai im cabelo
pela rua d'Amargura.
Vói sois a Virge más pura.
Não andâs más adiente;
o sâingue desta rua
vui dará certo sinal
q'o hôme que voi buscás
se cham' o Bom-Jasus.
Ui malvádi dũ judeus
o fizero luvar à cruz.
A cruz era tão pezada
que nem sete luvarão.
Cada passada que dava,
log' ajoelhava ao chão.
— Ajudai-m'aqui, san Pedro,
ajudai-m', ó Simão,
a esta cruz tão pezada.
— Sim, Sinhôr, ajudarei,
cas córdăi da minha alma;
co mê coração tamém.

IV — *Jesus no Calvário.*

Bom Jasui do Calvairo
tendes a crui d'oliveira.
Sôs a mais prufeita rosa
que naceu entre a roseira.

Vossa sagrada cabeça,
c'roada de mil espinhos,
Só po mê dui mês pecados,
passárum juncos malinos.

Voss' sagrado cabêlo,
mai fino q' um fio d'oiro.
A minh'alma deseja intrar
Sinhô, no vosso tesoiro.

Vossũ sagrados olhos,
inclinados para o chão.
Só po vê dui mês pecados
passastes morte-paixão.

A vossa sagrada fácia,
cheia d'escarros nojentos.
Só po vê dui mês pecados
passastes tantos tormentos.

A vossa sagrada bôca,
cheia de fel amargôso,
só po vê dui mês pecados,
bom Jasus alto pedrôso!

A vossa sagrada bôca,
cheia de fel e vinaigre,
só po vê dui mês pecados,
mê Jasui de piadade!

O voss' sagrado bescôço,
enliado com uma corda,
só po vê dui mês pecados,
mê Jasui da mes'ricordia!

Vóssũ sagrados ômbros,
denegridũ do madeiro,
só po vê dui mês pecados,
mê bom Jasui verdadeiro!

Vóssăi sagrádăi mãos,
incravadas n'uma cruz,
só po vê dui mês pecados,
mê verdadeiro Jasus!

Voss' sagrado peito
foi aberto cuma lança,
Entrai, minha'alma, por ela,
qu'ele vui dá confiança.

Vóssũ sagradi joelhos,
arrastados pela terra!
A minh'alma já é vossa;
tomai, Sinhô, conta dela.

Vóssũ sagrados pés
más alvos ca neve pura,
correndo gôtăi de saingue
pela rua d'Amargura!

Aquela santa mulher
subi' ao monte Calvairo,
ver o pago que lhe dava,
mê sinhô, santo Sudairo!

Oiço chorá no Calvario.
Madalena, o que saria?
Fôi Di do cé que morreu;
são os ai da Vrige-Maria.

Oiço chorar no Calvario,
Madalena, o que sará?
Fôi Di do cé que morreu;
são os ás q'a Vírgim dá.

Éstăi doze petições
entrego a Nosso-Senhôr,
que nui salve âi nossas almas
cand d'este mund fôr.

Éstăi doze petições,
a vói, Sinhô, vos entrego.
Na hora da minha morte,
vós terâs o céo aberto.

V — *O banquete do Senhor.*

Aquele banquete,
Sinhô, que fizestes,
fizésti-o, ha tanto,
a quem tanto destes.

Désti-vos ós homens
em pão, em comida.
Até o vosso sâingue
nui dás em bubida.

Bubida saudosa,
o manjá dos anjos;
manjá desejado
dos propes arcanjos.

Arcanjos e anjos
que lá no cé vejo.
Oh! sâingue precioso
q'ê tanto desejo!

Desejo, Sinhor,
o pão que nui dás.
Po seres tão firme,
tão bem nos tratás.

Tratás com amor,
Sinhô singular.
Querâs, para sempe,
comnosco ficar.

Comnosco ficar,
em vosso retrato.
A tôdui, Sinhôr,
Vui dái de barato.

Barato Vui dás
ó pão tão suave,
tão doce e tão grande
que só no cé' cabe.

Só cabe, po seres
podê sem limite.
Té aos pecadores
Vui dái de convite.

Convite que logre
a minha mimoira.
Abrei-nũ, Sinhor,
as pórtăi da Gloira.

A Gloira pediste,
mê doce Jasus,
com grandes tormentos,
martirũ da cruz.

Da cruz que nos abra
do ceu a vintura;
q' o mundo só dá
constante amargura.

Depôi da amargura,
vem o nosso Bem.
Levai-nos á Gloira,
para sempre. Amem.

SECÇÃO III

O ESPÍRITO-SANTO

(Quadras recolhidas na fg. de Câmara de Lôbos).

a) Devin'Esprito-Santo,
devino consoladôr,
consolai âi nossas almas,
cand'ê dêste munde fôr.

Nossa-S'nhora 'stá lá dentro,
vestida d' azul e branco.
St'á 'spera dũa vesita
do devin'Esprito-Santo.

O devin'Esprito-Santo
nã 'stá im casa, saiu fora.
Foi vesitar um infêrmo
qu' está na última hora.

Põe-se tudo puparado,
qu'está perto de chegar
o devin'Esprito-Santo,
q' a sua oferta vem buscar.

O devin'Esprito-Santo
vem decendo a carreira.
A pombinha vem na salva,
retratada na bandeira.

A pombinha vem molhada;
é do serêno da ribeira.
A pombinha vem na salva,
retratada na bandeira.

O devin'Esprito-Santo
vem decendo ao salão.
A pombinha vem na salva,
retratada no pendão.

Oh! mê Dês, que já é tarde!
O sol já nã' dá no campo.
Já é hórăi d'arrecolher
o devin'Esprito-Santo.

(Quadras recolhidas na fg. da Calhêta).

b) Devin'Esprito-Santo
chegú à sua morada.
Nossa-Sinhór' est'á 'spera
desta vesita sagrada.

Doente, que tai' doente
da sepultura dui vivos,
o devin'Esprito-Santo
vem vui dar alguns alívos.

Vói fizest'a vossa imola,
com prazer e aligria.
O devin'Esprito-Santo
fica im vossa companhia.

Esta casa já 'stá cheia,
cheia, de canto a canto.
Agora ficú mai cheia,
co devin'Esprito-Santo.

Ponde-se, povo, de joelhos,
Pr'àdorar êste Sinhôr.
É o devin'Esprito-Santo,
o nosso consolador.

Vinde, vinde, sinhô padre,
vinde, com aligria,
pa buscar o padroeiro
desta nossa freguezia.

O devin'Esprito-Santo
acha rósăi no torreiro.
Bem nos pudera levar
Pr'áquele cé' verdadeiro.

O devin'Esprito-Santo
vesita o povre e o rico.
No cé' seja abençoado
este bonito Esprito.

O devin'Esprito-Santo
tem prendas para vui dar
q' é a porta do ceu aberta
para quem quizer intrar.

O devin'Esprito-Santo
é senhor, não é menino.
Retratado na bandeira,
parece o Sol devino.

O pade que diz a missa
vai direito pró altar.
É o devin'Esprito-Santo
que nui vai abençoar.

É o devin'Espirito-Santo.
Ó povo, vinde-o ver.
É o devin'Esprito-Santo
que se vai arrecolher.

(Quadras ouvidas a pessoas de Calhêta).

c) À vossa porta chegua
dúăi salôiăi de branco.
Vem tirar ũa imolinha
pa o devin'Esprito-Santo.

Dai esmola, dai esmola,
feita com devoção.
O devin'Esprito-Santo
fica im vosso coração.

Dai esmola, dai esmola.
q' os pobrezínhũ merece.
Quem aos póbri dá esmola
Di do ceu á q' agradece.

Dai esmola, dai esmola,
com prazer e aligria,
q'o devin'Esprito-Santo
fica im sua companhia.

Dai-me lecença que eu entre
desta porta para dentro.
O devin'Esprito-Santo
vesitou o Sacramento.

(Quadras colhidas na fg. do Jardim-do-Mar).

d) Dai-me lecença que eu entre
A estas portas pa dentro,
q'aqui vem o Esprito-Santo,
vesitar o Sacramento.

Aqui é o templo sagrado,
onde o Redentôr habita,
onde, em transpórti de amor,
a nossa alma palpita.

Sigames, pôes, respeitosos,
com prazer e aligria,
co devin'Esprito-Santo,
saudar a Virge-Maria.

Reuni os vóssi filhos,
aciai vossa morada,
q'o devin'Espirito-Santo
lá fará sua morada.

Do alto desta campina,
onde em pombinha voás,
derramai sobre este povo
vosso amor e vossa paz.

Espalhai âi vóssăi bençoas,
ó devin'Esprito-Santo.
Acolhei todo este povo,
sob esse devino manto.

Dos pobres amante pai,
dâi gráçăi dispensador,
clara lui do coração,
vind' a nós, ó santo Amor!

O Esprito-da-Verdade
sua imola vem buscar,
plo meio da caridade,
par' ós proves intregar.

Côro

e) Vinde, Pai dos pobrezinhos
'xtrabuir ui vóssi dões
a grandes e pequininhos.
Vinde, amô' dos corações!

O devin'Esprito-Santo,
que tudo sabe e vê,
pela imola que fizestes,
a recompensa vui dê.

Aceitada sej'á imola,
s'ela vem com dvoção.
O devin'Esprito-Santo
fiqu'im vosso coração.

Aqui vem o Esprito-Santo,
aqui vem o nosso Esprito.
Anda tirando, cuma pobre;
repartindo, cuma rico.

O devin'Esprito-Santo,
é más claro q' o sol.
Foi fazê sua poisada
lá dentre, no altá' mor.

O devin'Esprito-Santo
vem chegando à Maloeira.
A pombinha vai na crâua;
o retrato, na bandeira.

O devin'Esprito-Santo
é o sinhô da conciença.
Ânti d' m'ir imbora,
deit'-m' a sua santa bênçoa.

f) Aqui é a casa de Dêes,
morada do Redentôr.
Intremos, pôes, com respeito,
a sauda-lo com amor.

Di vui salve, casa santa,
po Jasui santeficada,
onde tá o Di do ceu,
nũa hosta consagrada.

Di vui salve, casa santa,
do Sinhôr habitação,
aonde tão ui rumědos
para a nossa salvação.

Dai-nũ licença qu'intremos
do cruzeiro para dentro,
qu'aí vem o Esprito-Santo,
vesitar o Sacramento.

Às almas que vos imploro
escutai as orações.
Âui fieis que vos adoro
dai ui vóssũ sete dons.

Olhai, sinhôr's, olhai
e nunca deixai d'olhar:
q' o devin'Esprito-Santo
o saçardote vui vai dar.

O devin'Esprito-Santo
já vem decendo o altar.
Vem nâi mãoi dum saçardote,
para o sê povo o bajar.

O Esprito-Santo é Dêes,
Nossa-Sinhóra, madrinha.
As pórtãi do ceu si aibro,
par'entrar esta pombinha.

Id' infeitá vossas casas,
pupará vossa imolinha,
qu'o devin'Esprito-Santo
ja para lá s'incaminha.

O devin'Esprito Santo
já vai chegando á pia;
vai pedir ũa imolinha
pa os póbri da freguezia.

Deitai, salôiãi, deitai
flores ao Imparador,
como os anjũ no ce' deito
rosas a Noss'-Senhor.

É o Esprito-da-Verdade
qu'ũa ismola vem buscar,
nas àzãi da Caridade,
par' ós pobres intregar.

Ajoelhai, ó povo, im terra,
q'aqui vai Noss'-Senhor.
Vinde pedir que nui salve,
pelo sê devino amor.

Digamos todos, á uma,
com toda a nossa humildade:
Esta é a terceira pessâua
da Santíss'ma-Trindade.

Pomba branca, imaculada,
do ceu á terra bàxou.
Vem fazê sua poisada
entre o povo que salvou.

Entre as horas e ui minutos,
nói devêmui de pensar
p'ra receber a vezita
de Quem vem p'ra nui salvar.

Aquela pomba divina
dos alti céũ vem voando.
Vem para acudir ós pobres
qu'ando no mundo penando.

Este Di, sendo tão rico,
vos pede, com humildade,
ũa imola pá proveza.
Fazei-a po' caridade.

À vossa porta parou
Quem vói nan vistes ha tanto.
Di vui dê cento por um
da saude que lográs.
O devin'Esprito-Santo
vos queira dar munto más.

O devin'Espirto-Santo
vem pintado na bandeira.
E vem desterrar a peste
da nossa ilha da Madeira.

À vossa porta parou
Quem vói ŋã vistes ha tanto.
Temos a Gloira na terra.
Pade, Filh' e Esprito-Santo

O àtor da nossa vida,
O que vos ha-de julgar,
vui vem pedir ũa imola
não a podâs recusar.

Dês, que tendes a virtude
de desterrá todo o mal,
dai ao infermo saude,
p'ra alegria do casal.

Esta capa é forrada
de galhũ d'alegra-campo.
Não ha nada más alegre
q'o devin'Esprito-Santo.

O devin'Esprito-Santo
nesta copa vai entrar,
a repartir as imolas,
qu'os pobres tão a esperar.

Ó moradôri da vila,
mandai repicar o sino.
Já vem apontando á Cruz
o Esprito devino.

O devin'Esprito-Santo
ja vem chegando ao Salão.
ăi saloiăi vem botando
folhinhăi de manjaricão.

Oh! pombinha qu'avôas
po cima do corredor,
vai encher o teu papinho,
á meza do Imparador.

O devin'Esprito-Santo
vem decendo a ladeira;
ăi saloiăi vem botando
raminhũ de laranjeira.

O devin'Esprito-Santo
vem apontando ao Lombinho,
ăi saloiăi vem botando
rícăi flôri de rosmaninho.

Vinde, pobres, para a mesa
vinde cheiũ de alegria,
q' o Sinhor andou pedindo
p'ra vui fartá neste dia.

Ó pobresínhi de Cristo
vinde p'rá mesa jantar.
É o devin'Esprito-Santo
qu'oferece este jantar.

Aceitai o pão bemdito
q' o Devino manda dar.
As portăi do ceu si aibrum,
p'ra âi nossas almas entrar.

CAPÍTULO III

CICLO MARIANO

I — *Retrato de Nossa Senhora.*

Ê vos peço, ó Sinhóra,
ê vos peço, com ternura,
que me deixâs escrever
toda a vossa fermesura:

Vossa cabeça, Sinhóra,
por Di foi munto exaltada;
por isso tendes o nome:
— Vírgim pura, imaculada.

Vossos cabêli, Sinhóra,
são mai finos que retroz,
para fazer rícũ laços
para nos unir a vós.

A vossa testa, Sinhóra,
parece um câmpo de prata,
onde os anjũ se recreio
e o meu coração s'exalta.

Os vossos ólhũ, Sinhóra,
tão ricos e piadosos,
n'eles se alégrum os anjũ,
em vos amá' venturosos.

O vosso nari, Sinhóra,
é obra do Creadôr,
feito, á vossa vontade,
p'lo vosso devino amôr.

A vossa bôca, Sinhóra,
tôda cheia de rubins,
onde se alégrum os anjos
e ui más altũ sarafins.

Vossa garganta, Sinhóra,
más alva q' a neve pura,
a que s' abraçava Jesus,
Sinhô de tôda a grandura.

O vosso braço direito
que perdăua os pecadôres;
perdoai-me a mim tambem,
pêlăi vóssăi sete dôres.

O vosso braço esquerdo
que nui livra do demôino;
livrai-mi a mim tambem,
pelo vosso matrimôino.

O vosso peito direito
chegadinho á natureza,
qu' alimentava Jasus,
Sinhô de tôda a grandeza.

O vosso peito esquerdo
onde estava o Di-Menino
ui mês olhũ nunca vírum
tão belo e tão pequenino.

Os vóssũ braçũ, Sinhóra,
ê vou-me abraçar com eles.
Quem com êli s'abraçar
grande premio terá d'eles.

Vossa cintura, Sinhóra,
é, certo, a mais delicada.
Por isso tendes o nome
Vírgim pura, imaculada.

Vossũ joelhũ, Sinhóra,
nos insinum a oração.
Sôs a rainha da Gloira
Sinhóra da salvação.

Ui vossos passũ, Sinhóra,
quem m'ui dera a mim seguir!
porque quem êli seguir
gloiras tem p'ra pessuir.

Ui vosses péi, Sinhóra,
más alvos q' a neve pura,
passárum grandes tormentos
pela rua d'Amargura.

Já não tenho más que diga,
no fim do vosso retrato.
Ui mês ólhũ nunca virum
tão pequenino e exato.

Sinhóra, em vossa presença
em tôda sôi verdadeira.
Aventurôso é aquêle
q' em vossa santa fé creia.

II — *A Confissão de Nossa-Senhora.*

A Virgim da Conceição,
a Mâi do Verbo-Devino,
tôda cheia de pureza,
foi-se confessar ao domingo.

Ó sinhô pad da missa,
de confissão me ha-de uvir,
que venho imbaraçada
em vésprăi de Dês parir.

Nã tinha que confessar,
nem pecado cometido.
Foi pa cumprir um preceito
do sê devino Filho.

O pade q' ouvio isto,
pensamêntũ duvidou.
O pade s'assentou;
a donzela ajoelhou.

O ventre q'ela levava
ceu e terra alumiava.

Ó sinhô pad da missa,
vames pa ui «madamentos».

Q'o *primeiro*, eu adorei
a um devino Sinhor,
qu'ê trago dentro do ventre,
creado a sê sabor.

O *terceiro*, eu guardei
um devino Sinhor,
que trago dentro do ventre,
creado a sê favôr.

O *segundo* é guardar
as coisas que de Di são.
A vinte e cinco de março,
tive grande acupação.

O *quarto* é honrar
nosso pai mái do q' a nós.
Nã sei se a Dês faço ofensas
d'honrar a Jasus por vós.

O *quinto*, ê jurei
ũa jura de-contino:
q' a vinte e cinco de março
incarnou o Verbo-Devino.

O *séstemo*, ê matei
um demôino infernal
po conceber o mê Filho,
sem pecado original.

Ó sinhô pade da missa,
já 'stá feita a convissão.
Peço, pois, po' caridade,
que me bóte a sólvição.

—Levantai-vos, pomba branca,
como espelho cristalino,
onde tôdo o bem s'incerra,
até o Verbo-Devino.

— E ê vou-me imbora, pade,
que vou-me para Belem;
que vai nacer o mê Filho,
imparo de tôdo o bem.

Imparo de tôdo o bem,
até da Virge Maria;
e, se nan fôsse o mê Filho,
oh! do mundo o que saria!

III — *A Barca-Nova.*

Hoje s'amassa no Céo
o pão da Vrige-Maria.
Os anjinhos põe na mesa,
Nossa-Sinhóra fatia.

Nó-Sinhô foi lá dentro
pôs a mão no taboleiro;
abrangê o mundo tôdo:
cada qual cum sê brindeiro.

Menina, vâmi depressa
nan se pônha 'i a brincar;
vàmũ vêr a barca-nova
que se deita hoje ao mar.

Quem qué vêr a barca-nova
que se deita hoje ao mar?
Nossa-Sinhóra vai nela;
os anjinhes a remar.

IV — *A Mãe de Jesus.*

Cantigas cantava a Virgem
cand' imbalava Jasus.
—Calai-vui, mê bent' Filho,
q' havei de morrê na Cruz.

Nũas ditosas palhinhas
nacê Jesus, nosso bem,
co retrato da proveza,
para nosso milhó bem.

V — *O pranto de Nossa Senhora.*

Pranto meu tão grande,
Jasui, Filho tão amado,
em vui vêr tão dimudado!
Cante más se cheg' o dia,
dia da vossa pàxão!
Dizei-me que coisa é esta,
Filho do mê coração?!

Entre chorar e gemer,
eu acordei e ouvi dezer
que lá vinho em Jerusalem,
Filho meu, p'ra vos prender.

— Peço-vũ, Madre, Sinhóra:
cando ouvires ăi novas
sejai logo comigo.
Que nan me toquem em mim,
nem no meu côrpo sagrado.
Aí vui fica san João.
Que vui sirva de bom agrado.
— Como posso ê fazê, Filho,
um Filho de tal braçal!
Trocar Filho de Deus claro
por um filho dum marcal!
As estrelas escurecem
e o Filho de Dês padece
e padece por mim. Tão grande,
padece por toda a gente. Amen.

VI – *O cordão de Nossa Senhora.*

Eu ia por'qüi abaixo
incontrei Nossa-Sinhóra,
cum raminho d'urze na mão.
Ê pedi-lhe o seu raminho.
Ela disse-me que não.

Eu tornei-lhe a pedir
ela dê-me sê cordão,
enleado, em sete voltas,
á volta do coração.

VII — *Nossa Senhora de Encarnação.*

De Lesbâua imbarcou
ũa serena cordeira,
a Vírgim da Incarnação,
par'á *Ilha da Madeira.*

Sâs anos andú no mar;
a Vírgim foi marinheira.
Trouxero-a nũa cravela
para más in breve tempo
a vê' chegar á terra.

A Vrige chegú' ao *Calhau*
in pino de meio-dia.
Logo foi rendê' graças
aos pádri da confraria.

Âi freirăi da Incarnação
tavo póstăi no caminho.
Com prazer e alegria,
mandaro tocar o sino.

A Vrige chegú' á *Luvada*
e lavú ăi súăi mãosinhas;
deitú a sua bençāo
e bubeu ũăi gotinhas.

A Vrige chegú ao *Monte.*
A S'nhór' á mandú intrar,
— q'assubisse para cima,
que lhe qu'ria falar:
— Que desse múntăi lembranças
á Sinhóra do *Faial.*

Ah! Vrige da Incarnação
cheia de graça, Maria!
Quem vai passá' la serra
cum tão bela cumpanhia?

A Sinhora do *Faial*
tem o sê' calhá' de fronte.
— Aceitai múntăi lembranças
que mand'á Vrige do Monte.

Ó Vrige da Incarnação,
anastrai vósses cabelos.
Vós ídes passar a serra,
nui sês altos alvoredos.

A ladeirinha das *Covas*
tanta voltinha que tem!
Nossa-Sinhora assubiu lá;
vames assubi' tambem!

A Vrige chegú ao *Cé' do Gordo*
a uma casinha palhaça.
Deitou-lh'a sua bençāo,
ca sua devina graça.

A Vrige chegou ao *Cortado;*
arrenegú do demoino.
— Certo, tenho po' vesinho
o glorioso Sant'Antoino.

A Vrige chegú a *San Roque*
ca sua saia d'inseial.
— Certo, ê tenho po' vesinha
a Sinhóra do Faial.

A Vrige chegú a *Sant'Ana;*
tava a santa descuidada.
— Quem vos trouxe agora aqui,
rosa branca desmaiada?

Oh! vila que fôste vila,
agora, calhá' do mar!
A Virge da Incarnação
pa *San Jorz'* vai morar.

A Virge chegú á *Pedra-Mole*,
tomou grande coração.
Certo, tenho pa v'zinho
o rei san Sabastião.

Rei san Sebastião
q'assim sôes um padecente!
A vossa paciencia toda
abrangeu a toda gente.

Ah! Virge da Incarnação
ond' é' a vossa morada?
É na igreja de san Jorze,
é lá bem naquela *Achada*.

Estav'o sinhô san Jorze,
estava sêco d'esperar,
para i' pôr a Sinhôra
no sê devino altar.

Ah! Vrige da Incarnação!
em Lesbâua fôsti feita.
Deitai-m'a vossa benção
com a vossa mão direita.

Ah! Virge da Incarnação!
em Lesbâua fôsti nada.
Deitai-m'a vossa benção,
com a vossa mão sagrada.

Assim s'acabú, Sinhóra,
a vossa sant'oração.
Assim seja ela bemdita
cuma foi de coração.

VIII — *Nossa-Senhora do Monte.*

a) O Milagre.

No corrê do mi d' abril,
Nossa-Sinhóra do Monte,
foi desta sua igreja,
para longe desta fonte.

Nunca houve tanto povio,
ao longo deste caminho.
Tanto pôvo, cumâ fidalgos,
decíum devagarinho,
luvando Nossa-Sinhóra,
desta fonte ao atalhinho.

Ha um ano já não chovia;
estava tudo a secar.
A alforra nãi novidades
fazia farto manjar;
e ũa fome do dianho
vem a todos vesitar.

Acuda Nossa-Sinhóra,
q̃ nunca faltou á gente!
Olhe plãi nossãi vinhas,
e p'lo nosso trigo doente!
e acuda ai nossãi digrácias,
p'ra q̃ não pássim adiente.

E tôda êsta freguezia,
nessa grande procissão,
podia a Nossa-Sinhóra,
q̃ lhe desse chuva e pão.

Nossa-Sinhóra do Monte,
se á séde Vói nui matais,
olhai plăi nossas colheitas,
vinhas e canaviás!

Nossa-Sinhóra do Monte
chegada a sant'Antoninho (1),
já todo o pôvo chorava.
Chovia já no caminho.

Nossa-Sinhóra do Monte,
não nos queira abandonar!
Um nôvo milagre santo
vai agora já obrar.

Arrebentando de pão,
dúăi fermosas anaus,
do mar alto vem entrando,
já se avista dos calhaus.

Mas que auguêdo, Di do Céo!
Ui gados ólhum p'ra o ar!
Âi vínhăi bótum rebentos,
q̃ é mêmo pa admirar!
O pôvo alevanta ui braços
e já parú de chorar.

Nossa-Sinhóra do Monte,
q̃ de milagres fazia!
Hei de pôr-lhe a arder azeite,
qué de noite, qué de dia.
Nossa-Sinhóra do Monte,
Pade-Nosso, Ave-Maria.

b) O Castanheiro-longal.

I

Moços e moças desta Ilha,
ê quero agora contar,
ũa 'stória verdadeira,
q' a tôdũ vai assombrar:
Vei' agora da Moirama,
cavaleiro d' incantar;
oiro, prata e pedrarias,
pro qui anda a pòcurar;
e em riba, em Nossa-Sinhóra,
na sua igreja vai a entrar.
Lá no fundo a santa image
da Sinhóra, sobre o altar,

---

(1) Naturalmente, Santo António dos Capuchos, de Flamengos.

'stava cheia d'oiro fino,
q'ui fiâs vínhum doar.
O moiro infiel e danado,
logo a pensa em arroibar,
inmentes um lindo anjinho,
assim se põe a falar:
«S' oiro queres, cavaleiro,
«n'outro sito o vás achar,
«lá na Crujeira-de-dentro,
«no Castanheiro-Longal.
«No tronco tem um palácio
«que não s' avista do mar;
«'stá cheio de sácũ d'oiro,
«que é mêmo para tentar.
— Palávrăi não érum ditas,
se puzérum logo a andar.
O lindo anjinho ia á frente,
para o caminho insinar;
atraz, o moiro ia alegre,
nos tesoiros a pensar;
e vêem já, do caminho,
o Castanheiro-Longal.
No tronco tem uma porta
por onde êli vão a entrar;
viu um palacio real,
e tudo o que lá dentro havia:
uchas e árcăi d' assombrar.
Derrâmum oiro pelo chão;
não sabe o q' ha de levar,
não sabe o q' ha-de escolher.
A riqueza era sem par.
Coisa assim nunca ele vira,
dês q' andava sobre o mar.

II

Ăi sálăi nunca acabávum,
porq' era um paço encantado.
Já o lindo anjinho fugira;
deixou o moiro abandonado.
A justiça Dês fazia.

Nã deve sê cubiçado,
o oiro dui santes altares.
Roiba-lo é grande pecado.
Nossa-Sinhóra do Monte,
está sentada a seu lado;
nôvo milagre fazia:
o oiro não era roibado.
O moiro foi têr ao mar;
no má' morrê afogado.

c) A VIRGEM TECEDEIRA.

Nossa-Sinhóra do Monte
'stá na sua janelinha,
co sê Menino no colo,
fiando na sua roquinha.

A roquinha é di oiro,
o fuso, de prata fina;
O linho qu'ela fiava
era da gloira devina.

O pano qu'ela tecia
mandava vender á feira.
Ó mê Deus, quem compra pano
da Vírgim, q'é tecedeira?

Respondê madr'-abandêssa:
— «Espera; qu'ê vu comprar
lencinhos para a cabeça,
toalhinhas p'ra o altar.

d) LOAS.

Nossa-Sinhóra do Monte
ha-de sê minha madrinha,
cand'ê vére cá pra-o-ano
de mão dada com Jòrgina.

Nossa-Sinhóra do Monte
tem um moinh' de mão,
para moêr âi mintiras
dui romeiros que la vão.

Nossa-Sinhóra do Monte,
Sinhóra de condição,
cando chego nui romeiros,
a todos aperta a mão.

Nossa-Sinhóra do Monte
diz que m'ha-de dá' um dote.
Se m'o ha-de dá' na vida,
dê-me na hora da morte.

Nossa-Sinhóra do Monte,
Sinhora tão delicada,
a tôdi dá súäi graças,
de ninguem requere nada.

Nossa-Sinhóra do Monte
diz que mi ha-de luvar.
Nossa-Sinhóra me leve
a minh'alma a bom logar.

Nossa-Sinhóra do Monte
mandou dezer á da Graça
que le dess'ũ àmostrinha
do sê vestido de caça.

Nossa-Senhóra da Graça
mandou dezer á do Monte
que le desse um copo d'auga
da sua sagrada fonte.

Nossa-Sinhóra do Monte,
aquela más piquininha,
descê do seu altar,
para sê minha madrinha.

Nossa-Sinhóra do Monte
tem um filho sarrador,
para sarrar a madeira
prá capela do Sinhôr.

Nossa-Sinhóra do Monte
tem agulha e tem didal,
pra fazer um vestidinho
á Sinhóra do Faial.

Ah! minha Sinhóra do Monte
venho da casa de telha.
Ê nan venho aqui p'ra o ano,
sem trazer a minha velha.

CAPÍTULO IV

CICLO SANTORAL

I — *Versos de S. Cristóvão.*

A mãi de san Crestóvo tava pa parí' san Crestóvo e desejúm pexinho. O marido, cum mê' dum má' sucesso, foi à pesca e incontrú no calhau um hôme desconhecido q'era o Grima e que·l' preguntú o que fazia ali.

— «Vu vê s'apanh'um pexinho, diss-l'o pai de san Crestóvo; e o Grima retornou:

— «Dou-t'o pexinho que desejăi, se me deres o primeiro fruto que tiveres».

O pai de san Crestóvo concordou, na tenção de l' dar o prumeiro fruto dũa cadela que tinha prenha.

O Grima apanhú um peixe e deu ao pai de san Crestóvo. Ao chigar a casa, o pai de san Cristóvo incontrú a mulher parida, tend' dado à luz um filho; e, nessa casião aparecê-l'o Grima e tivéro esta conversa:

GRIMA — Crestóvo, amigo meu.
MENINO — Crestóvo sim; amigo, não.
GRIMA — Diz-m'as treze palávrăi, ditas e retornadas.
MENINO — As treze nan nâi sei; ũa ta direi:

Uma é a casa santa
em Jarusalem,
onde Crist' naceu
e morrê por nós, àmãi.

Repetem-se as três falas iniciais do diálogo.

MENINO — As treze nan nâi sei;
âi duas t'âi direi:
Âi *dúăi* são
âi duas tábuăi d'Amoisés
onde Crist pôs os pes.
Uma é a casa santa... etc. *(como acima).*

Repetem-se as três falas iniciais do diálogo.

MENINO — As treze nan nâi sei;
as três t'âi direi:
As *tri* são
as três psâuăi da Santíss'ma Trindade
Âi *duăi* são... etc. *(como acima, até o fim).*

Repetem-se as três falas iniciais do diálogo.

MENINO — As treze nan nâi sei;
as quatro t'âi direi:
As quatro são
os *quatr'* invangelistas
João, Lucas, Marcos e Matêes
e sôi' Vói, sinhô Dêes.
As *tri* são... etc. *(como acima, até o fim).*

Repetem-se as três falas iniciais do diálogo.

MENINO — As treze nan nâi sei;
âi cinc t'âi direi:
Âi *cinc* são
âi cinc chágăi de Jasus Cristo.
As *quatro* são... etc. *(como acima, até o fim).*

Repetem-se as três falas iniciais do diálogo.

MENINO — As treze nan nâi sei;
âi sâs t'âi direi:
Âi *sâi* são
ui sâi cirũ bentos
q'ardêro em Galilão,
ardêro e arderão
e nunca s'apagarão.
Âi *cinc* são... etc. *(como acima, até o fim).*

Repetem-se as três falas iniciais do diálogo.

MENINO — As treze nan nâi sei;
âi sete t'âi direi:
Âi *sete* são
ui sete sacramentos.
Âi *sâi* são... etc. *(como acima, até o fim).*

Repetem-se as três falas iniciais do diálogo.

MENINO — As treze nan nâi sei;
as oito t'âi direi:
As *oito* são
os oito córi d'anjos.
Ui *sete* são... etc. *(como acima, até o fim).*

Repetem-se as três falas iniciais do diálogo.

MENINO — As treze nan nâi sei;
ai nove t'âi direi:
Âi *nove* são
ui nove meses
q'andei no ventre da minha mãi.
As *oito* são... etc. *(como acima, até o fim).*

Repetem-se as três falas iniciais do diálogo.

MENINO — As treze não nâi sei;
âi dez t'âi direi:
Âi *dei* são
ui dei badamentos.
Ui *nove* são... etc. *(como acima, até o fim).*

Repetem-se as três falas iniciais do diálogo.

MENINO — As treze nan nâi sei;
as onze t'âi direi:
As *onze* são
as onze mil vírgins.
Âi *dei* são... etc. *(como acima, até o fim).*

Repetem-se as três falas iniciais do diálogo.

MENINO — As treze nan nâi sei;
as doze t'âi direi:
As *doze* são
ui doze apóstlos.
As *onze* são... etc. *(como acima, até o fim).*

Treze raios tem o sol;
treze raios tem a lua.
Arrebenta, Cão, vai-t' pra o inferno
qu'esta alma não é tua.

Nota — Estes versos, cuja recitação em geral é reservada para a visita a moribundos, deverão ser ditos sempre a seguir e sem engano nenhum, para que tenham o desejado efeito de beneficiar a pessoa visitada, afastando dela a acção do demónio.

II — *Santo António.*

Sant'Antoninho da serra
é hôme' que nan tem mêdo;
foi fazer a sua casa
debax' do arvoredo.

Eu fui à festa do santo,
para o santo me casar;
o santo me respondeu:
— Se tens pressa põe-t'andar.

Sant'Antoninho da serra,
pretinho como ũa amora,
quando passa pêlãi moças,
deita-l's a língua de fora.

Sant'Antoninho da serra
tem um saco de dinheiro,
para dar ai raparigas
que lhe barrem o torreiro.

Sant'Antoninho da serra,
casamenteiro dãi moças,
casai-me a mim no ceu;
na terra, casai as outras.

CAPÍTULO V

ENSALMOS

I — *Aberto (para curar d')*

a) Nó-Sinhô, por um caminho, incuntrū a san Tomé. O Sinhô le preguntua: – «Que fazes aqui Tomé?» — «Sinhôre, ê tô malaco dum pé». – «Alvanta-te d'ai, Tomé. Cand a minha sagrada Paixão-e-Morte fôr alembrada, a carne será salvada.

Ê cur' aqui. É carne cobrada, aberta e dimintida e fora do sê logar; nervo tôrto e Dês comnôsco. E iss mêm' á que se cura. Se carne cobrada, torna a ligar; se nervo tôrto, torna ao tê logar.

Sant'Ana pari' a Virge; e a Virge pari' a Dêes. Ajuntai--nos isto aqui, ó Virgim-Mãi de Dêes. Aqui vem san Virtuoso juntar a carn' ao osso, e o osso à mêma carne.

Em nome de Dês, da Virge-Maria e as três psâuăi da Santiss'ma Trindade, ê curo e Dês á que te sara.

b) Em louvô de Dês e da Virge-Maria, o que curo? Carne cobrada, aberta, dimintida, osso desconjuntado, nervo tôrto, no mê corpo. Isso curo eu.

Em louvô de Dês e da Virge-Maria e de san Vertoso, livrai-nū da carne cobrada, aberta, dimintida, osso desconjuntado, nervo torto, no mê corpo.

Carne cobrada, vai ao tê logar; nerve torto, vai a tê soldo; veia trocida, à tua casa.

Estávâi doente, porque nan me chamaste? Ê te curaria, conforme sabia.

Em louvô de Dêus e d' Virge-Maria e em nome das três psâuăi da santiss'ma Trindade, que é Padre, Filho, Espirito Santo. Ê te cure e Dês que te sare.

c) San Felipe Vertuoso, em que côso?

Carne cobrada | aberta e dimintida | e nervo torto | e veia cavalgada | Ê côso ca Virge sagrada. | S'é carne cobrada | vai prá tua casa | s'é veia trocida | ou nervo torto | que váia a sê soldo. | Assim como ê te ponho a mão | Jasus Cristo te ponha são | e todos ui santos que na côrte do cé 'stão.

d) Tal como na versão anterior, até à palavra «casa», inclusive, da 4.ª linha, e segue-se o seguinte texto:

S'é aberto, vai a tê texto. | Assim cuma ê coso este novèlo fôfo, | assim se una a carne co osso. | Assim como ê côso im vão, assim sejăi são. | Assim cuma ê côso em cruz, assim solde co nome de Jasus. | Assim cuma ê côso em cruzado, assim seja soldado. | Assim cuma ê te ponho a mão, | Jasus Cristo te ponha são. | Santos e Santas que no coro do cé 'stão | te queirum curar ca sua santa mão. | San Felipe Vertuoso, | co nome de Dês eu côso.

Nota — *A curandeira, emquanto recita qualquer forma dêste ensalmo, simula coser, com uma agulha sem linha enfiada, um novelo de linho, feito, em geral, de retalhos de peças de bordado.*

II — *Boa-sorte (para atrair a).*

Mê raminho d'alecrim,
ê te vou queimar;
os inemigos de mim
si hão-de afastar.

O mau p'ra fora
o bom pa dentro;
a graça de Dèes,
Pela portada dentro.

Nota — *O chefe da casa, com um ramo de alecrim, molhado na pia da igreja paroquial, emquanto recita o ensalmo, traça uma cruz em cada uma das quatro direcções N. S. L. O. de cada um dos quartos da casa.*

III — *Bruxas (para afastar as).*

Hôj' é sabdo
e sabdo é;
im todas as casas
Jasui, Maria, José.

Tôsca, marrôsca
e marrôsca tôsca;
ólhŭ na cara
e freio na boca.

Guarde Dês a minha casa
de bruxas e faticeiras
e dessa comarca toda.

IV — *Bucho encostado (para curar do).*

Em nome do Padre, do Filho, do Esprite Sante, cui nômi de Dês e da Virge-Maria e as tri dvinas psâuäi da santiss'ma Trindade, aí onde ê punh' âi mínhäi mãu, Dês ponha a sua santidade.

Ê te cure do buche virade, do buche caide e incostade, em nome do snhô san Francisque e em nome do snhô sante Serve-de-Dês. Se nan tens quem te cure, cure-te eu pelo amor de Dêes.

Nota — *Esta oração tem de ser dita três vezes.*

V — *Calma (para benzer a).*

Rainha da Hungria,
pó mar iria,
cum Nossa-Sinhóra s'incontraria.
— «Por onde vás, Rainha da Hungria?»
— «Vô benzer a calma e a calmaria.»
— «Cum q'a benzerias?»
— «Cum toálhäi do altar e pinguínhäi d'auga fria.»
Em louvô de Dês e de Virge-Maria, pad-nosso, av-Maria.

Nota — *Reza-se esta oração nove vezes, três vezes cada dia, tendo, de cada vez, um copo de água e uma toalha com nove dobras.*

VI — *Cobradura (para curar da).*

— Que me dái, Maria?
— Dô-te, João,
menino cobrado,
para me dári são.

Nota — *Se o doente é uma criança, qualquer pessoa de família, na manhã de S. João, vai com ela e mais duas pessoas virgens que tenham os nomes de Maria e João (e para isso escolhem em geral crianças de 10 a 12 anos) a um campo qualquer onde esteja plantado um vimieiro.*

João e Maria arrancam um vime e, diante do paciente, tem êste pequeno diálogo que repetem duas vezes.

VII — *Cobrêlo (para curar do).*

Ê q' curo? Cobrêl' ó cobre ó seja q' calidade de bicho fôr, iss' mêm' à q'ê corto: cabeça e rabo, unhas e dentes e toda a sua recendença. Nem ela crêça, nem permenêça aqui neste corpo, nem nesta carne.

Em nome do Pad, do Filho e do Esprito-Santo. Amen.

VIII — *Erisipela (para a cura da).*

a) Vind' Pedr' e Palo, de Roma, co Sinhô s'incontraro.
O Sinhô les preguntua:
— «Donde vindes, Pedr' e Palo?»
— «Vímũ de Roma.»
— «Que novidades ha por lá?»
— «Munta molesta iserplar.»
— «Vóltim atraz e vão curar.»
— «Cum quê, Sinhôr?»
— «Cum cinco espartos e azeite d'oliva.»
Em lôvô de Dês e da Virge-Maria, pad-noss' e av-Maria.

b) Pedr' e Palo foi a Roma,
e Pedr' e Palo vei' de Roma.
Jasus Cristo incontrua
e le preguntua:
— «Donde vindes, Pedr' e Palo?»
— «Sinhôr, ê venho de Roma.»
— «Que lá é acontecido?»
— «Sinhô, munta doença!»
Le preguntú' o Sinhô: O q'é?»
— «É zipela e zipelão.»
— «Pedr' e Palo, tornai lá
cũm esta minha divoção.
Luvai palma e oliveira;
curai assim desta maneira:
— «Zipela e zipelão,
quem te deu essa morada?
Foi o fri' e foi a neve
e foi toda a tempustada.
Vai-te, zipela e zipelão, pa o mar,
onde nan ôiçãi galo cantar,

q'o *(nome do paciente)* é prove,
não tem que te dar.
O mar é rico e pedroso,
pode com todo a mal.»

c) Tal como na versão anterior, até ao fim do 14.º verso «curai desta maneira» e segue-se o seguinte texto:

Rosa branca e incarnada,
ê te curo e Dês te sare;
e vai pa o prego do mar,
q'êste corpo é prove
e nan te pode sustentar.

d) Pedr' é Palo foi a Roma,
incontrar' a Jasus Cristo.
— «Donde vindes, Pedr' e Palo?»
— «Sinhô, noi vímũ de Roma.»
— «Que lá vai, Pedr' e Palo?»
— «Sinhô, munta mortidão.»
— «De quê, Pedr' e Palo?»
— «Sinhô, da zipla e zeplão.»
— «Volta lá, Pedr' e Palo;
leva palma e oliveira
e cura desta maneira:»
— «Zipla e zeplão, de que foste tu jarada?
Foi do frio, foi da neve,
foi da grande tempustada.
Zipla e zeplão, vai-te pra aquêle mar,
que é sagrado e pedroso, pode com todo o mal;
qu'êste corpo é prove nan te pode sustentar.
Ê te curo, em nome de Dês e da Virge-Maria e das três psâuăi da Santiss'ma Trindade.

Nota — *A curandeira, emquanto recita o ensalmo, tem na mão direita um pedaço de fôlha de palmeira, benzida em domingo da Ressurreição, na igreja paroquial, e algumas fôlhas de oliveira com as quais vai traçando cruzes sôbre o paciente.*

Às vezes, as fôlhas da palmeira e oliveira são substituídas por espartos que se molham em azeite.

IX — *Ínguas (para curar as).*

Íngua corto,
íngua talho;
íngua boto
no borralho.

Nota — *O paciente vai à lareira e diz três vezes a quadra, emquanto envolve em cinza a lâmina duma faca.*

X — *Invejo (para curar do).*

Dês é Dês e Dês é Verbo e Dês é filho do Pad' Aterno. De todos os demôinos eu arrenego.

F..., *(o nome do paciente)* se te der o invejo ou no tê comer, ou no tê buber, ou no tê vestir, ou no tê calçar, ou na tua guerdura, ou na tua fermesura, ou de qualqué' maneira, que s'aparte deste corpo e déstăi veias e deste sâingue; que vá pa o prego do mar, q'èste corpo é prov'e nan no pode sustentar aquêl mal invejado. Sant'Antoino dui Milhaigres faça a imola e caridade de tirar este mal invejado que te quero curar, im nôme de Dês e da Virge-Maria e das três psâuăi devínăi da santiss'ma Trindade. E eu que te curo e Dês que te salve.

XI — *Olhado (para curar o).*

a) Vai-se curar um *ou* uma *(o primeiro nome do paciente).* Em lôvô de Dês e da Virge-Maria, ê te cure d' olhado.

Atravessado, invejado ou imprezado de olhado, mal indiabrade, se te dé' no comer, ou no trabalhar, ou no falar, ou no rir, ou no ganhar, ou na boniteza, ou na fermesura, em tud' em que te der o mal, em tud' eu te cure, em nôme das tri devinas psâuăi da santiss'ma Trindade, Padre, Filho e Esprito Sante. Ê te curo e Dês que te sare.

Se te dé' pelos caminhos ou silveiros o mal constipado, mal te tês ólhos, que mal te dê, mal dado, ó seja d' home ó de muilher, de ólhos prêtos, rajados, na serra digo que sejam deitados. Ê te curo e Dês que te sare.

b) Ê te curo, em nome de D's, da Vrige-Maria, das tres psâuãi da Santiss'ma Trindade. Ê te curo, Jasus te sare.

F... *(nome do paciente)* se te der olhado ou mal invejado no comer, ou no beber, ou no rir, ou no vestir, ou no calçar, ou no mirar, ó po' portas, ó po' janelas, ó po' caminhos, ó por' igrejas, ó po' calquer out' logar, Nossa-Sinhóra te queira tirar e mande deitar pa o fundo do mar, donde olhi vivos não o torn'a olhar.

Nem tê bucho apodreça, nem tê corpo difaleça. Homem bom, mulher má, casa barrida e augada, por onde este mal introu, por ai sáia, p'ra que se cure este cubranto com alecrim bento que nace no campo.

A mão de san João é que pode tirar, outra pessoa não. Assim cum'o sinhor san Sabastião foi morto e sepultado e laciado, tire este mal, este mal invejado, deste corpo qu'é rico e pedroso: podo co' o bem, co' o mal não. Amen.

Nota — *Para saber se a doença a curar é, de facto, o «olhado», a curandeira principia por deitar água num vaso qualquer e nela alguns pingos de azeite. Se nenhum dêles* espalha, *isto é, se nenhum dêles se dissolve na água, não é «olhado» a doença. Pelo contrário, se algum ou alguns espalharem, então é certo o «olhado»; e a* camada de olhado *será tanto maior quanto maior o número de pingos* espalhados. *A curandeira, então, traçando cruzes, sôbre o paciente, recita o ensalmo.*

ADITAMENTO

a) — AO CAPÍTULO I

ORAÇÕES

I — *De manhã, ao levantar.*

Já lá vem a lui do dia.
Pai de toda a companhia,
Sinhô, dai-me o remedio
que destes à Virge-Maria,
áquela santa mulher
que t'acompanhou no Calvairo
Dai-me o pago que Voi lhe destes,
mê sinhô Santo-Sudairo. Amen.

II — *De manhã, ao lavar-se.*

Sinhô, dai-m'auga p'ra me lavar;
toalha p'ra m' alimpar;
parte na missa p'ra me salvar.
Dvina luz — Jasus.
Dvina guia – Maria.
Como isto assim é,
Jasui, Maria, José.

III — *Ao sair de casa para o trabalho.*

A lui de Crist' estej'áqui,
adiant'e atrai de mim,
co turiblo de Jodé e José
vencedor.
Àlalôia, àlalôia, àlalôia.

IV — *À noite, ao deitar.*

a) Snhôr, ê nan sô digno,
nem mercedôr,
de me deitá' dubaxo
do pãulio do Snhor.

b) Esta casa tem quatro cantos,
quatro anjos qui a guárdum:
É san Lucas, san Marcos, san Matêes
e o Anjo do sinhô Dêes.

c) — Maria, vai-te deitar.
— Sinhóra, já tou deitada,
d'anjos acumpanhada,
dôs aos pés, dôs á cabiceira,
Vírgin-Mãi á dianteira.
Nossa-Sinhóra me diz:
Dorme e repoisa;
nan tênhãi medo d'algũa coisa.
No cé' toc'á missa;
os anjos a adorum.
Bendita seja a minh'alma
que se deita a esta hora.

d) Sinhô da Cruz-Oliveira,
que nacestes entre a roseira,
vosso nome lindo é
Jasui de Nazaré.
Sempe trago na mimóira
q' hei-de morrer pela Fé.

Quem esta oração disser, um ano, de dia 'a dia, a Virgem lhe aparecerá, tri dias ânti de morrer, e dirá: confessa-te, pecadora, para ti virá o Sinhor. Pade Nosso e Av'-Maria, em louvor.

e) O texto da oração d), da pág. 8, *acrescentado dos seguintes versos:*

Ũa sâsta-feira-santa,
santa pela lui do dia,
prenda que Dês deu a Jasus
e Jasus deu a Pilatos,
Pilatos a pôi na cruz.
Responde Pilatos:
— Vói sôi Jasus.
— Temei esta cruz.
— Esta cruz nan têmo
nem a temeria.
Quem esta oração disser,
tri vezes ao dia,
de má morte nan morreria
e ás pórtãi do inferno nan iria.
As pórtãi do paraizo
abertas acharia,
cum munta alegria.
Amen, Jasus e Maria.

f) Jasus Cristo, Rei, Sinhôr,
p'lo direito, julgadôr.
O mê mal a vói le digo;
vói dareis o castigo.
Nunca fostes alembrado,
nem segui vosso preceito;
antes, ó mê bom Jasus,

tudo o que fiz
foi mal feito.
Nunca vesitei os prêsos
os prêsos incançarados;
nunca abriguei ui romeiros,
nem curei ingeitados,
nem tão pouco fiz imolas
aos proves invergonhados.
Peç' ás onze mil Virgens
e ao anjo san Grabiel
e ao anjo san Miguel,
que na corte celestial estão,
como isto q' aqui digo
me sirva de confissão. Amen.

g) Sinhô Dês, eu dormi' quere;
a minha alma vos intrego.
S' ê morrer, acompanhai-me;
s' ê viver, alumiai-me;
com tri ciros e três tochas,
da Santissima-Trindade.
Peço-vos, anjo bemdito,
que me livrei' do Maldito.
Alma minha recorre a vós.
Sêde bem crente na fé.
Pelos campos onde andás
arréda-te de mim, Satanaz,
em mim, nem parte, nem quinhão terás. Amen.

V — *Quando se entra na igreja.*

Pecádi meus,
ficai cá fora,
q'ê vu falar
co mê Sinhor
Jasus, agora.

VI — *Quando se sai da igreja.*

Mê Deus, ê de vói nan me despeço
nem de vossa santa casa,
p'ra q'a minh'alma nan se perca,
nem a vossa santa Palavra.

VII — *Ao tomar água-benta.*

Eu esta auga-benta tômo,
em remissão dui mês pecados,
pra, cando deste mundo fôr,
tôdũ me sêrim perdoados.

VIII — *Antes da confissão.*

O texto da oração e), IV, pág. 8, *acrescentado dos seguintes versos:*

Confesso-m'a Vói, Sinhor'
po sêres o Maioral.
Peço a Vói, Sinhor,
que me deite àssolvição.
Na hora da minha morte,
tende de mim compàxão.

IX — *Para afastar a tempestade.*

a) Santa Barbinha se levantou;
Sê pé direito calçou;
sua mão benta lavou.
Caminhos e carreiros andou;
com Jasus Cristo s'incontrou.
O Sinhô lhe preguntou:
— Onde vái, Santa Barbinha?
— Vô 'spalhar a trovoada
que no ceu está armada.
Nan cáia raio, nem cintelha,
nem na igrejinha de lá,
nem no pé da oliveira,
nem na gente cristã.

b) Ia Di, Nó-Sinhô pelo caminho; encontrou Santa Barba.

— Para onde vái, Santa Barba Serena?

— Sinhor! Vou apagar aquela tempestade, tão armada e tão forte.

— Vai, Barba Serena. Apaga, bem apagadinho, onde não haja pão, nem vinho, nem bafo de criaturinha.

X -- *Para a hora da morte.*

Ó alma, põe-te em forte,
que vás passar a hora da morte.
Passarás;
nan morrerás.
Pelo campo-Júdăi fóra,
o demôino encontrarás.
Tri vezes le diras:
Arreda cão,
arreda cão,
arreda cão, Satanaz.
Se tu és o que m'atentas,
parte em mim tu não terás.
Amen.

Nota — *Um velho que rezava esta oração à espôsa, moribunda, terminava com a seguinte quadra:*

Oh! mundo que fôsti mundo.
Oh! mundo que tudo s'acaba!
Acabou-s'ăi minhas penas;
a minha hora tá chegada.

XI — *A Santa Tereza-de-Jesus.*

Dai-me, supremo Sinhor,
vossa graça com presteza;
Têndi no cé' uma flôr
d'amor, santa Tereza.
Tereza, ũa frô regiosa,
tinh'âmôri verdadeiros;
deu seu esprito ao ceu.
O Sinhô l'aparceu,
pedindo imola a Tereza.
Á portaria bateu.
O prove, pra nan faltar,
por quem ha-de preguntar?
— Tereza de Jasus.
E cuma se chamava o prove?

— Chamo-me Jasui de Tereza.
Sará luvado á Gloira
quem disto fizé memoira.
Dvina santa Tereza, amen.

XII — *A Santa Helena.*

Gloriosa santa Helena,
que nas ôndăi do mar andastes,
as onze mil virgins incontrastes,
pra vossa casa âi luvastes,
pão e salsa ceaste!
Voi vui deitaste,
dormistes e sonhastes
q'a arve da Vera-Cruz
era perdida e vós achastes.
Os três crávũ lhe tirastes.
Um deitastes
no Mar-Vrumelho,
que nan navegava e logo navegou.
O outro destes
ao vosso irmão Constantino,
pra com êle vencê guerras e batalhas,
e o terceiro pra vói ficou.
Não vos peço que mo dêes;
qu'o empresteis,
para com êle sonhar.
Se fôr assim, cumâ desejo,
mostrai-me, em sonho,
casas caiadas,
augas claras,
roupăi lavadas,
jardins com flores,
dâmăi reverendas
e mêsas alçadas.
Senão, mostrai-me
cásăi sujas
e augas turvas.

b) — AO CAPÍTULO III

CICLO MARIANO

O pranto de Nossa-Senhora.

Chorai po' nosso Salvador,
ólhū mês e alma minha.
Darâs auga por quem deu
o sê sâingue, emquanto tinha.
Alma triste, desconsolada,
chorai por Êl, êste dia.
Mimoira tão descuidada,
sintido, quem vui levô?
Acabai já d'acordar,
alma tão adormecida.
As pédras, com sentimento,
se convertêrum em chorar.
Todo o mundo está vestido,
todo o mundo, de tristeza.
De luto se cobre o ceu
e trême toda a redondeza.
O sol ao longe s'incerra;
o dia em noite se faz.
Chórum nui anjos, a par,
a morte do sê Sinhor,
o fim de todo o sê bem
e o mal do sê Criadôr.
Nós tambem aqui choramos,
choramos ao pé da Cruz,
âi dôri do Redentor,
a morte do bom Jasus.
Todo o mundo está de luto;
morrê o filho do Aderno,
que mandou o sê Cordeiro
p'ra salvar o Arrăiel.
— Aonde vás, ó Cordeiro?
— Onde o mê Pai se contenta.
Já lá 'stá o Eleito.
Vai à morte e á paixão;
mas tem da morte a vitoira.

Já o devino Arsalão
'stá na Crui dependurado,
pés e mãos; e coração
pelo meio, atravessado;
ca boca cheia de fel
e de sâĩngue coalhado;
c'âi veias tôdăi vasias,
entre ladrões, condenado.
Ê trago no pensamento,
Sinhôr, a vossa sorte.
Navega a minha mimoira
p'ra vossa companhia. Àmen.

NOTAS DIALECTAIS

À publicação dos *Textos Religiosos* do *Folk-Lore Madeirense* seguir-se-hão, *Deo volente*, a do *Romanceiro* e a do *Cancioneiro* do mesmo. Trata-se de material recolhido, *in loco*, de 1912 a 1920, ao mesmo tempo que se fez a colheita do *Vocabulário*, publicado já nos fascículos 4-18 do volume 5.º da extinta revista *A Lingua Portuguêsa*, da direcção do Professor Rodrigo de Sá Nogueira.

Publicando-se êstes *Textos* em grafia que pretende traduzir a pronúncia local, há que explicar, das transformações que os fonêmas do português normal sofreram no dialecto madeirense, aquelas que se nos deparam no decurso dêste trabalho, para sua mais fácil compreensão. Eis a razão destas notas.

1. O fonêma que mais profundamente se alterou na linguagem popular madeirense é o **s** (quer medial, quer final) com valor de palatal (**j** ou **x**).

Êsse **s**, quando pronunciado imediatamente antes de consoante que não seja bilabial forte ou gutural forte, transforma-se sempre em **i**. Por ex.: *ui dias* (= os dias; *âi măis* (= as mãis), *răigar* (= rasgar), etc. Já o mesmo não sucede, quando o referido fonêma se liga imediatamente a uma das consoantes **c** e **p** ou a vogal que se lhe siga. Assim, no dialecto madeirense, nunca se diz: *ui pratos*, mas sim *os pratos; âi casas*, mas *as casas; âi aves*, mas *as aves*, como no português normal.

Por isso, as palavras: *acábăi, âi, alembrávăi, álmăi, ármăi, augăi, ázăi, bemdítăi, cadeirăi, cantăi, costélăi, crui, cui,*

culpăi, dâi, desejăi, devêmui, dui, estăi, freirăi, graçăi, horăi, iăi, Jasui, lui, mãoi, montânhăi, muntăi, noi, nŭăi, palávrăi, palhínhăi, pei, pôi, pórtăi, profétăi, răigar, saloiăi, santăi. sopinhăi, soi, súăi, tôdăi, ui, vóssăi, vui, que se leem no decurso dêste texto, correspondem, respectivamente, a: *acabas, as, alembravas, almas, armas, aguas, azas, bemditas, cadeiras, cantas, costelas, cruz, co'os, culpas, das, desejas, devemos, dos, estas, feiras, graças, horas, ias, Jesus, luz, mãos, montanhas, muntas, nós, nŭas, palavras, palhinhas, pés, pôs, portas, profetas, rasgar, saloias. santas, sopinhas, sós, suas, todas, os, vossas, vos.*

2. O referido fonêma **s** (seguido de bilabial forte ou de gutural forte) se é já precedido de **i**, funde-se nêle, o que é o mesmo que dizer que cai. Por ex.: *cáli bento* (=calix bento).

Por isso, as palavras: *cáli, depôi, ei, fi, mai, narí, rei, sôi, tẽi* correspondem a *calix, depois, eis, fiz, mais, nariz, reis, sois, tẽis* (= tens).

3. Em virtude de, na pronúncia corrente do português, o dígrafo *es* (quer medial, quer final), ter o valor fonético do *s* palatal (*altarx* = altares; *dessx* = desses; *pastôrj* = pastores; *jmola* = esmola; *djgrácia* = desgraça, etc.), êsse dígrafo **es**, quando precedido de consoante que não seja bilabial forte ou gutural forte, transforma-se em **i**.

Eis porque os vocábulos dialectais: *altári, dêssi, dêsti, desti, Di, digrácia, êssi, mi, pádri, pastôri, prometêsti, sábi, si, ti, têndi, tri*, correspondem, no português, a: *altares, desses, dêstes, destes, Dês* (=Deus), *desgraça, êsses, mês* (=meus), *padres, pastores, prometestes, sabes, sês* (=seus), *tês* (= teus), *tendes, três.*

A evolução fonética, nestes casos, fixa-se na seguinte escala: *es* → *s* → *i*.

4. Porque no falar de grande parte das populações do sul e do leste da Ilha, o **o** final das palavras se transformam em **e** mudo, o grupo **-os** final das palavras do português normal transforma-se, nêsse falar, em **i**. Por ex.: *ui sânti do ceu* (= os santos do ceu).

Por isso os vocábulos: *divíni, gádi, nóssi, óvi, ólhi, sânti, vâmi, peri-môri, pósti*, correspondem a: *divinos, gados, nossos, ovos, olhos, santos, vamos, peros-mouros, postos.*

A evolução fonética, nestes casos, fixa-se na seguinte escala: *os* → *es* → *s* → *i*.

5. A transformação do **s** final em **i** faz que o grupo **-os**, nas populações em que êle não evolucione em **-i**, se trans-

forme ora em **ui** era em **ú** francês, pronunciado em quantidade breve e sempre que se lhe siga, imediatamente, consoante que não seja bilabial forte ou gutural forte. Êsse **u**, grafámo-lo, sobrepondo-lhe um traço horizontal: ū. Por ex.: *nū ceus* (= nos ceus).

Dêste modo, os vocábulos dialectais *braçū* (pág. 55), *cançadū* (pág. 40), *ceadinhū* (pág. 18), *corramū* (pág. 46), *nū* (págs. 11, 28, 52), *ólhū* (págs. 19, 22), *pobrezinhū* (pág. 51) *ū* (págs. 22, 52), *vóssū* (pág. 55) correspodem a: *braços, cançados, ceadinhos, corramos, nos, olhos, pobrezinhos, os, vossos.*

6. Podem parecer excepção à regra estabelecida e exemplificada no n.º 1, as formas: *ăis almas* (= as almas), *uis anjes* (= os anjos), *diăis antes* (= dias antes), por aparecer o iota na formação dos plurais *ăis, uis, diăis* antes de palavras que começam por vogal. Mas não é. A presença do *s* nêsses plurais desfaz suficientemente a objecção.

O *iota*, em tais casos, é produto da acção do **z**, pois aparece-nos também nos seguintes exemplos: *lúiz acêsa* (= luz acêsa), *condúiz o hôme* (=conduz o homem), *dois aizes* (= dois azes), *rapaizes* (= rapazes), *caiso* e *cásio* (= caso), *q'aiz* (= quaze). etc.

7. Nos polissílabos referidos no n.º 1 adoptou-se o sinal **ă**, apenas para significar que não há que acentuar a sílaba final **ai** ou que abrir o **a** da síliba **ai** quando esta é medial, como em *răigar*. Em ambos os casos, o **a** fica com o mesmo valor sónico que teria nos respectivos vocábulos em que, em vez do **i** dialetal, aparecesse o **s** do português normal.

8. O som de *an* aparece ampliado com um iota, em *sâingui* (= sangue), como em *tâinqui* (= tanque).

9. No *madeirense* evitam-se as esdrúxulas, como, aliás, no geral dos dialectos continentais. Donde: *hosta* por hóstia; *Amerca* por América; *rumedo* por remédio, etc.

10. O **ô** medial, quando tónico, dá **âu**; donde *bâua* (= boa), *Lesbâua* (= Lisboa).

11. O *ou* final deu: ora **úa**, ora **úà**. Daí, os vocábulos seguintes que se encontram nos textos: *acabua, ajualhua, andua, arrancua, começua, depenicua, derramua, esperimentua, fravicua, jurua, tornua.*

Nalgumas povoações do sul, êste fonêma **-ou** tem uma evolução um pouco diferente; mas, como não está representada nestes textos, não interessa fazer referência especial.

12. O **r** final, antes de palavra que comece por consoante, cai, como sucede em muitos outros dialectos do português. Por ex.: *flô de* (= flôr de).

13. A haplologia verifica-se no *madeirense*, como no geral dos falares portugueses. Assim, em vez de *arrepende-te*, aparece-nos a forma *arrepen-te;* em vez de *mêdo dum*, *mêd'um;* em vez de *bubida* (= bebida), *buída*.

14. Nalgumas povoações do norte da Ilha, e na de Serra d'Agua, o **é** aberto, quando final e pertencente a sílaba tónica, transforma-se em ditongo: ora em **ia**, ora em **éa**: donde as formas: *Josia*, *auga-pia*, *Nazaria*, *caféa*, *péa*.

15. O **-ão** ou **-am** átono da 3.ª p. do plural dos tempos verbais contrai-se em **o** atono (= u). Ex.: *aquècio* (= aquèciam), *bóto* (= botam), *busco* (= buscam), *derramo* (= derramam), *ío* (= iam), *viu* (= viam), *olho* (= olham), etc., — fenómeno que se regista também em falares do continente, como nos de Baião, Cinfãis, Santo Tirso, Penamacôr, Póvoa de Varzim. Por vezes, porém, e especialmente no dizer os versos, o **u** final é nasalado como em *ólhum* (= ólho ← olham), *derrâmum* (= derramo ← derramam), etc.

Quando o final das formas verbais é em *-em*, êste **e** nasal, no discurso, isto é, na ligação das palavras, toma a forma de *im*. Por ex.: *pártim* (= partem), *déssim* (= dessem), *acábim* (= acabem).

16. O ditongo **ei**, quando faz parte de sílaba tónica final, dá *â*, com o desaparecimento do iota. Assim: *crâs* (= quereis), *sâs* (— seis), *fazâs* (= fazeis), *pudâs* (= podeis), *verâs* (= vereis). Redução de ditongo verifica-se também na evolução de **ai** em **a**, quando conste de sílaba final tónica: *pais* (= pás), excepto se se lhe segue palavra que comece por consoante que não seja bilabial forte ou gutural forte. Então predomina o princípio enunciado no n.º 2 destas notas.

O ditongo **eu** dá **ê** antes de consoante.

17. É de notar a *etimologia popular* de que resultou a expressão *da Marsina*, na poesia narrativa *O Padre*, secção I do capítulo II, pág. 17. É a decomposição da palavra *damasceno*.

A expressão *campo damascêno* foi também empregue por Camões, nos *Lusiadas* canto III, oitava IX, verso 10.º.

Trantando-se de palavra completamente desusada, e cunfundindo-se a primeira sílaba com a fusão da proposição *de* e do artigo *a*, o povo fàcilmente chegou à criação do subs-

tantivo *Marsina*. Femininizou o resto da palavra — *mascêno*, julgando-o palavra autónoma e pondo-o em concordância de género com o suposto artigo *a*, que o antecedia. O grupo -*sc*- → *c*, sibilante, como sucede em *nacêr* (= nascer), *decêr* (= descer), etc. Uma vez transformado *damascêno* em *da Macêna*, a analogia com outras palavras de uso mais comum fez aparecer as formas *Marsina*, *macela* e *marcela*.

18. Embora não tenha ainda idéias definitivas quanto às condições em que o som *lh* se despalataliza e aquelas em que o *l* dental se palataliza neste dialecto, verifica-se que o *l* dental palataliza-se sob a influência da semi-vogal *i*, ex.: *grilho* (= grilo), *quilho* (= quilo) — o que, de resto, é normal; e que o *lh* tende a despalatizar-se quando se não nota a presença da referida semi-vogal, como em *dál* (= da-lhe), *chêgăl* (= chega-lhe), *l' jarua* (= lhe gerou), etc., — o que também normal é.

Na sua *Esquisse d'une Dialectologie Portugaise*, o saüdoso Mestre Doutor Leite de Vasconcelos (pág. 156) diz: *Dans toute l'île de Madère, il y a un* lh *spécial, qui donne l'impression que les mots qui, en portugais contiennent une* l, *ont le son de* lh, *et que les mots qui en portugais, contiennent un* lh *ont le son de* l.

O ilustre professor conhecêra o falar madeirense apenas do contacto dalguns insulares eruditos, pelo que as suas referências, neste particular, merecem reserva.

19. As rezas n.º XI, pág. 13, e XVI, pág. 17, são autênticas corrutelas de orações latinas que, decoradas, o povo foi transformando, ao seu sabor, até as fixar nas formas que agora se registam, não por oferecerem interêsse filológico, mas oferecerem certa curiosidade. O mesmo sucedeu aos dois últimos versos da reza XVII (pág. 17), *A Santa Tereza*.

Lisboa, Maio de 1941.

EDUARDO ANTONINO PESTANA.

ACÊRCA DE ALGUNS VERSOS DE «OS LUSÍADAS»

Lê-se na 1.ª edição de *Os Lusíadas:*

Tambem mouem da guerra as negras furias,
A gente Bizcainha, que careçe
De polidas razões, & que as injurias
Muito mal dos estranhos compadeçe:
(IV, 11) (1)

versos reproduzidos assim, na minha edição do poema (2):

Também movem da guerra as negras fúrias
A gente biscaínha, que carece
De polidas razões, e que as injúrias
Muito mal dos estranhos compadece.

A) A gente biscaínha, que carece de polidas razões...

Razões, aqui, vale tanto como *palavras*.

No *D. Quixote* é freqüente o emprêgo de *razones*, como sinónimo de *palabras*. Alguns exemplos:

«Si gustáis, señores, que os diga en *breves razones* la inmensidad de mis desventuras,» Parte I, cap. XXIV.

«Más gracias habéis dicho vos, amigo, en *cuatro razones* que *habéis hablado*, que el otro Sancho Panza en cuantas yo le oí *hablar*, que fueron muchas:» Parte II, cap. LXXII.

«El primer cura dió al segundo en *dos razones* cuenta de quién era Don Quijote» Parte I, cap. LII.

«¿Con qué *palabras* contaré esta tan espantosa hazaña, ó con qué *razones* la haré creible á los siglos venideros!» Parte II, cap. XVII.

---

(1) Reimpressão «fac-similada» da verdadeira 1.ª edição dos *Lusíadas*, de 1572. Biblioteca Nacional, 1921.

(2) *Os Lusíadas de Luís de Camões*. Edição organizada por Cláudio Basto. 2.ª ed. revista e aumentada, Pôrto (Marânus) 1935.

«Al que has de castigar con obras, no trates mal con *palabras*, pues le basta al desdichado la pena del suplicio, sin la añadidura de las malas *razones*». Parte II, cap. XLII.

Também é freqüente, no *D. Quixote*, o emparelhamento sinonímico *palabras y razones* (Parte, I, caps. XLI, XLII, L...; Parte II, caps. XXIV, LIII...), a par com *voces y palabras* (P. II, c. XXI), *razones y pláticas* (P. II, c. LVIII), *razones y coloquios* (P. II, c. XXVI), *razones y preguntas* (P. II, c. XXIX...)

Em *El Alcalde de Zalamea*, de Calderón de la Barca, lêem-se estes versos, para o lance curiosos:

ISABEL.............................
.... tu voz, que me seguia,
Me dejó; porque ya el viento,
A quien tus acentos fias,
Con la distancia, por puntos
Adelgazándose iba;
De suerte, que las que eran
Antes *razones* distintas,
No eran *voces*, sino ruido;
Luégo, en el viento esparcidas,
No eran voces, sino ecos
De unas confusas noticias;
Como aquel que oye un clarin,
Que cuando dél se retira,
Le queda por mucho rato,
Si no el ruido, la noticia (1).

Na *Floresta de Enganos*, de Gil Vicente, encontra-se:

Las obras son los amores,
Y no las buenas razones,

o que não passa de frase proverbial: *Obras son amores, que no buenas razones*, «ref[rán]. que recomienda confirmar con hechos las buenas palabras, porque ellas solas no acreditan

(1) *El Alcalde de Zalamea*, jornada III, cena II. Sirvo-me da *Biblioteca Universal — Colección de los mejores Autores*... Tômo XXIV, 3.ª ed., Madrid, 1881, p. 99.

el cariño y buena voluntad» — como explica o Dicionário da Academia Espanhola (1).

Vejamos exemplos em prosa portuguesa, e seja ela da *Crónica de D. Fernando*, de Fernão Lopes.

O cap. CXXXVIII intitula-se «Das *razoões* que Nunallvarez disse aos seus, por os esforçar que pellejassem...» (2), e nesse mesmo capítulo se lê:

«Estas e outras boas *razoões* que Nuno Alvarez disse aos seus, por os esforçar.... mas suas doçes *palavras* mesturadas com asperos braados» (3).

O cap. CXL intitula-se «Como Vaasco Gomez Daavreu fallou aa Rainha, e das *razoões* que ambos ouverom» (4), e o capítulo seguinte começa desta maneira:

«A Rainha depois que ouve estas *pallavras* com Vaasco Gomez...» (5).

Ainda um exemplo, do *Palmeirim:*

«Maior detença, disse Pimalião, seria querer responder-te do que essas *palavras* merecem.... Mas Pandaro, que tambem não queria gastar o tempo em *razões*», I, p. 61 (6).

Travar-se de razões é travar-se de palavras, — «trabarse de palabras», em espanhol (7).

«muchas veces he leído que se *traban palabras* entre dos andantes caballeros, y de una en otra se les viene á encender la cólera...» *D. Quixote*, Parte I, cap. XIII.

No Dic. de Morais, «*ter razões com alguém*, disputar, ter palavras» (8). *Tener palabras*, em espanhol, também é «decirse dos o más personas palabras desagradables» (9), isto é: *trabarse de palabras.*

---

(1) *Diccionario de la Lengua Española*, da Academia Espanhola, 15.ª ed., Madrid, 1925, s. v. *obra.*

(2) Ed. de Barcelos, 1935. Vol. II, p. 121.

(3) Ed. cit., vol. II, p. 122.

(4) *Ibid.*, p. 127.

(5) *Ibid.*, p. 129.

(6) *Obras de Francisco de Morais*, Lisboa, 1852.

(7) Vid. Dic. da Academia Esp., cit., s. v. *palabra.*

(8) 3.ª ed., s. v. *razão.*

(9) Dic. da Academ. Esp., s. v. *palabra.*

Razões—diz Morais (1)—são «as palavras, com que exprimimos os raciocínios, ou conceitos», e, por outro lado, note-se que *palavra* (como *verbo*, seu sinónimo) já designou até, em português, «provérbio» (2), e *palabra*, em espanhol, foi já também «dicho, razón, sentencia...» (3).

Enfim, *razões* e *palavras* equivaliam-se, muitas vezes, — como fica mais que provado.

Nos mesmos *Lusíadas*, se lê ainda:

Com mercês sumptuosas me agradece
E com razões me louva esta vontade

(IV, 81).

De modo que *a gente biscaínha* — declara o Poeta — *carece de polidas razões*: carece de palavras polidas, de linguagem polida; *a sua linguagem não é polida.*

*

O Sr. Dr. José Maria Rodrigues, para esclarecimento do passo camoniano de que estou tratando, lembra outro do *D. Quixote.* (4). Vou reproduzir êste passo, a que porei sublinhados:

«Todo esto, que Don Quijote decía, escuchaba un escudero de los que el coche acompañaban, que era vizcaíno; el cual, viendo que no quería dejar pasar el coche adelante, sino que decía que luego había de dar la vuelta al Toboso, se fué para Don Quijote, y asiéndole de la lanza, le dijo *en mala lengua castellana y peor viscaína* desta manera: «*Anda, caballero, que mal andes: ¡por el Dios que crióme, que si no dejas coche, así te matas como estás ahí vizcaíno!*»

---

(1) Dic., s. v. *razão.*

(2) Cf. Júlio Moreira, «Designações de provérbios», in *Rev. Lusit.*, X, p. 321.

(3) Dic. da Academia Esp., s. v. *palabra.*

(4) In *Pontos de contacto entre a linguagem do «D. Quixote» e a de «Os Lusíadas»*. Separata de «O Terceiro Jubileu da Academia das Sciências de Lisboa», Coimbra, 1931, pp. 45-46.

«Entendióle muy bien Don Quijote, y con mucho sosiego le respondió: «Si fueras caballero, como no lo eres, ya yo hubiera castigado tu sandez y atrevimiento, cautiva criatura».

«A lo cual replicó el vizcaíno: «*¡Yo no caballero! Juro á Dios, tan mientes como cristiano. Si lanza arrojas y espada sacas, el agua cuán presto verás que al gato llevas. Vizcaíno por tierra, hidalgo por mar, hidalgo por el diablo, y mientes que mira si otra dices cosa*».

«—Ahora lo veredes, dijo Agrajes», respondió Don Quijote;...

«La demás gente quisiera ponerlos en paz; mas no pudo, porque decía el vizcaíno *en sus mal trabadas razones*, que si no le dejaban acabar su batalla, que él mismo había de matar a sua ama e a toda la gente que se lo estorbase» (1).

E eis agora o comentário do Sr. Dr. José Maria Rodrigues ao passo transcrito (2):

«na luta entre D. Quixote e o arrogante e «cauto» biscaínho parece ter havido da parte de Cervantes o intuito de esclarecer o passo de Camões.

«¿Que são as «polidas razões» de que carece a gente biscaínha? Diz-no-lo Cervantes nestas palavras, que contribuem ao mesmo tempo para elucidar o final do lugar citado: «La demás gente quisiera ponerlos en paz; mas no pudo, porque decía el vizcaíno en sus mal trabadas razones que si no le dejaban acabar su batalla, que él mismo había de matar a su ama y a toda la gente que se lo estorbase» (1.ª p., c. 8...).

....

«O epíteto «mal trabadas» encontra a sua explicação nestes dizeres: «(El escudero vizcaíno) se fué para Don Quijote, y, asiéndole de la lanza, le dijo en mala lengua castellana y peor vizcaína, desta manera: Anda caballero, que mal andes; por el Diós que crióme que si no dejas coche, asi te matas como estás ahi vizcaíno».

Não me parece que haja paridade.

Camões diz que *a gente biscaínha carece de palavras polidas, de linguagem polida*, e, no *D. Quixote*, Cervantes salienta

(1) *D. Quixote*, Parte I, cap. VIII.
(2) *Obr. cit.*, pp. 45-46.

apenas a maneira como *os biscaínhos falam o castelhano*. O biscaínho, no *D. Quixote*, fala em *mala lengua castellana y peor vizcaína; sus razones* (palavras, linguagem) são *mal trabadas* (mal ligadas, mal concordadas), ao querer *exprimir-se em castelhano*.

O caso está mais bem realçado no sainete *Las provincias españolas unidas por el placer*, de Ramón de la Cruz [1]. Aí aparece Inácia, «de vizcaína», que também quere falar castelhano:

«Salen Ignacia de vizcaína, y otras dos o tres parejas en igual traje mui alegres, al ayre del tambor grande y flautillas.

IGNACIA. Madrid, placeres vizcayas
enorabuenas queremos
darte, porque reyes entras
y principes juras bellos
de don Fernandos Asturias
años que vibas eternos.
Parece que carricadanzos
bailen a sus nietos, nietos
de vizcayons, amén
por los siglos venideros.
PEPA. Oyes, ¿qué lenguage es éste,
Marica, que no le entiendo?
MARICA. Yo tampoco.
PRISCA. Basta que
se entiendan ellos con ellos.
GARRIDO. Si usted gusta de vailar...
IGNACIA. Ignacias no bailamos. Estos
tambores con flautas bailan
unos de los bailes nuestros
domingos de guardar fiestas,
y otras quando casamientos
ay de mugeres con hombres» [2].

Vizcainada se diz das «palabras o expresiones mal concertadas»; *a la vizcaína* significa «al modo que hablan o

(1) Publicado in *Revue Hispanique*, tômo LXXVI (1929), pp. 517 e segs. Artigo «Más sainetes inéditos de Don Ramón de la Cruz», por C. E. Kany. O sainete *Las provincias españolas unidas por el placer* estreou-se em 1789.

(2) *Revue Hispanique*, LXXVI, pp. 524-525.

escriben el español los vizcaínos, cuando faltan a las regras gramaticales» (1).

É proverbial o reparo quanto a não falarem os biscaínhos o espanhol com gramática. O mesmo acontece, para o francês, aos vascos da França, e, pior ainda, aos vascos de Espanha. É bem conhecido o provérbio *parler français comme une vache espagnole*, — no qual *une vache espagnole* está por *un basque espagnol* (2)

Anotando o passo do *D. Quixote*, confirma Unamuno, que era biscaínho (3);

«...el vizcaíno, que le [a D. Quixote] habló en *mala lengua castellana y peor vizcaina*, lo cual es muy cierto, pues cabe dudar que D. Sancho de Azpeitia [isto é: o biscaínho] hablase puntualmente como Cervantes le hace hablar. Con frecuencia se cita las palabras de D. Sancho de Azpeitia no más que para hacer chacota, aunque respetuosa y cariñosa á las veces, del modo de hablar de nosotros los vizcaínos. Cierto es que hemos tardade en aprender la lengua de Don Quijote y tardaremos aun en llegar á manejarla á nuestra guisa, mas ahora que empezamos á dar en ella nuestro espíritu, que fué hasta ahora casi mudo, habeis de oir.... Pudo decir Tirso de Molina aquello de

Vizcaino es el hierro que os encargo,
Corto en palabras, pero en obras largo;

mas habrá que oirnos cuando alarguemos nuestras palabras á la medida de nuestras largas obras» (4).

---

(1) Dic. da Academia Esp., s. vv. *vizcainada* e *vizcaíno*.

(2) Nem todos são desta opinião. No *Blason populaire de la France*, de H. Gaidoz e P. Sébillot, aventa-se que o provérbio será *parler français comme une vache espagnol*, isto é: «comme une vache parle espagnol» (Paris, 1884, ed. completa, p. 29). Não é crível. *Vache* substituïria *vace*, nome que davam aos vascos, tanto franceses como espanhóis. (Cf. L. Martel, *Petit Recueil des Proverbes français*, 10.ª ed., Paris, s. d., p. 66).

(3) Miguel de Unamuno (1864-1936), nasceu em Bilbau; o pai e a mãe eram vascos.

(4) *Vida de D. Quijote y Sancho según Miguel de Cervantes Saavedra — explicada y comentada* por Miguel de Unamuno, Madrid, 1905, pp. 58-59.

Em conclusão: Os passos do *D. Quixote* e de *Os Lusíadas* não são concordantes. No *D. Quixote*, dá-se relêvo à incorrecção com que os biscaínhos falam o castelhano, isto é: ao seu falar mal *acastelhanado*, que não é, ao cabo, nem castelhano nem biscaínho — *mala lengua castellana y peor vizcaína* —, sem concordância, sem ordenação, «mal concertado», «mal trabado», — cabendo «dudar (como diz muito bem Unamuno) que D. Sancho de Aspeitia hablara puntualmente como Cervantes le hace hablar». Camões, por sua vez, acentua que os biscaínhos *carecem de linguagem polida*, considerando, a meu ver, a *própria linguagem biscaínha*, e não a linguagem dos biscaínhos *quando pretendem falar castelhano*. A linguagem *biscaínha* é que *não é polida*.

*

O *biscainho* é um dos principais dialectos da língua vasca. O Príncipe Luís-Luciano Bonaparte considera, no vasconço, oito dialectos e vinte e cinco sub-dialectos. Em Espanha, os dialectos mais importantes são o guipuscoano, e o biscaínho, que se fala em grande parte da Biscaia.

Tem sido muito discutida a origem do vasconço e dos vascos, habitantes de três antigas províncias de França (Labourd, Basse-Navarre, e Soule, — o chamado «Pays-Basque») e de quatro províncias de Espanha (Guipúscoa, Biscaia, Álava — que constituem as «Províncias Viscongadas» — e mais Navarra (1).

Para Meyer-Lübke, o vasconço chegaria: pelo O., a Bilbau; pelo S., a Estella; pelo E., ao Pic d'Anie; e, na França, os limites seriam os rios Adour e Nivelle (2). A extensão do vasconço é bastante mais reduzida, não se falando essa língua em Bilbau, nem em Estella, — anota Américo Castro (3).

---

(1) Cf. Georges de Kolovrat, *Qu'est-ce que la Langue Basque?*, 2.ª ed., Paris, 1930, pp. 3-4, onde vem condensado o que há sôbre origem dos vascos. — Teófilo Braga refere-se ao assunto in *O Positivismo*, II, 1879, pp. 26-27, e Introdução do *Parnaso Portuguez Moderno*, Lisboa, 1877.

(2) W. Meyer-Lübke, *Einführung in das Studium der romanischen Sprachwissenschaft*, 3.ª ed., Heidelbergue, 1920, p. 12.

(3) *Introducción a la lingüística románica* [de Meyer-Lübke], «versión de la tercera edición alemana, con notas y adiciones por Américo Castro, Madrid, 1926, p. 36, nota 1.

O que, presentemente, nos importa saber é que a terra vasca não foi romanizada, e que o vasconço, por isso, não desapareceu, como desapareceram outras línguas primitivas de territórios que os Romanos ocuparam e absorveram. «Al Oeste de Huesca, antiguo centro de romanización, está el país que, en parte, nunca fué romanizado: la Vasconia y territorios vecinos, donde todavía hoy se hablan restos de lenguas prerromanas», resume D. Ramón Menéndez Pidal, em *El Idioma español en sus primeros tiempos* (1).

A língua vasca, única representante das línguas peninsulares pre-romanas, é, pois, de estrutura absolutamente distinta das mais. «Bien que la langue basque possède, à plusieurs égards, une simplicité, une logique et une régularité étonnantes — diz G. de Kolovrat —, l'étude de cette langue offre bien des difficultés aux étrangers. Car le lexique en est absolument différent de celui des principaux idiomes de l'Europe (sauf, bien entendu, pour les mots d'emprunt), alors que la grammaire, avec ses nombreux cas, ses formes pronominales se fondant avec le verbe, sa numération vigésimale et son caractère polysynthétique et presque artificiel est d'une complication extrême de nature à effaroucher ceux qui se mettent à étudier le basque» (2).

«Par sa structure de langue «orientale» ou américaine, son polysynthétisme et sa syntaxe à rebours, le basque constitue, dans l'extrême occident de l'Europe, un petit îlot entouré de langues de caractère opposé» (3).

Reconhece-se como o vasco sempre havia de parecer, como parece, língua estranha, anormal, impenetrável.

Vasconço toma-se entre nós, em sentido figurado, como linguagem incompreensível, — «linguagem embaraçada, irregular, ininteligível» (Morais) (4). Também na Espanha, *vascuence* é, em sentido figurado, «lo que está tan confuso y oscuro que no se puede entender» (Academia) (5). Aqui, fun-

---

(1) Madrid, 1927, p. 110.

(2) G. Kolovrat, *obra cit.*, p. 4. — Ao vasconço, refere-se o Sr. Dr. J. Leite de Vasconcelos nos *Ensaios Ethnographicos*, III, pp. 65-66, e nas *Lições de Filologia*, 2.ª ed., p. 196. Também a êle se refere D. Carolina Michaëlis em as *Notas Vicentinas*, IV, p. 412. Etc.

(3) *Ibidem*, p. 39.

(4) *Dicionário*, s. v. *vasconço*.

(5) Dicionário da Academia Esp., s. v. *vascuence*.

dem-se, naturalmente, a incompreensão da língua e a incompreensão da linguagem que os vascos empregam quando pretendem exprimir-se em lingua alheia.

Ora, é à língua vasconça que, em meu entender, Camões chama «não polida».

Cervantes, fazendo falar D. Sancho de Aspéitia em mau castelhano, salienta a pitoresca dificuldade que os biscaínhos sentem *em exprimir-se no castelhano*. Camões não especializa êsse facto; declara que *a gente biscaínha* **carece** *de linguagem polida*.

Ainda se podia admitir que, na mente de Camões, a «linguagem não polida» abrangesse a própria língua dos biscaínhos e o falar dêles quando pretendem exprimir-se noutra língua. O que não é admissível, de maneira nenhuma, é que o nosso Poeta, escrevendo *a gente biscaínha carece de razões polidas*, quisesse referir-se, e exclusivamente, ao modo de os biscaínhos falarem o castelhano (ou até outra língua que não a sua), — como sucede no *D. Quixote*.

O Poeta visa a linguagem dos biscaínhos, a sua linguagem própria, característica, — linguagem que não considera *polida*, por ela se afastar, em tudo, das outras línguas, flexivas, que são cultas, civilizadas, *polidas*, bem compostas.

....
O cabo se descobre com que a costa
Africana, que do Austro vem correndo,
Limite faz, Arómata chamado.
Arómata, outro tempo; que, volvendo
A roda, a *ruda língua mal composta*
Dos próprios outro nome lhe tem dado.

Camões, *Canções* (1).

A «língua *não polida*» corresponde à «*ruda língua mal composta*» desta Canção.

Polícia chamavam os vélhos escritores ao que modernamente se intitula *civilização*. *Polido* é «com polícia», adiantado, culto, *civilizado*; opõe-se a *bárbaro, selvagem, rude*...

---

(1) *Lírica de Camões*, ed. crítica pelo Dr. José Maria Rodrigues e Afonso Lopes Vieira, Coimbra, 1932, p. 350.

O trecho seguinte deixa bem comprovada a significação que *polido* teve outrora:

...algũs [«bárbaros» do Brasil] sam muy féros, principalmente aos q̃ chamam Tapuyas, & Aymurés, os quaes andavam pelos matos, & charnecas, sem ter cidades, nẽ villas, nẽ aldeas, vivendo apartados huns dos outros, em choupanas, que muitas vezes mudavam, como antigamẽte os Scythas, & Nomados; nam sabiam que cousa era comercio com outra gente, *alhéos de toda a policia*, mais toscos, & mais brutos que as brutas montanhas em que se criavam, de maneira que á sua vista ficavam muy *polidos* aquelles Faunos habitadores da antiga Italia, nacidos dos troncos dos Carvalhos, que Saturno veyo do cêo a domesticar, conforme historiavam os Romanos (1).

«Nam houve (como diziamos) no antigo Latio, Faunos mais sylvestres, achados ao pé das moutas, a quem Saturno veyo domesticar: nem houve Satyros mais agrestes, nem Sylvanos mais rústicos, criados nas montanhas da Arcadia, tam celebrados entre os Gregos, & tam cantados entre os antigos poetas, que barbarizassem tam brutalmente como estes Indios, criados nos matos, & charnécas do Brasil...» (2).

*

B) A gente biscaínha.... que as injúrias muito mal dos estranhos compadece.

Nota Camões, desta maneira, a proverbial independência e brio, o pundonor melindroso e arrebatado, dos biscaínhos.

Reatemos o comentário do biscaínho Miguel de Unamuno ao mencionado passo de Cervantes, relativo à luta entre D. Quixote e D. Sancho de Aspéitia (3):

«Pudo decir Tirso de Molina aquello de

Vizcaino es el hierro que os encargo,
Corto en palabras, pero en obras largo;

(1) *Chronica da Companhia de Iesv na Provincia de Portugal....* pelo P. M. Balthazar Tellez, Lisboa, 1645, I Parte, Liv. III, cap. I, p. 433.

(2) *Ibidem*, p. 445.

(3) *D. Quixote*, Parte I, cap. VIII.

mas habrá que oirnos cuando alarguemos nuestras palabras á la medida de nuestras largas obras.

«Don Quijote, tan pronto en llamar caballero á quien se le pusiera delante, nególe al vizcaino tal cualidad, olvidando que á la gente vasca — entre los que me cuento — según Tirso de Molina

Un nieto de Noé la dió nobleza,
que su hidalguía no es de ejecutoria
ni mescla con su sangre, lengua ó traje
mosaica infamia que la suya ultraje.

«¿No conocía Don Quijote las palabras de Don Diego López de Haro, tal cual le hace hablar Tirso de Molina en la escena 1.ª del acto 2.º de *La Prudencia en la Mujer*, cuando empieza diciendo:

Cuatro bárbaros tengo por vasallos
á quien Roma jamás conquistar pudo,
que sin armas, sin muros, sin caballos
libres conservan su valor desnudo?

«¿Ni sabía aquello que había ya dicho Camões en la estrofa oncena del cuarto canto de sus *Lusíadas* de

A gente biscainha que carece
de polidas razões, e que as injurias
muito mal dos estranhos compadece?

«Por lo menos ya que *La Araucana* de Don Alonso de Ercilla y Zuñiga, caballero vizcaino, era uno de los libros que se hallaban en su librería, y de los respetados en el escrutinio, tuvo que haber leido aquello de su canto XXVII, en que habla de

la aspereza
de la antigua Vizcaya, de do es cierto
que procede y se extiende la nobleza
por todo lo que vemos descubierto.

«¿*Yo no caballero*? replicó justamente ofendido el vizcaino....» (1).

(1) Miguel de Unamuno, *Vida de D. Quijote y Sancho*, já cit., pp. 59-60.

Após estas palavras — comprovadoras de que a gente biscaínha, manifestando-se pela bôca de Unamuno, *as injúrias muito mal dos estranhos compadece*, leiamos estoutras palavras de D. Francisco Manuel de Melo a respeito de vascos franceses, e aplicáveis aos vascos espanhóis:

«Os costumes destes Vascos ou Gascões, como de ordinario são chamados, todos parecem dignos de homens bons: guardão verdade em tratos e palavras, de que são zelosos, e amigos de que se lhes mantenha; prezão muito a liberdade, e nas paixões do animo poucas vezes se moderão...» (1).

*

Finalizando:

Camões, no passo de *Os Lusíadas* estudado, foi sàbiamente exacto. Definiu a gente biscaínha pelo que nela há *mais característico:* o seu génio e a *sua* língua.

CLÁUDIO BASTO.

---

(1) D. Francisco Manuel de Melo, *Epanáforas de Vária História Portuguesa*, 3.ª edição revista e anotada por Edgar Prestage, Coimbra, 1931, p. 201.

ETIMOLOGIAS PORTUGUESAS

Algarido «gritaria, alarido»

Es un substantivo postverbal de *algarear* («vocear o gritar»), antiguo verbo español que sin duda también ha existido en portugués, ya que el gall. *algueirar* («vocear, gritar. Amotinar. Inventar o tramar fiestas y bullicios») (1), no puede ser otra cosa que una deformación de este post-arabismo. Sabido es que de los verbos de la primera conjugación se derivan substantivos en *-ido*, cuando su significación es acústica-*bufido* (de *bufar)*, *estalido* (de *estalar)*, *ladrido* (de *ladrar)*: *grasnido* (de *grasnar)*; y lo mismo en español, lengua en la que estos derivados son más numerosos, pues el portugués prefirió en muchos casos la derivación regressiva: *berro*, *sibilo*, *estalo* (el lado de *estalido)*, etc.

En cuanto al gall. *algueirar*, tanto por no tener la forma que sería de esperar *(algarear*, o *algairar)*, como por significar también: «Decir sandeces y mentiras», se revela como cruce de *algarear* con un **argueirar*, derivado de *gargueiro*, y colateral de *argalar* «mentir», *argalleiro* «embustero», «hablador», formas igualmente gallegas, que perdieron por disimilación de *g-g*, la consonante inicial, y cuya proveniencia de *garg* «gargarizar», es evidente (Cfr. port. *argolar* «falar muito», al lado de *garganeiro* «que fala muito e á tôa» y vid. más casos de aféresis entre los representantes de *garg*, en el Rew., n.° 3685). La doble filiación de *algueirar* se mani, fiesta asímismo, en el adj. *algueireiro*, que depende de *algarear* en el sentido de «alborotador, bullicioso», y del supuesto *argueirar*, en el de «hablador, embustero»; pero la tradición de *algarear*, prevalece sin competencia en el derivado *algueireo* «confusión. Griterío. Algarada. Alboroto. Bullicio».

Trasm. **Canamão**

Un falso análisis de esta palabra (en la que la presencia de *mão*, es sólo aparente), ha llevado a descomponerla en

(1) Carré Alvarellos, *Diccionario Galego-Castelán*. (Todas las voces gallegas que menciono en esta nota etimológica, están tomadas también de este *Diccionario)*.

cana-mão; falso análisis que encuentra una doble consagración en el *Novo Dicionário*, de Figueiredo, ya que este lexicógrafo no sólo acepta la etimología *cana-mão*, sino que interpreta también el objeto con arreglo a este prejuicio, diciendo que es un «pau, a que se apoiam os que andam a trilhar cereaes na eira»; como si fuese un palo cualquiera que los trilladores llevasen a guisa de bordón, cuando es una pequeña estaca, espetada en la parte anterior del trillo, que sirve para unir éste al timón, el cual tiene en su extremo posterior un orificio en el que entra esta pieza. Claro es, que el trillador podrá cogerse a este espigón siempre que quiera; pero esta es una utilización accidental, como lo demuestra el que en algunas partes se desconozca el «canamão», empleándose en su lugar un gancho de hierro. En cuanto a la etimología, *canamão*, en ecuación con el berc. *cañamón* «rastrojo o caña de los cereales» (1), y el port. *canamões* («pulsos grossos, fortes»), postula un derivado del lat, *cannabis*, con el sentido de «raigambre», «tocón» (2). El «canamão», a causa de su sólido empotramiento en el cabezal del trillo, y de la escasa altura que se le da en algunas regiones, se presta, efectivamente, a ser comparado con un pequeño tocón.

Coucelo, gall. **Coucelo, Couselo** *(Cotyledon Umbilicus* L.)

La etimologia *concha*, que Carolina Michaelis atribuye a *coucelo*, al identificarlo con *conchelo* (3), es inadmisible. El origen de *coucelo* está en un lat. **calicellum*, diminutivo de *calice* (Cfr. *vascellum* «vasito»). En la provincia de Salamanca se llama esta planta *basilios* (4), nombre que confirma la etimo-

(1) García Rey, *Vocabulario del Bierzo.*

(2) Los pulsos son a la mano, lo que la cepa a la planta. Cfr. alem. *Handwurzel*, literalmente, «raíz de la mano», y comp. esp. *muñecas* «pulsos», port. *munhecas* «id.», del mismo origen que *muñón* «parte de un miembro cortado que permanece adherido al cuerpo», sentido que también se encuentra en *tocón* (=port. *tôco).*

Como caso de derivado en *-ón*, de um nombre de planta, significando el pie de la misma, y luego el de otras, puedo citar *xaróm*, vocablo perteneciente al dialecto de San Martín de Trevejo, que figura en mis papeletas con la siguiente definición: «o pé da xara, do brejo ou das giestas, quando seca a planta».

(3) Vid. *Gloss. do Canc. da Ajuda*, s. v. *cousselha* (Vol. 23.º de esta Revista).

(4) Vid. Lamano, *El dialecto vulgar salmantino.*.

logía que establezco, ya que *basilios* no es más que uma alteración de *vasillos*, diminutivo plural de *vaso* [1]. Tanto una como otra designación son metáforas inspiradas por la hoja de esta planta, que presenta, efectivamente, la forma de un cáliz.

Desmanchar «desfazer: desarranjar: descompor: deslocar»

Claro es que *desmanchar*, nada tiene que ver con el fr. *démancher* («quitar el cabo a un instrumento»), con el que lo emparejó Adolfo Coelho, ni con el lat. *emasculare*, del que lo derivó Cortesão [2]. El origen de este verbo (que no es exclusivamente portugués, puesto que se conoció también en español antiguo), hay que buscarlo en un parasintético de *manipulus*, o *manuculus*. En vista del azor. *mancho* «aquilo que se abrange com a mão», identificado con *manuculus* por Meyer-

---

(1) La transformación de *vasillos* o *basillos*, en *basilios*, es un fenómeno de falsa corrección. La palatización de *l* ante yot ha continuado operándose, aunque esporádicamente, y de ahí los perturbadores efectos que há tenido y tiene: port. *familha (familia), tertulha (tertulia), petrólho, (petroleo)*, salm. *lludo* (esp. *leudo), Olaya* «Eulalia» (forma rediviva, no continuada del ant. *Olaya)*, también *Emillo* «Emilio», etc. Por reacción contra este vicio, se ha caído en el vicio opuesto de dar terminaciones en *-ilio, -ilia, -ulio*, etc.. a formas etimológicas en *-illo, -illa, -ulla*, etc.; tendencia, esta: de la que conozco otros dos casos en el mismo dialectalismo salmantino, *cabilio* «cabillo», y *jolio* «joyo» (Lamano, *obr. cit.*). Cfr. también esp. *enjulio (=enjullo)*, port. *gotúlio (=gotulho)*, etc.

Como el pueblo se dá cuenta de alterar a menudo las sílabas finales con la introducción de una *i*, de origen más o menos eufónico, desconfía en general de los hiatos en esta posición: y de aquí un nuevo tipo de falsa corrección, que también se relaciona con la abusiva palatización de *l* ante yot. Me refiero a formas como *petrólo, (petroleo) ólo (oleo), famila (familia)*, que ocurren en el Alentejo al lado de *pitrólho, ólho, familha* (Las registra Leite en sus *Dialectos alentejanos*, vid., el vol. 4.º de esta Revista, pág. 35). La razón psicológica de estas despalatizaciones absolutas está en haber supuesto el pueblo que ni *petrólhô*, ni *petróleo* (pronunciado *petrólio)*, eran formas correctas, induciendo de aquí un imaginario *petrólo*, etc., como si el error se hubiese desarrollado en este orden: *petrólo* > *petrólio* > *petrólho*, cuando la evolución del fenómeno ha sido: *petrólio* > *petrólho* > *petrólo*. Conviene tener siempre presente, que el pueblo también hace etimologías, como tantas veces dijo Gilliéron; y, el tipo de pseudocorrección a que acabo de aludir, es una buena prueba de ello.

(2) Ambas etimologías vienen registradas en el *Dicionario* de Nascentes.

-Lübke (Rew., N.° 5306) (1), y del port. *amanhar* «arranjar; dispor; preparar; tratar; cultivar», que también trae su origen de *manus*, no es aventurado admitir un **manchar* «arranjar; dispor; preparar», derivado de un **manuculare*, y prematuramente desaparecido por homonimia con *manchar* (ensuciar), o por lo que quiera que fuese, el cual estaría para *desmanchar*, como *amanhar*, para el montañ. *desamañar* «deshacer lo hecho» (2). En fin, *desmanchar*, también es: «tornar descomedido, dissoluto», sentido que lejos de contraindicar este origen, lo hace todavía más evidente, como se ve por el esp. *desmandar* («descomedirse»), port. *desmandar* («tornar-se dissoluto»), que no proceden de *mandare*, sino de *manus* (Cfr. Rew., N.° 5286 y 5339: esp. *desmán)*.

Enxergar (port. y gall.) «ver de longe; divisar»

Trátase de un compuesto de *sesgar* «cortar o partir en sesgo. Torcer a un lado o atravesar alguna cosa hacia un lado», verbo que trae su origen de un lat. **sesecare*, proveniente de *secare* (Rew., N.° 7878) (3). Hubo palatización de *s* inicial como en *enxàbido* (lat. *insipidus)*, y cambio en *r* de la *s* interior. Cfr. *derde* (Leite, *Opusc.*, II, 145), salm. *mirmo* (RFE., XV, 151), samart. *murgo* «musgo» (4), etc. Las *ss*, etimológicas se han mantenido en el minh. *insisgar* «cortar, riscar em sisgo, ao viêz, ao *meio sisgo*» (RL. 22.°, 20). Situado a igual distancia entre ambas formas, como para servir de

---

(1) Añádase el beir. *manchoco* «pequena porção; uma mancheia» (Figueiredo).

(2) García-Lomas, *El dialecto montañés*, y H. Alcalde del Rio, *Contribución al léxico montañés*. Este verbo se halla representado en portugués por el substantivo *desmanho* («debandada; desordem; confusão»), que postula un *desmanhar* («desbaratar; dispersar»); y, cfr. *desmanchaprazeres*, al que corresponde en español *derramasolaces:* derramar, esparcir, dispersar... Vid. también el empleo que se hace de *desmanhar* y *esmanhar*, en textos citados por Cortesão *(Subsidios)*.

(3) No está comprobada la existencia de *sesgar* en portugués, seguramente, porque la forma compuesta que aquí estudio, lo suplantó en tiempos muy lejanos. Ni Moraes, ni Figueiredo lo registran, pero sí el derivado *sesgo* (y el último, también, el minh. *sisgo):* «Oblicuo, dirigido de lado; torcido».

(4) Alterna con *mulgu*, ya consignado por el Dr. Leite de Vasconcelos, al ocuparse del cambio de *s* en *r* en este dialecto (Vid. *Português dialectal de Xalma*, § 57; estudio publicado en el vol. 31.° de esta Revista).

término de contraste, se encuentra el samart. *sergu* (1), en el que fácilmente se reconoce el adj. *sesgo*, pues se aplica a cualquier objeto mal conformado, como un banco con las patas desiguales, o un cántaro de lata que esté todo abollado, y, especialmente, al individuo que tiene un hombro más bajo que otro. Conocido el origen de *enxergar*, se comprenden sin esfuerzo las varias acepciones en que es usado, como derivadas de la idea inicial de «desviación», u «oblicuidad». En gallego, *enxergar*, además de «divisar», es: «endilgar. Dirigir un asunto malamente. Ensartar un discurso o escrito sin orden ni concierto» (Carré Alvarellos). Cfr. port. *enviesar* «pôr ao viés, de esguêlha, oblicuamente; entortar, dirigir mal», *destrambelhado* «disparatado; desorganizado; desnorteado; desordenado» (2). En el Minho, aparte del ya mencionado *insisgar*, ocurre *enxergar* «alisar (terra lavrada) com a grade voltada de costas, isto é, sem se empregarem os dentes da mesma»; porque esta labor se hace cruzando transversalmente los surcos, a semejanza de la de *estravessar* (lat. *transversare)*. De aquí que también se diga *gradar de enxerga* (Figueiredo, s. v. *enxerga)*.

Examen más atento merece el sentido visual; tanto porque la relación con la idea de «oblicuidad» es en él menos ostensible, como por ser el más idiomático (3). Es el único con que *enxergar* ha pasado a la lengua corriente, y el que consolida la unidad lusogalaica de esta voz, que gallegos y portugueses emplean en común como sinónimo de «divisar». Es indudable que *enxergar*, referido a la vista, debió ser en un principio «dirigir oblicuamente la mirada», «mirar de

---

(1) La abreviatura *samart.*, que ya empleo ante *murgu*, corresponde a *samartiñego*, o *samartinhego*, gentilicio de los naturales de San Martín de Trevejo (Cáceres: España), y nombre que adopto para designar su dialecto. Acerca de la formación de *samartinhego*, vid. el citado estudio de Leite (pág. 166 n.).

(2) Del verbo *destrambelhar* («desorganizar-se; desconcertar-se, desarranjar-se. Ter vida irregular, portar-se mal»), variante afortunada del beir. *estrambalhar* «descompôr; desorganizar; esfarrapar» (<lat. *strabus* «bizco»). El Rew., s. v. *strabus. strambus*, trae únicamente *estrambo* «desordenado», que no encuentro en los diccionarios.

(3) En la literatura se encuentra muy a menudo *enxergar*. Camões lo emplea nada menos que en once estancias de *Os Lusiadas*. (Cfr. Afranio Peixoto & Pedro A. Pinto, *Dicion. d'Os Lusiadas*, Rio de Janeiro, 1924).

soslayo». Para comprender cómo se ha cumplido la transición de este sentido al actual, basta recordar ciertos automatismos característicos de los campesinos cuando tratan de distinguir objetos muy distantes. Los aldeanos, para evitar los círculos de difusión, corrigen automáticamente los defectos de refracción, que tan comunes son entre ellos, no sólo utilizando la mano a modo de visera, sino haciendo, también, determinados movimientos laterales. Ahora bien, de estos ladeamientos de cabeça resulta un mirar oblícuo, en la medida en que esto ya no es mirar de frente. Así, por *deslizamiento*, ha llegado a ser *enxergar*, lo mismo que *divisar;* debiendo considerarse como un vestigio de esta transición el sentido de «observar», que también le atribuyen los diccionários. En fin, el primitivo sentido visual ha sobrevivido en el ast. de la Tixileira, *inxirgar* «mirar a hurtadillas» (1), préstamo, evidentemente, del gallego, pero préstamo muy antiguo que se remonta a la época em que *enxergar* significaba todavía «mirar de reojo». Cfr. port. *olhar a furto* = *olhar de soslaio.*

Escalracho, (Es)galracho «Planta gramínea, prejudicial para as searas»

Del lat. *escarlatum*, con inversión del grupo *-rl-*, como en *galrar*, *melro*, etc., y cambio de sufijo. La terminación que ofrece, podría interpretarse como palatización de *-ato*, si *-acho*, no fuese frecuente en voces de significación cromática, o que tienen origen cromosémico: esp. *moracho* («morado bajo»); port. *verdacho* («esverdeado, tirante a verde»), etc. Para el origen de *-acho*, como sufijo do color, recuérdense los nombres latinos en *-aceu*, como *violaceus*, y la equivalencia acústica que tienen en español y portugués *-azo* (o *-aço*) y *-acho.*

El fundamento de esta denominación está en el color rojo de las flores del *escalracho*, cuyo nombre científico de *panicum coloratum*, alude también a esta particularidad. Por la misma razón, en la Estremadura española, se llama *escarlata* a los murajes (Acad., s. v. *escarlata*, 5.ª acep.), una de cuyas variedades tiene la flor encarnada.

(1) Aurelio de Llano Roza, *Vocabulario de la Tixileira*

La voz de *escalracho*, se debe de haber aplicado además a la escarlatina, o a alguna otra enfermedad eruptiva, y de ahí el sentido que también tiene de «agitação, que o navio produz na água, andando».

Trasm. **Ola** «Remoínho na água [de um rio]»

El *Romanisches Etymologisches Wörterbuch*, en su 1.ª y 2.ª edición, derivaba esta palabra del bretón *houlenn* «onda», confundiéndola con el esp. *ola* de este mismo significado. El error ha sido evitado en la 3.ª edición (vid. n.º 9673), no figurando ya la voz portuguesa entre los derivados del vocablo bretón; pero como la homonimia continúa, subsistiendo con ella el peligro de perpetuarse este equívoco (la última edición del *Novo Dicionário*, de Figueiredo, sigue relacionando esta palabra con la española de *ola)*, conviene dejar explicada esta voz trasmontana, que, como se verá, no está aislada en la terminología hidrológica popular.

Como sinónimo de *sorvedoiro*, *ola* es la misma palabra que el ant. *ola* «panela» (1), correspondiendo al esp, *olla* en su doble sentido de «vasija redonda de barro...», y «remolino que forman las aguas de un río en ciertos parajes». Propiamente, las *ollas* u *olas* de los ríos son las pozas que se encuentran en los lechos rocosos formadas por la rotación o bailoteo de peñas más o menos grandes que luego han desaparecido; y, como el agua al llegar a estas pozas, se arremolina, la impresión acústica (rumor de agua que hierve), se asoció a la visual, evocando esta doble impresión la imagen de la olla doméstica en la plenitud de sus funciones (2). Esta interesante metáfora, que podemos calificar de sintética, se repite (enriquecida con reminiscencias fabulosas), en el fr. *marmite de géants*. Para completar en lo posible esta serie, añadiré el ingl. *pot-hole*, y el bras. del Sur *panela* (3). Otro

---

(1) Cfr. Cortesão, *Subsídios para um Diccionario completo*... s. v. *ola*.

(2) La *ola* no es sólo el agua arremolinada o ebullente, sino también, la propia concavidad. Tanto la Academia Española, como Figueiredo, omiten este detalle, al definir *olla* y *ola;* pero cfr. la definición que reproduzco en la nota siguiente.

(3) «Buraco mui fundo e com remoinho de aguas, existente nos arroios e rios» (Romaguera Corrêa, *Vocabulario Sul Rio-Grandense)*.

nombre de vasija que también se emplea en este sentido es el port. *dorna* (vid. la definición en Figueiredo), que, como voz de la región duriense, significa: «grande sorvedoiro, que forma redemoínho na corrente do rio»; metáfora que se acomoda muy bien a la índole vinícola de la comarca donde se ha producido, pero que sólo traduce ya aspectos visuales (imagen del hormiguillo de la uva pisada).

Pandilha «Espécie de milho menos graúdo e de cana mais baixa que a do *milhão*»

Esta voz es supervivencia de una curiosa designación histórica, de la que no conozco más vestigio que éste. Como con la misma forma existe otra palabra que a todas luces es un préstamo del español (1), claro es, que antes de atribuir a este *pandilha* origen diferente, era preciso averiguar si había en España alguna clase de maíz, o incluso cualquier planta, a la que se aplicara este nombre. Ahora bien, todas las indagaciones que he hecho en este sentido, consultando vocabularios, y aún acudiendo a la información particular, han tenido el mismo resultado negativo: y, si ponemos ahora en parangón con esta falta de acepciones botánicas en el esp. *pandilla*, la gran difusión que en Portugal he tenido *pandilha* («espécie de milho») (2), habrá que reconocer que estos vocablos se excluyen, no sólo en cuanto al significado, sino también en cuanto a la distribución geográfica. De aquí que ya no vacile en dar una etimología que la prudencia me aconsejó tener en cuarentena, pero de cuya exactitud estoy hoy ya seguro. Todo indica que en *pandilha* debemos ver una contracción de *pão-da-ilha*: *pão* («grão cereal»), de la *Ilha da Madeira*, o simplemente, de la *Ilha*, como se dice por antonomasia. Existe toda una serie de designaciones compuestas,

---

(1) *Pandilha* «ajuste entre várias pessoas para defraudar alguém. Cada uma dessas pessoas. Vadio», como lo define Albano de Sousa con más rigor y brevedad que Figueiredo, es el esp. *pandilla* «liga o unión. La que forman algunos para engañar a otros o hacerles daño. Cualquier reunión de gente, y en especial la que se forma oon el objeto de divertirse en el campo». (Acad.). También son españolismos *matilha* y *quadrilha*, de significación muy semejante.

(2) Esta difusión se halla postulada por el hecho de vivir hoy en las dos provincias extremas del Algarve y el Minho. Cfr. Figueiredo, s. v. *pandilha* (2.º art.).

en las que el nombre del objeto exótico aparece substituido por el de otro indígena o tradicional más o menos semejante, y al que se añade el complemento indicativo de la procedencia geográfica. Cfr. esp. ant. *gallo de Indias* «pavo» (en portugués, *perú)*, fr. ant. *poule d'Inde* «pava» (mod. *dinde)*, port. *porquinho da India* «cobaia», esp. *conejo de Indias* «id.», esp. y port. *castaña de Indias*. Pero las que más nos interesan ahora son las que se refieren al maíz, de las que conozco los siguientes ejemplos: samart. *pandíndia* «perfolla del maíz» (elipsis y contracción de *folha de pam de Indias)*; esp. ant. *trigo de Indias* «maíz»; aurillac. *blat d'Esponho* (esto es, trigo de España) «id.» (1); alem. *türkischer Weizen* (trigo turco) «id.»; mas el caso más interesante por la analogia que tiene con *pandilha*, es el del it. *grano siciliano*, es decir, grano de la isla de Sicilia.

Peganho «redemoínho; refega»

El llamarse también a la ráfaga *pé de vento*, facilita la etimología de este vocablo, que reposa, indudablemente, en un lat. **pedicaneu*, proveniente de *pedica* «huella». La sufijación en *-aneu*, no puede extrañar aquí por darse también en *pedaneus*, derivado de *pede*. Pudiendo ser el viento un ser corpóreo, es natural que se atribuyesen al paso de sus plantas los movimientos que se producen en las capas inferiores del aire.

Minh. **Semetidinho** «tímido, acanhado»

Es un compuesto muy curioso que se relaciona con la expresión del mismo significado *ser alguém metido consigo*. La base fué una variante *metido em si*, con dislocación para el fin del participio, de donde **ensimetido*. Hubo pérdida de la sílaba inicial, hecho que debió producirse al adoptarse la forma diminutiva y caer en desuso el positivo. Aunque la expresión *metido consigo*, no existiese, bastaría el it. *rimesso* (literalmente, remetido, metido hacia adentro), para corroborar esta etimología, por significar en una de sus acepciones exactamente lo mismo que *semetidinho* (2). En cuanto a la forma *sometidinho*, que ocurre al lado de *semetidinho*, tan

---

(1) J. Lhermet, *Contribution a l'étude du dialecte aurillacois*.
(2) «Apocado, pusilánime» (L. Bacci, *Dizionario italiano-spagnolo)*.

sólo supone una alteración vocálica proveniente de la aproximación a *sometido*; aproximación, ciertamente, no muy forzada, pues en la citada voz italiana encontramos también el sentido de «sumiso».

En *semetidinho*, tenemos un compuesto muy semejante por su formación y significado al esp. *ensimismado* («abstraído, reconcentrado»); si bien, éste, resulta más audaz por haber conjugado un pronombre. No sospechaba Gonçalvez Viana, que en portugués existiese un caso tan parecido al de este compuesto español, cuando discurriendo sobre *ensimesmar-se*, establecía este parangón: «Comparável à significação que os escritores espanhois dão a este verbo é em português a expressão popular *ser alguém metido consigo*, que significa «ser êsse alguém pouco sociável, taciturno» (1). Por cierto, que su afirmación de que el pueblo, en España, no conoce *ensimismarse*, es del todo inexacta; no habiendo razón, tampoco, para dudar del origen popular de este verbo.

El sentido de «raquítico» que también tiene *semetidinho*, es correlativo del de «acanhado». Ambos reflejan claramente la idea originaria de introversión, el uno en lo moral y el otro en lo físico. Cfr. el mismo *acanhado*, que además de «tímido», es «pouco desenvolvido» (Figueiredo), o, como dice Moraes, «enfezado», y cuyo parentesco con el esp. *canijo*, *encanijado* («raquítico»), es indudable (2).

---

(1) *Palestras filológicas*, 2.ª ed., pág. 57.

(2) El simple de *acanhado*, es *canho* «canhoto», que proviene del lat. *canis*, a través del derivado **canius* (Rew., n.º 1595a). La presencia en *acanhado* del sentido de «raquítico», abona la proveniencia perruna del esp. *canijo* (lat. *canicula)*, para el que pide Meyer-Lübke aclaraciones ideológicas, por conocerlo únicamente en los sentidos secundarios de «débil», «enfermizo» *(obr. cit.*, n.º 1586). De un lat. **cania* «perra», copiosamente representado en las lenguas románicas, procede el fr. *cagneux* «patizambo», del que dice Bloch: «dit ainsi parce que les chiens ont les pattes de devant plus ou moins cagneuses». Las designaciones alusivas a este defecto del perro llegaron a ser símbolos de la idea de «contracción», «retracción», por lo que nada tiene de extraño que se aplicasen al tímido (Cfr. esp. y port. *retraído* «tímido»), y, menos aún, al aquejado de raquitismo, ya que uno de los signos más característicos de esta enfermedad es el de las «piernas torcidas». Por otra parte, el sentido original de *canijo*, perdura en la variante *canejo*: port. *canejo* «individuo cambaio» (Figueiredo), y también «solípede que tem as pontas dos curvilhões voltadas uma para a outra, e

Sovina «avarento», gir. **Sovelão** «id»

Es traducción del it. *lesina* «avaro, tacaño», y en sentido propio «lezna» *(sovela)*. Hubo en Italia una sociedad de miserables, que se arreglaban ellos mismos el calzado, por lo que se la llamó la *Compagnia della Lesina*, y de ahí el sentido de «tacaño» en que llegó a usarse este equivalente de *lezna* o del port. *sovela*.

El pueblo en vez de *sovela* prefirió decir *sovina*, sin duda por disfemismo, ya que *sovina* es nombre de otro instrumento punzante, y hasta «pau aguçado numa das pontas, para se picarem bêstas». No hay razones para pensar en una derivación sinonímica, porque *sovina* no parece haber sido nunca «lezna», aunque *sovinar* se emplee también en el sentido de *sovelar* «furar com sovela» (1), hecho en el que no debe verse más que otro caso de disfemismo. En todo caso, como primero ha debido decirse en portugués es *sovela*, de donde *sovelão*, que es la forma que usa la *giria*, a cuyos clientes corresponde, indudablemente, la paternidad de esta traducción.

Vareja «Lêndea da môsca varejeira» **(Môsca) Vareja** o **Varejeira** *(Musca carnaria)*

Del lat. *varus* («erupción en la cara; roncha; pústula»), a través de un diminutivo **varicula*. La terminación *-eja*, en vez de *-elha*, indica que la derivación se produjo en español, lengua de la que *vareja* pasó al portugués, a semejanza de *caneja* («espécie de cação»), del lat. *canicula* (Rew., n.º 1486) (2).

---

as pontas dos pés para fora». (Alves Simões, *Ementario)*; y, claro es que, la interjección argentina *¡canejo!* («¡caramba!»), no es más que uno de tantos nombres del Diablo, basados en la supuesta deformidad de sus extremidades inferiores. Cfr. también el de *Caneta*, y recuérdense los españoles de *Patillas, Pateta, Cojuelo, Cachano*. — El port. *canhoto* (que también es usado interjeccionalmente), lo mismo pudo resultar de *canho* «zurdo», que de *canho* «cojo», sentido este último que encuentro en el *Diccionario* de Constancio.

(1) Cfr. *assovinar* «picar, furar, com sovela» (Figueiredo).

(2) Sería interesante comprobar la existencia de *vareja* en español; pero, para los efectos de la exactitud de esta etimología, no es indispensable que su presencia en esta lengua resulte confirmada. El no conocerse un esp. *caneja (Scyllium canicula* L.), no ha sido obstáculo para que Meyer-Lübke atribuya origen español al port. *caneja*.

Aunque el lat. *varus* sólo está documentado con relación al hombre, hay motivos para suponer que se aplicaba también, y, principalmente, a determinadas manifestaciones dermatosas de los animales domésticos, de donde pudo transferirse al dominio humano. El único parónimo que se le ha podido encontrar es el lituano *viraĩ* «granos de la lepra del cerdo» (Cfr. Ernout & Meillet, *Diction. Étym. de la Langue Latine)*. Pero *varus*, lo que parece haber sido ante todo es el «tumor purulento del buey, provocado por las larvas de la mosca *Hipoderma bovis*». Este sentido, que se revela como el más antiguo, lo encontramos todavía en no pocos representantes hispánicos, tales como el alav. *baro*, sorian. *barro*, samart. *barru*, gall. *bérrego*, port. *berro* (1). No podían quedar anónimas estas larvas que son lo suficientemente grandes para nos pasar inadvertidas cuando abandonan su lactario, y, por una vulgar metonímia se pasó a designar el contenido

---

(1) Ni éstos ni ningún otro derivado hispánico de *varus* figura en el REW., falta remediada en gran parte por García de Diego en su *Contribución al Diccion. Hispánico Etimológico* (n.os 624 y 626). Para las definiciones vid. Baráibar, *Vocabulário de palabras usadas en Álava*, s. v. *baro*; Valladares, *Diccion. Gallego-Castellano*, s. v. *bérrego*; García de Diego, *obr. cit.*, n.º 626: sorian. *barro* (donde hay que substituir *tábano* por *hipoderma*, pues el tábano pone sus huevos en la tierra), y Figueiredo, *Novo Diccion.*, s. v. *berro*. Conviene advertir que este autor fué mal informado por lo que toca a la 1.ª acepción de *berro*, que no se refiere al insecto en su estado adulto, o sea a la mosca, sino a la inflamación; pues los campesinos desconocen en absoluto la etiología de este tumor parasitário, al que ellos creen de origen humoral (Cfr. *Rev. Lus.*, 36.º, 166, s. v. *vernes*). El pueblo observó que estos abscesos aparecen por la primavera, y que las reses afectadas son en general sanas, y en particular jóvenes (hecho debido al instinto de la hipoderma, que para asegurar a su prole un medio conveniente busca reses fuertes, y principalmente terneras y novillos); y de esta correlación resultó la favorable idea que tiene de ellos, interpretándolos como síntomas de desarrollo o crecimiento, de donde el nombre que también se les da de *medras* y *medranças*: trasm. *medrança* «tumor na pele dos bois, onde se cria um bicho negro: o *bicho da medrança*» (Figueiredo); barros, *medras* e *medrilhas* «empolas na pele das crianças e dos bois. É sinal de engordarem» (*Rev. Lus.*, 35.º, 258). Notaré ahora, que el representante hispánico de *varus* en el sentido de «erupción en la cara», el esp. *barros, barrillos*, («tumorcillos o granos que tiran a rojos y salen en el rostro, particularmente a los que empiezan a tener barba»), se encuentra también asociado a la idea de «crecimiento», desde el momento que se aplica especialmente a las alteraciones dermatosas producidas por la salida de la barba; fenómeno de pubertad. Resta saber si esta coincidencia se debe a una transposición, o si sería consubstancial al lat. *varus* la idea de «medrar».

con el nombre del continente, como vemos en el alav. *baro*, que designa cumulativamente el tumor y el gusano (Vid. Baráibar. *loc. cit.*). Así se explica la significación entomológica de algunas voces que Meyer-Lübke deriva de *varus* (Vid. REW., n.º 9160), significación a la que llegaron por extensión del sentido de «larva de la hipoderma» :fr. del Sur *varun* «larva de mosca», prov. *vare* «carcoma», bord. *bar* «grillotalpa» (Las dos últimas resultaron del predominio de la idea de «perforar» en la representación del verme de la hipoderma: la carcoma y el grillotalpa perforan la madera y la tierra respectivamente, como aquella larva la dermis de su huésped). Añadamos a estos casos el de las voces portuguesas de *berro* y *vareja*. La primera la trae Figueiredo en 2.ª acepción como sinónima de *berne*, o larva de la *Dermatobia cyaneiventris*; señal de que antes se aplicó, si es que no se sigue aplicando todavía, como tengo por muy probable, a la misma larva de la hipoderma. En cuanto a *vareja*, significa propiamente: «Larva de la *Musca carnaria*», y no «lêndea» como dice Figueiredo, pues la *Musca* o *Sarcóphaga carnaria* es vivípara. Trátase de un verme muy conocido por desarrollarse no sólamente sobre los cadáveres, sino también sobre las carnes. Estos vermes son sumamente pequeños, sobre todo si los comparamos con los de la hipoderma, y nótese cómo se refleja esta circunstancia en la forma diminutiva de **varicula* o *vareja*.

De *vareja* en este sentido resultó *varejeira*, substantivación de *môsca varejeira*, esto es: «Mosca que pone la *vareja*»; y también debió dicerse *a môsca da vareja*, de donde *vareja* «diz-se da môsca grande, também chamada *varejeira*» (Figueiredo) (1).

SANTOS AGERO.

(1) El nombre de *vareja* se aplica también a los huevecillos de la reina de las abejas (Vid. Sequeira, *As Abelhas*, I, 65), llamándose *varejar* a la acción de ponerlos (Figueiredo). En el mismo sentido se usan también el esp. *moscarda* (propiamente «mosca de la carne»), y *moscardear*.

EMENTAS GRAMATICAIS

PARA A HISTÓRIA DA LÍNGUA PORTUGUESA

(Continuado da *RL*, vol. XXXVII, págs. 5-31)

4.ª SÉRIE

---

171. Pronomes. Artigo e pronome *lo*: a forma *no* depois de sons nasais.

1) «...*bem no* pode ser» *CR*, II, 273;
«*viram nos* Mouros» (= os Mouros), *CR*, II, 284;
«*bem no* haja» ouvido no Alandroal;
« *Venham nas* barcas» (= as barcas) *Chrest.* 340, rep.;
«*quem na* malhasse... *quem na* ferisse» *ibid.*, 312-313.

2) «...*cũ no* reyno de Leon», 1258, *Nova Malta*, II, 73;
«*cum na* lagoa» 1257, *Leges*, pág. 676. doc. lat.;
«*comno* meirinho e *cona* justiça» 1395, cópia de um doc. de 1400 de *doc. de Souto*, n.º 69, pág. 68;
«parte *cono* bacelo» 1328, *doc. de Souto*, n.º 38, pág. 37;
«*com na* mia», séc. XIII, *Diss. Cr.* I, 278;
«o termo del Rey era partido *cõ no* do Spital», 1287, *N. Malta*, II, 314, nota;
«*cõ nas*» *Flores de dereito*, pág. 32, rep.;
Cono = *cõ-no*, *cona* = *cõ-na*, *conos*, etc., Viterbo s. v. e Cortesão s. v.

3) «...*ẽ na* veiga de Cabril, *ẽ na* aldeia de bacas, *ẽ na* aldeia de Aurerio, 1305, *N. Malta*, II, 350, nota 153.

4) «ata *nas* feyras saydas» (= até que terminem as férias), *Flores de dereito*, pág. 26.

5) O pronome *nos* toma uma forma rara nas seguintes flexões de Espinhosa, Vinhais (ouvi lá):

a) scondime-los = escondemo-nos; *b) fôme-los imbora* = fomo-nos; *c) vestime-los* — vestimo-nos. Dupla dissimilação; 1.º) M' N > m-l; 2.º) u-u > e-u: *fomo-nos* > *fome-nos* (também usada) > *fome-los*.

6) Veja mais exemplos em *Lições de Filol.*, pág. 60 e *Gram. Hist.* de Nunes, pág. 264 (especialmente nota 4) e 265.

172. Artigo e pronome *lo:* irregularidades.

1) O povo às vezes separa o *lo* nas formas verbais, restaurando estas. Ouvi em flagrante e verifiquei, em Jarmelo, Guarda, esta quadra:

Tendes loureiro à porta,
Tendes lo balcão sombrio:
Quem tem sombra tem regalo,
Quem tem regalo tem brio.

Cf. em documentos antigos «*todos los*». Em *Mês de Sonho*, do autor, cantiga 90, «*todos la querem comer*».

2) Em *defender-lo-iades*, *CB*, 292, v. 15 sgs., não houve assimilação porque *defender* rima com *fazer*. Veja Nobiling in *Mélanges-Chabaneau*, pág. 354.

3) Na língua do povo a restauração pode manter a forma actual do pronome: *feze-o*. *Linhag.*, pág. 155; «à noite *tirêmos-as*», Alcoentrinho; «*tens o* tu» Vieira, Minho; *criamos-a* «criamo-la»: *criamos-a* cá (Alandroal).

Sôbre estas formas dialectais e outras análogas a *faze-o*, vejam-se os lugares da *Esquisse* do autor, e da *RL* citados por Ed. Williams in *From Latin to Portuguese*, 1938, pág. 150, § 143, 3 C e E, onde se apresenta uma interpretação. (G. Machado).

173. Artigo e pronome *lo*, conservado, pelo menos na escrita:

1) «*léva lo* ao celeiro», séc. XIII, *Inquis*, I, 294;
«quando *lo davas*», *ibid.*, *ibid.* 299;
«*tornou los*», séc. XIII, *ibid.*, *ibid.* 296;
«*deitou-la*» *ibid.*, *ibid.* 304, mas a seguir *deu-a*.

2) A escrita tinha consciência desta forma ainda no séc. XII:

«*duplet la pendra*» («dobre a penhora» creio), em *Leges*, pág. 418;

«*pectet las angueiras*» (=aluguel), *ibid.*, *ibid.* «*Qui lo vendiderit*» (pronome pessoal), séc. VIII, *Leges*, pág. 688, é espanholismo, porque há outros no mesmo texto.

3) Mais exemplos de *lo* independente:

«se *lo* pedir» e «que *lo* jure sen cruz» séc. XIII, *Leges*, II, 80;

«e *lo* sennor da cassa» *Leges*, II, 81;

«que fezer demanda a outro e *lo* negar» *Leges*, II, 85.

174. O artigo *lo* com as preposições:

1) «...*tra'la chousa*», *Inquis.* lat. de 1258, pág. 595;
«*atrallo paaço*», 1339. *Corp. cod.* I, 25;
«*detrá'la eira*», 1594, *Tombo de Riba-Támega*, na Câmara de Amarante; fl. 197.

2) «...*sobe la fonte, sôbella água*», 1339, *Corp. cod.* I, 34;
«*sobre los*», *Inquis.* séc. XIII, pág. 293;
«*sobre las aldeias*», 1280, P.e Álvares, *Bragança*, III, 55;
«*ssobre la ssentẽça*», 1312, *N. Malta*, II, 367;
«*sobre los sanctos Evangélios*», 1258, *Inquis.* pág. 293;
«*sobre los trbadores*», *CV*, 1023, reproduzida por C. Michaëlis in *Randglossen*, I, 96.

3) «...*de-lo tempo*» (= des lo tempo), séc. XIII, *N. Malta*, II, 36;
«*de'la*» (= des la), 1261, *Leges*, 697.

As expressões como *a la terra* e *a la cabeza* de calabria, do foral de Urros, in *Leges*, pág. 424, são espanholismos, filhos de influência local, porque no documento, que é fronteiriço, aparecem outros, como *morir* e *una*, pág. 425. Veja todavia Nunes, *Gram. Hist.* pág. 266.

4) «*per lo*» nos cancioneiros, Nobiling, in *Mélanges-Chabaneau*, pág. 353;
«*por lha*» = *por la*, séc. XIV, *Boletim da II cl.*, III, 299 (*por la* é talvez restauração ortográfica para os olhos).

175. Complementos, indirecto e directo: «*lhelo*», 1339, *Corp. cod.* I, 34.

176. Pronúncia: «*ous*» (= aos) rep., *AP*, IX (sec. XIII-XIV), 67. Sôbre *ao* convertida em *ó* veja *Lições*, pág. 61 e Nunes, *Gram. Hist.*, pág. 265, nota 1.

177. Sôbre o artigo *lo* veja também os exemplos de *Lições de Filol.*, págs. 58 a 62, *Opusc.*, do autor, I, 396, e Nunes, *Chrestomatia*, págs. 279, 312, 339, 340 e muitas outras.

178. Coalescência do artigo:

1) Os antigos fundiam na escrita, às vezes, o artigo com a palavra seguinte: quando esta começava por *r* chegavam a duplicá-lo, como em *arrepública* (= a república) de Bento

Fernandes, *Arismetica*, Pôrto, 1555, pról., e *arrezam* (= a rezam), *ibid.*

2) O fenómeno é generalizado nas línguas que têm artigo. Ex.:

νύπνις (grego mod.) = τον ὕπνος Apud *Romania*, XXVI, 288.

No creoulo do Príncipe: *ubóca*, *udédu*, etc., Schuch. *Beiträge z. Kenn. des Kreolischen Rom.*, IV, 474.

Ver numerosos exemplos portugueses em *Lições de Filol.*, págs. 61 e 62, e *Opusc.* I, pág. 399 e segs., onde trato desenvolvidamente o assunto, bem como o fenómeno inverso, *deglutinação* ou disjunção de um suposto artigo.

179. Origem pronominal do artigo;

1) Nos documentos medievais há emprêgo de *ipse*, e não só de *ille*, por *o*: «in *ipsa* senra», séc. X, *Dipl. et Ch.*, pág. 62 (n.º 98); «de *illa* senra», *ibid.*

2) Pio Rajua, num artigo publicado na *Romania* (Julho de 1891) com o título *I piu antichi periodi risolutamente volgari nel dominio italiano*, cita exemplos de *ipse*, em lugar de *ille*, dos séc. VIII a IX. Desenvolve em seguida uma teoria de interpretação que importa conhecer (*Romania*, XX, 393, 4).

180. Outros pronomes pessoais:

1) *nós*, *vós*, no *CV* rimam com *cós* «corpo», o que mostra que o *o* dos pronomes é já então aberto: Nobiling, *Rom. Fusch.* XIII, 343.

181. 1) *Obrigamos nos* «obrigamo-nos», 1329, *RL*, XXI, 271;

2) *mos* = nos: «a sorte que Deus *mos* deu» (= nos). Ouvi em flagrante a um homem de cima de Leiria, que viveu em várias terras estremenhas. Em todo o caso a forma é estremenha. É pl. de *me* por influência de *nos*.

182. *Nosco*, *vosco*: vem de *nóbisco* e *vóbisco* (acento na 1.ª sílaba) por analogia com *téco-*, *méco-*, *séco-*. Nob'sco > nosco. Já em Progo *noscum*: Meyer, II, pág. 103. «Nem farão *nosco* foro nenhuum» séc. XIII, *Leges*, II, 40; *nosco*, *vosco*, *CCB*, 389: «um contrauto que *com nosquo* fez» séc. XVI, *AHP*, I, 360.

183. Você (redução de *vossa mercê*, *Lições de Filol.*, págs. 42 e 55, e J. Nunes, *Gram. Hist.* págs. 32 e 253) é forma

cujo emprêgo se tem alargado últimamente a casos em que há pouco se julgaria incorrecto: 1) de superior para inferior; 2) familiarmente, entre amigos; 3) com intenção insultuosa; 4) com certa liberdade, muito em moda, entre senhoras e homens; 5) falando aos animais.

184. *êla*, *êle*, em Macedo-de-Cavaleiros, apesar de haver *é* em *janéla*, etc.

185. Pronomes arcaicos átonos: 1.ª pess. *me*, *mi*, antes de vogal *mh;* 2.ª pess, *che*, *chi*, antes de vogal *ch'*; 3.ª pess. *xe*, *xi*, antes de vogal *x'*. O *x* nasceu de *s* + *i;* o *e* esta como em *se*, *le*, *me* (cf. Nobiling, *Guilhade*, pág. 31).

186. Casos oblíquos:

1) *mim* átono, em «os quais *mim* devedes» séc. XIII, ap. G. Barros, III, 186 n.

2) *ti*, *si* < *tibi*, *sibi*, onde a queda do *b* não será fonética, mas por analogia com o lat. *mi*.

3) *coma ti*, J. Moreira, *Factos de syntaxe*, III, pág. 6; «tenho mais poder sobre teus filhos qua *ti*» *Cioso*, II, III, pág. 106.

4) *sim* = si, em doc. do séc. XVI, *AHP*, I: «hos frutos que em *sym* tinhão», pág. 189; «mandára que a admynystração dos ditos bems houvesse seo filho para *sym*». pág. 190.

187. *Comigo:*

1) mecu(m) > mego > migo. Assim como se dizia *com Luís*, *com a mãe*, o povo juntou *com* à forma *migo*, por analogia (*Lições de Filol.*, pág. 51). Exemplos:

2) *migo*, *CCB*, 399; «partam *comego* en canpo» séc. XIII (talvez), *Leges*, pág. 682; «aos que vivem *comego*», *Test. de D. Denis*, em *CC*, II, 230; *comego* em *Linhag.*, pág. 254.

188. *Sigo:* «com XI omens e *sigo* XII» séc. XIII, *Leges*, II, 76.

189. 1) *lhis* arc., *lhis:* plural anológico, pois illis não podia dar *lhis*.

2) «que *lhis* os corações non falecesem» séc. XIV, *Linhag.*, 189; outro exemplo na linha anterior, pág. 188; «se *lhis* al non poserem deante» séc. XIV ou XIII, *Leges*, II, pág. 18, in fine; *lhis*, 1284, G. Barros, III, 186, nota.

3) *li* (= lhi?) em 991, *Dch.* pág. 101, n.° 163: «pro *li* facere».

4) *lhi, lhis (lhy, lhys)*, vulg. no séc. XIV, p. ex. *Docc. do Souto*, n.° 60, de 1356: *demlhy; doulhys;* «o que *lhis* mandarem». E também *ssj* (repet.); *obrigoussj* = obrigou-si, 1360 *(id.*, n.° 61).

190. *Che:* 1) *RL*, IX, 184. *Lições de Filol.*, 51. J. Nunes, *Gram. Hist.*, 247, e notas 1, 2, 3, 4. Morais, s. v.

2) «nos que *chu* prazo mandamos fazer» (= ch'o), 1272, *Diss. Chron.* I, 282; «non *cho* devo», séc. XV, *Leges*, pág. 285; «non *cho* conhosco», séc. XV, *Leges*, pág. 285; «agora *che* sayrá a alma da carne». Manuscr. séc. XIV, publicado por Cornu, *Anciens textes*, pág. 25. (Tem aspecto de *Dictado*); «Amigo, eu *ch'o* direy» no *Conto de Amaro* Romania, XXX, 150, (frase estereotipada, séc. XIV); «eu *ch'as* darey» no *Conto de Amaro, ibid., ibid.*, 517; *lidarchoey* nos *Costumes da Guarda, Leges*, pág. 7; «poyãose de bem *chequero*», *Eufrosina*, pág. 259 (IV, 8), frase estereotipada.

3) Vid. *Uma crónica de 1404*, em *Opusc.* IV, págs. 637 e 643. Os exemplos de *che* são sentenciosos (frases estereotipadas). Ver também Diez, *Gram. das líng. românicas*, II, 86, nota.

191. *Xe:* 1) tem valor expletivo ou ético. Cornu, 2.ª ed., § 312, pág. 1017, dá exemplos. A origem deve estar em *si*, proclítico e enclítico, onde *s* por estar ao pé de *i* deu *x*, como em *dixe, bexiga, sanguixuga*. Já Diez, *Hofpoesie*, pág. 112. Nobiling, *Guilhade*, pág. 23, chama-lhe *dativus commodi.* Morais, *Dicc.* s. v. *xe*, explica pelo italiano ou castelhano. Vid. Lang, *CD*, 119, nota ao v. 363, e D. Carolina, *Zs. f. R. Ph*,, XIX, 534: *xe, xi* < sibi.

2) «fazede de guisa que a dita Abadessa e Convento *xemi* non envy outra vez querelar», 1311, *Diss. Chron.*, I, 298; «de que *xi* mi partya» *ibid., ibid.*, pág. 296. Mais exemplos em *RL*, VI, 343, e XII, 364.

192. Pronome e artigo *no* = o. Nas *Inquis.*, I, 308: «soya a dar *na* renda»; «non er deu *na* renda»; «soyam a dar *na* renda et *non na* dan».

A última frase contém a chave das anteriores: o *n* natural propagou-se a casos em que não havia nasal. Cf. Galego,

matou-no, *sei-no*, S. Arce., pág. 146; assim como se diz: «*souberon-no*», também se diz *sei-no*, etc.

193. «*Lhi lo* devia», cópia do séc. XV, *Leges*, pág. 262; *lh'o lh'a* em doc. de 1315;
lhala, referida a *carta*, *lhelo*, *Diss. Chron.*, I, 300, 303.

194. *Empolos*, *-as*: após-os, depós-os, depois-dos. «E pagaredes huns annos *empolos* outros», *Elucid.*, s. v.;
«*per lo ferir*», «*per lo matar*», séc. XIII, *Leges*, II, 76.

195. Aparece *el* em pausas, *Linhag.*, pág. 155, séc. XIV.

196. Possessivos:

1) Ó *mou* amor, trata-te bem:
Quem bem se trata, bem dura.

Ó *mou* amor, se tu queres,
Fazer troca sem lesõu...

Ó *mou* amor, se tu queres,
Vestir camisa lavada .. (Cant. de Baião).

2) *miẽũ* = meu (cf. *mius*), Póvoa-de-Varzim; *miu*, cf. *Dius*.

3) Sôbre as formas *mieu e miu*, em confronto com o prov. e o sendinês, vid. Ovídio, *Ricerche nei pronomi*, págs. 33, 47, 49 e 50. Cf. com *yöu*, *ibid.*, págs. 30, 31 e 32, e nota 7 da pág. 29 sôbre o prov. *iou*.

4) *mei*. Muito usado em Moncorvo (Carviçais), ex.: *méi pai*, *méi tio*. (Mas *mêu amigo*, *meu irmão*), *méi filho*. Ouvi a muitos.

5) *Mey Cide* falando de *Mio Cid*, *Linhagens*, pág. 251. Como se explica o *mey*, se em hesp. ant. só há *mio*, *myo*, *mê*, *mieo*? Mas cf. *Esquisse*, pág. 105. Abaixo, *meo Çide*, pág. 257.

197. 1) *Mea* onra, *mea* vilhice, *mea* nobreza, etc., *Linhagens*, séc. XIV, págs. 188 e 189.

2) *mha*, 1284, ap. G. Barros, III, 186, nota; *da inha terra; de inha terra; em inha terra;* doc. de D. Denis, feito por clérigo, séc. XIII, *Diss. Chron.*, III-II, 170; *inha*, muitas vezes em testamento de 1312; *inhas*, *Mon. lus.*, VI, 482, rep. doc.

de 1751. Cf. *enha* em Gil Vicente: «deram tantas a *enha* esposa» «de meu pae e *d'enha* mãe» ambos de *Auto Postoril Português*. E em vários outros lugares (*RL*, v, 258).

198. *Sa* = sua, 1532, doc. inquisitorial. Lúcio *Sebastianismo*, pág. 72; *sa dor* séc. xv, *CR*, i, 5 (poesia de 1483); *sas fayscas*, *ibid.*, i, 5.

199. *Nosso*, às vezes significa «de que estamos falando», por exemplo numa narrativa: *o nosso Autor*... Cf. com lat. *Lentulus noster* (que está em nossa casa).

200. Pronomes demonstrativos. Formas populares.

1) *Aquessa* = essa, ouvi em Escalos (Castelo-Branco) e no concelho de Nisa. Também no *C°. Geral*, iv (ed. de G. Guimarães), págs. 135 e 306, conforme informação do Sr. Fernando de Campos (*Lições de Filol.*, pág. 55, nota 4).

2) *Aquisso*: em Cebolais e outras localidades do concelho de Castelo-Branco, além de Trás-os-Montes e Alto-Alentejo. E *por quisso* (*Lições de Filol.*, pág. 56, nota 1).

3) *Naqueste*, *naquesta*, *CR*, i. 46; *naquisto*, *ibid.*, i, 9 e 29.

4) «*Asquelas* que houver em casa» Monsanto-da-Beira, ouvi lá em 1916, ouvi a vários; «*nasquelas* paredes», Carrazeda-de-Anciães; «*asquelas* pessoas que...» ouvido em flagrante por G. Machado a uma pessoa de Moncorvo, funcionário em Lisboa; pl. *asquelles* de «aquelle» *asquellas* de «aquella», em Vila-Real de Trás-os-Montes, e em Celorico-da-Beira (Rapa). Também se usa noutro ponto da Beira-Baixa, segundo me consta.

5) *Aquéis* «aquelles», Carrazeda-de-Anciães [aqui não se diz *asquelles*, por causa do *aquel*].

6) *Asquelles* foi também ouvido nos arredores da Covilhã por Félix Alvès Pereira. Formou-se por analogia com *asquelas*, como se fôsse *as-quelas* pl. de *a-quela*. Do feminino propagou-se ao masculino.

201. *Aqueloutros*: a um homem de Macedo-de-Cavaleiros ouvi em flagrante «queixa-se ũa *daqueloutros*».

202. *Sta*, em próclise, por «esta» em uma cantiga de Baião:

> *Sta noite* fui à caça
> Certo canário cacei.

Cf. it. *Stanotte;* mais exemplos: «Sabham quantos *sta carta* de venda virem», «com *sta* condiçam», «lle mandaram dar *sta carta*». Séc. xv. Doc. public. por Brito Rebello in *A Revista.* (Pôrto, 1905), III, 51-52.

203. Pronomes *isto, isso, aquilo:* sôbre a explicação do *i* vid. *Lições de Filol.*, pág. 57, e G. Diego, *Gram. Hist. Gallega*, pág. 60, nota 5.

204. *Mesmo* em superlativo: *mismissimamente*, em *Apólogos dialogais*, pág. 301.

205. *Mendes* <> *medés* = mesmo. «Escovinha mendes», *Eufrosina*, pág. 194. D. Carolina, em *Z. R. PH.*, VII, 432, nota, cita também Prestes, págs. 127 e 250, e *Ulyssippo*, 201, v. Soava *mendes*, pois rimava com *tendes*.

Assim se explica a *Mofina Mendes* de Gil Vicente, ed. de Hamburgo, 1834, III, 237, e a redondilha de Camões *coração mendes*, ed. da *Actualidade*, pág. 113. Todavia, vid. *Frases feitas* de João Ribeiro, II, 289 e ss., e, para desenvolvimento, *Esopo*, pág. 84.

206. *Elesso*, êle mesmo, minha observação ao *Elucidário*, s. v. *eleiso*: Vid. *RL*, XXVI, pág. 111.

207. Pronomes relativos:

cujo como adjectivo «elrrey *cujo o castello* era», *Linhagens*, pág. 349. Vid. estas ementas, § 99, *RL*, XXXIII, pág. 312.

208. *quanto que* lly acharen, séc. XIII, *Flores de Dereyto*, pág. 29. [Pode ver-se em *Rev. Univ.*, Coimbra, VI, 355. G. Machado].

209. Pronomes indefinidos:

Ambos de dois, etc., em *Rev. de Ling. Port.*, n.º 4, 1920, pág. 74, nota 142.

210. *Todos dois* = ambos:

— Ó mulher vendemos os bois?

— Pois vendemos *todos dois*. (Mexilhoeira). Cf. estas ementas, § 159, *RL.*, XXXVIII, pág. 29.

211. *Todolas* ocorre em Barros, a par de *todalas*. Deve ser da língua familiar e descuidada dos tipógrafos (ou do próprio Barros), corrente, portanto, no séc. XVI. Na *Ásia*, 1552, fls. 91, vem, sem assimilação do *l*, *todas as quais partes*.

212. *To isto* (= tudo isto): «Item sobre *to isto* ficou o dito Prior...» *Diss. Chron.*, I, 281.

Todo subst. (= tudo): V. muitos exemplos em *Lições de Filol.*, pág. 64 e nota.

213. Ne-quem > **neguem* > **nenguem* > (dissimil. *en-em*) *ninguem*. A queda do *c* de nec observa-se também em:

ne-unu- > *neum* > *nẽum* > **nẽnhum* > *nenhum*;
ali-quém > **aliguem* > *alguem*;
aliquid + unus > *algum* < *alicunus.

214. *Nenhum*:

1) *nenhum* = ninguém: «veerom dous rreys de Roma sobre Jerusalem e destroyromna e nom leixarom hí *nenhuum*» *Linhagens*, pág. 236; «nem façam pesar a *nenhuum* nem digam torto» *Linhagens*, 254;

2) A par de *nenhuum* aparece muito *nemhuum*: «e nom ouue filho *nemhuum*» *Linhagens*, pág. 241,

e *nem huum* «e nom valleo *nem huum* delles rrem» *Linhagens*, pág. 304.

Meu padrinho dizia sempre *nem um*.

215. *Cadahũu*, pl. *cadahũus* no *Leal Conselheiro*, pág. 219, c. 39.

216. *Qualquer um*: corrente no Minho; por ex.: «apega-se com *qualquer um* santo» (Vila-do Conde, em flagrante); é por analogia com *cada um*.

217. *Homem* = fr. *on*:

1) «o melhor he não saber *homem* nada de si», no *Filodemo*, Hamburgo, 1874, pág. 474. Camões tem mais exemplos nos autos. [Autos anotados por Marques Braga, Lisboa, 1928, pág. 78, linha 2063; e no índice, pág. 103. G. Machado].

«...nom parece a boca d'elle, se nam *estando homeẽ* muito perto da terra». Séc. XVI, *Esmeraldo*, pág. 106 (*parece* = aparece). A pág. 112 repete a frase quási *ipsis verbis*: «a

qual boca nam parece, senam *sendo homeẽ* muito perto d'elles». Em qualquer dos casos = estando-se.

2) *Com o verbo no plural:* «e tanto que homeẽ sahir em no mar fóra d'esta angra quatro ou cinco leguoas, hacharám vinte e cinco a trinta braças...» *Esmeraldo*, pág. 147. Aqui o A. exprime impessoalmente, primeiro de um modo e depois de outro. Vid. *Lições de Filol.*, pág. 64, nota 2.

218. *A gente*, na linguagem familiar do Sul, faz as vezes do pronome *nós: a gente agora vamos; êle vem com a gente* = connosco.

219. *À uma... à outra.*

1) Antigamente era só *a uma... a outra*, por exemplo no séc. xv, *Leges*, pág. 202: «senom por duas cousas a *huma* é sse elRey mandar... e *a outra* he...» e em *Linhagens*, 254. «E as filhas a *huuma* dona Estevaynha Piriz... e *a outra* dona Eluira Pirez». Depois o *a* foi tomado como preposição, e recebe acento como noutros casos, por ex. *àcêrca.*

2) «partios *os huuns* a uma parte e *os outros* aa outra» *Linhagens*, 188.

220. Vid. em *Esmeraldo*, pág. 162:

delle... delle = parte... parte; *delles* = alguns; *delles... delles* = uns... outros; *delles .. outros* = uns... outros. Vid. também Epifânio. 2.ª ed., pág. 136.

221. *Nulha rem:* num estabelecimento de D. Af. III, do séc. XIII, *Leges*, I, 230.

En *nulha rem* (Canc.), suponho do provençal: Teófilo supõe o prov. *nulh* locução meramente poética de n u l l i u s, alargamento de n u l l u s, in *Romania*, XXXIV, 334. Vid. *nulha* e *nulho* em D. Carolina, *Glossário do C. A.*, 60 e 61.

222. *Rem*, depois de negativa, com o sentido de *nada*, séc. XIII, *Leges*, II, 44: *non dê rem*, e *non dar rem.* Vid. também *Esopo*, pág. 92. *Lições de Filol.*, pág. 64 e D. Carolina, *Glossário do C. A.*, 77.

223. *Algorem* ou *algorrem: Lições de Filol.*, pág. 65.

224. *Nimigalha* = nada: «que numca elle nem os que

delle deçemdessem podessem gaanhar *nimigalha*» *Linhagens*, pág. 314. Mais exemplos em *Lições de Filol.*, pág. 65, nota 2.

225. Pronome indefinido *ôitre:*

1) =outro, Trancoso; *RL.*, v, 172.

2) *oitre'* = outrem, corrente em Lousada. Ouvi em cantigas, por ex.:

Se passar's o ribeirinho,
Josezinho, dá m'a mão,
Qu'eu prometo de ser tua,
Josezinho, *d'oitre'* não.

Corrente na Beira (=outrem). Cantiga da Penajóia:

O sete-estrêlo vai alto,
Deve de ser meia-noite:
Coitadinho de quem spera
Pelo que stá na mão *d'oître.*

226. *Outrim* e *outri:*

1) *outrim* «todomem que peleiar con *outrim*» *Leges*, II, 48.

2) *outri* «per rrazom *doutri*» *Leges*, II, 26.

227. 1) *ôntre* — só na frase *ôntre dia*, Tavira.

2) *ontro dia*, Alandroal. Explicação em *RL.*, IV, 244. Vid. *Correio das Damas*, IX, n.º 8 (1851).

3) *nôntro dia*, ouvi mais de uma vez a mulheres de Lisboa.

4) *sontro* — na frase *sontro dia*=outro dia: «fui lá *sontro* dia» Alandroal; cf. *sontro dia* em Lx.ª; *soutro* (=ess'outro) + *ontro* = *sontro*.

228. *Qualquer:* havia consciência da formação, pois *quer* conjugava-se: «com *qual* arma *quiser*» *Leges*, II, 13, séc. XIII ou XII. No mesmo doc. há com *qual*...*quer*. É curioso que no mesmo doc. I, pág. 13, vem «*quem o ferir com arma quiser*» sem *qual*.

229. *Qualquera:* «isso *qualquera* o diz» =qualquer. Infl. de *xiquera* = qualquer. Mogadouro.

230. Em apêndice aos prons. possessivos (§ 199) — No têrmo de Moncorvo é usual dizer-se: «Viste aí *o nosso*? Êles foram passear com *o nosso*» etc., querendo dizer *o nosso filho*, *o nosso irmão*. Cf. *o meu*, muito usado em Lisboa. [§ acrescentado por G. Machado].

231. Verbos. Verbo *abrir*:
aibro, passim; *aibre*, Canidelo (Vila-do-Conde).
Abrir < ap(e)rire; *abro*, etc., regular; pop. *aibro* < *aprio; cf. *saibo*.

232. Verbo *aceitar*:
partic. *aceite*: Camilo, *Doze Casamentos*, 1861, pág. 35.

233. Verbo *aduzer*:
aduzer, *Graal*, 34, 39; *adugas*, *Graal*, 34; *adusse*, *Graal*, 35.
Aduserom, *Graal*, 35; *adusserom*, *Graal*, 37, 51; *dusserom*, *Graal*, 45.
Adugo, *aduz*, *adú*, Cornu, pág. 112 da separata;
adusse, *adux*, *aduga*, Cornu, pág. 112 da separata;
adussera, *adusso*, etc.
Adugam, 1356, *Doc. do Souto*, n.º 60, pág. 57; e séc. XV (começos): *Leges*, pág. 214; *aduga*, 1270, *Elucidário*, t. II, pág. 117, 1.ª ed.; *adusser*, parece que é do séc. XIII, *Leges*, pág. 128.
Cito estas formas nas *Observ. ao Elucidário*, s. v. *aduga*, *RL*, XXVI.

234. *Andar*:
andiver, fut. do conj. No romance de *D. Martinho*, Felgueiras de Moncorvo: «mentes *andiver* na guerra».
Andei, *andastes*, *andeve*, *andivemos*, *andivérão* (Larinhos, C. de Moncorvo).
Andeve, 3.ª pess. Alandroal; *andimos* = andámos, Trancoso, *RL*, V, 171; *andivérão* (Vimioso, informação); *andivemos* (Carviçais, em Moncorvo).

235. *Aprazer*;
aprougue, séc. XV, in *A Revista*, III, 52, rep.; 1292, *Doc do Souto*, n.º 24, e 1347, n.º 123, pág. 134;
aprouguer, séc. XV, in *A Revista*, III, 52;

aprouger, = aprouguer, 1302, *Doc. do Souto*, n.º 26;
aprouver, 1297, *Doc. do Souto*, n.º 25.

236. *Aprender:*
pret. *apres* «aprendeu», *CV*, 1177, v. 10;
part. *apresso*, no *Eluc.*, = apreso.

237. *Aquècer:*
aquêço, Beira. Analógico, pois *aquèço* < acaeço; *aquèces*.

238. *Arder:*
«eu *arço* noite e dia» Diogo Bernardes, *O Lyma*, 1820, pág. 22, égloga, 3.ª;
arço ferido, Diogo Bernardes, *Flores*, 1770, 31;
conj.: *arça*, *arçam*, no *Eluc.*, s. v. «arcer (êrro)».

239. *Atribuir:*
conj. *atribúiam* «attribuão». Não *attribúam*.

240. *Avir:*
avẽo (auenio), séc. XIII, *Doc. do Souto*, n.º 88, pág 88;
auerram, fut., séc. XV, *Leges*, 214.

241. Verbo *benzer:*
arc. *bẽeigo*, *beengo*, *beẽiga*, *beenga*: Cornu, pág. 114 (Separ.)

242. Verbo *caber:*
1.ª pess. *cabo*, Trancoso, *RL*, v, 171.

243. *Caer* e *cair:*
Na *Demanda do St. Graal*, ed. de Reinh, temos: *caeo*, 70, *caer* passim, *caerom*, 98, etc.; alterna com *cair*: *cayrom*, 93 *cayra*, 111; *cayo*, 48; *caeu*, séc. XIII, *AHP*, IV, 40; *cáio* < *cadeo de *cadére ou <*cádio de *cadire; cf. *saio*; *cahem*, monossílabo: «Arde a cidade: *cahem* as altas tôrres». *Garção*, pág. 212.

ONOMATOPEIAS DA COVA DA BEIRA

Assunto de indubitável interêsse fonético e demo-psicológico, êste das onomatopeias bem pouco tem merecido a atenção dos nossos estudiosos.

Afora elementos dispersos em trabalhos folclóricos e lingüísticos (1), apenas se publicou entre nós, como estudo de sistematização no domínio glotológico, a valiosa contribuïção do Sr. Dr. Rodrigo de Sá Nogueira nos *Elementos para um Tratado de Fonética Portuguesa* (2), em que as onomatopeias são largamente exemplificadas e examinadas com rigor científico.

Impõe-se a continuação de tão úteis investigações, pelo muito que importam à compreensão de relevantes problemas de carácter fonético e etnográfico.

Quanto ao primeiro dêstes aspectos, não é arbitràriamente que se fixa, adentro das possibilidades articulatórias, o processo de exprimir por imitação os sons da natureza. Assim, no caso da figuração de sons violentos ou brandos, o emprêgo de consoantes surdas oclusivas labiais, ou fricativas lábio-dentais, não é evidentemente função de capricho.

No que respeita aos estudos etnográficos, o capítulo das onomatopeias assume não menos importante relêvo De facto, tem o povo, na sua ingenuïdade perceptiva e representativa, uma acuïdade especial, que lhe permite encontrar formas pitorescas, se não perfeitas, de sentido e de expressão.

Exemplifiquemos, ao acaso, com a onomatopeia fonético-ideológica do toque dos sinos, na imaginosa versão da Cova da Beira (Fundão):

---

(1) Cf., v. g., — além dos lugares cits. nos *Elementos para um Tratado de Fonética Portuguesa*, págs. 189-190, — J. Leite de Vasconcelos, *Tradições Populares de Portugal*, Pôrto, 1882, págs. 141-191; id., *Ensaios Ethnographicos*, III, Lisboa, 1906, pág. 104; T. Braga, *Contos Tradicionaes do Povo Portuguez*, II, Pôrto, s. d., págs. 153-154, 156-159 e 173; Francisco Manuel Alves, *Memórias Arqueológico-Históricas do Distrito de Bragança*, X, Pôrto, 1934, págs. 39, nota 1, 632, nota 1, 647, 655.

(2) Lisboa, 1938, págs. 189-293.

Diz o sino da Senhora da Conceição:

— *Tem lêndeas!... Tem lêndeas!... Tem lêndeas!...*

Aconselha o de São Francisco:

— *Se tem, tira-as!... Se tem, tira-as!... Se tem, tira-as!...*

Pregunta o da Misericórdia:

— *Com quê?... Com quê?... Com quê?...*

Responde o da Igreja:

— *C'um... bardelhão!... C'um... bardelhão!...*

Mas a onomatopeia vive igualmente, em larga extensão de sentido, tanto na linguagem popular, como na culta.

Poderiam multiplicar-se os exemplos de onomatopeias desta última proveniência. Entre os passos citados por J. Leite de Vasconcelos (*Opúsculos*, I, pág. 80), transcrevemos, por notàvelmente expressivo, o das *Metamorfoses*, VI, 376, imitativo do coaxar das rãs:

Quamvis sub aqua, sub aqua, *maledicere tentant.*

Registo merece também o curioso traslado aliterativo do canto da cigarra:

Sine sole sileo

— de bela expressão rítmica.

Na formosa alegoria de Vergílio:

Et iam nox umida coelo
Praecipitat suadentque cadentia sidera somnos (1)

— flutua a cadência da noite em reza subtil de embalo...

É ainda de Vergílio a célebre onomatopeia interpretativa de veloz cavalgada:

Quadrupedante putrem sonitu quatit ungula campum (2).

(1) *Eneida*, II, 8-9.
(2) *Ibid.*, VIII, 596.

Na nossa literatura, abundam igualmente os exemplos de harmonia imitativa, como no passo de Camões, de alta sugestão onomatopaica:

Aquelas mãos, que o mundo edificaram,
Aquêles pés, que pisam as estrêlas,
Com duríssimos pregos se encravaram (1).

De Fialho de Almeida, escritor de tão poderosas faculdades de observação e descritivo, citemos, entre tantas, a bela onomatopeia de uma das suas melhores páginas:

...*os grilos crivam o silêncio de silvos* (2).

Exemplifiquemos, finalmente, com a voz do Mar no «Pinhal do Rei», admirável de ritmo e de soberba expressão imitativa:

Catedral verde e sussurrante, aonde
a luz se ameiga e se esconde
e aonde ecoando a cantar
se alonga e se prolonga a longa voz do mar... (3)

*

* *

Apresentam-se, neste breve estudo, algumas onomatopeias populares da Beira-Baixa (4), interpretativas ou imitativas de vozes de animais, a par de outras apelativas.

Não se limita o povo a procurar reproduzir, tanto quanto possível com exactidão, a difícil linguagem dos irracionais, antes entretece a representação fonética das vozes com pequenas histórias ou narrativas, atinentes à justificação dos sons interpretados.

---

(1) *Lírica de Camões*, ed. crítica pelo Dr. José Maria Rodrigues e Afonso Lopes Vieira, Coimbra, 1932, pág. 318.

(2) *Estancias d'Arte e de Saüdade*, 5.º milhar, Lisboa, 1924, pág. 131.

(3) *Os Versos de Afonso Lopes Vieira*, Lisboa, 1927, pág. 137.

(4) Quási tôdas da colecção de meu Pai, Dr. José Monteiro, colaborador desta Revista.

Não pôde deixar de merecer a nossa atenção o cunho tão expressivo do falar regional, nos apropósitos que esmaltam as onomatopeias de que damos registo. Por isso se apresentam os elementos colhidos — sempre que possível — tal como rigorosamente se ouviram, tornando-se, assim, sem dúvida maior o interêsse fonético-etnográfico da colectânea.

I

VOZES DE ANIMAIS

1 — O carneiro, o boi, a galinha e o galo:

O carneiro berrou: — mé!...
O boi dixe-le: — ó!... ó!... ó!...
A galinha: — cá-crá-cá,
e o galo: có-caró-có!... (Açor).

2 — A galinha, o galo e o frango:

a) Diz a galinha:

— *Sempre a pôr, a pôr, a pôr... e andar descalça... ora esta!...*

Responde o galo:

— *Eu... te farei... uns... sapatos!...*

Torna a galinha:

— *Olha quem! Olha quem! Olha quem!...*

Acode o galo:

— *Eu mesmo... que sou... sa... pateiro!...*

b) Às galinhas que cantam de galo chamam em Vale-de-Prazeres e em Valverde *galelas*: «Tẽem mau agöro, as condanadas: fazem a desgrácia de ma casa! Batem as asas e é tüdo cmòs gáleso... O remédio é só cortar-les o pescoço!»

c) Na Partida, interpreta-se o canto do galo em curiosa variante do conto tradicional *A raposa e o mocho*: «Mà cajão,

ajuntérem-se um galo, um mötcho, um cão e ma raposa. E apöi, dixe a raposa que haviem de ali fazâr ma sociadade uns cos ötreso. O galo fogiu logo pra cima de ma árvora (bäi sabia âle o má infëto que aquilo dava...) e a raposa botöu os dentes ò mötcho.

— Olha lá — diz o mötcho —

atão querś-me aqui comâri,
sem a mnha gente sabâri?

Ha-des dezâr ò mêneso: — *Mötcho comi!*

A raposa que ia pra conrespondâri, mas ò abrir a bôca o mötcho fogiu e dixe:

— *Ötro sim,*
que nenja a mim!

O cão, derramado ca raposa, botou-se a-de-rabo dela, e o galo atão, lá de cima da árvora, dezia-le assim:

— *Pega-te à lei!... Pega-te à lei!...*

— que era a lei que ela dezia, de comârem e boârem uns cos ötreso...

Òpöi a raposa, cando ia a fogir prò covíli, passou prum tramoçal sâco, e os tramoços todes a tocarem:

— *Que lindo toque pra vàlhári,*
quem me dera vagári!

Tanto corrâu, tanto corrâu — pernas pra que te quero! — que lá antrö prò covil a arrezoári:

— *Ai o rabo, rabalhão,*
que sempre lá vinha na bôca do cão!

— Fica lá fora do covíli!

Tchegou intrementes o cão, puxö-le pro rabo, e matou-a.»

d) Lengalenga infantil:

Cá-querá-cá,
põe-o na pá,
faz um bolinho

ò Manèzinho.
— Que é do Manèzinho?
— Saltou prà áugoa.
— Que é da áugoa?
— Boârem-na os böje.
— Que é dos böje?
— Forem samiar o trigo.
— Que é do trigo?
— Comêrem-no as galínhase.
— Que é das galínhase?
— Stão a pôr os óveso.
— Que é dos óveso?
— Comârem-nos os pádrese.
— Que é dos pádrese?
— Stão a dezâr a missa
da santa carriça.

(Fundão)

e) Eram quatro frangos no poleiro, e deu aviso o mais velho:

— Temos hospedes em casa!

O mais chegado preveniu por sua vez:

— E querem pito assado!

Preguntou aflito o terceiro:

— Qual será de nós?

E o mais novo, esganiçado e a tremer:

— De mim, desgraçado!

(Fundão)

3 — O melro:

a) «O cantar do merlo tem gíria:

— As molhers nõ gostem do vinho...
Mas cando o apanhem,
— carrapitchó!...
pitchó... pitchó... pitchó!...

— É a squerroptcherem no copo...»

(Valverde)

b) *Tchi-ri-bi,*
lá di madrogada,
canta o merlo
e tchora a passarada.

(Alcongosta)

c) «Era um merlo que stava ingaiolado num passarenhëro, e òpöi aparçâu-le lá um, pro via do comprári:

— Olha lá, ó passarinho, é vardade que vales o denhëro? Respondâu-le o merlo:

— *Quem o düveda?*

Òpöi comprou-o e, como respondia a tüdo a mâsma cösa, infadö-se dâle e matou-o».

(Enxames)

4 — Os virós ***(papòfigos)***, um para outro:

a) *— Stá lá o clergo?*
— Lá o vi eu.
— E o figo madüro?
— Comi-o eu.

(Alcongosta)

b) *— O papòfigo?*
— Lá o vi eu.
— E o figo madüro?
— Papei-o eu.

(Fundão)

5 — O gaio e o papòfigo:

— Vists lá o clergo?
— Lá o vi, lá o vi:
stava bem vestido,
milhor do ca ti.
— Vists o figo madüro?
— Lá o vi, lá o comi.

(Telhado)

6 — A rôla:

a) No Fundão, é assim popularmente interpretado o canto da rôla:

— *Trrru .. trrru... trrru...*

b) Expressivo é o cantar da rôla-da-Índia, segundo interpretação da mesma localidade:

— *Pòe-te na rüa!... Põe-te na rüa!...*

7 — A poupa:

«Lá stá a pöpa a cantári! Ela bem aprega:

— *Pöpa, pöpa!... Pöpa, pöpa!...*

Mas no fim da primavera, pöco há que pöpári: anda a gente co resto das semintëras, e fica a casa despejada...»

(Fundão)

8 — O cavalinho:

«É um pássaro cmòs tórdeso, maiorzinho e sôbre o comprido, acoaje cmòs gáeso, e costumem a fazer ninho nos brecos dos carvalhos vélheso. Tem o canto imetante ò relintcho do cavalo e advinha má tempo:

S' o cavalinho canta ò mâi-dia,
tchove no ötro dia.»

Chamam-lhe também *pêto-real, cavalinho-das-sete-côres* e *papa-formigas.* A plumagem é de colorido semelhante à do gaio. Dispõe de grande língua, que introduz nas cascas das árvores para apanhar formigas, que são quási o seu alimento exclusivo. Abunda na região e não emigra.

(Fundão)

9 — Trinta-raízes:

«É um pássaro um pöco mai aventejado cò pardale, acoaje todo castanho e xpintalgado de branco no pëto. Tem o bico preto e grosso, um nadinha reverédo e sestenta-se de bítcheso. Vive cá todo o ano. Faz o ninho im calquer tòcëra de mato e inté dentro das cöves, entes de arrepolherem. Canta na primavera e stá mâsmo a dezâre:

— *Trinta-raízes!... Trinta-raízes!...*»

10 — A cotovia:

«Cando Nossa Senhëra ia a fogir prò Ingito co Mnino Jasuse, a pardiz aboaçou pra riba e spantou a jumenta. Veio atão a quetevia e spòjö-se nas passadas da burrinha, pra nõ le atcharem o rasto, e dezia òs judẽos que iem atrás da Sagrada Familha:

— *No vi... No vi* ..»

(Valverde)

11 — O rouxinol:

a) «O rixenol dëxö-se dromir de cima de ma vedëra, òspöi, cando acordou, stava prâso ò abraço dum ramo. Pediu atão a Nossa Senhëra que o soltasse, que hòvia de cantar sëj mâses a-ëto. Òspöi âle inganou Nossa Senhëra, proque canta trâs mâses de dia e ötros trâs de nöte, o que vem a dar na amtade do tempo. E é âste o së cantári:

— *Stive... stive.... stive...*»

(Alcongosta)

b) Na versão do Souto da Casa, é assim interpretado o canto do rouxinol:

— *Comi... comi... comi...*
um betchinho...
munto pequerretchinho...

c) «O rëxenol apösou nma vedëra e òdpöj o talo cresceu e inredlhö-se-le às pátase. E âle dixe atão à vedëra:

— Dëxa-me abalare, qu'ë te prometo cantar sëj mâsese, de nöte e de dia, incanto tu stoveres a cresçâre.

A vedëra dëxou, e âle fcou atão a cantar nos trâs mâses que ela stá a cresçâre, da Somana Santa ò Sã João:

— *Stive... stive... stive...*

Como canta de dia e de nöte, diz que sempre vem a cantar os sëj mâses que prometâu.»

(Fundão)

d) «O rixenol dromia ma nöte nma vedëra e agarrö-se a um anéli. Òdpöi o talo medrou e prindâu-o pro ma perna, mas âle tanto fâze, que de manhēzinha fogiu e dixe:

— Stive... stive... stive...
inté que fogi. . fogi... fogi...»

(Telhado)

e) «Ma vâz o rëxenol foi òs gatches a ma vinha. Òdpöi, o dono agarrou-o e fâze-o lá star trâs dias prâso a ma vide, a gordar a vinha. Òpöi âle, pra spantar os ötros passaros, punha-se atão a cantári:

— Stive... stive... trâs dias prâso... a ma vedëra...
Bôch! Bôch!... Agarra-agarra-agarra-agarra!...»

(Valverde)

f) Ao canto do pintassilgo e do rouxinol alude a quadra popular (lição de Valverde):

Tü di cá e ë di lá,
cal di nós canta milhóri?
Ë di cá sou pintexilgo,
tü di lá és rëxinóli.

12 — A majengra:

a) Pássaro pequeno, de plumagem verde-cinzenta e amarela, variedade dos conirrostros. «São capazes de xtintar as abâlhas dum cortiço: prantem-se im cima dâle e, ò saírem e ò intrarem, passem-nas ò strëto. Parece que stão mâsmo a dezâre:

— Püs im ti — püs em ti — püs im ti!
— Proque ë quis — proque ë quis — proque ë quis!»

(Fundão)

b) Em Idanha-a-Nova chamam à majengra «cachapim», porque dizem ser êste o seu canto:

— Cachapim-pim-pim...
Cachapim-pim-pim...

13 — O pisco:

a) «O pisco e a carriça são os passarinhos maj pecaninos do campo. Im a gente stando im calquer banda que nõ vâja o sol e öça o pisco, diz logo: — Ôlha, lá stá o pisco a ratchar lanha — é nöte! (O ladrão só canta ò fim do dia, e tem um cantar que parece mâsmo que stá a ratchar lanha!)»

b) «O pisco viu a tromenta armada no céu, apöje, cudeva que era pra âli, brou as pernas ò ar e dixe prà trevoada:

— Nõ vos atenhaj ò pisco,
que nõ tem pernas pra isso:
Atenhai-vos ò tordo,
que tem pernas de gordo!»

(Partida)

c) Na lição do Souto da Casa, outrem segura o pêso da tormenta:

— Atenhai-vos ò tintelhão,
que tem pernas de ladrão...

14 — A cegonha:

«O cantar delas é batâr as matreclas co bico».

(Valverde)

15 — A coruja:

a) «O pavão nasçâu incarrapato, e a cruja incargö-se dâle e foi a pedir ma pena impestada a cada pássaro. Òdespöi, todes le dexerem que sim, que las impestavem, mas que las havia de tronar a dárim. O pavão, assim que se viu vestido, já nõ quij dar as penas, e a cruja, que era ma spece de flador, tamãi no as podia pagárim. É prisso que ela no anda de dia, só munto ralo, pôque os pássaros botem-se todes a ela, a pedirem-le as pênasim.

Anda sempre atão:

— Gru!... Gru!... Gru!...

E respondem-le os maj pássaros:

— Deves ma pena
a cada um!» (Alcaide)

b) Merece ainda registo a curiosa versão da Partida: «Cando föi que se fromou o mundo, a cruja era ma molher e andava vestida de graça. Noss'Senhër dou-le uns baucros de mâiase. Òpöi ela scondâu àmitade na toca dum castenhëro, e òpöi Noss'Senhër dixe-le assim:

— Vamos a tal banda, pra partíramos os báucreso!

Apöi forem e Noss'Senhër, cando viu tão pöcos, dixe-le:

— Atão, stão aqui todos, vélha?

— Stão, sa Senhëri.

— Bom — dixe Nos'Senhër —

os que aqui stão,
partidos são;
os que lá dëxastes,
ò mato se vão!

...São atão os baucros montâsesi. Òpöi, como ela o röbou, Noss'Senhër pôse-a sem o vestido de graça e, assim que se viu incarrapata, pediu ma pena a cada pássaro — e lá fecou cma pena de cada coldade.

É um pássaro que no tem porte pra arrinjar ninho, põe os ovos adonde calha. O comâr delas é o azëte das alâmpedas das eigrâjas, que se pôim a tchupéri. No podem sair de dia, sempre é um almal que todes os pássaros le piquem. O cantar é só ũe:

— Gru!... Gru!... Gru!...

Stá im dezâri:

A povre da cruja,
o que stá de apaixonada!
Todes os pássaros le pequerem,
dëxarem-na despenada...»

16 — O mocho:

«Nós, ò mötcho, tchamêmos-le «Demíngueso». É pro casa do cantári:

— Demíngueso!... Demíngueso!... Demíngueso!...»

(Valverde)

17 — A noutibó:

«As pedras da Galéia stão acoaje ò mâi da Serra, acando se vai da Snhëra dò Mradöro pra riba. Inda lá stão asslanadas as pèsadas da burrinha adonde ia a nossa Snhëra co Mnino Jasüs e Sã José. Isto assecedâu cando um rei mandou matar tôdas as crienças que hòvia no mundo. Òdpöi a Nossa Snhëra e o Sã José fequerem im consultas cando lo dexerem, e pojerem-se ò caminho e lá se forem prò Ingito. Föi atão que aqui passarem na nossa Serra. [...] Òpöi, incontrarem ma pardiz que fâz munto barulho, vai a Nossa Snhëra amaldçoö-le as penas, nenja a carne. Mai adiente, toparem ma nötebó, que se pôs a dezâri:

— *Cá vai!... Cá vai!...*

— que era o mâsmo que insenesse os soldádeso... Atão a Nossa Snhëra amaldçoöu-a tamãi».

(Fundão).

II

VOZES PARA CHAMAR, CONTER EM RESPEITO OU AFUGENTAR ANIMAIS

1 — O boi:

No lidar da junta, o ganhão entende-se familiarmente com os bois, que acodem cada qual por seu nome: *bòrisco, borisco* ou *barisco* (i. é, mourisco) — o mais escuro; e *bòreno* ou *boreno* (i. é, moreno), *castanho* ou *amarelo* — o mais claro. Em trabalhos do campo, v. g. na lavra das terras, o ganhão vai sempre atento aos bois e dá-lhes as precisas vozes de comando. Para os jungir ao arado, levando-os mansamente de recuo e inclinando a aguilhada de alto:

— *É...xe! É...xe!*

Na operação da lavra:

— *Ò râgo!... — Anda cá! Ô!... — Tama!...*
— *Í!... Í!... — Tchëga-te, bòreno!...*
— *Vá-lá-vâ... ri!*

Ao fundo da leiva, para voltar os bois com o arado:

— *Àstrà bris... co!... — Aí!... — Ó!... — Tama!...*
— *Àstrás vi... ra!... — Tchëga, casta... nho!...»*

(Fundão).

2 — O cavalo, o burro e o macho:

Para os animais de raça cavalar, asinina ou muar, é uma das seguintes a voz de os fazer parar ou conter:

— *Xó!... — Xó ai!... — Xó... xe!*

3 — O porco:

a) Para chamar os porcos à pia ou ao curral, dizem no Fundão:

— *Fquiá!... Fquiá!... Fquiá!...*

Em Valverde, dizem também:

— *Querrô... tcho! Querrô... tcho!*

E se são pequenos:

— *Corri... tcho! Corri... tcho!*
— *Crrô!... Crrô!... Crrr!... Crrr!..*

b) Na superstição popular do Fundão, as bruxas aparècem, por vezes, transformadas numa porca com leitões, que saem ao caminho das pessoas, por horas mortas, grunhindo — *corrim... corrim... corrim...* — e desaparecendo, depois, num abrir e fechar de olhos.

c) Para enxotar ou afugentar os porcos, usam nas referidas localidades a forma interjectiva: — *Cô... tche!*

4 — O cão e o gato:

Chamam-se respectivamente com as vozes: — *Bôch-bôch-bôch!* e *-bchi... bchi...* — esta em fricativa palato-dental surda.

Vozes de os afugentar: — *Marcha!...* — *Sape!...*

(Cova da Beira).

5 — O burro, o cão, o gato e o porco:

«Ma vélha tinha um burro, debaxo da cama o tinha. O burro arrnegou e a vélha dezia:

— *Tó...xe!* Um raj ta parta, diabos te levem, lôbos te cômem, töros te marrem, tanto como pesas pro mal que me fázese!

Ma vélha tinha um cão, debaxo da cama o tinha. O burro arrnegou, o cão ladrava e a vélha dezia:

— *Tó... xe! Tó... o!* Um raj ta parta, diabos te levem, lôbos te cômem, töros te marrem, tanto como pesas pro mal que me fázese!

Ma vélha tinha um gato, bebaxo da cama o tinha. O burro arrnegou, o cão ladrava, o gato miava e a vélha dezia:

— *Tó... xe! Tó... o! Sape!* Um raj ta parta, diabos te levem, lôbos te cômem, töros te marrem, tanto como pesas pro mal que me fázese!

Ma vélha tinha um porco, debaxo da cama o tinha. O burro arrnegou, o cão ladrava, o gato miava, o porco roncava e a vélha dezia:

Tó .. xe! Tó .. o! Sape! Cô... tche! Um raj ta parta, diabos te levem, lôbos te cômem, töros te marrem, tanto como pesas pro mal que me fázese!»

(Alpedrinha).

6 — A galinha:

Na Cova-da-Beira (Fundão, Valverde, etc.) usa-se comummente, para chamar as galinhas:

— *Peqni... na!... Peqni... na!...*
— *Pila-pila-pila-pi...la!*

Para as enxotar:

— *Xô!... Xô daí!...*

7 — A raposa:

«As raposas cantem cmòs galos, pròs atraírem e às galinhase. Tamãi berrem cmàs cabras e ladrem cmòs cãje. É almal de munta manha!»

(Donas).

8 — O gato e a pita:

Nã digas ò gato: — *sape!*
nem à pita: — *xô daí!*
nem ò amor: — vai-te imbora!
sinão — assenta-te aqui!

(Fundão).

Lisboa, Fevereiro de 1943.

Ana-Rosa Monteiro
(Aluna do 4.º ano da Fac. de Letras,
Filologia Clássica).

INTRODUÇÃO AO CANCIONEIRO DA BEIRA-BAIXA

I

De longe controvertido, o problema das origens da poesia popular dir-se-ia enquadrado entre dois conceitos relutantes: *a)* — génese espontânea do «povo emocionista e inconsciente»; *b)* — inaptidão criadora da «massa anónima» e, em certo modo, dos elementos individuais que a integram.

Teófilo Braga, sensìvelmente no primeiro dos extremos, afirma a origem de elementos espontâneos de elaboração popular-colectiva, como fonte primária da poesia nacional, literàriamente fixada por homens cultos ou individualidades conscientes (1).

De ângulo oposto, observa M. Rodrigues Lapa que o povo, a massa anónima, não cria verdadeiramente: assimila, transforma e conserva; que não podia sair dentre o povo, pròpriamente dito, a mão hábil de fino joalheiro, denunciada no carácter literário de muitas das peças do nosso cancioneiro popular, as mais belas talvez; e que a poesia produzida pelos poetas populares é a menos popular de tôdas, porque o seu poder de irradiação é mínimo, circunscrevendo-se ao lugar, à vila ou à cidade, ou reflectindo uma emoção transitória, de momento (2).

Avocando a lição dos textos e da estatística e o ensino da experiência, acentuaria o mesmo douto escritor que «precisamente o melhor da poesia popular tem origem literária; e se o produto culto se tornou popular, deve-se isso a um fenómeno de simpatia, de correspondência, que ligou num

---

(1) *Historia da Poesia Popular Portugueza*, 3.ª ed., I, Lisboa, 1902, pp. XIII, 1, 3, 321, 410-411, *passim*. — D. Carolina Michaëlis (cit. de J. J. Nunes in — *Cantigas d'Amigo*, I, Coimbra, 1928, pp. 87-88), cotejando as canções trovadorescas de cunho popular com as de mestria, considera as primeiras «néctar aromático das flores agrestes — criação espontânea das charnecas e das serras pátrias».

(2) *Das origens da poesia lírica em Portugal na Idade-Média*, Lisboa, 1929, p. 201.

dado momento o autor aos sentimentos e aspirações colectivas, ou ainda, dum modo mais geral, às palpitações da humanidade» ([1]).

Cremos achar-se em justo meio a prudente solução do problema. Sem dúvida, a tese romântica da criação colectiva, que interessou a contar do séc. XVIII a especulação de estudiosos cultores da filosofia e do direito, da história, da filologia e do folclore, é hoje, se não aceita com reserva, comummente rejeitada por abstrusa. Além do mais, não pode, de facto, compreender-se, como nota Leite de Vasconcelos, «que na origem se juntassem uns poucos de individuos e ao mesmo tempo as compuzessem [as canções], como alguns philosophos absurdamente suppuzeram que succedêra a respeito da creação da linguagem» ([2]).

Importa, porém, não levar às últimas conseqüências a tese da inaptidão da massa anónima. Afirmar, com M. Rodrigues Lapa, que o melhor da poesia popular tem origem literária; que não podia sair dentre o povo pròpriamente dito o seu autor; e que a poesia dos poetas populares é a menos popular de tôdas — afigura-se-nos excessivo.

Louvando-nos mais uma vez no sábio autor da *Etnografia Portuguesa*, de tão justa observação e acurado censo crítico, temos também para nós que os primeiros tipos de canções se criaram individual, embora anònimamente, quer fôssem seus autores pessoas do povo, quer pessoas cultas ou semi-cultas: no primeiro caso nasceram do povo, no segundo e terceiro foram por êle modificadas, de modo que, passados tempos, certas canções de comêço por acaso singelas ou pobres tornaram-se obras-primas ([3]). Semelhante trabalho de clari-

---

(1) *Lições de Literatura Portuguesa — Época Medieval*, 2.ª ed., Coimbra, 1943, p. 42.

(2) *Poesia Amorosa do Povo Português*, Lisboa, 1890, p. 16.

(3) *Opúsculos*, VII, Lisboa, 1938, pp. 765 e 1212-1213. Cf. Agostinho de Campos e Alberto d'Oliveira, *Mil Trovas*, Lisboa, 1917, pp. XIV-XV e XVII: «O Povo, adoptando-as [quadras de autores conhecidos e ilustres], tornou-as anónimas: nenhum maior prémio podiam esperar os que as conceberam. Assim vêem êles, com justo orgulho, acamaradadas as suas trovas com as de nascença popular, que tôdas também tiveram autor, embora humilde e incógnito». E mais adiante: «A trova anónima é um produto natural de raiz, tão natural como a planta que rebentou e floriu, sem ser semeada nem cultivada por mão de homem, no meio de um campo maninho. ¿Tem a terra consciência da milagrosa beleza das flores que nascem do seu ventre fecundo? A trova popular e a flor campestre são irmãs gémeas».

ficação — poderíamos ainda acrescentar — sublinha com especial relêvo a interferência do povo, a um tempo criadora e anónima.

Quanto às cantigas e rimas dos poetas populares, embora lhes falte com freqüência forma delicada ou pensamento fino, como também observa Leite de Vasconcelos, adquirirão gradualmente essas qualidades desde que passem à turba — «como um seixo rolado pelas águas, que a pouco e pouco se torna mais polido e luzidio» (1).

*

* *

Assente pois, em justos têrmos, um *quantum* de originalidade popular na fecunda elaboração dos cancioneiros, ponderemos, quanto às canções dos nossos trovadores, que são justamente as de cunho popular — em contraste com o tom convencional e artificioso das de *mestria* — que poderemos chamar, com J. J. Nunes, rigorosamente nacionais, isto é, feitas sôbre modelos populares. Além das *cantigas-de-amigo*, sobretudo das *paralelísticas*, em que semelhante cunho especialmente se manifesta, é ainda de notar, quanto às *cantigas-de-amor*, o refrão ou estribilho de grande parte delas — «reflexo da poesia popular do tempo» (2).

---

(1) *Ibid.*, p. 767; *Poesia Amorosa*, p. 15. — Excedendo o prudente juízo de Leite de Vasconcelos, os distintos coleccionadores e prefaciadores das já cits. *Mil Trovas* (pp. XV-XVI) exaltam a «agudeza de inspiração e a veia improvisadora» com que «a cachopa ignorante, na excitação nervosa da festa aldeã, extraíu da sua ignorância a imagem nova, essência misteriosa de verdade ou beleza, que logo outra cachopa repetiu e tôda uma aldeia aclamou com seguro instinto».

(2) *Cantigas d'Amigo*, I, pp. 83-90; *Cantigas d'Amor*, Coimbra, 1932, pp. XXIV-XXVII. — Aproximemos o seguinte passo de Joseph Anglade (*Les Troubadours*, Paris, 1908, p. 265): «Ce qui est plus important, c'est que la poésie portugaise comprend beaucoup d'œuvres qui paraissent être d'inspiration populaire. Et il y en a de charmantes qui semblent ne rien devoir à l'imitation». — «Os Trovadores fidalgos — diz T. Braga, *op. cit.*, p. 424 — imitaram as formas da Canção popular, na sua estructura, regularisando o emprego das rimas e fixando-lhe a trichotomia estrophica». — Waldemar Vedel (*Romántica Caballeresca*. 2.ª ed., Barcelona, 1933, p. 44) escreve por sua vez: «Pastorelas, albadas, romances, baladas, todas estas creaciones eruditas y literarias de los cantos populares fueron cantadas, sin duda alguna, por los *dilettanti* de la nobleza — señores y damas —, como motivo

Leite de Vasconcelos, ao redor do problema da relacionação de algumas peças poéticas do *Cancioneiro da Vaticana* com a poesia popular portuguesa, considera a aproximação de duas canções, uma de João Zorro e outra de Airas Nunes, como resultante da inspiração de ambos em um tipo comum, verosìmilmente popular. Depois de referir a existência, em autos de Gil Vicente, de composições de contextura semelhante às daquele *Cancioneiro* e de assinalar determinados fragmentos da nossa poesia trovadoresca, transcreve quatro espécimes por êle colhidos em Trás-os-Montes, comprovativos da «continuïdade de tradição desde o séc. XIII ao XIX, das relações entre os escritores eruditos do *Cancioneiro da Vaticana* e o povo, e das íntimas relações da poesia popular moderna com a medieval» (1).

Algumas canções por nós colhidas na Beira-Baixa abonam sensìvelmente a mesma tese. Salientaremos — em cotejo com a referida composição de Airas Nunes, publicada sob o n.º CCLVIII do vol. II das já citadas *Cantigas d'Amigo* —

Bailemos nós já todas tres, ai amigas,
so aquestas avelaneiras frolidas
. . . .

Bailemos nós já todas tres, ai irmãas,
so aqueste ramo d'estas avelãas
. . . .

— a canção coreográfico-amorosa *De ramo em ramo* (lição do Fundão), com encadeamento de leixa-pren:

Vamos nós de ramo em ramo,
vamos nós de flor em flor,
vamos nós de braço dado,
vamos falar ao amor.

Vamos falar ao amor,
vamos nós assim, assim,
vamos nós de braço dado,
vamos até ao jardim.

---

de entretenimiento, en las reuniones de los castillos. La mayoría de ellas no conserva el nombre de su autor, apareciendo como una manifestación social caballeresca de la poesia popular».

(1) *Opúsculos*, vol. cit., pp. 736-745.

Lembremos ainda, na «redondilha» de Camões *Noite de Natal*, segundo o traslado de Mendes dos Remédios ([1]), a impressiva convergência do mote —

Nasce estrella d'alva,
A manhã se vem,
Despertae, minha alma,
Não durmaes meu bem...

— com uma das estrofes do *Menino Jesus*, de cândido estribilho popular, na versão de Alcaria (Cova-da-Beira):

Calai meu menino,
calai ó meu bem,
que a estrêla d'alva
já rompendo vem.

*

* *

De tanto que se tem aventado sôbre as origens do lirismo galaico-português e do romanceiro ibérico, julgamos oportuno inferir neste leve esbôço introdutório, por um lado, a precedência e supremacia ([2]), rara individualidade ([3]) e cunho autóctone ou indigenato ([4]) do nosso lirismo amoroso — e,

---

([1]) *Camões Poeta da Fé*, Coimbra, 1924, pp. 170-172.

([2]) Carolina Michaëlis de Vasconcelos, *Estudos sôbre o Romanceiro Peninsular — Romances Velhos em Portugal*, 2.ª ed., Coimbra, 1934, p. 9. — Cf. supra p. 143, n. 1.

([3]) Menéndez y Pelayo, *Historia de la poesia castellana en la Edad Media*, I, pp. 229-231, in — António Sardinha, *À Sombra dos Pórticos*, Lisboa, 1927, p. 68.

([4]) J. J. Nunes, *Cantigas d'Amor*, pp. 10-23; António Sardinha, *op. cit.*, p. 70. É dêste último autor *(A Aliança Peninsular*, 2.ª ed., Pôrto, 1930, p. 117) o passo seguinte: «O mito do *Encoberto*, como um alerta permanente de esperança, só do Lirismo brotou e só pelo Lirismo se mantêm ainda agora. Dêste modo, compreende-se perfeitamente que a ternura, (*«tengo los ojos niños y portuguesa el alma!»* — lá dizia na *Dorotea* aquêle «D. Fernando» de Lope de Vega), gerando em Portugal o sentimento da *saüdade*, tornou ali mais aclimatável a «matéria-bretã», enquanto em Castela, com a Gesta, são os heróis carolíngios que inspiram e contornam os próceres galhardos do *Romanceiro*. Do *Romanceiro* descende, por seu turno, o patético imenso do *Cavaleiro da Triste-Figura*. Contràriamente, a feição emotiva da grei moradora nas ribeiras ocidentais da Península, ser-nos-ia dada pelo coração esforçado e sensível do donairoso *Amadis*».

por outro, o sêlo castelhano da gesta peninsular, de raiz histórica e carolíngia, sem prejuízo, «entre os mil romances anónimos», de «uma parte devida a Portugueses» (1).

Com D. Carolina Michaëlis, queremos ainda admitir a tese de que «até fins do século XV a linguagem épica era para todos — espanhóis, galego-portugueses e catalães — a castelhana (e facultativamente continuou a sê-lo nos séculos XVI e XVII), como a linguagem lírica fôra até 1350 a galego-portuguesa para Portugueses, Galegos e Espanhóis (e mesmo para alguns trovadores limosinos), e continuou a sê-lo facultativamente até 1450» (2).

*

* *

Elementos substanciais da canção, de tal modo a poesia e a música se integram, que será lícito afirmar da segunda, quanto às origens, o que pudemos manifestar de nossa convicção relativamente à base estrófica da melodia. No tempo dos trovadores, como no dos rapsodos da Grécia primitiva, irmanavam-se e confundiam-se as duas artes (3).

Como observa J. J. Nunes, o cantar compete em antiguidade com a fala (4) e, movimento da intonação, poderemos avançar com Dupré, Natham, Spencer, Dauriac, e tantos outros, que a linguagem tonal dos sentimentos precedeu a expressão articulada dos sons (5); sendo ainda de ponderar — e exemplificamos com o douto López Chavarri — que «el canto popular dice lo que el hombre no sabría o no se atre-

---

(1) Carolina Michaëlis, *op. cit.*, pp. 9-15. — Discorrendo sôbre a matéria *arturiana*, de cunho romântico em contraste com o épico da *carolíngia*, nota William Entwistle — depois de achar «um paradoxo enorme expatriar a obra [*Amadis*] da literatura castelhana» — «a paradoxal noção de atribuir a uma literatura, hoje principalmente castelhana, uma origem inteiramente portuguesa» (*A Lenda Arturiana nas Literaturas da Península Ibérica*, Lisboa, 1942, pp. 200 e 208).

(2) *Ibid.*, p. 14.

(3) J. Anglade, *op. cit.*, p. 55.

(4) *Cantigas d'Amigo*, I, p. 5.

(5) J. Reis Gomes, *A Música e o Teatro*, Lisboa, 1919, pp. 6-9; — cf., v. g., no mesmo sentido, Rodney Gallop, *Cantares do Povo Português*, Lisboa, 1937, p. 12.

vería a decir hablando, porque la palabra limitaría demasiado su emoción» [1].

Sôbre a capacidade popular de invenção musical, escreve M. Sampayo Ribeiro: «Os esquemas rítmicos tiveram origem erudita; as linhas melódicas é que foram *achadas* pelo povo». E acrescenta: «...não podemos excluir a existência de raros músicos natos, capazes de conceberem uma linha melódica nova. Mas o que sempre se verifica é que essa nova cantiga foi feita à imagem e semelhança de outra já conhecida e, em geral, de origem erudita» [2].

Por seu lado, Rodney Gallop, fixando o «limite de criação musical independente, de que é capaz o camponês», em certas melodias de trabalhos agrícolas [3] e profissionais, nas cantilenas de embalar e nos pregões dos vendedores ambulantes, adverte que «desta música em embrião saíu tôda a música erudita», devolvida ao povo, em trabalho de fusão ou interpenetração, depois de «desenvolvidos e ampliados os seus próprios germes melódicos por músicos profissionais e semi-profissionais» [4].

Característico, e como tal o registamos, é o passo do Dr. A. Graves, transcrito por Gallop na pág. 12 dos *Cantares:* «Chamar o gado, apregoar, bradar no campo, eis pròvàvelmente o início de todos os cantares. As canções de trabalho são já, talvez, extensões destas melodias primárias. O trabalho sugere certos ritmos: — assim o balanço do berço, o bater do martelo na bigorna, a passagem dos remos pela água, o rodar do sarilho ou engenho de fiar, convidam a canto ritmado, a princípio monòtonamente, para depois desenvolver grupos melódicos que se tornam melodias».

Muitas das nossas canções populares, «sobrevivências de antigos vilancicos» (quási todos os «*Natais*» e «*Reis*»), ou «em estilo antifonal», denunciam a presença de música

---

(1) *Música Popular Española*, 2.ª ed., Barcelona, 1940, p. 319.

(2) *Do justo valor da canção popular*, in «Rev. da Faculdade de Letras», II, n.º 2, Lisboa, 1936, p. 319.

(3) De um trabalhador dos arredores do Fundão, colhemos há anos êste expressivo comento: — «A cantiga da cëfa é aducada ò travalho: vamos cantando e cëfando ò compasso. Cando nã cantemos, o travalho nõ vai bãi».

(4) *Op. cit.*, pp. 13-14.

religiosa medieva (1) — tal como nas canções trovadorescas, cuja origem litúrgica, pelo menos em grande parte, é hoje geralmente aceita. Consideremos todavia, com J. J. Nunes (*C. d'Amigo*, I, 142), que, se o povo adaptava por vezes aos seus cantos a toada litúrgica (2), a Igreja, não podendo extinguir certas costumeiras, arreigadas no povo já desde o paganismo, em certa maneira as santificou, adoptando-as, e do mesmo modo procedeu com a música.

Não esqueçamos porém, quanto à Península, entre outros factores de justificável influxo, o elemento oriental advindo da convivência árabe de sete séculos (3). Nem deixemos de aventar, com António Sardinha: «Se houve uma lírica popular galega, donde dimanou a lírica peninsular, tanto do Rei-Sábio, como antes de Abencuzmán, ¿por que não dimanaría também das toadas populares do noroeste da Península a música que, apurada pelo adiantamento musical do Oriente, acabou por estender à Europa a sua fôrça inspiradora?» (4).

*

* *

Ligada ao canto, como vimos, é ainda cadenciada a poesia «pelo rythmo da dansa», com base na gesticulação e outros movimentos e atitudes expressivas (5).

Importa neste momento transcrever, quanto à origem da dança, o seguinte passo convergente de López Chavarri: «El baile no es más que el ritmo realizado por el cuerpo

---

(1) M. Sampayo Ribeiro, *op. cit.*, pp. 322 e 324.

(2) Sôbre as possíveis razões da influência litúrgica na melodia popular, aproximaremos o seguinte curioso passo da *Descrição de Lisboa*, de Damião de Góis, na autorizada versão do Prof. Dr. Raúl Machado (Lisboa, 1937, p. 54): «Não posso deixar de acrescentar aqui merecidos louvores à música religiosa. Todos sabem perfeitamente como, nas principais festas do ano, saem da capital mais de trinta grupos corais completos para cantar, em canto de harmonia, nas solenidades religiosas das aldeias e vilas dos arredores. Contudo, a-pesar-de saírem no mesmo dia, as igrejas da cidade, onde se canta música harmónica, não ficam desprovidas de cantores para as suas festividades».

(3) E. López Chavarri, *op. cit.*, pp. 20 ss.—Cf. D. Carolina Michaëlis, *Das origens da poesia peninsular*, Lisboa, 1931, pp. 18, 24, *passim*.

(4) *À Sombra dos Pórticos*, pp. 87-88.

(5) T. Braga, *op. cit.*, pp. 381-382 e 407.

humano para exteriorizar una emoción; o como decía Teófilo Gautier: «Es un ritmo mudo, una música para mirarla». Por eso los instrumentos más instintivos, más primitivos, son los que baten ritmos para acompañar la danza. Pero en ésta pueden distinguirse dos aspectos bien diferentes: el primero es la danza instintiva, la de saltos; y cada salto no es otra cosa que una «actitud» reflejadora de una emoción también instintiva y a veces inconsciente; esta danza puede llegar desde la sencilla impulsión de saltos dionisíacos, hasta las ordenadas danzas sagradas de un templo; pero siempre conserva algo de individual, de aislado, en cada ejecutante; el segundo tipo es la danza en «corro», cogidos los bailadores de las manos con instintiva hermandad de sentimiento, como es hoy la «sardana» en Cataluña» (1).

Nas *Memórias Arqueológico-Históricas do Distrito de Bragança* (IX, p. 295), escreve o proficiente Reitor de Baçal: «É sabido que entre os antigos iberos e povos do oriente asiático, uma das formas do culto externo era constituída pela dança; não qualquer dança, mas sim uma especial consagrada pelas fórmulas litúrgicas, que tinha passes, trejeitos, ritmos e cadências próprias — dança sagrada. Os cantos do poeta — dizia um que o era — são mais eloqüentes que as simples palavras, a música exprime mais que os poemas e a dança mais que a música; pela música, a essência dos deuses é visível e se comunica aos seres mortais, e os sentimentos dos homens tomam a forma de objectos animados».

Observemos finalmente, com o erudito autor das *Cantigas d'Amigo* (I, p. 11), que nos bailados populares, a que sem dúvida pertencem muitas das trovas dos nossos Cancioneiros, designadamente as paralelísticas, a poesia do povo entra como elemento indispensável, servindo, pelo canto que a acompanha, de estímulo à dança.

Assim sumàriamente delineados os elementos da canção popular, notemos ainda que, à semelhança dos jograis medievos — «levando consigo o rôlo das cantigas e o instrumento com que as acompanhavam e que eram o seu ganha-pão» (2) — de igual modo em nossos dias, sobretudo nas cantigas-de-cego, se pode verificar a concomitância dêstes dois meios de

(1) *Op. cit.*, pp. 72-73.
(2) J. J. Nunes, *Cantigas d'Amigo*, I, p. 51. Cf. p. 138.

exibição jogralesca, sem falar do uso especial de instrumentos — adufes, pandeiros, violas, pífaros, harmónios, ferrinhos — que acompanham grande parte dos jogos-de-roda e outras danças e canções do povo.

Síntese perfeita dos elementos integrantes do *balho* popular — e é tempo de fecharmos êste capítulo — é a curiosa e expressiva quadra, que damos na lição de Aldeia de Joanes:

Indo eu à rüa abaxo,
incontrei três passarinhos:
um cantava, *ôtro* dançava,
ôtro tocava *os ferrinhos.*

II

Inventariando as relíquias de um passado, que mais e mais se distancia e perde com a acção destruïdora da vida culta, prepara o etnógrafo, como observa Oliveira Martins, os elementos indispensáveis para o estudo da existência histórica de um povo (1).

Entre essas relíquias, que algumas décadas de cosmopolitismo e bárbara dissociação mal nos consentem esmerilhar sob a hera das ruínas (2), têem lugar de primazia as que informam o chamado cancioneiro popular, duplamente impregnado de puro lirismo e de precioso desenho musical.

A mulher, a natureza, as festas religiosas, os costumes, as lendas, os trabalhos agrícolas, são outros tantos módulos da actividade poética do povo, que penetram a sua vida de relação e inspiram, de remotas eras, a humana sensibilidade.

Dom magnífico de Deus que acompanha o homem em sua jornada obscura — amando e rezando, soluçando e rindo,

---

(1) *Annuario para o Estudo das Tradições Populares Portuguezas*, Pôrto, 1882, p. 35. — «Para o homem saber o que foi, necessita de interrogar toda a poeira que lhe cahiu das sandalias, na viagem dos séculos» (J. Leite de Vasconcellos, *Ensaios Ethnographicos*, Esposende, 1903, II, p. 51).

(2) Como ponderámos em entrevista no *Diário de Lisboa*, de 9-IV-1941, «urge a recolha dos elementos etnográficos, sobretudo os do cancioneiro, em grave risco de contaminação, dados os modernos agentes de difusão radiotelefónica e a quási sempre abusiva organização — e ensaio — de grupos corais folclóricos».

— o cantar é uma strâia
qui Dâs deu às criatüras:
cãi nã pode istrabochâia,
como os cegos às iscüras... (1)

Entre as canções da Beira-Baixa — e especializamos a Cova-da-Beira e zonas limítrofes por sua maior riqueza e cunho tradicionais — salientaremos desde já as da vida rural, de profundo acento antifónico (v. g., *Ceifa*, *Sacha*, *Arrecolheitas)*, por assim dizer inexploradas nas compilações até hoje vindas a lume, desde as *Musicas e canções populares* de Neves e Melo (1872), às valiosas colectâneas de P. Fernandes Tomaz (2), Francisco Serrano (3), Correia Lopes (4), Rodney Gallop (5), Gonçalo Sampaio (6) ou Maria C. Pires de Lima T. de Sousa (7).

Na sua «Etnografia da Beira» (vols. II e IV), inclui J. Lopes Dias, entre outras canções, cinco alusivas à vida do campo (8). Recentemente, na gravação empreendida pela Emissora Nacional sob a direcção de Armando Leça, registaram-se, de todo o país, três dezenas de canções do mesmo tipo, um têrço das quais da Beira-Baixa (9) — o que de algum

(1) Lição do Souto da Casa. Na Atalaia do Campo, verificámos *istartalâia* em vez de *istrabochâia*. Digna ainda de registo a lição de Valverde:

O cantar tamãi é dote
qui Dâs deu à criatura:
só a mim nã mi deu nada,
por minha triste vintura.

(2) *Canções Populares da Beira*, Figueira-da-Foz, 1896; *Velhas Canções e Romances Populares Portugueses*, Coimbra, 1913; *Cantares do Povo*, Coimbra, 1919.

(3) *Romances e Canções Populares da minha terra*, Braga, 1921.

(4) *Cancioneirinho de Fozcoa*, Coimbra, 1926.

(5) *Cantares do Povo Português*, Lisboa, 1937.

(6) *Cancioneiro Minhoto*, Pôrto, 1940.

(7) *Folclore Musical*, Pôrto, 1942.

(8) *O que a nossa gente canta*, Lisboa, 1927 e 1937.

(9) A. Leça, *Cancioneiro Músico-Popular*, Lisboa, 1940, pp. 57-80. Não deixaremos sem reparo as observações do distinto autor sôbre o uso do adufe, que diz «raro» na Cova-da-Beira (o que de facto não sucede: o «S. João», v. g., é geralmente cantado com adufe), e quanto ao suposto carácter monódico da cantiga das «sachas», aliás, em qualquer das variantes, uma das mais belas melodias corais do Fundão e aldeias limítrofes.

modo confirma, como poderia aliás inferir-se das restantes melodias, o asserto de António Arroio quanto a sobrelevarem as Beiras, em abundância de material melódico, as demais regiões portuguesas (1).

Designadamente da nossa Província, «a parte de Portugal que oferece mais rica e interessante variedade de canções populares» (2), pudemos colher em horas feriadas dos últimos anos — de pessoas do povo, quási sempre mulheres — passante de trezentas espécies de tipo monódico ou coral, cuja edição, a que serve de abertura o presente trabalho, daremos em notação musical simples, sem a perigosa «vestimenta de harmonia» justamente profligada por A. Arroio, e de todo excluída a intervenção pessoal, como se recomendava na Circular do Conselho de Arte Musical do Conservatório de Lisboa, de há quarenta anos (3).

Não hesitámos, até quanto a lições já publicadas, na recolha de *variantes*, sôbre as quais, no maior número possível, carece de ser feito o estudo da canção popular, para seguro conhecimento das leis da sua produção e evolução, «além de que sempre aparecem casos imprevistos de alterações rítmicas, de modulações inéditas, de terminações inesperadas e do mais rico interêsse construtivo» (4).

Nem esquecemos, com Leite de Vasconcelos, que «em geral as tradições de um paiz [e, dentro do mesmo paiz, de cada uma das suas regiões, como é óbvio] não são autochtones d'elle, mas encontram-se em muitos, e ás vezes bastante

---

(1) «Introducção» às *Velhas Canções* de P. Fernandes Tomaz, p. XXVIII.

(2) Rodney Gallop, *op. cit.*, p. 27. E em outro passo: «Mas a Beira Baixa pode gabar-se de qualquer coisa ainda mais notável [do que o peculiar modo andaluz], isto é, de melodias de verdadeiro modo frígio, sem sustenido no *sol*». Além de três destas melodias, provenientes de Casegas e da Serra-da-Estrêla, está ainda a Beira-Baixa representada nos *Cantares* de Gallop por outros «arcaicos modos gregorianos», como o *dórico* (Casegas), *mixolídio* (Vale-de-Lôbo) e *lídio* (Meimoa) — pp. 33-34.

(3) «Introducção» *cit.*, pp. XX e XLII. — Cf. G. M., *A Musica Popular em Portugal*, in — «Revista do Minho», XX, 176. — Nos trabalhos de colheita a que temos procedido, consignamos a preciosa colaboração da Sr.ª D. Lucília Monteiro Figueira e do Sr. Dr. Eduardo Pereira Ferraz que, em algumas centenas de traslados melódicos, dedicadamente supriram a nossa impreparação técnica.

(4) António Arroio, «Duas Palavras», in — P. Fernandes Tomaz, *Cantares do Povo*, p. 8.

afastados» (1). Embora, pois, tratando-se, como usualmente sucede, de meras variantes etnográficas, não perde em eficiência o trabalho do investigador, sabido que o método em etnografia é o histórico-comparativo e que bastaria, como já escrevemos (2), o traslado em linguagem popular dos elementos directamente verificados, para lhes conferir o mérito, se outro não tivessem, de útil contribuïção dialectal.

Observemos a êste respeito que, fazendo uso, quanto possível estreme, do falar regional na colheita de materiais etnográficos, daremos sem sublinha os desvios de pronúncia normal, assim como os de forma e sintaxe — «desvios», se tal se pode dizer, desde que em certo modo evidenciam, no *processus* da evolução da língua, a aplicação instintiva e renovadora da lei do menor esfôrço.

No traslado fonético, julgamos ainda necessário esclarecer a representação do ditongo *ei* que, soando na Beira-Baixa (dialecto do Fundão) como o *é* francês, se nos afigura impròpriamente expresso por *ê*, como se tem feito. Na falta de símbolo diacrítico ajustado, assinalaremos com trema a vogal representativa do ditongo contraído *(ë)*. O emprêgo do mesmo sinal em *o* e *u* confere a estas vogais, quando em correspondência fonética com o *ö* e *ü* germânicos, valor concordemente reconhecido. Convém ainda notar, pois que a não caracterizamos diacrìticamente, a pronúncia do *é* dialectal, sensìvelmente aproximada de *á*.

Quanto à forma, não causará reparo aos estudiosos da linguagem popular a extrema mobilidade de versões de certos vocábulos, como sucede, v. g., com os advérbios *não* e *depois* — o primeiro representado, em próclise, pelas formas *nõ*, *nã*, *nũ*, *no* e *na* e, em pausa, pela forma regular e pela negativa-dubitativa *ná;* — e o segundo pelas formas *òdspöje*, *òdspöi*, *òdpöje*, *òdpöi*, *òspöje*, *òspöi*, *òpöje*, *òpöi*, *adpöje*, *adpöi*, *apöje*, *apöi*, *despöje*, *despöi*, *depöje* e *depöi*.

Reservando para outro lugar o estudo do dialecto fundanense, fecharemos a breve referência com alguns exemplos de plural (de expressivas formas desinenciais) e de flexão

(1) *Ensaios Etnographicos*, II, pp. 81-82.

(2) *Entre Douro e Tejo — A Canção Popular* (in — «Terras da Beira», de C. Branco, ano I, 1929-1930, n.os 7-8 e 10-12) — esbôço que por vezes acompanhamos ou refundimos no presente capítulo e em algumas das páginas seguintes.

verbal: *a)* bôlo, *bôleso* (quando em pausa); arca, *árcase, árcasi* ou *árcasim* (id.); pai, *paje;* rei, *rëje;* boi, *böje;* calhau, *calhauso* (em pausa); 'xcörou, *'xcöröse* (id.); tchapéu, *tchapeso* (id.); cão, *cãje;* limão, *lemõje;* irmão, *irmãso* (em pausa); pardal, *pardaje;* linçol, *linçoje;* colher, *colherse, colhérsi* ou *colhérsim* (em pausa); *b)* pres. do ind. de «ser»: *sou (som* ou *sam), ése, éi, samos* (ou *semos), sândens* (ou *sêndens), são;* pret. perf. de «andar»: *andive, andástese, andou, andáramos, andástens, andarem;* imperativo de «fugir»: *foge (fuge* ou *fue), fuginde.*

III

Dos «aedos» e rapsodos aos trovadores da Meia-Idade e aos do *cantar-velho* ou *cantarcilho*, como aos obscuros lapidários dos nossos cancioneiros, que espelham em quadras de límpida redondilha «o sentimento, o caracter, o gôsto e a aptidão esthetica do povo» (1), sempre, como vimos, a poesia e a música se encontraram irmanadas ao longo dos séculos.

Colocada entre a linguagem ordinária e a melodia na gama expressiva dos sentimentos (2), ou implícita a sua «unificação com o canto» (3), de logo se vê como a poesia popular assuma em pequenas estrofes o nome da *cantiga*, que a princípio designava genèricamente tôdas as composições entoadas (4).

Por informes directos (5), cremos desconhecer-se na Beira-Baixa (onde, aliás, o sentido popular de «cantiga» também geralmente congloba o verso e a melodia) outro vocábulo para comum definição ou equivalência da composição estrófica de quatro versos, de redondilha maior em sua contextura usual.

Raras vezes, acaso por contaminação de influências alheias ao meio popular, pudemos verificar o têrmo *verso* paralelo ao

(1) J. Leite de Vasconcelos, «Introdução» às *Canções Populares da Beira*, de P. F. Tomaz, p. x.

(2) Cf. id., *Poesia Amorosa*, pp. 9-10.

(3) T. Braga, *op. cit.*, p. 399.

(4) D. Carolina Michaëlis, *A Saudade Portuguêsa*, Pôrto, 1914, pp. 74 e 133.

(5) Como delegado do Procurador da República nas Comarcas de Vila-Nova-de-Foz-Côa, Sabugal, Covilhã e Castelo-Branco, percorremos e estudámos de norte a sul (1920-1930) grande parte da então província da Beira-Baixa.

de *cantiga* e na própria acepção dêste, como na frase de uma vindimadeira do Fundão: — «S'o senhör quere, digo-l'ainda um *verso*». É de notar, em S. Miguel-de-Acha, êste mesmo vocábulo a par de *cantiga*, mas em distinta acepção. «Cantiga», para a quadra de motivo profano — «verso», para a de assunto religioso: a *cantiga da Azëtona*, os *versos da Alèluia*.

Em qualquer dos sentidos é, porém, o têrmo *quadra* inteiramente estranho à terminologia popular, que tão só o adopta como sinónimo de *romance* — narrativa em verso mais ou menos dialogada, de assunto heróico, místico, amoroso ou de aventuras. Efectivamente, da margem esquerda do Douro ao extremo sul da nossa província, os romances — em outras terras apelidados de *versos, histórias em verso, trobos, romances* ou *jacras* (xácaras (1)) e ainda de *aravias* (2)—são simplesmente designados por *quadras*. Assim, v. g., a *quadra de D. Silvana*, a *quadra da Pastorinha*, a *quadra de João Brandão*, e nunca, pelo menos ao que temos ouvido, o *romance de D. Silvana*, o *romance da Pastorinha* ou o *romance de João Brandão.*

Notemos, finalmente, quanto aos versos — se em cotejo com a melodia *(estilo)* — a popular denominação de *pontos* (Alcongosta, Castelejo, Fundão, Idanha, Lavacolhos, Silvares) e a sua distinção em *singéis* e *dobrados* (Castelejo), segundo se cantam uma vez só, ou se repetem ou bisam.

Fechado o parêntese, e verificado que a estrofe de raiz popular tem geralmente a denominação de *cantiga*, anotemos, sôbre a melodia e sua nomenclatura, breves considerações complementares.

Elemento etnográfico da maior valia, reflectindo, conjuntamente com a composição poética, o carácter, a sensibilidade, a predisposição ou sentido estético dos povos de determinada zona geográfica, contribui a música, indubitàvelmente, para o estudo e verificação do agregado social em muitas de suas características feições.

Entretanto, não perfilhamos sem reserva a afirmação de António Arroio, quanto a depender da terra e das condições

---

(1) J. Leite de Vasconcelos, *Romanceiro Portuguez*, Lisboa, 1886, p. 8.

(2) *Id. ibid.*, p. 9; T. Braga, *O Povo Portuguez nos seus Costumes, Crenças e Tradições*, Lisboa, 1885, II, pp. 405-406.

naturais do meio físico, onde se manifesta, o carácter estrutural e expressivo da canção popular, mais ou menos ligado ao movimento do solo, da paisagem, do clima e da população (1); critério um tanto desmentido na Cova-da-Beira — zona policroma e úbere, entre serras altas, de brilhante movimento ondulatório e de paisagem, grandes florestações (pomares, soutos e olivedos), hortas, lameiros, alqueves, chãos, quintas e várzeas — em que a toada do cancioneiro regional é de fundo dominantemente melancólico.

Dissemos já, quanto à mesma região, do acento antifónico da canção rural, e exemplificámos com as melopeias da *Ceifa*, das *Arrecolheitas* (também chamada do «Outono», das «Regas» e da «Descamisa») (2) e da *Sacha*, que se nos afigura a canção-paradigma entre as da vida do campo. Semelhante tom repassa, a bem dizer, quási todo o cancioneiro local, como o soberbo contraponto da *Paixão*, de doloroso memento:

Serras altas, abàxai-vos,
qu'as baxas s'abàxarão:
dëxai passar Jâsus Cristo,
qui vai morto di pàxão...

*

* *

Para caracterização da base melódica das canções, é de uso geral na Beira-Baixa o têrmo *stile*, *stilo* ou *destilo*: o «stil' das Janëras», o «stil' do linho», o «stil' do San João» (3). Aqui e além, usa também o povo, no mesmo sentido, os têrmos *moda* (Fundão, Valverde, etc.), *remate* ou *arremate* (Alcongosta, Atalaia-do-Campo, Castelejo, Lavacolhos, Meimoa, Póvoa-da-Atalaia, S. Miguel-de-Acha, Vale-de-

---

(1) *Notas sôbre Portugal*, II, Lisboa, 1909, pp. VIII-IX. — Cf. R. Gallop, *op. cit.*, p. 26.

(2) No Fundão, é ainda chamada entre o povo, por seu ritmo arrastado e dolente, a *cantiga-do-sono*.

(3) Da composição de Curvo Semedo *O rouxinol e a cigarra* aproximamos a quadra seguinte:

Atento um pouco me escuta,
se cantar melhor pretendes,
que, inda que tens a voz rouca,
ao menos o *estilo* aprendes.

-Prazeres), *remanso* (Barroca; também em Foz-Côa) e *strubilho* ou *strebilho* (S. Miguel-de-Acha).

Ao vocábulo *moda* alude a cantiga popular (lição de Valverde):

A *moda* da rigadia
nigãi na sabe cantare,
só os rapazes do Rio
cando andem a rigare.

Sôbre o têrmo *remate*, embora, como dissemos, também popularmente confundido com «stilo» (1), importa salientar a sua acepção específica, atinente à modulação ou jeito de cantar. Assinalemos duas frases colhidas no Fundão, distintamente expressivas: — «Há muntas pessoas que tẽem boa voz, mas nõ dão o «remate» qu'é dado à cantiga». — «O destilo é a moda que cantem; o «remate» é o jëto que le dão». Neste sentido, cabe referência à conhecida quadra popular:

O *remate* da cantiga
foi à fonte, logo vãi:
a cantiga sem *remate*
nõ mete graça a ningãi.

Em acepção mais restrita, que faz aproximar a *tempradura* dos lais bretões, referiu-nos uma mulher da Barroca, povoação ribeirinha do Zêzere (o mesmo, *pl. min.*, ouvimos a uma rapariga do Fundão), que «dar o remate qu'é devido à cantiga, é acabá-la bãi: é o mâsmo *rabo-da-cantiga*».

Da peça lírica regional *A Noiva de João* (que supomos inédita), do poeta e folclorista Adolfo Portela, recordamos a estrofe seguinte:

Bate lavadeira,
lavadeira bate,
que as nossas cantigas
não tẽem *remate*.

O passo da canção medieva de Ponce de Cabreira, citado por T. Braga, dir-se-ia talhado em justificação de ambas as

(1) «Ainda é tão nova, e já sabe os *remates* todos às cantigas!» (Atalaia-do-Campo).

referidas acepções, embora a primeira, sem dúvida, mais conforme ao geral sentido popular:

Mal sabes viular
E pierz chantar
Del cap tra en la finizon,
Nem sabes finir
Al mien alhir
A la *tempradura* de Bretanha.

«Mal sabes tocar viola e pior cantar de princípio a fim, e não sabes terminar com a cadência usada pelos cantores bretãos» ([1]).

Com efeito, a modulação ou cadência é, por assim dizer, a própria alma da melodia. Discorrendo sôbre a música dos cancioneiros trovadorescos, observa lùcidamente J. Anglade: «Chantée de nos jours, elle parait monotone, comme un plain-chant vieilli. Par quels mouvements, par quelles modulations, les troubadours et surtout les jongleurs, en relevaient-ils la monotonie? C'est ce que nous ne saurons sans doute jamais» ([2]).

De outro jeito melódico — o *remanso* — elucidam duas quadras de límpido cunho popular, na lição da Cova-da-Beira:

Sinhöra Santa Luzia,
o vosso Menino chora:
mandai-o calar, Sinhöra,
ò *rimanso* da viola.

Alvanta-te, ó molërinha,
vãi a vâr a orvalhada,
vãi òvir cantar a rôla
ò *rimanso* da livada.

Remanso — modo de cantar, com mais pausa e suavidade: toada para embalar o Menino, ou murmúrio brando de levada... Quando, às vezes, num grupo de cantadores, alguém destoa na voz, elevando-a mais alto ou apressando-a

---

(1) *Tristão o Enamorado*, Pôrto, 1914, pp. 50-51.
(2) *Op. cit.*, p. 54.

para além do ritmo, há sempre quem advirta: — ¡*Mais arremansado!*

Equivalente da melodia, como ficou dito, corre também em S. Miguel-de-Acha, juntamente com «stile» e «remate», o têrmo *strubilho* ou *strebilho*. Aponto a frase seguinte, entre muitas colhidas in-loco: — «A Cëfa tem um *strubilho*, a Azëtona ötro».

Em acepção própria, que relaciona a canção popular com o *carole* medieval e com as cantigas-de-amigo (1), o estribilho ou «strubilho» é geralmente conhecido na Beira-Baixa, incluindo S. Miguel-de-Acha onde assim o denominam, v. g., no côro das *Almas*:

¡E seja,
e pelo amor de Deus seja!

No Castelejo, Meimoa e na região do Rio (Barroca e outras freguesias do concelho do Fundão), chamam também *resposta* ao «strubilho» peculiar de muitas das suas canções. Nas duas primeiras localidades, dão o nome de *cantiga* à parte inicial da canção, por vezes entoada a *solo* pela cantadeira de mais fama ou de melhor timbre, que *dá a entrada* em segunda voz com a primeira palavra, frase ou verso, seguindo depois em *côro* com os demais componentes do grupo. No Fundão, em regra, «comecem todos a cantar *por baxo*, e òdpöj é que «mudem» os que cantem *por cima*».

Importa, finalmente, referir um outro jeito da melodia — o *falsete* — ou seja, na voz das mulheres, a de mais alto timbre elevada em oitava. — «*Meter o falsete* como deve ser, disse-nos uma mulher da Barroca, ¡no é pra tôdeso!»

IV

Em trabalhos de compilação e anotação, como o que empreendemos, impõe-se critério de suficiente clareza na sistematização das matérias. Pode em verdade dizer-se, quanto ao folclore português, que pouco de útil existe sôbre a classificação das canções populares. António Arroio, prefa-

---

(1) R. Gallop, *op. cit.*, pp. 25-26. — Cf. J. J. Nunes, *Cantigas d'Amigo*, I, pp. 7 e 18.

ciando em 1913 as *Velhas Canções* de Fernandes Tomaz, afirmava ser «a primeira vez que, entre nós, se procede a uma classificação de canções», acrescentando que, «graças a um processo de classificação, embora incompleta e baseada em poucos elementos, a questão da canção popular entra numa via diversa da anterior» (1).

É todavia certo que já em 1904 F. X. Ataíde de Oliveira esboçara, no preâmbulo do seu *Romanceiro* (2), um plano de sistematização, mais imperfeito, embora, do que o adoptado por F. Tomaz nas *Velhas Canções* e na compilação posterior de 1919 (3).

Francisco Serrano *(op. cit.*, p. 9) subordina a três grupos o cancioneiro da região de Mação, agora incluída na Beira-Baixa: *Romanceiro, Velhas canções, Canções Religiosas.* Nos dois vols. já referidos da «Etnografia da Beira», agrupa L. Dias 124 espécies sob as rubricas *De Adufe, Coreográficas, Religiosas, Vária.* Recentemente o douto musicógrafo G. Sampaio *(Cancioneiro* cit., pp. XIX-XX) classificou as canções minhotas nos seguintes «grupos principais»: *Cantos dos velhos romances, Cantos coreográficos, Modas de romaria, Modas de terno.*

Especialmente sôbre o Romanceiro, são ainda de conferir a classificação de Garrett (4), a exemplificação de Leite de Vasconcelos (5) e o minucioso elenco discriminativo de D. Carolina Michaëlis (6).

No plano da nossa sistematização — ordenando em dois grandes agrupamentos (Romanceiro e Cancioneiro lírico) o conjunto dos cantos populares da Beira-Baixa e de determinadas regiões limítrofes (Foz-Côa, Sabugal) — atendemos essencialmente ao *assunto* e subsidiàriamente, na destrinça dos elementos de cada uma das categorias, ao critério da *ordem cronológica:*

---

(1) Pp. XL e L. A classificação das *Velhas Canções* abrange os grupos seguintes: *Romances populares, Canções religiosas, Hinos e canções políticas, ou patrióticas* e *Vária.*

(2) *Romanceiro e Cancioneiro do Algarve*, Pôrto, 1905, pp. XV-XVI.

(3) *Cantares do Povo.* Plano de classificação desta obra: *Romances, Canções religiosas, danças de roda ou cantigas das ruas.*

(4) *Romanceiro,* I, ed. ilust., Lisboa, 1904, pp. 30-31.

(5) *Romanceiro Portuguez,* pp. 3-6.

(6) *Romances Velhos em Portugal,* pp. 16-17.

A) — Romanceiro:

1 — Trama heróica, profética ou de aventuras.
2 — Entrecho místico.
3 — Assunto amoroso.

B) — Cancioneiro lírico:

1 — Canções religiosas.
2 — Da vida rural.
3 — De amor.
4 — Satíricas.
5 — Histórico-políticas.
6 — Coreográfico-amorosas.

Por conveniência de arrumação de materiais, e até pelo que já expusemos sôbre as origens do lirismo galaico-português e do romanceiro peninsular, passaremos à análise etnográfica das canções do segundo grupo.

V

CANÇÕES RELIGIOSAS

O conjunto de espécies a analisar e agrupar sob esta epígrafe impõe-se, em merecimento e cunho folclórico, entre as várias categorias do cancioneiro lírico-popular.

Reminiscências, em grande parte, de festas pagãs e das primitivas concepções solsticiais [1], as festas e costumes a que respeita a canção religiosa seguem a órbita do ano solar e do calendário católico — da Circuncisão a S. Silvestre.

Teófilo Braga, observando estar ligado êste cancioneiro «aos sentimentos da vida pública tendo por objecto as festas religiosas» exemplifica com os cantos das *Janeiras*, dos *Reis*... «e *Orações* para acompanharem todos os actos da vida» [2].

(1) Cf. Leite de Vasconcelos, *Ensaios*, II, p. 67 e III, p. 134; T. Braga, *Hist. da Poesia Popular*, I, pp. XI, 5-6, *passim*; Francisco Manuel Alves (Reitor de Baçal), *Memórias* cits., IX, Pôrto, 1934, pp. 285 ss.

(2) *O Povo Portuguez*, II, p. 405.

Assim afirmado em extensão, não menos sobreleva em essência o interêsse do cancioneiro religioso. Na já cit. «Introducção» às *Velhas Canções* (p. XLI), sublinha A. Arroio «o grande sentimento religioso do povo portuguez, em expressões estheticas não menos dignas de estudo e de observação do que as do género amoroso ou idylico».

No aspecto puramente melódico, não é de maior ousio entrever-se a canção religiosa como arquétipo das demais canções, sensìvelmente subordinadas à mesma origem comum — a tradição litúrgica. Mas quando não fôsse suficientemente de assegurar tal filiação à música dos nossos cancioneiros, sem dúvida «há relação, e alguma coisa na tradição popular é da igreja, a mais pura fonte de gozos estéticos do povo aldeão ainda hoje» [1].

Iniciando com o cancioneiro religioso o estudo das espécies líricas da Beira-Baixa, esboçamos desde já um plano de subdivisão, que subordinaremos à sucessão cronológica:

I) — Natal.
II) — Paixão.
III) — Ressurreição.
IV) — Santos populares.

Por sua vez, agruparemos as *Canções do Natal* em três ordens distintas, consoante os temas:

a) — Menino Jesus.
b) — Janeiras.
c) — Reis.

I) — Ciclo do Natal

a) MENINO JESUS — Dentre as canções dêste ciclo, as do Menino Jesus, por sua letra e pura toada de fundo tradicional-popular, são das mais generalizadas de norte a sul da província.

Mal chega o Advento, nas praças e ruas da aldeia, nos largos serões de inverno e, em pleno campo, na colha, apanha ou frega da azeitona, grupos de rapazes e raparigas cantam, a anunciar a aproximação do grande facto:

(1) E. A. Correia Lopes, *op. cit.*, p. 142.

¿Di cãi sã nas camesinhas
qu'alãi stão no stindedöro?
São do Menino Jasus,
para a nöte do madëro.

(Fundão).

S. José, disçâi cá baxo,
tragâi cá o candiëro,
qui já stá pra dar à luze
Jâsus Cristo vardadëro.

(Caria).

Ó më Manino Jasuse,
sãi vós nã posso vivâre:
aqui tênden-lo më pëto,
pöj nele vinde nasçâre.

(Zêbras).

Na Capinha, é de remota tradição — «de horripilante nomeada em tôda a província» (1) — a prática do *tin-teri-nó*, que consistia no toque contínuo dos sinos da Tôrre, desde a noite do Advento até ao dia de Natal.

Ainda há poucos anos (escrevemos sôbre um apontamento de 1939), assim festejavam no adro da Igreja, novos e velhos, o nascimento do Menino-Deus, embora retraída a usança à vigília da Natividade. *Tin-teri-nó*, de formação sem dúvida onomatopaica, evolucionou recentemente para *Trinti-nove*, por curiosa etimologia popular.

De semelhante costumeira, depunha pela forma seguinte, há mais de 80 anos, o prior da Capinha José Pires Nabais: «Ha na fréguezia da Capinha, concelho do Fundão, um costume antiquissimo; assim que principia o advento, ou dias antes, começão rapazes e velhos da fréguezia, logo á noute, a tocar os sinos por modo tal, que parece uma valsa, a que dão o nome de *Tin-tiri-nó*, valsa mais ou menos a compasso, segundo a maior ou menor porção de sumo da uva que ferve nos estomagos. Alli se conservão toda a noute, ainda que chovão pedras. Costumeira é esta que dura até ao natal, e que tem sido causa de muitas desordens, por quererem tocar todos ao mesmo tempo. Houve antigamente bastante desin-

(1) Pinho Leal, *Portugal Antigo e Moderno*, II, p. 100.

telligencia entre os parochos e os fréguezes, por desejarem aquelles acabar com tal abuso, que impede dormir, o que nunca poderam obter, apesar do auxilio da tropa e da justiça do concelho. Dizem uns que principiou a tal tocadilha para festejar o Menino Deus, e outros para celebrar o regresso a esta terra de certa personagem que se dizia ter morrido havia muito nas nossas conquistas do ultramar» (1).

Chega a vigília do Natal. Ao adro da igreja, noite fechada, acorre a turba do rapazio da aldeia, arrastando molhos de silvas e lenha miúda — se não o próprio «cepo» ou «madeiro», cortado, longe, às encubras do dono. Em alegre vozearia, rompem no adro (Orca, Zêbras) a simular o ruído de carros de bois, vergando ao pêso do madeiro: — *Chi-ão!... Chi-ão!...* (2).

Não falta, contudo, quem dê o cepo da tradição para o agasalho do Menino (3), que nasce em pleno inverno ríspido —

---

(1) *Almanach de Lembranças Luso-Brasileiro*, para o ano de 1860, Lisboa, 1859, pp. 313 314. — Cf. José Germano da Cunha, *Apontamentos para a Historia do Concelho do Fundão*, Lisboa, 1892, pp. 158-59: «Logo que começava o advento, nunca mais deixavam de tocar os sinos, nem de dia, nem de noite, numa torre isolada, que havia na povoação. [...] Por fim alguns dos moradores [...] tomaram o expediente de conseguir a demolição da tal velha torre e, fazendo-se outra na igreja, para lá se mudaram os sinos. Assim se poz termo ao *Tintirinó*».

(2) No domingo anterior ao Natal, bandos de rapazes (Ourondo) saem de noite pelos arredores do povo a buscar os «madeiros» — cepas, troncos velhos, pernadas e silvas—que transportam em grande arruído num carro de bois, a que todos puxam, uns adiante, outros atrás e alguns com calabres. Na véspera do Natal, à noitinha, acendem os «madeiros» no adro, e ali fazem a sua *forfoga* com chouriças, pão e vinho.

(3) «Em *Idanha-a-Nova* são as mordomias de São João, do Espírito Santo, etc., constituídas por gente moça, que, enfeitando os carros e os bois com grandes fitas multicolores, entre vivas aos santinhos e fazendo-se acompanhar de uma grande caldeira de cobre cheia de vinho, de onde todos bebem por um copo de lata, vão carregar grandes troncos de velhas árvores que hão-de arder no adro da igreja ou junto das capelas daqueles santos» (J. L. Dias, *op. cit.*, I, p. 138).

Em Escalos-de-Baixo, os mordomos de Santo António tinham obrigação de apresentar, cada qual, um dos sete madeiros (carvalhos ou azinheiras caducas) para a fogueira do Menino Jesus. *(S. Silvestre de Escalos-de-Baixo*, artigo de F. de Pina Lopes, no semanário «A Beira-Baixa», de Castelo-Branco, de 13-II-1943).

Costume antigo era também em Vale-de-Prazeres o de se atearem

... logo viéstens nascer
na nöte no caramelo...

— e sai pelos campos, à meia-noite em ponto, a fecundar as árvores e a açucarar as passas (Fundão).

Importa alimentar a fogueira, até que o sino tanja, manhãzinha, à *missa-da-luz* (Alcaria); e enquanto houver silvas nos tapumes, árvores no campo, ou cancelas mal seguras nas couceiras dos cortelhos, não faltarão achas à fogueira sagrada.

Meia-noite, é nado o Deus-Menino — sobe a labareda alta do entusiasmo ao redor do cepo crepitante:

Os pastores em Belém
todos juntos vão à lenha,
pra aquecerem o Menino
que nasceu na noite boina.

(Foz-Côa).

Mas ¡cuidado! — não vá carrear-se à fogueira o arbusto santo, onde enxugaram as fraldas do Menino:

Pastorinhos lá da serra,
rigoardai o resmaninho,
qu'é donde a Virza stindâu
os coëros do Menino...

(Fundão, Caria).

Por entre faúlhas e rolos de fumo, o rapazio (Capinha), com grandes maços de castanho ou de carvalho, percute

---

fogueiras em tôdas as casas da aldeia, com achas que os pais de família traziam do mato para as três noites do Natal, Ano-Bom e Santos Reis — «para depois ser guardado um resto do precioso madeiro com todo o cuidado e disvellos», a fim de voltar à lareira em ocasião de trovoadas. (Cf. *A Missa do Gallo*, in — «Leituras Populares», ano 8.º, 1868-1869, n.º 32, pp. 249-252).

Em Penamacor, no dia do orago da freguesia «ouve-se o búzio a tocar a reünir os mancebos que no próximo ano irão às sortes» e aos quais pertence ir buscar o madeiro do Natal para o adro da igreja. (*Carta de Penamacor*, no semanário cit., de 12-XII-1942. Cf. *Penamacor — Madeiro do Natal*, in — «Novidades», de 13-XII-1938).

ruìdosamente o madeiro e junta o seu alarido ao do *tin-leri-nó:*

¡Ó madëro,
pau de salguëro!
¡Ó madërinho,
pau de salguërinho!

Em Alpedrinha, onde «é de tempos imemoriais o costume de roubar um ou mais cepos, que se juntam em pilha no adro da Igreja» (1), os rapazes, esfuziando em tôrno da fogueira, reclamam combustível: — *¡Venha arame! ¡Venha arame!*

Entretanto, o côro de cantigas, de ternura e de louvor, renova-se na toada graciosa do Menino-Jesus:

Ó më Manino Jasuse,
da bandërinha bromâlha,
sênden-lo pastor dovino,
ë sou a vossa ovâlha.

(Aldeia de Joanes).

Ou na melodia de Foz-Côa, de típico refrão:

Vamos ver a barca nova,
que do céu caêu no mar:
Nossa Senhora vai dentro,
os anjos vão a arramar (2).

Vamos a Belém, a Belém, a Bolidinho,
Vamos a Belém, a adorar o Deus-el-Nilho.

---

(1) A. J. Salvado Motta, *Monografia d'Alpedrinha,* Alpedrinha, 1933, pp. 450-51.

(2) Entre outras variantes, conferimos as duas seguintes, de Vale-de-Prazeres:

Vamos a vâr a barquinha
qui fejerem nos pastorse:
Nossa Sinhöra vai nela
tôda coberta de florse.

ou

...qui fejerem nos soldádeso:
...tôda coberta de cráveso.

Ou ainda, em leve toada, nesta outra cantilena:

Rompam-se as nuivas,
tchovem nos jústeso,
nasçâu im Belãi
o Infante Augusto.

(Teixoso).

Era mâia-nöte,
mâia-nöte im pino,
cantavem os galos,
tchorava o Menino.

Calai më Menino,
calai ó më bãi,
qu'a istrâla d'alva.
já rompendo vãi.

(Alcaria).

*

* *

Enquanto na Matriz da aldeia se acendem as luzes do altar-mor, e já o sino «picou» para a *missa-do-galo*, chegam ainda de fora — do bulício do adro ao redor do cepo, ou do giro do povo para a hora festiva da Adoração — alegres rumores de cantilenas, por vezes acompanhadas de instrumentos [1]:

Mnino Dâs nascido,
nascido im Belãi,
ântri duas palhas.
im Jèrosalãi...

(Partida),

Ó më Manino Jajuje
qui no prisépio staje,

---

(1) Em Roma, depois da refeição tradicional em família, é considerável o movimento de fiéis que, à meia-noite, visitam as igrejas, sobretudo as basílicas de Santa Maria Maior e Ara Coeli. «Em certos bairros, os pastores dos Abruzzos, envergando os seus trajos característicos, tocaram, em cornamusas, canções do Natal». (*Diario de Noticias,* de 27-XII-1932).

çarcado de lírios roxos
alegres festas mos daje.
(Alcongosta).

Toquem-se as campanhas,
toquem-se os tambores,
alegre-se o mundo
que é nascido Deus!
....
(Castelo-Branco).

Terminou alegremente a *consuada* ou *consua* em cada lar da aldeia — comprime-se agora o povo na pequena Matriz para a cena pastoril da «Adoração».

Entre os velhos autos do Natal, de quási obliterada usança, êste dos «Pastores», com o da «Apresentação dos Reis», sobrelevavam em esplendor e fama nos concelhos da Covilhã e do Fundão, onde se representavam há pouco mais de vinte anos — o primeiro, v. g., no Ourondo e em Lavacolhos, e na Barroca e em Silvares o segundo (1). No Teixoso, sem outro cerimonial, animava-se o presépio com a exibição de quadros vivos alegóricos.

Bosquejaremos o entrecho da *Adoração dos pastores*, consoante o uso de Lavacolhos no Natal de 1916, último ano da representação do entremez.

Junto do presépio, armado no altar de Nossa Senhora do Rosário, o pároco, de sobrepeliz, senta-se à banda direita. Oito a doze «pastores», rapazes à roda dos vinte anos — cajado na destra e alforjes de côres vivas ao ombro esquerdo sôbre mantas listradas — esperam à porta principal o comêço do auto. Na igreja, é já propiciatório o côro dos fiéis, que cantam na melodia do Menino Jesus, de gracioso ternário:

Antrai, pastôris, antrai,
com a latinha do méli,
vinde a tragâr as papinhas
ò dovino Manoéli...

(1) Sôbre a «Adoração dos pastores» no concelho do Fundão, cf. *O presépio na aldeia*, valioso subsídio em impressiva tela, da autoria de Alberto Cardoso, no semanário *A Gardunha*, Fundão, ano II, n.º 34, de 27-XII-1917.

— ou na toada de «estilo velho»:

Lá vãi nos pastôris
dëxando o së gado,
a vâr o Menino
im palhas dëtado...

Entra o primeiro pastor, guiado ao longo da coxia, em direcção ao presépio, pela «estrêla dos Reis Magnos», pequeno balão de papel branco iluminado por uma vela e suspenso de duplo barbante, com uma das extremidades no altar de Nossa Senhora do Rosário e a outra no côro, donde regulam o movimento. Detém-se à entrada da coxia e diz (1):

Da cabana m'alavanto,
anseoso de sabâre
qui novedade esta sâje
côsa di tanto prazâre.

Mais uns passos, e continua:

Lá nas maj altas campinhas
dond'ë gordava o më gado,
logo mi rompâu a airora
e fequei prâso e pasmado.

E mais adiante:

Ó dovino Secramento,
vinde ò mâio da ingrâja,
qu'ë vos quero àcinsar
dondi tôda a gente vâja.

Reparando agora na humildade da cabana onde nasce o Redentor:

Cudeva qu' aqui hòvia
um palaxo bâi armado,
e vâjo um povre prisépio.
di bruto atordâiado.

(1) Na representação do Ourondo, os versos eram *cantados* no estilo do Menino Jesus.

Chegado ao presépio, arremessa ao chão o cajado, a manta e o alforje, e prostra-se de joelhos em «adoramento»:

Eu adoro omilo, adoro
o Santixmo Secramento,
eu adoro o Dâs-Menino
com àxilho e òfrtimento.

Ergue-se em seguida, beija o Menino Jesus e, tirando do alforje a sua «oferta» (1), depõe-a num açafate ou bandeja, sôbre o degrau cimeiro do altar:

Ó më Menino Jasuse,
nã tenho maj qui vos dare:
aqui vos traigo um cabrito
qu' ainda văi a berrare.

E é a despedida — versos de ternura e saüdade, que passam da voz trémula do «pastor» para o coração dos fiéis:

Ë tamăi já sô pastore,
vô a vâr das ovelhinhas,
intreguei-as ò rafëro
lá nas maj altas campinhas.

Adâs, amado Menino,
ispôso da Virzem pura,
livai-me já para o céu,
alcançai-me essa vintura.

Desce depois a coxia, parando e voltando-se de quando em quando, no «acabamento» da despedida:

---

(1) As «ofertas» ou «convites» consistiam em cabritos, coelhos, perdizes, tordos, galos, chouriças, ovos, mel, garrafas de vinho, pães-leves, uvas, laranjas, etc. — Os versos, em especial os do «oferecimento», eram por vezes «inventados». Ficou célebre em Lavacolhos o improviso de certo «pastor», que «stava tão intchàsmado, qu'inté dixe um verso que nõ era cmòs que questemevem a cantare:

Afostejemos todos
esta nôte do Natale:
cantem galos e galinhas,
cantem todos im jarale!»

Já mi cá vô ritirando
para as montanhas maj frias:
levo muntas suïdades
do Filho da Virza Maria.

Chegado à porta principal, entrega o cajado, a manta e o alforje ao segundo pastor, que entra com o cerimonial do primeiro, mas recitando outros versos. E assim os demais pastores, salvo os dois «redadëros», que fecham o auto com a cena do *encontro.*

«Erem dous pastores que iem a adorar o Mnino Jasuse, e que se pardârem num monte. Tratavem-se por irmãso, e iem gueédos pla mâsma strâla que incarrërô os Rëj Mágneso.»

Entra o primeiro, de cajado e manta, pela porta principal:

Dromindo estava sonhando
qui o céu todo lozia,
acordei, atchë-mi só,
já pastor ninhum dromia.

Fala agora da sua mágoa — perdido o surrão e extraviados os companheiros — e, já em frente das portas travessas, lamenta a sorte do «irmão»:

Pôj atão no monte o busco,
co coração magoado,
riceando ir incontrá-lo
já dos lôbos divorado.

Mal tem acabado, quando rompe pela porta da esquerda o segundo pastor, que vai jubiloso ao seu encontro, de manta, alforje e cajado:

— Agora vâjo nasçare
a algria no coração,
pôj aquêle qu'alăi vâjo
cudo qu'é o meu irmão.

— Sim, irmão, com a alegria
qu'ë sinti cando acordei,
peguei logo no sarrão,
já de ti mi nõ limbrei.

Seguidamente, encaminham-se ambos para o presépio, recitando ora um, ora outro. O primeiro, que não leva surrão—

maj m' acompanha a máugoa
d'o alforje nõ tragâre...

—exorta o companheiro a que ofereça ao Deus-Menino os seus presentes, o que êle faz, dizendo:

Alguma côsa que tinha
aqui vâi nâste sarrão:
traigo fruta do pomar,
o trigo tamâi é pão.

Após o «oferecimento», ajoelham, rezam um P. N. e beijam o Menino Jesus. Já de pé, recitam alternadamente os versos da «despedida», descendo a coxia e saindo ambos pela porta principal:

Dispedimos, meu irmão,
do Salvador dos mortaje,
e tornamos à montanha,
sospirando, dando aje.

Já os galos amiúdem,
perto vâi a madrogada,
quëra Dâs qui nõ intrassem
lá os lôbos na malhada.

Recolhidas as ofertas — «ma spécia d'afolar prò Sr. Prior» — enquanto o pároco volta à sacristia para se paramentar, recomeçam na igreja os cantos gratulatórios, que se prolongam durante a missa, a que também assistem os pastores, bem como na adoração dos fiéis (1):

Ó më Dâs-Menino,
qui hoje acëtaje
nome tão dovino,
bindito sejaje!

---

(1) Em Alcaria, chamam à Adoração dos fiéis o *Beija-Menino*.

Em Foz-Côa, ao dirigirem-se ao presépio, os pastores, cantando, batiam repetidas vezes no chão com seus altos cajados:

Cantai ó rapazes,
balhai raparigas,
esta noite é nossa,
ninguém nos a tira.
Quem nos a tirar
ha-de a pagar,
c'uma moca de ferro
qu' anda pelo ar...

Quási perdido na tradição das nossas aldeias, o quadro pastoril da Adoração, tal como ainda o podemos sentir, dir-se-ia trasladado de um auto de Gil Vicente:

Destos pobres labradores
Y pastores
Quiso ser oferecido,
Adorado y conocido
Y servido
Con cantares y loores... [1]

*

* *

Ainda no tempo do Natal, cantam-se ou recitam-se (Cova-da-Beira, Foz-Côa) pequenos romances populares de ingénua contextura, como os que começam:

Uma triste nöte iscura
qui tchovia e novava,
andava a Virza Sinhöra
pregontando por posada.

(Caria).

Bãi vos vi passar, Senhöra,
no alpendre de Belãi,
o vosso Menino ò colo
vos dezia munto bãi.

(Fundão).

(1) *Obras de Gil Vicente,* ed. de Mendes dos Remédios, III, Coimbra, 1914, p. 32.

Também, do Nascimento aos Reis, se canta durante a missa o «Bendito do Natal»:

Bendito e louvado seja
o Menino Jesus nascido,
no ventre de Nossa Senhora
nove meses andou escondido.

(Foz-Côa).

*

* *

b) JANEIRAS – Relacionadas com as festas romanas das calendas, *publicas illas ac superstitiosas laetitias, quas Kalendis Ianuarii, quibus annus aperitur, exhibuere primum gentiles* (1), as janeiras mantêem ainda hoje, apesar de refundida e quási obliterada a sua tradição em muitos pontos da Beira-Baixa, os primitivos traços pagãos, em suas loas de ressaibo profano, seus presentes, dádivas ou «estreias» *(strena calendaria)* e seu ruïdoso cortejo de *forfogas* e libações.

Do Douro ao Tejo, sôbre a linha da raia, as múltiplas variantes desta curiosa tradição popular propõem à observação do etnógrafo a surprêsa de um cancioneiro, como poucos movimentado e fecundo. Mesmo o bordão inicial de algumas estrofes do norte da província—*¿quem diremos nós que viva?* —«com fórmulas adequadas à rima de vários nomes», não exprime, ao contrário do que supõe Correia Lopes, a letra consabida «de todas as mais partes» (2).

Sobrevivência de velhas usanças gentílicas, afeiçoaram-se as janeiras aos fastos do Cristianismo – e assim as ouvimos cantar da vigília do Nascimento aos Reis (Cova-da-Beira), da noite de Natal ao Bom-Ano (Covilhã, Barroca), da véspera do Ano-Novo aos Reis (Ourondo, Penamacor), ou em todo o mês de Janeiro (Sabugal, Meimoa, Donas, Telhado).

Em Foz-Côa, onde cederam o passo aos Reis, cantavam-se nos dois últimos sábados de Dezembro e «recolhiam-se» no dia de Bom-Ano. Cantam-se, em outras terras, oito dias antes do Natal e no dia de Reis (Oleiros-Isna), nas vigílias do

(1) Cf. Leite de Vasconcelos, *Religiões da Lusitania*, III, Lisboa, 1913, p. 571, n. 2.
(2) *Op. cit.*, p. 129.

Natal, Bom-Ano e Reis (Alcaria) ou só nas duas primeiras (Valverde).

Rapazes e raparigas em grupos mais ou menos numerosos — por vêzes homens de certa idade e condição social (Valverde) — saem, noite fechada, a cantar as janeiras à porta das casas principais, ou nas encruzilhadas das ruas (Foz-Côa).

Feitos os ensaios e demais preparativos com antecipação bastante, se não na própria noite de Natal à roda do cepo ou madeiro — todos se concertaram nos descantes sob a direcção de um dos janeireiros, o de melhor voz ou *versador*, que escolhe os do côro (Alcaria), ou o encarregado do instrumento principal, que regra a música e dá o primeiro verso de cada cantiga (Valverde), semelhantemente ao que incumbe ao *apontador* nas janeiras do Algarve (1).

Se há côro, estribilho ou resposta (o que nem sempre sucede, v. g., Sabugal, Valverde), é ainda o versador que canta a-solo os versos principais, preparados ou improvisados às pessoas da casa, e responde no côro com os demais cantadores.

Sôbre a toada, divergem os estilos de norte a sul, quási todos, os de mais remota tradição, de bom fundo melódico, em compasso binário ou quaternário. Alguns, como o do Sabugal, notados em compasso ternário, descobrem no trivial da melodia a influência de curiosos.

Por vêzes, cantam-se as janeiras com acompanhamento instrumental: pífaro e «arrealejo» (Catrão), harmónio e ferrinhos (Sabugal), viola, ferrinhos e «pandarâta» (Barroca), tambor, viola e dois pandeiros (Valverde). No Fundão eram acompanhadas de pífaro ou «flaita» — e, em Alcaria, obtinha-se curioso efeito com o cabo de um garfo de ferro chocalhando no bôjo de uma garrafa, suspenso do gargalo.

À porta de cada casa, dentre as mais abastadas do lugar, é de saüdação a primeira cantiga do rancho:

Noss'Senhör dë boas nötes
a cãi nesta casa mora:
vanho-le a dar a notixa
qui nasçâu o Dâs da glória.

(Caria).

---

(1) J. A. Guerreiro Gasgon, «As Janeiras e os Reis», in — *Revista Lusitana*, v. 20, p. 176.

Meia-nöte já é dada,
meia-nöte vai im pino,
vanho a trazer a notixa
qui nasceu o Dâs-Menino.

(Meimoa).

Boas-festas, boas-festas,
boas-festas d'aligria:
já nasçau o Dâs-Menino,
Filho da Virzem Maria.

(Cova-da-Beira).

E logo, propiciando a boa disposição dos donos da casa, na expectativa do almejado *convite:*

Inda agora aqui tchiguei,
vâjo a candâia apagada:
ë m'astrâvo a acindâ-la
com döj bëjos à pancada.

(Ca'rão).

Esta casa é mũi alta,
forradinha di pinhëro:
o sinhör qui mora nela
é um grande cavalhëro.

(Sabugal).

Vem, depois, um longo rosário de cantigas às pessoas da casa — vélhos, novos e tamanhinos, aos noivos, às visitas, aos criados. Se conseguem aventurar a cabeça pelos postigos entreabertos ou subir as escadas e devassar a casa, multiplicam-se os pretextos dos janeireiros, discorrendo sob várias formas as cantigas laudatórias e de saüdação:

Viva lá, minha sinhöra,
qui stá sintada à brasëra,
vâi os enjos a croá-la
com folhinhas d'òlivëra.

(Fundão).

Dâs li dei as boas-nötes,
minha rosa di Japão:
viva a patroa da casa,
viva tamâi o patrão.

(Donas).

Olhe lá, minha sinhöra,
bãi mos pode disculpare:
si lá tãi gente di fora,
nã li sabemos *versare.*

(Alcaria).

Finda a esfuziante teoria das saüdações, inicia-se o peditório, a base essencial das janeiras — e variam de norte a sul da província as cantigas de circunstância (1):

Sinhôra qui staj sintada
nâsse banco di cortiça,
vanha-mos dar as janëras,
ò mocela, ò tchôriça.

(Barroca).

Senhë Zéi qui stá na cama,
nâssi lëto bâi assente,
façavor de s'alvantar,
vanha-mos a dar augoardente.

(Catrão).

Vanha-mos dar as janëras,
ó vanha-mos dispedire:
samos maninas di longe,
nã podemos cá dromire.

(Donas).

Suspende-se agora, em breve pausa, o côro dos «pedelhòj das janëras» (Barroca), enquanto não chega o *convite,* ou se não firma a certeza da recusa. Correm, por vêzes, lon-

(1) Na Beira-Alta (cf. «As Janeiras», de Silva Correia, in — *Rev. cit.,* v. 23, p. 189) é digno de anotação o típico modo de pedir dos janeireiros:

Janeirinhas vão passando,
chegadinhos vem os Reis;
olhai lá por vossas casas
s'há alguma coisa que nos deis:
ou da carne do fumeiro,
ou do pão do taboleiro,
ou do vinho do pichel,
do melhor que lá houver.

gos minutos — longos para a ansiedade dos janeireiros, que começam de impacientar-se:

Venha di lá snhë Maria,
dessa sua banca torta,
venha-mos dar as janëras,
qu'istemos aqui à porta.

(Meimoa).

Saco trazemos,
saco levamos,
venha-mos dar a janëra,
que já mos vamos.

(Sabugal).

Mas do interior da casa chegam rumores de alegre prenúncio — e é então mais sonora e timbrada a voz do versador:

Aligrai-vos companhëros
qui já sinto sapateare:
é o dono desta casa
qui mos văi a convidare.

(Alcaria).

Ó qui strâla tão brilhante
alăi stá a alomiare:
é a menina maj nova
qui mos văi a convidare.

(Tortosendo).

E todos se aprestam para recolher as janeiras, em sacos ou taleigas que se abrem açodadamente: chouriças, morcelas e toucinho, filhós, passas, ovos, castanhas, nozes, uvas e maçãs. Não faltam, aqui e além, as dádivas em dinheiro e o alegre vinho-novo, já *torrado* do frio das geadas.

Na Barroca, um dos do rancho empunha o *carvalhëro*, haste robusta de carvalho erriçada de «forcalhas», em que se dependuram ou espetam as chouriças, toucinho e cambulhadas de cachos, ajeitando-se os demais géneros em taleigas [1].

[1] No Paúl, o ramo que se tira em dias de Bom-Ano e Reis e no domingo seguinte, para despesas das confrarias e das festas, tem por suporte um pau de amieiro ensilveirado de galhos, conduzido por um dos

Recolhidos os «convites», redobra o entusiasmo dos janeireiros nas últimas cantigas que se notam, de agradecimento e despedida:

A sinhôra desta casa
qui mos deu as filhós,
Dâs li dei tanta saúde
como desejemos pra nós.

(Barroca).

Ó sinhör José Maria,
istá o céu istrelado:
as janëras qui mos deu,
fiquemos munto obrigado.

(Tortosendo).

Atenham-se com Sã Joséi,
a mai la Virzem Maria,
o Santixmo Sacramento
vá na vǫssa companhia.

(Alcaria).

Rara é a casa onde se não dão as janeiras — que «ningãi gosta d'óvir o *trinca-martelos*» (Barroca). Se as recusam, cantam todos em alta grita, surriando com os instrumentos e batendo nas portas:

Trinca martelos,
torna a trincar,
êstes barbas de tchibo
nõ tãi qui mos dare.

(Cova-da-Beira).

---

três mordomos de Nossa Senhora das Dores e do Mártir S. Sebastião, que percorrem a freguesia em recolha de donativos. De espaço a espaço, estralejam foguetes. O portador do ramo chega-o às janelas dos devotos, que dependuram ou espetam nos galhos chouriças, pães, laranjas, maçãs, enquanto os restantes mordomos recolhem, em sacos, milho, batatas, cebolas e outros géneros. O ramo é arrematado na tarde do mesmo dia, na praça, tendo direito os que fazem lanços a beber de uma cabaça de vinho, pendente do galho fundeiro.

A sinhôra desta casa
é uma santa molhere:
tãi a tranca atrás da porta,
bate ò homem cando quere.

(*Barroca*).

Ó qui casinhas tão altas,
forradinhas di paplão:
o sinhör qui nelas mora
tãi o focinho di cão.

(*Alcaria*).

E é fugir rua abaixo, engrossando o côro de estúrdia com o matraquear dos tamancos no lajedo da calçada — não venha, quando menos, um balde de água fria do esconso de alguma janela.

No Louriçal-do-Campo, se não retribuem as «alvícias» (que se cantam no sábado de Aleluia com o mesmo cerimonial das janeiras), retrucam pelo modo seguinte:

Ò o tchöriço é gordo,
ò a faca nô o corta,
ò a criada é lambona,
qu'nõ mos vãi a abrir a porta.

Às vêzes, do interior das casas metem por debaixo da porta, embrulhados em papéis, *carduços* de maçãs ou *cardaças* de milho para enganar os das janeiras, que fazem então grande surriada *(Descoberto)*. Em Caria, voltaram os janeireiros a certa casa onde lhes tinham dado uma morcela com enchido de bagaço, e assim se desforraram:

Inda agora qui stovemos,
já cá vimos âtra vâs:
vimos trazâr a mocela
à grande porca qu' a fâz (1).

*

* *

As dádivas recolhidas nas janeiras costumam logo repartir-se entre os janeireiros, se não têem destino especial, v. g.,

---

(1) Cf. G. Gasgon, *loc. cit.*, p. 178.

para a festa do Menino Jesus (Foz-Côa) e do Espírito-Santo (Valverde), ou para sufrágio das almas (Oleiros). No concelho de Penamacor (Meimoa), juntam-se os donativos para a *boda das comadres*, que se realiza em casa de um dos janeireiros na penúltima quinta-feira antes do entrudo e consta de chouriça assada, com sobremesa de «roz-doce» e de saborosas «fatias» embrulhadas em ovos batidos, fritas em azeite bem quente e polvilhadas de açúcar e canela. Finda a boda, fazem-se as «comadres» e começa o «balho».

Em certos povos ribeirinhos do Zêzere (Barroca), guardam-se os donativos para a noite do Bom-Ano e faz-se lauta *forfoga* no adro da igreja, ao redor do cepo do Natal, cujos tições se espertam para copiosas assadas de morcelas e chouriças, ou para cozinhados de carne e toucinho em caldeiras e «caçôlos» — tudo regado com vinho e em meio de vibrante entusiasmo:

— ¡Viva o caldërão da carne!
— ¡Viva o panâlo dos tchôríçeso!
— ¡Viva o cântar do vinho!
— ¡Vi... vò!

Por fim, todos cantam e dançam animadamente. Semelhante costume é referido por T. Braga no *Povo Portuguez*, II, p. 259, às *Janeirinhas* da Foz-do-Dão: «Depois do peditorio e correrem todas as casas, vão fazer uma fogueira para assarem castanhas ou alguma outra cousa das que lhes deram».

*

* *

O estribilho ou resposta, comum a quási tôdas as janeiras de Entre-Douro-e-Tejo, oferece numerosas variantes, por vêzes adentro de uma mesma sub-região. Exemplifiquemos com estrofes das mais popularizadas:

a) Haja vivas e vivórios
cá na nossa freguesia,
haja fogo, fogo e toques,
haja festas d'aligria.

(*Tortosendo*).

b) Gloria nacelcis
qui já deu à luz,
nasçau im Belãi
o Mnino Jasuse.

Menino Jasus,
a graça qui tãi,
todo si parece
com a Virzem Mãi.

(Cova-da-Beira).

c) Glória nas celsas,
qui já é nascido,
entre nove meses
qu' andou iscondido [1].

(Covilhã).

d) Aquela relvinha
qu' o vento gelou,
a Mãi di Jasus
tão püra ficou.

(Cova-da-Beira).

e) Ó enjos do céu,
qui tão bãi cantai,
cantai ò Manino,
¡bindito sezai!

(Catrão).

Em Penamacor, o estribilho compõe-se das estrofes *c)* e *d)*, esta sobreposta àquela; e, em Alcaria, dos quatro versos iniciais de espécie *b)*, com ligeira variante nos dois primeiros:

Graças a Dâso,
qui já deu à luz...

O *strubilho* ou *resposta* da Barroca, acompanhado, como dissemos, de viola, «pandarâta» e ferrinhos, diverge notàvelmente dos anteriores:

Vamos todos a Belãi,
a vâr a dovina luz,
nos braços da Virzem Mãi
a adorar o bom Jasus.

---

(1) Cf. *A Lusa*, I, pp. 157-58.

*

* *

Mencionaremos, por último, as janeiras de Valverde, Foz-Côa e Isna, de salientes características diferenciais, quanto à composição do grupo dos janeireiros, percurso ou derrota na aldeia e objectivo proposto.

Em Valverde, nas noites de Natal e Bom-Ano, os quatro foliões do Espírito Santo, acompanhados dos seis mordomos e do juiz, tesoureiro e escrivão da mordomia, saem a dar as janeiras com seus instrumentos e loas de tradição. Dentre os foliões, o do tambor, que é o «principal», regula a música e nota, baixinho, o primeiro verso de cada cantiga. Toca o segundo viola e os dois restantes, pandeiros — espécie de acinchos de castanho com soalhas de lata.

Dirigem-se primeiro a casa do juiz e, sucessivamente, à do tesoureiro, escrivão e mordomos. E todos, em côro:

Vamos a dar as boas-festas,
festas com munta aligria,
manda-as Dâs do céu à terra
e a Virzem Santa Maria.

As janëras que cantemos
amanhẽi s' hão-de tirare,
são prò Dvino Spirto Santo,
que Êle mos ha-de salvare.

Sobem em seguida as escaleiras do balcão e franqueia-se-lhes a casa, onde já os esperam as «janeiras»: filhós, papas, chouriças, morcelas, frutas e queijo. Cresce o entusiasmo ao redor da vasta mesa de jantar, onde tem lugar de realce o apetecido vinho-novo. Mas não há tempo para delongas, que importa *correr* as oito casas restantes — e vá de prosseguir na romagem.

No dia de Bom-Ano, saem oficialmente pelo povo a «tirar as janeiras», depois da missa-do-dia. À frente, o juiz, o tesoureiro e o escrivão com bandejas para esmolas de dinheiro, e os seis mordomos com sacos para recolha de «somente» e outros géneros. A seguir, o alferes com a bandeira e no couce os foliões, tocando e cantando loas. Estas

esmolas acumulam-se depois às do «oitavário», colhidas durante os oito domingos da Ressurreição para as festas do Espírito-Santo.

Em Foz-Côa, era um grupo de três ou quatro homens que saía nas noites dos dois últimos sábados de Dezembro, a cantar nas encruzilhadas das ruas:

As janeiras que tiremos
é prò Menino Jasus...

No dia de Ano-Bom percorriam as casas principais, onde faziam larga colheita de salpicões, alheiras, mouros, chouriças e dinheiro. Procediam depois à arrematação dos géneros — e eram de facto para o Menino Jesus as alegres janeiras dos fozcoenses.

Na Isna, oito dias antes do Natal e no dia de Reis, ranchos de sete rapazes, de varapau e com um saco para donativos, saem de noite a cantar as janeiras, correndo as ruas da aldeia e povoações vizinhas. Junto de cada casa, três dos janeireiros a uma *perna* do saco, de cabeças unidas, e outros tantos à *perna* oposta cantam de varapaus fincados no chão, enquanto o «do saco» espera à porta a «esmola das almas»:

Sã Miguel pediu por nós
ò Sinhör dos altos céus:
dai ismola para as Almas,
sâja pâlo amor di Dâus.

Nã vos pedem as riquezas
nem tampöco as fazendas,
pedem só as migalhinhas
qui caiem das vossas menzas.

O produto das esmolas do primeiro peditório, com destino ao sufrágio das almas, é anunciado pelo pároco à missa conventual. O peditório dos Reis reverte a favor dos componentes dos ranchos, que o aplicam em festiva ceia cozinhada por três dêles, enquanto os demais percorrem as ruas da aldeia, tocando e cantando alegremente.

*

* *

c) REIS — No ciclo das tradições populares do Menino Jesus, *cantar os Reis* — usança quási de todo delida na Beira-Baixa de hoje — o mesmo é que pedir as janeiras ([1]).

Reminiscências (como dissemos na abertura do cancioneiro religioso) de festas gentílicas, tais as de Saturno, as sálias e as megalesianas ([2]), festejavam-se também os Reis com alegres «pontos» de saüdação e propiciação, de peditório, agradecimento e despedida. Por vêzes, cantavam-se simplesmente em seu estilo nas praças e ruas da aldeia, ou à missa conventual (Orca, Zêbras):

Trâs Rëj correm *pesarosos*
do mar Mote com seu fim...

Confinava-se todavia o uso à véspera e ao dia da Epifania (Sabugal, Castelo Novo) ou aos primeiros seis dias do ano (Foz-Côa). Em Alcongosta cantavam-se no estilo vélho do Menino Jesus:

Sã José mai la Sinhöra
ambos vão para Belãi:
vão cantando os trâs Rëj Magnos,
cantâmo-los nós tamâi.

Ao peditório das janeiras sucedia no Fundão o dos Reis, com estribilho em ternário de tom maior, nas duas noites do seu tempo:

...Uma istrâla os guiava
por cima duma cabana:
iem vejtar a Jasuse,
a Jasus neto di Ana.

Im clarins d'öro,
enjos qui voem
nêlis prigoem
tanta vintüra...

([1]) Cf. Leite de Vasconcelos, *Ensaios*, IV, p. 59; *Rev. Lus.*, 20, p. 180.
([2]) Cf. F. Manuel Alves, *op. cit.*, IX, pp. 285-89.

Votos de anos melhorados — anos felizes — subiam em festivo prenúncio das cantigas dos Reis. No dia-santo (Fundão) propiciavam-se ainda a felicidade e a fartura do ano, comendo alguns bagos de «megrada» e deitando três na arca do pão, três na dispensa, três na tulha e outros tantos na bôlsa do dinheiro (1).

Em Foz-Côa, mal fechada a noite, grupos de rapazes e raparigas, com acompanhamento de guitarra, harmónio e ferrinhos, iam às casas principais a cantar os Reis — solo e côro de expressivo binário:

Ó da casa nobre gente,
s'iscutárens òvireis,
òvireis os três reinados
qui vos vem cantá-los Reis.

Depois de versarem a tôdas as pessoas da casa («nessas noites — como nos diziam em Foz-Côa — tudo é honrado, bonito e rico e nobre»), começavam as quadras do peditório:

Alvante-se daí, senhora,
dêsse banquinho dourado,
venha-mos a dar os Reis
qui já os temos ganhado.

Se nada lhes davam, surriavam e recantavam já na rua, em grandes brados:

Esta casa cheira a unto,
aqui mora algum defunto.

Cantemos e ricantemos,
tornemos a ricantar,
êstes barbas di farelos
nã tem nada qui mos dar.

*

* *

Há pouco mais de vinte anos, como ficou dito a propósito da «adoração dos pastores», ainda se representava em

(1) Cf. T. Braga, *O Povo Portuguez*, II, 259.

algumas freguesias do concelho do Fundão o auto dos Reis — a *Apresentação dos Reis Magnos* — de que damos breve escôrço na lição da Barroca.

Além dos Reis com seus pajens, figuram no entremez Herodes, um anjo, três doutores e uma sentinela. Decorre a cena na igreja matriz, à missa conventual.

Do lado direito do altar do Coração de Jesus, à porta de improvisado palácio com duas janelas laterais e revestido de colchas variegadas, senta-se o rei Herodes (1) em seu trono, de espadagão na destra, coroa de papelão forrada de sêda carmesim, casaco, calção e manto de sêda da mesma côr com enfeites de galão dourado, meias brancas e chinelas de pelica encarnada. Em frente do palácio, passeia vigilante a sentinela, de farda militar, correias, barretina e baioneta.

Entretanto, os «Rëj Magnos», cavalgando montadas de aparatoso jaez, saem do fundo do povo, cada qual com seu pajem e por seu caminho, precedidos de um anjo que, em trajo próprio, empunha alta vara com uma estrêla na ponta. Estadeiam fardas de músicos enfeitadas de estrêlas, bandas encarnadas de lenços de sêda, chailes vistosos à maneira de mantos, coroas de papel dourado, botas altas, esporas e lanças — e levam ao peito um frasquinho de vidro, suspenso de fitas de sêda.

Chegados ao adro da igreja, apeiam solenemente, «entregam as bâstas aos criados pra târem mão nelas» e entram — o Rei Baltasar (o da Pérsia) pela porta principal e Gaspar e Belchior (da Arábia e de Sabá) pelas portas laterais, respectivamente da direita e da esquerda. O anjo toma o seu lugar junto do presépio, armado no altar de Nossa Senhora ao lado do palácio de Herodes. Os doutores, de prêto, «bem vestidos», esperam na sacristia.

À entrada dos Reis, uma estrêla, pequeno balão iluminado, começa a mover-se em direcção ao presépio. Rompe Baltasar à porta da coxia e diz:

Nos domínios da Pérsia,
lá nas terras do Òriente,
em sonhos mi foi revlado
qui nasçâu o Omnipotente.

---

(1) Para desempenhar o papel de Herodes, escolhia-se um homem «forte e mal encarado».

Adianta-se Gaspar, por sua vez:

Disprezei o meu país
e tamãi o meu reinado,
vanho di reinos istranhos
pra adorar um Dâs sagrado.

E Belchior, a cara recoberta por máscara prêta de arame:

Há trâs dias, com o d'hoje,
qu' eu caminho sem destino,
im taj disertos istranhos
pra adorar um Rei dovino.

Discorrem em seguida das dificuldades e contratempos da viagem, até ao momento do *encontro*. Pregunta então Baltasar:

Meus amigos,
¿pra donde caminhaje?

Gaspar, aproximando-se da coxia por entre os fiéis, que abrem alas, elucida:

Para a terra da Judeia,
a vâr o Rei dos mortaje.

Pardâmos a istrâla
às portas da cedade:
prigontáramos por ela,
por uma tal novedade.

E Baltasar decide:

Poj nô há que dovedar,
assim mos é premetido:
Vamos ò rei prigontar
donde o M'rsias é nascido.

Seguidamente, batem à porta do palácio com a ponta das espadas. Herodes, colhido de surprêsa, grita:

¡Sentinela, põe-te alerta,
vai com todo o dsimbaraço,

vai a vâr quem bate à porta
dâsti meu rial palaxo!

Entretanto, os Reis entregam a *embaixada* à sentinela, que por sua vez a passa às mãos de Herodes. Êste, tão depressa a lê, precipita-se do trono, arroja a espada ao chão e clama enfurecido:

Notixa tão istranha
nã si pode tolarare:
¿¡pôj ha-de havâr um tal Rei
sôbre mim a govarnare?!

Mas eis que reconsidera e manda à sentinela que entrem:

Vai dzâr que podem intrare:
são pessoas do meu stado,
tanho com âles de falare.

Entram os Reis e desaparece a estrêla. Pregunta Herodes:

Qui pretandâj vós do më rëno?

Responde Baltasar:

É aqui, provintura,
adonde dizem qu'istá
o Rei dos céus e da terra
qu' a luz ò mundo dá?

Volve Herodes:

Meus amigos, nada sei,
no intanto mando tchamar
os mës datores da lei...

Sai a sentinela à procura dos doutores, que surgem da sacristia, cruzando o altar-mor com rumo ao palácio. Ouve-os Herodes, um por um, sôbre a vinda do Messias: se é nascido, e onde.

— E tue, que sabes e que me contas?

— Na época sigunda,
dizam as profecias
qu' im Belãi nasceria
o vardadëro Mersias...

Herodes, voltando-se para os Reis:

Pôj sigundo as profecias
ha-de nasçar im Belãi:
Ide, tomai por aqui,
quero-o adorar tamãi.

Fazem vénia os Magos e pedem licença a Herodes para atravessar o seu reino, prometendo dar-lhe aviso e informá-lo «dêste Rei que nós busquemos». Herodes mostra interessar-se e promete auxílio na travessia dos seus estados. Já fora do palácio, volta-se ainda Belchior:

Si vos pedimos secorro,
foi por nós a gracejar,
pôj qui duma tal pessoa
nõ há maj a isperar...

Ao que Herodes retruca, encolerizado:

Já lá ídens pra bãi longe,
s' aqui fôssens maj ò péi,
¡nõ iríens a Belãi,
a Jasus di Nasaréi!

De novo aparece a estrêla à dianteira dos Reis, que se encaminham para o presépio:

Ó istrâla tão brilhante
qui mos tanj acompanhado,
diz-me onde istá o Menino,
qu'ë vô todo afadigado.

Pára a estrêla sôbre a cabana. Surprêsos os Magos de tão mesquinho berço para tão alto Senhor, interrogam o anjo sôbre se é aquêle o Messias:

É âste, ó mës Rëje,
nã podâj dovedare,

o Mersias prometido
qui vós víndens pra adorare.

E os três a um tempo, arrojando as insígnias reais e prostrando-se em *adoração:*

¡Largo croa, largo ispada
largo tamãi o diadēma,
para darmos riverenxa
à Majistade soprēma!

Em seguida, tomando do peito os «frasquinhos», depõem-nos no presépio, *ofertando* sucessivamente:

Ôro fino vos traguemos
a um Rei celistial:
incenso como dovino,
e mirra como mortal.

E é agora a *despedida* — palavras de súplica e de ternura ao Deus-Menino e a sua Mãe:

Assim como nos déstens
a istrâla para guia,
dai-mos discanso iterno
lá na vossa companhia.

Vô dar-vos a dispedida,
a todos peço pardão,
para ir a ôtra parte
dicantar a Adoração.

Apartam-se os Reis do presépio guiados pelo anjo, que de novo os *avisa:*

Já, já, daqui pra fora,
já todos, sãi maj demora,
polas portas travessias,
qu' o Rei-Rodes tãi ispias...

Tomam o caminho da sacristia e, todos em côro, de lanças ao alto:

¡Dsimbanhamos a ispada,
já a pomos im sintido,

pra defendâr a Reljão
e combatâr o in'migo!

Fica Herodes em diálogo com a sentinela:

— Há munto qu' os Rëj passarem,
prigontando plo Mersias?

— Há munto há, më senhôr,
há munto maj de trâs dias...

Torna Herodes, enfurecido:

Vai tu, cabo d'isquadra,
com todos os mës soldados:
os meninos inocentes
de dôj anos para baxo,
¡ matai-os e digolai-os,
tragâi-os à mnha presência!

Sai a sentinela, para voltar momentos depois:

Meu senhôr, real senhôr,
compri com a vossa lei:
saba sua real altâza
que cinco mil mninos matei.

Mas Herodes duvida:

Nã ti posso acraditare:
nõ vâjo o sengue na xpada
dos qui mandei digolare...

Sai e volta de novo a sentinela:

Meu senhôr, real senhôr,
bãi mi pode acraditare:
cá vãi o sengue na xpada
dos qui fui a digolare.

Herodes, acompanhado da sentinela, abandona então o palácio em procura dos Reis, ao mesmo tempo que brama em

desalinho, voltado para o presépio e batendo furiosamente com a espada no chão:

O que morrâu, morrâu,
o que se matô, matô:
El-rei im së trono
sempre govarnô.

Më senhôres,
dëxo decratado
qui todo o mnino inocente
sâje digolado.

¡Vamos já daqui pra fora,
nã podemos dimorare,
à prècura dos trâs Rëje,
pròs mandâramos matare!

E assim cai o pano sôbre o auto da Apresentação (1). É agora a missa da Epifania — cantam-se os Reis e o Menino Jesus, reverencia-se o presépio e, já no adro da igreja, renovam-se puros votos de ano feliz.

(Continua)

José Monteiro.

(1) Em muitas aldeias da Beira-Baixa, correm ainda fragmentos de vélhos autos dos Reis. Em Alcongosta, resumem assim o passo do *encontro:* «Erem nos trâs Rëj qu'iem prò Ingito a vejetér o Menino. E adpöje, um focö pra trase, e dixe-le o que ia adiente: — Tatarião, num te descudes, que são hórase!»

ORIGEM DO POVO PORTUGUÊS

(ESTADO ACTUAL E SUCINTO DO PROBLEMA)

Mil gerações, raças diversas passaram no solo de Portugal, e nenhuma morreu sem deixar de si um vestígio, um legado às porvindouras eras.

ANTERO DE QUENTAL, *O Infante D. Henrique*, Barcelos, 1893, p. 20.

I

ELEMENTOS ÉTNICOS MAIS ARCAICOS

O presente título admite as significações seguintes: 1) o exame dos primórdios (onde figuraria logo de começo a estirpe fundamental, se ela se pudesse determinar); 2) indicação dos vários elementos populacionais e étnicos, que depois, no decurso dos tempos, se agregaram à população pré-existente, e com ela concorreram, no todo, ou apenas em parte (isto é, nas épocas em que viveram), para a nossa formação ou constituïção físico-psíquica e social (1).

É evidente que as suposições agora feitas não têm carácter absoluto, têm-no simplesmente vago.

Em rigor não se exigiria que se tratasse aqui da origem dos Portugueses, tema pertencente, não à Etnografia, e sim à Etnogenia (2); no entanto nem a todos os leitores se afigurará descabido isso numa obra consagrada ao estudo do viver de um povo, por pouco que vá dizer-se de tão especial e difícil assunto.

Pondo diante de nós um quadro da civilização primitiva, tal como a ciência chamada Pré-história no-lo delineia, fica-

---

(1) Cf. *Origem hist. do povo português*, 1923, reproduzida nos *Opúsculos*, V, 339; Aproveitada às vezes no presente volume.

(2) Vid. *EP*, I, 12.

mos sabendo que os mais antigos habitantes do nosso solo, conhecidos, ascendem, pelo menos, ao período Chelense, que é o segundo do Paleolítico Inferior.

Se àquêle período o precedeu, como é provável, um período mais rude, correspondente ao que os arqueólogos, referindo-se a outras nações, denominam *Pré-Chelense* (1), ainda não o sabemos ao certo (2); no caso afirmativo, teríamos nos respectivos habitantes os verdadeiros aborígenes da nossa pátria. Enquanto não aparecerem dêle vestígios indubitáveis, consideremos tais os povos Chelenses de que falamos (3).

---

(1) Vid.: Obermaier, *El hombre fósil*, 2.ª ed., p. 76, e *El hombre prehistórico*, p. 47; P.e Jalhay in *Arqueologia e História* (órgão dos Arqueólogos do Carmo), X (1932), p. 171.

(2) Em sessão dos Arqueólogos do Carmo (Lisboa), de 1931, apresentou o Sr. Lereno Antunes Barradas aos sócios presentes alguns instrumentos de pedra que o Sr. P.e Jalhay julgou comparáveis aos Pré-Chelenses ao que nos referimos agora. Vid. *Arqueologia e História*, loc. laudato.

(3) Modernamente propõe-se uma classificação da Arqueologia paleolítica, em que com elementos da antiga (Paleolítico Inferior: Pré-Chelense, Chelense, Acheulense; Paleolítico Superior: Aurignacense, Solutrense, Magdalenense) se combinam outros, em parte também geográficos, em parte etnográficos. Aqui a traduzo e resumo de um livro austríaco que possuo:

I. PALEOLÍTICO INFERIOR: ou antigo, p. 12:

1. **Klingenkultur** (de lascas):
   - a) *Clactonense* (de Clacton, na Inglaterra);
   - b) *Levalloisense;*
   - c) *Moustierense.*

2. **Faustkeilkultur** (instrumentos que se apertam, fechando a mão, isto é, com a mão fechada como punho = *Faust*, «punho», e *Keil* «cunha», que em Portugal costumamos dizer «machado» ou «machadinha»):
   - a) *Chelense;*
   - b) *Acheulense.*

3. **Knochenkultur** (intrumentos de osso).

II. PALEOLÍTICO SUPERIOR: ou moderno, p. 14:

1. **Klingenkultur:**
   - *a)* Na Europa Ocidental, etc.: p. 14.
     - *α) Aurignacense;*

Em 1897, data da publicação do vol. I das *Religiões da Lusitânia*, pouco se sabia do Paleolítico português. Depois as coisas melhoraram: e hoje conhecem-se sobretudo muitas estações em que à superfície do chão aparecem utensílios de pedra e semelhantes documentos de trabalho, caça e guerra, que remotas populações aí deixaram (1), e pelos quais se recompõem alguns aspectos do seu modo de existência.

Cêrca de Arronches até descobriu, em 1916, o conspícuo arqueólogo, Rev.º P.e Breuil, professor do Instituto de Paleontologia Humana de Paris, restos de uma jazida de indústria lítica «indubitàvelmente Chelense», a par com restos menos antigos, «talvez Acheulenses». Dos seus achados publicou Breuil uma notícia nO *Archeologo Portuguez*, vol. XXIV, e aí se refere a vários trabalhos concernentes ao Paleolítico Antigo de Espanha e Portugal, e continua: «Toutes ces découvertes,

---

β) *Magdalenense.*
[*Azilense.* Estado final do desenvolvimento da *Klingenkultur* no Paleolítico Superior ou Moderno].

b) **Klingenkultur** na África do Norte, *Capsense.* Corresponde-lhe na Europa cronológica e culturalmente o *Aurignacense:* micrólitos para o fim. O *Capsense europeu* chama-se *Tardenoisense* nos fins do Paleolítico Superior, e chega mais adiante (pedra polida).

c) Norte da Europa, p. 15. Muito moderna na Europa do Norte, porque só depois do recuo do gêlo se podia espalhar na Escandinávia.

2. **Faustkeilkultur:**

a) Considerações;
Solutrense.

b) Camada mais recente;
Campigny.

3. **Knochenkultur.**

Vid.: *Allgemein Urgeschichte und Urgeschichte Oesterreichs* = Pré-história geral, e Pré-história da Áustria: pelo Dr. R. Pittioni, «Dozent» da Universidade de Viena.

(1) Até 1932: vid. Tenente Afonso do Paço: *Subsídios para a bibliografia do Paleolítico e Epipaleolítico em Portugal*, Coimbra.

Em 1936-1937. Idem in *RG*, XLVI e XLVII.

Até 1940: vid. o mesmo autor in *Brotéria*, vol. XXXI, p. 56 sgs.

de même que celles faites sur le versant nord des Pyrénées, tant aux environs de Dax et Bayonne que de Toulouse, présentent une industrie à base de quartzite, en somme répandue dans toute la péninsule, et qui a les plus grands rapports avec l'aspect du Chelléen africain et surtout saharien». O nosso autor chega a formular a seguinte hipótese, mais geral: «L'industrie chelléenne, d'origine africaine, a pénétré en Europe par le SO (Ibérie e Italie), elle a colonisé la France et l'Angleterre, tandis que l'Europe Centrale formait une province ethnique distincte, pré-moustérienne, qui s'étendait au pourtous alpin (Krapina et Grimaldi» (1).

Da área mediterrânea do Chelense fala também Obermaier (2).

As relações que os arqueólogos estabeleceram entre a Ibéria e o Continente com que esta defronta pelo Sul — *semper Africa aliquid novi adfert*... (3) — apoiam, de algum modo, lendas poeirentas que dão a África, isto é, a Atlântida, como pátria dos Iberos (4).

Conhece-se tão pouco do Moustierense português, último período ou fase do Paleolítico Inferior, que importa remediar essa penúria com o que a respeito da Ibéria, considerada em comum, escreveram Bosch Gimpera, e Pericot em obras citadas, em nota; cf. Obermaier, *El hombre prehistórico*, p. 56 sgs.; e Breuil, in *O Archeologo Portuguez*, XXIV, 55, *in fine*.

Como continuação do Paleolítico Inferior esperariam os leitores que, com alguma detença, o que não pode agora

(1) pp. 47-55.

(2) *El hombre prehistórico*, 1932, p. 52.

(3) Otto, *Die sprichwörter Römer*, p. 8. — Além dos AA. mencionados no texto vejam-se: Schulten, *Die Keltiberer*, 1914; Bosch Gimpera, *Etnologia de la Península Ibérica*, 1932; Pericot Garcia, na introdução à *Hist. de España*, Barcelona, 1934. O primeiro rememora já a opinião de Leibnitz (sec. VII-XVIII), segundo a qual os Iberos proviriam da África: ib., p. 36, opinião porém contradita em parte por L. Diefenbach, *Origines Europaeae (Die alten Völker Europas)*, Frankforte do Meno 1861, p. 110. Hübner, *MLI*, pp. XXXII e LXXXVI, falando das relações africano-ibéricas, produz a p. LXXXVII uma lista de nomes africanos que condizem com outros da Hispaniã. Relação dos Capsenses (assim é que deve dizer-se, e não *Capsienses*) com a Península Ibérica: estudada por muitos arqueólogos espanhóis e por Obermaier.

(4) D'Arbois de Jubainville, *Les premiers habitants de l'Europe*, 2.ª ed., p. 24 sgs. — De trabalhos publicados àcêrca do território de que tanto Platão falou em *La science de l'Atlantide*, n.º 57 de *Atlantis* (1935).

acontecer, se lhes falasse sucessivamente dos seguintes assuntos:

— Do Paleolítico Superior.

— Do período, por comodidade chamado Mesolítico, e que outros chamam pouco mais ou menos *Epipaleolítico* e *Pré-neolítico*, isto é, de transição da Pedra lascada para a Pedra polida, o qual, no que nos concerne, compreende os *Kjoekkenmoeddinger* (1), e o *Asturiense* (2).

— No Neolítico, que Obermaier calcula durou na Europa, aproximadamente, de 5.000 a 2.000 anos a. C. (3).

Do Calcolítico (*Eneolítico* dos AA.), ou começo dos Metais, Cobre, que veio juntar-se ao uso da Pedra: período em que floresceu o *vaso* Campaniforme, e que dataria de 3.500 a 2.500 a. C. (4).

— Do período do Bronze e do Ferro (5).

Arte rupestre (insculturas e pinturas): sem desejarmos fixar data, e a cujo estudo andam ligados ilustres nomes (6), de arqueólogos nacionais e estrangeiros.

— Do dos Celtas: 1.ª invasão talvez pelo séc. IX a. C. (7); 2.ª invasão, ou maior, do séc. VI ao V (8): estiveram relacio-

---

(1) *Religiões* I, 99 sgs.

(2) Vid. àcêrca do Asturiense, trabalhos de R. de Serpa Pinto, A. Viana, A. do Paço e P.e Jallay.

(3) *El hombre fósil*, 2.ª ed., p. 401.

(4) Schmidt, *Principios dos metais na Iberia*, 1915, p. 31. Da Junta para Ampliación des Estudios, tradução do alemão em hespanhol per Bosch Gimpera.

(5) Deve mencionar-se neste lugar um livro (litografado) de Manuel dos Santos Estevens, intitulado *A arte pré-histórica em Portugal*, e que lhe serviu de Dissertação de Licenciatura de Ciências Históricas e Filosóficas apresentada à Faculdade de Letras de Lisboa em 1937. Consta de 400 páginas, com 383 figuras desenhadas no texto, e 354 no fim, que formariam 16 estampas, se a obra fôsse impressa. Além da novidade do assunto na literatura portuguesa, a obra revela no jovem autor excepcionais conhecimentos de tôda a nossa arqueologia pré-histórica.

(6) P.e Alves, Amorim Girão, P.e Brenil, P.e Jalhey, Joaquim Fontes, José de Pinho, Leisner, Mário Cardoso, Mendes Correia, Pedro Vitorino, Santos Júnior, Serpa Pinto, se algum nome escapa.

(7) Bosch: *Etnologia*, pp. 423-424: e in *Investigación y Progreso* (revista), ano VII, pp. 346-350.

(8) *Religiões*, II, 83, e cf. o que se diz do *Bellum Hispaniense* a p. 82, (Cf. *AP*, I, 3) — Naquela obra, II, 57-67, fiz várias considerações sôbre os Celtas, segundo Estrabão e Plínio, e baseando-me em outras obras da literatura antiga, no onomástico e na epigrafia, mostrei a extensão dos Celtas

nados com os castros do Norte e Centro de Portugal e Galiza (*arduos collis* da *Ora maritima* de Avieno, vv. 195-195), donde vem o chamar Bosch Gimpera a todos êles «povoados célticos» (¹). Os mais importantes dos nossos castros, ainda explorados por Martins Sarmento, que foi, por assim dizer, quem revelou à Ciência, entre nós êste memorável arqueológico, são os de Sabroso e da Citânia de Briteiros, no Minho (²). O mais importante da Galiza cuido ser o de Santa Tecla (³).

— Da época romana (do séc. III a. C. em diante), em que eram muito mesclados os elementos que compunham a população do nosso território (além do elemento nucleal): Celtas, de que há muitas indicações na epigrafia lusitano-romana, como se dísse supra (⁴); Gregos, sobretudo escravos (⁵); Cartagineses, com quem os Romanos, do séc. III a. C. em diante, tive-

---

e do seu ramo os *Celtici* no nosso território. Entre os textos literários utilizei a *Ora maritima*, e referi-me aos Cempses, Saefes, etc. A respeito desta obra vid. *Religiões*, II, 10, nota 2. Depois o assunto foi tratado por Bosch Gimpera, que muito e eruditamente o desenvolveu na sua *Etnologia* — Do mesmo povo se ocupou também criticamente Pericot de pp. 261, A a 264, A, discutindo a par os nomes étnicos contidos no Périplo de Avieno, pôsto que se refira à *dificuldade*, segundo Bosch Gimpera, ou à *impossibilidade*, segundo êle próprio, de aclarar o problema céltico: *España antè-romana*, p. 262, B. — Obra compendiosa, ao mesmo tempo histórica e arqueológica, a temos em *Les Celtes* de H. Hubert (Bibliothèque de Synthèse Historique).

Quanto à epigrafia céltica, a que se aludiu nesta mesma nota, supra, junte-se: *Camalus Melonis f(ilius)* em Faiões (Chaves), no *Corpus*, II. 2496; *Doquirius Celti f(ilius)*, em Canas-de-Senhorim (Nelas), no *AP*, XXVIII. 214.

(¹) *Etnologia*, p. 420. Referências, em obras nossas, às relações dos Celtas com os castros, há muitas. Pela minha parte cf. o que digo nas *Religiões*, *loc. cit.*, e uma alusão nas *MMB*, p. 57.

(²) Cf. bons estudos recentes do Major Mário Cardoso, que muito tem feito para que se venere e honre a memória do arqueólogo citado há pouco.

(³) Por ex: «Monte de Santa Tecla». La Guardia, por Don Ignácio Calvo, Madride 1920; Monte de Santa Tecla, por D. Ignácio Calvo y Sanchez Madride 1924. La Citania de Santa Tecla, por Julian Lopez Garcia. La Guardia 1927. Pro-Monte de Santa Tecla. La Guardia 1928. Sei que há outros trabalhos que não tenho presentes.

(⁴) Vid. p. 00.

(⁵) *Religiões*, III, 265, 330. Em 21 de Maio de 1933 fiz uma comunicação àcêrca de Gregos no Algarve ao Instituto Portug. de Arq., Hist. e Etnografia.

De uma inscrição de Ossonoba, em que se lêem muitos nomes de libertos gregos falou Mário Lyster Franco num artigo publicado em *Costa de Oiro*, n.ºˢ 64-65 (1940) e a que juntou comentário meu.

ram de se bater (1). Cognomes, como *Afer*, podem por vezes indicar infiltrações africanas (2). Por causa da complexidade da população romana, primeiro invasora, depois colonizadora, aparecem outros nomes de origem longínqua nas nossas inscrições: Capadócio (conformemente a uma correcção epigráfica de Hübner) (3). De facto, *Afer*, Capadócio (se a correcção é inconcussa), e outros antropónimos nas mesmas circunstâncias, mostram em regra que os indivíduos de que se trata, ou algum antepassado, nasceram nas regiões cujos nomes se relacionam com os cognomes: *Africa-Afer*, etc. As informações colhidas têm pois carácter directo ou indirecto. Nos *Mélanges-Cagnat*, Paris 1912, inseriu E. Albertini um artigo com o sugestivo título de «*Les étrangers résident en Espagne* (4) *à l'époque romaine*», ao qual artigo já me referi no meu folheto de 1923 (5); porém, não traz tanto quanto se esperaria.

— De certos caracteres antropológicos cuja menção pormenorizada viria em refôrço do que a pp. 208 se disse das relações da Ibéria com a África (até unidas em eras remotas por território que se afundou, e deixou a substituí-lo o Estreito de Gibraltar), e aos quais caracteres já aludimos algures, há muitos anos: referimo-nos às moedas ibéricas em que se figuram cabeças encrespadas, e aos *torti capilli* de Marcial.

— Dos Germanos: vinda dos Bárbaros no séc. V, *Religiões*, III, 550; suas ramificações, *ib.*, *ib.*; influência da civilização dos Germanos no Sul. *AP*, XI, 325, nota 2; cemitérios germânicos no aro de Cascais, com ossadas e espólios, *ib.*, *ib.*, pp. 351-352; período suévico, *Religiões*, III, 353, visigótico, 575; dominação germânica, encarada em geral, *EP*, II, 564 segs.; reflexos germânicos nos nossos nomes medievais, *Antroponimia*, pp. 24-27; topónimos germânicos-portugueses, estudados sistemàticamente por J. Piel no *Boletim de Filologia*. — O Professor Tamagnini fala de acção da raça nórdica entre

---

(1) *Religiões*, II, 67-70.

(2) Vid. uma inscrição da Estremadura, que publiquei no *Portucale*, XIII, 4.

(3) Cf. *RL*, XXV, 10.

(4) O A. escreve *Espagne* em vez de *Hispanien*, ou *Ibérie*, pois também fala de Portugal.

(5) Vid. *Opusc.*, V, 340, nota 2.

nós, como se dirá mais adiante (1); com isso concorda um artigo de Costa Ferreira *Sur un crâne de type nordique*, do Minho (2). Que pena ser só um!

Bizantinos na Ibéria, vindos no tempo de Atanagildo, expulsos por Suínthila (3). Alguns elementos da civilização visigótica em Portugal, e fusão insensível dessa civilização com a romana (4).

Só mais adiante se poderão declarar os motivos da omissão cometida acima; e antes de lá se chegar dediquemos uns instantes aos *Kjoekkenmoeddinger* (a que se aludiu há pouco), e à achega de uns tantos aviamentos que permitam estabelecer mais íntima coesão no nosso relato.

Os *Kjoekkenmoeddinger* ou «rebotalhos de cozinha», de Muge, subordinados ao período Mesolítico, são das nossas estações pré-históricas aquelas que mais abundam de ossadas humanas.

Muitas opiniões surgiram àcêrca da determinação da raça ou raças a que as mesmas ossadas pertenceriam. Deixando de parte algumas opiniões, por antiquadas, apontemos ùnicamente as que hoje se defendem: de Mendes Corrêa, em vários opúsculos e capítulos de obras maiores; de H. Vallois em *L'Antropologie* (revista) (5) e numa comunicação apresentada em Julho de 1940 ao Congresso Arqueológico do Pôrto (Comemoração dos Centenários); e em mais duas comunicações apresentadas ao mesmo Congresso respectivamente por A. Ataíde, naturalista da Faculdade de Ciências desta cidade e Mendes Corrêa. Os resultados a que chegaram os antropólogos portugueses diferem dos de Valois: e só futuras escava-

(1) Os nossos antropólogos usam *nórdico, -a*, do francês *nordique*, língua de que já havíamos tomado *nordeste*. Aquela palavra está internacionalizada, mas isso não era razão para que a empregássemos, possuindo nós *septentrional, norteiro,* e *nortenho*. Raças nórdicas, principalmente do Norte da Europa: «O seu tipo asiático mais puro está espalhado na Escandinávia, Dinamarca, em certos distritos da Alemanha do Norte e dos Países Baixos, em Flandres, e na Inglaterra». *Les races humaines* de Lester & Millot, Paris 1936, pp. 96-97.

(2) Publicado em 1908 no *Bulletin de la Soc. Port. de Sc. naturelles*, t. II, fasc. 3.

(3) *Religiões*, III, 578-579.

(4) *Ib.*, ib., 579.

(5) 1941, t. XL, pp. 337-389.

ções *in loco* e nova revisão, feita com serenidade, do material ósseo já reünido poderão esclarecer ou dissipar as dúvidas.

Oxalá que de uma estação tão rica de crânios e ossadas pré-históricas possam tirar-se quanto antes as conclusões seguras, que todos com ânsia desejam!

Em muitos museus de Portugal, no Etnológico (do meu tempo de director efectivo), e noutros, públicos e particulares, existe copioso material arqueológico e antropológico, ainda inédito: e quem sabe o que do seu estudo resultaria para o conhecimento das nossas origens?

O próprio Mendes Corrêa, ficando agora de parte o que diz do Mesolítico (Muge), pouco apurou (antropològicamente falando) do exame das ossadas pré-romanas que teve nas mãos, e apesar do conhecimento que possui de tôda a nossa arqueologia e respectiva literatura (obras de Delgado, Estácio, Santos Rocha, Natividade, Marques da Costa, etc.). Apenas diz um pouco mais da época lusitano-romana, baseado sobretudo nos manuscritos de Ferraz de Macedo (1). E insiste sempre no carácter predominante de crânios dolicóides na nossa antropologia desde o passado até hoje (2).

Em 1927 escreve porém o Prof. Barros e Cunha que os crânios das grutas pré-históricas de Cascais, que Paulo e Oliveira classificara como de Cro-Magnon, apresentam diferenças suficientemente importantes para podê-los subordinar a uma designação especial e local (3).

Num estudo de trepanação pré-histórica, publicado em 1934, dá-nos outro ilustre antropólogo, o Prof. Barbosa Soeiro as seguintes preciosas informações:

«Nous avons observé 19 crânes néolithiques des stations portugaises (15 masculins, 4 féminins), dont 4 masculins de Casa da Moura (Cesareda), 5 de la grotte de Cascais (4 masculins, 1 féminin), 2 de la grotte de Carvalhal (Aljubarrota) (1 masculin, 1 féminin), 4 des grottes de Melides (3 masculins, 1 féminin), 4 de la grotte de Fontainhas (Serra-de-Monte-Junto) (3 masculins, 1 féminin). Sur ces 19 crânes 10 sont dolicocé-

---

(1) Vid. a respeito de todos êstes pontos: *Raça e Nacionalidade*, 1919, capp. II a IV; *Povos primitivos*, 1924, pp. 204 sgs., 241, 303-312; na *HPM*, I, 117 sgs., 137 sgs., 153.

(2) *Raça e nacion*, p. 56, etc.

(3) «Quelques nouvelles observations sur les crânes préhistoriques de Cascaes», *Inst. Int. d'Anthrop. IIIe session*, Amsterdam 1927.

phales (7 masculins, 3 féminins), 5 sous-dolicocéphales (4 masculins, 1 féminin), 3 mésaticéphales (masculins), 1 brachycéphale (masculin). Il n'y a aucun sous-brachycéphale. L'indice céphalique des dolicocéphales varie de 70,21 à 75,00, celui des sous-dolicocéphales de 76,31 à 77,65, celui des mésaticéphales de 78,07 à 80,00; le crâne brachycéphale présente l'indice de 88,51.

«La rareté des crânes brachycéphaliques et la majorité des dolicocéphaliques montre nettement qu'il a resté le caractère dolicocéphalique presque libéré, si l'on peut dire, de l'invasion du brachycéphalisme, chez les populations néolithiques du Portugal. Ceux qui voudront voir un caractère de métissage sur les sous-dolicocéphales et les mésaticéphales, pourront aussi constater que les envahisseurs brachycéphaliques ont influencé très peu les caractères morphologiques des aborigènes» [1].

— Pelo menos algumas das referidas gentes chegaram, segundo creio, ao Calcolítico.

Depois do que fica exposto refiramo-nos ao Dr. Manuel Heleno, actual director efectivo do Museu Etnológico, que de 1931 a 1939 empreendeu com grande zêlo e capacidade extensas e metódicas escavações arqueológicas, destinadas a enriquecer o Museu, e fazer adiantar a Etnologia, ao mesmo tempo que obtinha, com igual intuito, por compras e dádivas, muitos objectos de valia respeitantes ao nosso passado.

De uma concisa lista, que, a meu pedido, me deu do produto da sua actividade científica em prol do Museu, extraio as seguintes informações:

A) *Estações da época da pedra lascada* (inclusivé o chamado «mesolítico»):

1) Tróia (Setúbal);
2) Santo Amaro de Oeiras;
3) Estrada de Benfica;
4) Carenque;
5) Rio-Maior (4 estações, nas quais se conta um abrigo que vai do paleolítico superior à época lusitano-romana).

---

(1) Separata das *Comunicações dos Serviços Geológicos de Portugal*, t. XIX. Na separata, pp. 3-4.

B) *Estação da época da pedra polida* (neolítico e calcolítico):

1) Grutas naturais da Amoreira de Óbidos e Rio-Maior;
2) Ruínas de povoações em Rio-Maior, Carenque, Montemor-o-Novo e Évora;
3) Chãos de Cabanas do Lavre e Rio-Maior;
4) Abrigos de Rio-Maior;
5) Centenas de dólmenes nos concelhos de Montemor-o-Novo, Coruche, Arraiolos e Estremoz;
6) Necrópole das Baútas (Carenque), Lapas (Tôrres-Novas) e Famalicão (Nazaré);
7) Grutas artificiais de Carenque e da Ermegeira;
8) Arte rupestre (pinturas em dólmenes).

C) *Bronze:*

1) Achados avulsos, no Alentejo, Rio-Maior e Minho;
2) Cistas do Lavre;
3) Santuário do Alentejo (com gravuras);
4) Abrigo de Rio-Maior;
5) Gravuras de Ribeira-de-Pena;
6) Jóias.

D) *Ferro:*

1) Rio-Maior (vestígios);
2) Necrópole de Vila-Nova-de-Mil-Fontes;
3) Várias jóias dentre as quais avulta o tesouro de Baião;
4) Inscrições ibéricas do Algarve;
5) Guerreiros lusitanos (aquisição de duas estátuas).

E) *Época lusitano-romana:*

1) Cemitérios em Estremoz, Montemor-o-Novo e Évora;
2) Banhos em Tôrres-Novas, Tramagal e Évora;
3) Mosaicos em Évora, Vila-Viçosa, Elvas e Crato;
4) Jóias;
5) Inscrições.

F) *Época germânica:*

1) Cemitério da Silveirona (Estremoz);
2) Sepulturas de Montemor-o-Novo.

G) *Época arábica:*

1) Aquisição duma inscrição;
2) Cerâmica.

E a cada passo o Dr. Heleno me fala de circunstanciados relatórios (plantas de dólmenes, fotografias, etc.), que tem escrito das suas investigações, e conserva inéditos.

*

* *

Se eu agora insistir em notar, por exemplo, que o Paleolítico Superior de que, por enquanto, segundo já dissemos, se conhece pouco, está òptimamente representado nas escavações de Rio-Maior, e que o Dr. Heleno desenterrou, por vários pontos de Portugal, enorme quantidade de crânios e ossadas, de diversas épocas (dólmenes, grutas, calcolítico, necrópoles do tempo dos Romanos e dos Germanos), adivinha-se que multiplicidade de maravilhas advirá à nossa Arqueologia e Antropologia, e de que elementos se disporá para a solução de certos problemas especiais, como: princípio e classificação dos nossos dólmenes, melhor apreciação dos chapões de lousa, etc.

*

* *

Tanto a respeito do Museu de Belém, como de outros, a que acima se fêz, por alto, referência, é de desejar que, logo que seja possível, venham a lume desenvolvidas monografias que se lhes apliquem, as quais poderão modificar idéias hoje correntes, e suscitar outras de largo alcance histórico.

Seria, por conseqüência, imaturo, querer deslindar desde já a origem dos Portugueses, no que tange principalmente a velhos, isto é, até os Germanos.

Entretanto aguardemos, ou aguardem os vindouros (1).

---

(1) Quanto ao Dr. Heleno, cf. prometedouras, amostras dadas por êle à estampa num opúsculo intitulado *Carenque*, Lisboa 1933, repleto de novidades pré-históricas; *Instrumentos neolíticos de grande comprimento*, 1933 (separata do *AP*); *Tampas sepulcrais insculturadas da época do bronze*, 1933 (separata também do *AP*); interpretação definitiva de um «bocado» de

*

* *

Antes ainda dos Germanos aparecem-nos os Judeus; e o fim da dominação daqueles termina com a vinda dos Árabes. Êste último acontecimento promoveu a formação de uma sociedade nova no nosso povo, separada dêle: a dos Moçárabes, de que se falará adiante, quando se tratar dos Judeus, dos próprios Árabes (Mouros forros), e de outros grupos étnicos.

*

* *

Ponto curioso seria descobrir algumas relações sociais do nosso território, ou Lusitânia (em sentido lato), com o resto da Península Ibérica. A minha idade e fraca vista não me permitem consagrar muito tempo ao assunto. Era natural que, logo que neste canto da Europa se esboçou um ou mais povoados, donde depois se originou a gloriosa Nação Portuguesa, começassem realmente a estabelecer-se relações como as de que falamos.

Sem ousarmos ascender a séculos remotos, para não nos embaraçarmos numa rêde inextricável de hipóteses, aludamos apenas a tempos históricos, começando por lembrar relações culturais entre os dois territórios, como as que se revelam no espalhado uso de inscrições ibéricas, e moedas do mesmo carácter (1); relações populacionais também as há, e sirvam de exemplo inscrições romanas relativas a Clunia (Celtibéria), encontradas em Portugal (2): Clunienses que viveram cá.

---

lousa, no *DN* de 5-IX-1937; *Jóias de ouro pré-romanas*, 1.ª parte, no *Ethnos*, I, 229; *Os escravos em Portugal*, vol. I, 1933, onde se ocupa da escravidão lusitano-romana e medieval. Para não falarmos de miüdezas aparecidas a lume no *Bolet. do Instituto Português de Arqueologia, Hist. e Etnografia*, e em jornais comuns, as quais consistem em resumos de comunicações feitas pelo nosso Autor àquêle Instituto em sessões do mesmo.

(1) Cf. a singela notícia que publiquei na *Rev. de Arqueologia e Hist.* (de Cordeiro de Sousa), III, 43-44; e examine o leitor algumas lápides no Museu Etnológico.—Moedas ibéricas cunhadas em cidades antigas da Hispânia encontram-se a cada passo no nosso território, e eu próprio as tenho encontrado.

(2) Vid. o que escrevi na *Rev. de Arqueologia*, III, 193-195.

Do fenómeno inverso, influência de Portugal noutros povos, muitos exemplos ocorreriam, antigos e modernos (1), se fôsse agora ocasião de tratar disso.

*

* *

A respeito de Lígures:

Bosch Gimpera (2) e outros autores não admitem Lígures na Península, mas Menéndez Pidal combate-os, dando entre outros argumentos: o sufixo *-asco*, embora não exclusivo da toponímia ligúrica, existe nela; conhece-se na Ibéria, segundo o Périplo de Avieno, um *Ligustinus lacus*, «nombre dado a la marisma del Guadalquivir» (3), e Estêvão de Bizâncio menciona na mesma Península uma cidade chamada Λιγυστίνη. Estas três razões da existência de Lígures na Hispânia constam já das minhas *Religiões* (4).

Passo no texto da *Ora maritima:*

Na *Ora maritima*, v. 196, lê-se estropiadamente *lucis*, que Schrader emendou em *Ligus*. Alguns AA. não aceitaram a emenda, entre êles Mendes Correia. Discuti o caso nos meus *Opúsculos*, V, 288-291, e não tenho de voltar ao assunto. Cf. já *Religiões*, II, 54.

Pernix, como epíteto de *Ligus*, lê-se também em Sílio Itálico, *Púnica*, VIII, 607 (5).

---

(1) Possíveis e vetustíssimas influências etnográficas de Portugal na Irlanda as procurou já com grande saber o Dr. Bosch Gimpera na *Miscelânea Científica e Literária*, t. I, Coimbra, 1914, p. 44 sgs.

(2) *Etnologia*, p. 611.

(3) In *Zs. für romanische Philologie*, LIX (1939), 192 e 195.

(4) II, 53-55, onde porém se imprimiu *ligustina* (em latim) em vez de *Ligustina* (nome próprio).

(5) Expressão lembrada por Diefenbach, *Origines Europaeae* (em alemão), p. 113, na discussão de Avieno, v. 129 sgs.

II

ELEMENTOS ÉTNICOS MENOS ANTIGOS QUE OS QUE CONSTAM DO N.º I, E CONTINUADOS ATÉ O PRESENTE

Normandos:

a) Palavras prévias:

«Quando os Árabes estavam na Península Ibérica havia já quási século e meio, bandos de piratas Normandos desembarcaram nas costas dela, assolando e roubando (1). Por *Normandos* entendam-se «homens do Norte», isto é, da Escandinávia (Suécia e Noruega), Dinamarca (que alguns também atribuem àquela Península), Orcades, Frísia. Êles chamavam-se a si próprios *Wikinger*. Os nossos documentos latino-medievais especificam-nos como *Normandi*, *Normanni*, *Normani*, *Lothomani*, *Laudomanes*, *Lormanes*, etc. As irrupções começaram nos meados do séc. IX, e continuaram até o séc. XI inclusive; foram sobretudo activas na Galiza e no Minho, mas também se estenderam à Beira e ao Sul (Feira, Lisboa, Algarve). Para se defender dos Normandos, chamados no respectivo documento simplesmente gentiles, «gentios», «pagãos», fundou Mumadona em 968 um castelo em Guimarães (2). Estas incursões deviam ser de curta duração, e exercer pois pouca influência na vida social; todavia, no reinado de

(1) Àcêrca das irrupções dos Normandos vid. especialmente: P.e Viterbo, *Elucidário*, s. v. «Laudomanes»; Herculano, *Hist. de Portugal*, t. I (5.ª ed.), pp. 78-79 e 80-81; Carvalho Portugal in *O Panorama*, t. III, série 2.ª, pp. 213-214; Gabriel Pereira, *Invasões dos Normandos na Península Ibérica*, Évora 1870 (tradução de um trabalho de Mooyer, — com introdução do tradutor); A. K. Fabricius, *La connaissance de la péninsule espagnole* (sic) *par les hommes du Nord*, Lisboa, 1892, e *La première invasion des Normands dans l'Espagne en 844*, Lisboa, 1892; Gama Barros, *Hist. da administração*, t. II, pp 7-8; A. Sampaio, *As póvoas marítimas*, Pôrto 1905, pp. 21-22 (separata da *Portugália*, t. II; vid. p. 230. Nas *Epopeias da raça moçárabe*, Pôrto, 1871, p. 101 sgs., diz também alguma coisa Th. Braga, mas em parte fantasias.

(2) *Diplomata et Chartae*, n.º 97. Cf. Gama Barros, *Hist. da administ.*, II, p. 7, nota 6; A. Sampaio, *As póvoas*, p. 21 (*Portugália*, II, 230).

Bermudo III de Leão (1027-1037), um conde Galego valeu-se dos *Leodomani* para reduzir à obediência certos *Vascones* da Galiza que se tinham revoltado (1), o que mostra que «por êste tempo os bárbaros estavam já em relações amigáveis com a população do país» (2).

O que fica dito dos Normandos saíu a lume a primeira vez em 1923, noutra obra (3). De então para cá reüniram-se outros apontamentos, que vão aqui seguir-se:

b) Generalia:

Os povos pescadores emigram fàcilmente. Os Normandos, cuja terra consistia em uma cordilheira de montanhas com bons portos formados por *fiordes* e vales inundados pelo mar (e por isso não podia sustentar grande população), começaram cedo a buscar novos lares. Intentaram apoderar-se da Bretanha e conseguiram estabelecer-se na Normandia.

Muitas das expedições dos Normandos degeneraram em pirataria (4). Normandos descendentes dos Wikinger, que durante séculos saquearam as costas da Inglaterra e do N. da Europa. A invasão dos Normandos e a conquista da Inglaterra mostram que os velhos instintos dos seus ascendentes se mantinham vivos nêles. O mesmo espírito ainda perdura nos camponeses ingleses que emigram fàcilmente (5).

---

(1) P.e Viterbo, *Elucidário*, s. v. «*Laudomanes*».

(2) A. Sampaio, *As póvoas marítimas*, p. 22 (*Portugália*, II, 231). Êste erudito diz a p. 10 (*Portugália*, II, 218-219) que os nossos vocábulos marítimos *quilha* e *mastro* talvez viessem para cá pelos Normandos. Em verdade os dois vocábulos são de origem germânica, representados ainda hoje no alemão *Kiel* e *Mast*; mas *quilha*, por causa do *-lh-*, vê-se que provém do fr. *quille* (cf. Meyer-Lübke, *REW*, n.º 4698), ou directamente, ou por intermédio do italiano *chiglia* ou do espanhol *quilla*; quanto a *mastro*, em português clássico *masto*, embora Meyer-Lübke, *ibidem*, n.º 6397, tire essa palavra do provençal, não acho inconveniente fonético em a buscar imediatamente no germânico (é curioso que ao português moderno *mastro*, com *r*, corresponde a forma escandinávica *mastr.*, citada por Meyer-Lübke e Diez).

(3) *Origens históricas* (folheto); vid. *Opúsculos*, V, pp. 346-347.

(4) Herberson, *Geografia Humana* (tradução espanhola), pp. 61-62.

(5) *Ibidem*, p. 148.

Lagneau (1), Joret (2), Normandos na Península (3); Puyot (4); D. Carolina Michaëlis (5), Costa Lôbo (6).

c) Textos avulsos, relacionados directamente com o nosso território (notas tomadas por mim há muito):

Entradas dos Normandos, desde 842-850, e incursões em anos seguintes (7).

Normandos vão ao castelo de *Vermudii* (nome do castelo), na província de Braga, em 1016 (8).

1026. Resgate de Meitilli e sua filha Gunenia, *das barcas dos Laudomanes*, por um manto de pele de lôbo, uma espada, uma camisa (9), três lençóis, uma vaca, três módios de sal, ao todo 70 módios, em terra de Santa Maria. — Está-se a ver como os piratas desembarcavam onde lhes apetecia ou podiam, e levavam para as suas embarcações o que lhes convinha, que às vezes os roubados readquiriam. — Êste resgate não é, porém, directo, porque interveio nêle Octicius. O documento foi já estudado pelo P.e Viterbo, *Eluc.*, s. v. *kemiso* (o venerando autor imprimiu *Moitilli* em vez de *Meitilli*: correcção que junto às minhas Observações ao *Eluc.* publicadas na *RL*, vols. 26 e 27), e Aguiar Cardoso, *Terra de Santa Maria*, p. 53, que traduziu *sal finto* do texto por «sal feito», expressão que o P.e Viterbo traduzira por «sal coalhado».

1147. Piratas Normandos tomaram parte no cêrco de Lisboa, ajudando D. Afonso Henriques (10).

---

(1) *L'Anthropologie de la France*, Paris 1869, p. 761. Separata do *Dict. encycloped. des sc. médicales.*

(2) *Les caractères du patois normand*, 13.

(3) In *Bolet. de la Academ. Gallega*, IV, 17 sgs.

(4) *Orígines del reyno de León*, Madrid, 1926, pp. 89-90.

(5) *Cancion. da Ajuda*, II, 792.

(6) *Hist. da sociedade*, pp. 168-169.

(7) Sampaio, *Estudos*, I, 286 sgs.

(8) *Chronica Gothorum*, In *PMH*, Scriptores, p. 9.

(9) *D. et Ch.*, p. 161, no texto está *1° kamisso* (cf. camisus em Maigne resumo de Du Cange).

(10) Herculano, I, 374. [Por iniciativa patriótica da Câmara de Lisboa publicou-se ùltimamente uma tradução da narrativa latina da tomada de Lisboa feita pelo Dr. José Augusto de Oliveira, 1936. Fala-se de Normandos, por exemplo, a pp. 65, 67, 68, 80].

d):

Em 1931, inseriu o Dr. Luís Saavedra Machado, professor do Liceu de Coimbra, um artigo breve, mas instrutivo (com rica bibliografia), numa revista daquela cidade, àcêrca dos Normandos, e aí expõe algumas generalidades: estabelecimento dos piratas na Neustria, onde vieram a constituir a *Normandia*, depois de cristianizados; conquista da Inglaterra (1066). Com o sucessivo adoçamento dos seus costumes, chegaram a encorporar-se em expedições de Cruzados. E assim foi que nos apareceram no cêrco de Lisboa (supra, p. 00). Além desta particularidade ocorrida no nosso território, Saavedra menciona outras, entre elas o resgate de Meitilli (supra, p. 00). — De modo que, no dizer do nosso autor, estivemos com os Normandos em relações opostas entre entre si: primeiro, quando êles piratearam pelas nossas praias; depois ajudando-nos a combater os Muçulmanos (1).

e) O apelido de Bettencourt:

A nenhuma destas duas categorias pertence todavia um curioso facto da nossa história, iniciado em antigos tempos, e ainda prolongado até hoje nas suas conseqüências genealógico-étnicas: Na côrte de D. Manuel I conhecemos D. Beatriz de Sá, da casa da rainha D. Maria, com quem aquêle casara em 1500; e D. Beatriz era filha de Gaspar Bettencourt, de origem normanda, que passou à Madeira e Açores (2), onde o apelido, sob várias formas fonéticas, está muito propagado, e do mesmo modo no Continente. Pode pois falar-se de prole numerosa, correspondente a êle, e muito pacífica! E deve pois dizer-se às vezes que uma geração alastra como incêndio.

Em Lisboa, por falta de tempo, apenas fiz investigações perfunctórias, e não fui além de umas dezenas de exemplos do apelido de Bettencourt no presente; de certo haverá mais.

Da Madeira sei por ora sòmente o que se lê no *Elucidário*, I, 119-124, e para lá se remete o leitor. E combine-se o

(1) Vid. *Bolet. do Instituto Alemão de Rivera*, de que se fêz uma separata: *Expedições normandas no Ocid. das Hispânias*, 24 páginas.

(2) Braancamp Freire in *RL*, X, 275.

que se diz a pp. 119-120 com o que direi adiante respectivamente a João III, rei das Canárias, e da sua família [1].

Dos Açores recordo o que se diz nas *Famílias Faialenses*, de Marcelino de Lima, pp. 85-125, muitas notícias no texto e em notas adjuntas. E dá-me também preciosas informações o Dr. Luís Ribeiro, advogado em Angra, em carta de 16 de Dezembro de 1940, como resposta a um pedido que eu lhe fizera sôbre o assunto:

«O *Nobiliário da Ilha Terceira* por Eduardo de Campos de Castro de Azevedo Soares (Carcavelos), Braga, 1908, a p. 107 do vol. I, trata da genealogia da família Bettencourt vinda da Madeira para a Terceira no século XVI.

«O *Nobiliário* é livro raro, porque a edição foi muito restrita, apenas 112 exemplares, e só conheço aqui o exemplar existente na Biblioteca Municipal. O autor é Juiz aposentado do Supremo Tribunal de Justiça e vive no Minho.

«À falta de melhores elementos, lembrei-me de recorrer aos recenseamentos eleitorais para ver quantos indivíduos nêles inscritos usam o apelido de Bettencourt, e cheguei aos seguintes resultados:

«Recenceamento de 1940: concelho de Angra, em 6.895 recenseados há 65 indivíduos daquele apelido: concelho da Praia, em 4.008 há 13; concelho das Velas, em 1.704 há 211; concelho da Calheta, em 1.106 há 35; concelho de Santa-Cruz-da-Graciosa, em 2.066 há 232.

No distrito de Ponta-Delgada diz-me o mesmo ilustre advogado que de uma tabela que um amigo lhe enviou consta que num total de 25.813 eleitores recenseados nos sete concelhos que constituem o distrito há 73 indivíduos de apelido *Bettencourt*. — Muito penhorado fiquei ao Sr. Dr. Luís Ribeiro pelas suas informações, que muito trabalho lhe deram.

De notícias publicadas no vol. VI da revista da Associação dos Arqueólogos intitulada *Arqueologia e História*, p. 209 e segs., sabe-se que a casa de Béthencourt, na Normandia, era nobre e antiga, conhecendo-se desde o ano de 1067 um *Buthecourt*, «que naturalmente é *Béthencourt*, e que foi um dos gentis-homens que acompanharam Guilherme o Bastardo,

---

(1) Ao Sr. Capitão Faria de Sampaio, muito dado a estudos genealógicos, e sócio da Associação dos Arqueólogos do Carmo, devo e agradeço, informações que me deu a respeito da família dos Bettencourts.

duque da Normandia, na sua conquista da Inglaterra». Pp. 210-211.

Depois encontram-se outras memórias, seguidas ou não, que chegam até João II de Béthencourt, coroado em 1538, e que teve três filhos, um dos quais se chamou João III de Béthencourt, e foi conquistador das Canárias. P. 212.

De sobrinhos dêste «provêm os Béthencourt de Hespanha e de Portugal». P. 213.

De outras formas, que, como a citada, aparecem na toponímia da França, tais como *Betaincourt*, *Betoncourt*, *Bethoncourt*, tratou A. Longnon, *Les noms de lieu*, 1929, §§ 985, 1010, 1036: temos aqui, em suma, um nome formado de um tema germânico, Botto (hipocorístico), e de curtis, forma medieval que significa *propriedade rural*, *quinta*.

f) Ornato de jugos de bois:

Numa viagem que fiz à Escandinávia em 1921, causou-me certa surprêsa o ter encontrado em museus, arreios de cavalo, que na sua origem mais remota ascendem à Idade-Média, e apresentavam analogia com os ornatos dos jugos e cangas do Minho e da Galiza: vid., por exemplo, nas pp. 1 e 2 (do Minho), 14 a 16 (da Galiza) e 17 a 19 (da Suécia) publicadas no *Boletim de Etnografia*, n.º 2, um artigo consagrado à comparação dos nossos jugos e cangas e dos da Galiza com os escandinávicos. Na presente obra, figs. 2 a 9. Aventei no mencionado artigo a hipótese de que os ornatos galeco-portugueses poderiam ascender aos remotos piratas, ou *Wikinger*, atenta a coincidência das áreas geográficas que êles sobretudo ocuparam (Galiza, Minho, Beira-Litoral) e aquelas em que se usam jugos e cangas com ornatos que lembram os dos arreios escandinávicos. O Sr. Dr. F. Krüger, professor da Universidade de Hamburgo, e que conhece muito bem a Etnografia geral, e a portuguesa, em especial, objectou-me que os ornatos dos jugos e cangas podem ser desenvolvimento de ornatos de jugos mais simples [1].

Porém a coincidência geográfica de que falei é circunstância atendível. E conservar-se uma tradição medieval em usos do povo nada tem de estranho. Não fabrica o povo entre

[1] Vid. os meus *Opúsculos*, V, 398.

nós ainda hoje pesos de tear, de madeira, de forma piramidal, como os que os Romanos fabricavam de barro, e que a cada passo aparecem em ruínas dêsse tempo? (1). Não são os *cossoiros* (de fusos) do Sul do Tejo iguais aos *verticilli* dos Romanos?

*

* *

Na p. 211 da revista *Arqueologia e História* há um êrro de data, pois diz-se aí que João II de Béthencourt casou em 1538, e que João III, seu filho, casara em 1425. Talvez aquela data esteja por 1338.

*

* *

A respeito de Luís Saavedra Machado, citado supra, direi que dois anos depois do que escreveu dos Normandos começou a publicar na *Biblos*, VIII, 462 segs., uma erudita dissertação com o título de *Os Ingleses em Portugal* (ainda não concluída), e aí tem ensejo de tornar a ocupar-se dos Normandos: vol. IX, 139 segs., 378 segs., e 553 segs.

Gascões:

O terem-se mencionado acima uns Vascones na Galiza poderia levar o autor a falar de Vascões ou Gascões no nosso território, porém são tão incertas as notícias que dêles temos, que preferiu circunscrever-se em mencionar as principais obras em que se trata dêles: *Nobiliário* (ed. da Academia, pp. 175 e 316); João Pedro Ribeiro, *Dissert. Chron.*, t. IV, pt. 2.ª, p. 32; e Alberto Sampaio, *Estudos*, I, 282, 288, 379-381.

Francígenas:

Na sua qualidade de Francês atraíu o Conde D. Henrique (séc. XI) para a sua côrte de Guimarães povos de França, ou *Francigenae*, aos quais deu um bairro para se estabelecerem. O bairro ficava perto do paço e de uma rua já chamada

(1) *AP*, V, 199.

de Francis [1]. Parece que vestígios desta gente se encontram em nomes de pessoas nas Inquirições de 1220, como *de Rochela, Rodelin, Bespin,* ainda que há a par *Frison* e *Tibaldus* [2]. Pela minha parte leio nas Inquirições de 1258 que, ao tratar-se do templo de Santiago da vila de Guimarães, o jurado *interrogatus... dixit quod genus Francorum Vimaranis eligerunt semper et eligunt priorem...* E os Inquisidores acrescentam: *et nos... vidimus inde cartam Domini Comitis Henrici sine sigillo et sine signo... quod Dominus Comes dedit illum terrenum duobus Francis quod fecerent ibi capellam suam...* [3]. Acaso ascenderá ainda à época de D. Henrique, diz Herculano, outra colónia de gente estranha («omees antigos d'outra terra») que consta se estabeleceram no Alto-Minho [4]. «De indivíduos estrangeiros, revestidos de cargo público, em Vila-do-Conde, há algum indício no foral de Azurara, de 1102, e no de Coimbra, de 1111 [5]. Num documento de 1139, da Terra de Panóias (Trás-os-Montes), menciona-se um *palacium franciscum,* «obra talvez de alguns dos aventureiros franceses que com o Conde D. Henrique vieram a Portugal» [6].

Ordens religiosas:

Ao estabelecimento das Ordens do Templo, e do Hospital, no nosso território atribui também Herculano a introdução de grande número de adeptos trazidos de fora para cá [7]. A estas duas Ordens, ambas de origem hierosalimitano-francesa, e introduzidas cá em tempo de D. Teresa, se fêz referência no vol. II da presente obra [8], pp. 503 segs. e 508 segs.

---

(1) Herculano, III, p. 219. Cf. G. Barros, II, p. 148. — E cf. *EP*, II, 400.

(2) Gama Barros, II, p. 148 (-149), nota 5.

(3) *Inquisitiones*, p. 737.

(4) III, pp. 218-219; Gama Barros, II, 148.

(5) G. Barros, II, p. 148. Êstes indivíduos chamavam-se *Rabaldus* e *Ebraldus*, nomes de carácter germânico.

(6) P.^e Viterbo, *Elucidário*, s. v. («francisco»). Cf. Herculano, III, 219, nota 3.

(7) III, 219. Para as datas vid. G. Barros, I, 361 sgs. (Templários), 366 sgs. (Hospitalários); quanto à ordem do Sepulcro, e das dúvidas se existiu em Portugal ou não, vid. p. 374.

(8) Trata-se da «Etnografia Portuguesa». *(Nota dos editores).*

Depois da reconquista de Lisboa aos Mouros:

Depois da reconquista de Lisboa aos Mouros, em 1147, ficou sendo 1.° bispo da Sé de Lisboa, Gilberto, Inglês. Também alguns cónegos que formaram o cabido eram da mesma estirpe, e bem assim Flamengos e Alemães (1). Ao mesmo tempo que assim acontecia no eclesiástico, distribuía Dom Afonso Henriques muitas tropas (cruzados) por vários terrenos da Estremadura, que êles colonizaram. Dêste assunto se tratará adiante, mais de espaço, nos «Grupos étnicos», a que já aludimos.

De um documento de 1159 consta o grande número de estrangeiros que residiam em Lisboa, por exemplo: um Flandrensis, um Hastingiensis (de Hastings, Inglaterra), um Hua de Silésia, um Alfredus de Caranton (Charenton) e outros (2).

Outros povos vindos pelo século XII-XIII, etc.:

Dos sécs. XII e XIII em diante não deixou a Europa Central e Ocidental de enviar homens para cá, pôsto que não como guerreiros, mas como gente de comércio e indústria, que se introduz com ordem, e pacìficamente, e pouco a pouco. Às nações do Ocidente, do Norte e do Centro juntarei, na Europa do Sul, a Itália (3).

Da Espanha:

Considero àparte a Espanha, isto é, Galiza, Leão, Castela, etc., pois desde sempre, e a todos os respeitos, temos estado em particular convivência com ela, como terra vizinha da nossa. Vou falar dêstes diversos territórios começando pelo último, e seguindo a série dos tempos.

Na Espanha são claramente as províncias raianas as que mais sangue hão-de ter infundido nas nossas veias, e entre elas, superior às restantes, a Galiza, pela comunidade étnica e idiomática, e porque até os fins do séc. XI época da consti-

(1) Fortunato, *HP*, I, 149.
(2) Herculano, I (pp. 102-103), nota 2.
(3) *VMH*, p. 206.

tuïção do estado ou condado portugalense, se estendia pollticamente até o Mondego, ou ainda mais para o Sul (1).

Em 1189 uma nau galega ajuda D. Sancho I a conquistar Silves, e um cavaleiro da mesma nacionalidade pratica aí um acto de grande fama (2). Vários documentos do séc. XIII mostram entre nós indivíduos com o apelido de *Gallecus* ou *Galego* (3), às vezes até especificado como alcunha: *Johanes Petri dictus «Gallecus»* (4), *Donna Maior dicta «Galleca»* (5). Nos séculos seguintes continua a aparecer o mesmo apelido, por exemplo, nos sécs. XV (6), e XVI (7). Hoje não é raro encontrar cá a alcunha de *Galego*, dada a indivíduos dessa estirpe: *Fulano Galego*, *Cicrano Galego*, filhos de Galegos (casos que conheço); do mesmo modo conheço numa das nossas cidades um comerciante com o apelido de *Galiza*. Daqui se mostra a existência constante de Galegos em Portugal, e quási não seria necessário mencionar mais testemunhos dela, por exemplo: Galegos na Inquisição de Lisboa, no séc. XVI (8); um Galego cortador, no séc. XVII (9). Os Galegos, a par com outras profissões, como a de negociante, padeiro, etc., exercem muito as de aguadeiro e serviçal, nas cidades de Lisboa, Pôrto e outras: aos serviçais se refere o *Tableau de Lisbonne en 1796*, pp. 310 e segs.; do aguadeiro fala Nicolau Tolentino, II, 85. Quando em 1801, diz Ricardo Jorge, o govêrno quis expulsar de Portugal os Galegos, em razão da guerra, o Intendente Geral de polícia representou que, se se fizesse tal, «não haveria quem servisse a cidade de Lisboa e Pôrto», e a expulsão não se levou a cabo (10). Por causa de nas referidas cidades a água se distribuir hoje encanada aos domicílios, o papel do Galego-aguadeiro está em decadência, e só em crises surge triunfal. Esta abundância de gentes da Galiza, que em

(1) Herculano, I, pp. 188, 191, 194.

(2) Herculano, II, pp. 35 e 43.

(3) *Inquisitiones*, t. I, pp. 2-3, 19, 468, 903; *O Archeol. Port.*, XVI, p. 90.

(4) *AHP*, V, p. 471.

(5) *Ibidem*, VII, p. 219.

(6) *Ibidem*, IV, p. 434; e nas *Chancelarias reais*, ed. de P. de Azevedo, I, pp. 70, 108, 335, 489; *Scriptores*, p. 337 *(Dona Maria Galega)*.

(7) *AHP*, V, p. 25.

(8) *Archivo Hist.*, VII, 445, 446; VIII, 502.

(9) *Ibidem*, VIII, p. 196.

(10) Vid. a sua *Demografia e Higiene do Pôrto*, I, Pôrto, 1899, p. 158, nota.

Portugal traficam, moirejam, se casam e procriam, deu motivo a que o nome de «Galego» apareça a cada passo na toponímia. Um documento de 1064 fala do local de *Galegus* (1), que talvez seja hoje *S. Salvador-de-Galegos*, no concelho de Penafiel. Outro, de 1081, menciona *inter Limia et Catavo* a *villa Gallegus* (2), que deve ser uma das freguesias de *Galegos* em Barcelos ou Lanhoso. Com tais nomes se relacionarão alguns dêstes, que se lêem nas Inquirições de 1258: *parochia Sancti Martini de Galletibus*, no julgado de Prado, entre Cávado e Ave (3), ao presente S. Martinho-de-Galegos no concelho da Póvoa-de-Lanhoso; *parrochia Sancte Marie de Galletibus* (4), hoje Santa-Maria-de-Galegos, no concelho de Barcelos; *Sanctus Salvator de Gallecis* (5), hoje a citada S. Martinho-de-Galegos de Penafiel. Pelo seu lado o Sr. Gama Barros refere-se a uma propriedade do têrmo de Lamego, denominada nas mesmas Inquirições *de Gallecis* (6). Além dos nomes modernos, que há pouco vimos equiparados aos medievais, há outros, como designativos de lugares, quintas, etc., por exemplo: *Galegos* e Vilarinho *dos Galegos*, lugares em Trás-os-Montes; Ribeira *de Galegos*, lugar, Val *do Galego*, quinta, *Galegos*, sítio ou lugar, na Beira-Alta; *Galegos*, Quintinha *dos Galegos*, lugares na Beira-Baixa; *Galego* (repetido), *Galegos* (Amarante), em Entre Douro e Minho. No Sul sei de muitos, como *Aldeia Galega* da Merciana, e *Aldeia Galega* do Ribatejo, cada uma chamada também em documentos antigos *Alda Galega; A dos Galegos* (distrito de Lisboa), Casais *dos Galegos*, Monte *dos Galegos*, Outeiro *dos Galegos*, Fonte *Galega*, etc., como consta da *Corographia* de Baptista, e do *Diccionario Postal* de Silva Lopes; todavia a êstes não ligo tanta importância como aos anteriores, porque no Sul dão irònicamente, e há muito, o apodo de *Galegos* aos habitantes do território que se estende de Leiria para cima (7), e podem às vezes os

---

(1) *Diplom. et Chart.*, p. 276.
(2) *Ibidem*, p. 357.
(3) *Inquisitiones*, I, p. 302.
(4) *Ibidem, ib., ib.*
(5) *Ibid., ib.*, p. 583.
(6) *Hist. da administ.*, II, p. 149.
(7) Cf. os meus *Dialectos Extremenhos*, I, p. 31, e Pinho Leal, *Port. ant. e mod.*, I, 83, col. 2.ª.

topónimos assentar neste apodo, e não no verdadeiro nome étnico. Deve igualmente notar-se que parte do concelho de Pena-Cova se chamava *Terra Galega*, não no meu entender, porque aí estivessem Galegos, mas porque um chão delgado e pouco rendoso se denominava assim em português, na língua comum antiga (1). A alguém ouvi explicar o nome de Póvoa *dos Galegos* (concelho de Santarém) como tradição dos Francos, que por ali estacionaram, isto é, de *Galleci;* mas isto é impossível, porque *Galleci* pronunciava-se com acento no *a* (2). É curioso observar que em Espanha acontecem factos análogos, pois não faltam nomes geográficos como *Gallego*, *La Gallega*, *Gallegos*, *Galleguillos*, em várias províncias; na própria Galiza há lugares chamados *Galegos*, nas províncias da Coruña, Lugo e Pontevedra.

Investigando o que em Portugal se passa a respeito de Castela e de outras regiões da nação Espanhola, também se nos deparam muitíssimas provas de influência étnica exercida de lá em nós. Deixo de lado, já se vê, influências de outra espécie: literárias, artísticas, lexicais. Como para os Galegos, escusaria eu de citar textos confirmadores da freqüência de outros Espanhóis em Portugal. Logo o fundador do estado portugalense (séc. XI) desposou uma filha do rei de Leão, e alguns dos seus imediatos sucessores, durante a primeira dinastia, desposaram senhoras titulares ou princesas de Barcelona, Castela, Aragão, quási sempre com ditosa prole. D. Pedro I, após o falecimento de D. Constança, neta de D. Jaime II de Aragão, ligou-se com D. Inês de Castro, Castelhana, e parenta daquela. Devemos entender que tôdas estas uniões promoviam a vinda de muitos cortesãos, damas, pajens, que depois se ficavam por cá, e se tornavam troncos de novas gerações. Até diz a história que foi o valimento que iam adquirindo na côrte os parentes de D. Inês, que motivou em 1355 o «caso triste e digno de memória», celebrado com tanta paixão n*Os Lusíadas* (c. III, est. 118, v. 5 e segs.). Uniões semelhantes continuaram a fazer-se nas

(1) A isto me referi numa dissertação àcêrca da geografia tradicional da Beira, lida no congresso Beirão, em Junho de 1921 (Viseu). Cf. o *Elucidário* de Viterbo, s. v. «terra gallega». Já Pinho Leal, *Port. ant. e mod.*, I, p. 83, col. 2.ª, aventou que o nome de *Aldeia Galega* proviria da natureza do solo (define «terra galega» como Viterbo, porém não o cita).

(2) Vid. supra, o (-00), nota 0.

dinastias seguintes. «As relações de boa vizinhança e a comunhão de princípios, diz Rebêlo da Silva, tinham adoçado desde D. Manuel até D. Sebastião as repugnâncias e as antipatias. As alianças dos reis e das famílias ilustres haviam misturado o sangue das duas nações» (1). Se saíssemos para fora dos palácios reais e dos solares, encontraríamos Espanhóis não só dispersos ao longo das fronteiras, mas por todo o Portugal. Em 1534 refere-se uma carta régia aos consórcios que costumava haver entre gente de Miranda-do-Douro e a de terras de Castela confinantes, e permite que os de cá levem os seus *casamentos*, isto é, os seus «dotes», para lá, do mesmo modo que os de lá os já traziam para Portugal (2). Outras cartas dos sécs. XV e XVI, respectivas à mesma região mirandesa, falam de privilégios concedidos a mercadores castelhanos, e de livre trânsito da fronteira, em certas circunstâncias (3), o que denota também íntimas relações internacionais. No *Arquivo Histórico Português*, dirigido com tanta capacidade pelo Sr. Braancamp Freire, fervilham notícias da existência de Espanhóis em Portugal, do séc. XV ao XVII, ora como mercadores, ora como oficiais mecânicos, funcionários, etc. (4). No séc. XVII, sob o domínio felipino, a influência étnica de Espanha não diminuíu, porque governos, ofícios e comandos, que deviam ser providos em Portugueses, eram-no em Espanhóis (e Italianos) (5), e porque a fronteira, sempre naturalmente aberta aos povos de lá, estava agora mais livre. A colónia castelhana de Lisboa até tinha um hospital próprio, o *ospital dos Castelhanos*, como dizia um documento de 1626 (6).

Êste constante convizinhar de Portugueses com Espanhóis, que, apesar da feliz restauração de 1640 e de guerras no mesmo século e no XVIII, continuou sem interrupção até hoje, manifesta-se cá, e já era de esperar, no onomástico. Há, de facto, vários sítios, quintas, casais no Sul de Portugal, com a denominação de *Castelhano* e *Castelhana*, e no plural, à qual corresponde, quanto a mim, no Centro e no Norte

(1) *História de Portugal*.
(2) F. Manuel Alves, *Memórias de Bragança*, IV, p. 124.
(3) *Idem, ib., ib.*, I, pp. 107-122.
(4) Vid. os índices do *Archivo*, s. v. «Castelhanos», «Aragoneses», «Biscainhos».
(5) Rebêlo da Silva, *Hist. de Port.*, IV, 68.
(6) Prestage & Azevedo, *Registos parochiais*, Coimbra 1913, p. 281.

Castelãos, porque em genuíno português era assim que se dizia dantes, por exemplo, no séc. XV (1), em vez de *Castelhanos*, palavra importada de Espanha, como o mostra claramente o *-lh* e a terminação *-anos*. A esta última série pertencerá *Castellanus*, nome de uma vila junto do rio Caima, e de outra junto do rio Douro, em documentos do séc. XI (2). É provável que *Castella*, que aparece no onomástico do Minho, Beira e Estremadura, se explique do mesmo modo. Muitos dos citados nomes provêm de apelidos de proprietários de terras, de ordinário originários ou descendentes de Castela. Como apelidos, temos muitos vindos de regiões ou cidades espanholas, ou dos seus étnicos: *Aragão, Biscaia, Catalá, Esturão* (por *Asturiano), Leão* (pelo menos quando com *de), Navarro*. Também há o apelido *Espanhol*. Outros apelidos portugueses provindos de apelidos Espanhóis, são, entre dezenas: *Aguilar, Borja, Castilho, Lucena, Mendoça* ou *Mendonça, Noronha* ou *Loronha, Oliva, Padilha, Sepúlveda, Vargas*. Tudo o que fica exposto, relações históricas e deduções filológicas, é completado pelas informações dos genealogistas, que (embora algumas vezes sem razão) entroncam grande número de famílias nobres de Portugal em casas de Espanha: assim Villasboas e Sampaio, para só citar um, na *Nobiliarchia Portugueza*, publicada em Lisboa em 1676, atribui a mais de cinqüenta famílias portuguesas origem em Castela, Galiza, Aragão, Biscaia. Os genealogistas só olhavam para os pergaminhos, e não para a gente do comum. Quantos nomes, tidos como fidalgos, não nasceriam do trato familiar e quotidiano?

Novas vindas de povos europeus do séc. XIV em diante:

Vimos acima que Franceses, Flamengos, e outros povos da Europa se haviam fixado entre nós, como colonos sedentários, do séc. XI ao XIII. Nos séculos seguintes a êste acodem também de França, e bem assim de Flandres, Inglaterra,

(1) *Chancelarias Reais*, I (ed. de Pedro de Azevedo) pp. 145, 157, 141, 326, 368. Cf. Faria e Sousa, *Epitome de las hist. port.*, ed. de 1674, 3.ª parte, p. 120.

(2) *Diplom. et Chartae*, pp. 109 e 254.

Alemanha, Itália, etc., novas gentes às margens do Tejo, por variadas circunstâncias. Cartas régias e alvarás do séc. XIV ao XVIII, processos da Inquisição, e documentos de vária espécie falam-nos de muitos indivíduos Florentinos, Janueses ou Jenueses (Genoveses), Milaneses, Prazentins (de Placência, em latim *Placentia)*, Venezianos, Franceses, Bretões, Flamengos, Alemães, Ingreses (ou Ingleses), Irlandeses, Escoceses, que cá exerciam profissões manuais, por exemplo: de armeiro, ourives, lapidário, sapateiro, tecelão, cesteiro, calceteiro, relojoeiro, ou eram mercadores, banqueiros, médicos, serviçais, soldados, escultores (1). Daqui se patenteia a familiaridade destas gentes com a nossa. Os negociantes e industriais do séc. XVI continuavam, por assim dizer, a actividade dos Judeus e Mouros, expulsos no fim do séc. XV (2). Como poderia eu especificar tôdas as classes e nacionalidades dos forasteiros europeus que, dispostos a formar colónias, ou em grupos transitórios, mas consideráveis, atravessaram a nossa fronteira, ou desembarcaram nas nossas praias, desde o séc. XIV até o presente? Tropas que o Mestre de Avis contrata em Inglaterra no séc. XIV para o servirem contra os Castelhanos (3)! Impressores dos séculos XV e XVI (4)! Sábios e lentes nos mesmos séculos (5)! Alemães a quem D. Manuel concedia privilégios (6)! Armadas de Holandeses e Ingleses, que em 1589 infestavam as costas marítimas do reino (7)! Oficiais e soldados, que no séc. XVII, oriundos de França, Inglaterra, Holanda e outras partes, vêm em grande número

---

(1) Vid.: *Ordenações Afonsinas*, liv. 4.º, tit. 10-17; Braancamp, in *Archivo Hist.*, VI, p. 326; Rebêlo da Silva, *Hist. de Portugal*, IV, p. 518; Aires de Sá, na introdução à *Cartographia* do V. de Santarém, t. I, p. LXXXII sgs.; Vítor Ribeiro, *Privilégios de Estrangeiros em Portugal*, Coimbra 1917, p. 5 sgs.; Gama Barros, IV, 187; Joaquim de Vasconcelos, in *O Archeologo Port.*, VI, p. 13; Peragallo, *Cenni intorno alla colonia italiana in Portogallo nei secoli XV, XVI, XVII*, Torin 1904, p. 4; António Baião, *A inquisição em Portugal* etc., in *Archivo Hist.*, passim (vid. os índices); Lúcio de Azevedo in *HPM*, II, 425.

(2) Cf. Sousa Viterbo, in *Archivo Hist.*, VII, p. 118, e *Noticias de alguns pintores*, III (1911), p. 107.

(3) Conde de Vila-Franca, *D. João 1.º e a aliança inglesa*, pp. 4-96.

(4) Ribeiro dos Santos, in *Memorias de Lit. da Ac. das Sc.* VIII, p. 1 sgs.

(5) Dr. Gonçalves Cerejeira. *O Renascimento em Portugal*, II (1918), p. 5 sgs.; Pedro de Mariz, *Diálogos de vária história*, ed. de 1559, fl. 355.

(6) V. de Santarém, *Índice dos mss. portug. em França*, 1827, p. 34.

(7) Braancamp, *Brasões de Cintra*, II, 411.

combater ao nosso lado na guerra da Restauração, muitos dos quais casam cá, e cá ficam (1)! Alusão graciosa à guarda real dos Tudescos em 1641 (2)! Afluência de comerciantes ingleses, após o tratado de 1703 (Methuen) (3), e da fundação da Companhia de Vinhos do Alto-Douro, em 1756! Alemães vindos para Portugal na comitiva de D. Mariana de Áustria, em 1708, quando casou com D. João V (4)! Artistas, como arquitectos, escultores, gravadores, músicos, que buscam Portugal, do séc. XVI ao XIX (5)! Operários alemães nos começos do séc. XIX (6)! Movimento de soldadesca durante a Guerra Peninsular e as da Liberdade!

Reflexos na linguagem:

As relações de tantas gentes, e tão estranhas, com a portuguesa, fizeram nascer na língua expressões graciosas, que revelam igualmente a intimidade da comunicação. Quando um povo não entende a língua de outro com o qual está ou precisa de estar em contacto, zomba por vezes dêle chamando-lhe, por exemplo, em grego βάρβαρος, palavra que significa «estrangeiro», mas que é ideològicamente análoga à latina *balbus*, que quere dizer «gago»; os Romanos tinham *bargina* em sentido semelhante (7), os Espanhóis *vascuence*

(1) Cristóvão Aires, *Hist. do exército portug.* Provas, t. I a IV, passim.

(2) *Revista Michaelense* (Açores), III, 695. E:

> Sou alvo, corado e fresco,
> Selvagem como Tudesco,

a p. 700. — Diz-se nas *Epanáforas* que em Portugal «viciosamente» se chamam *Franceses* a todos os estrangeiros sem distinção, p. 267. Diz A. D. da Cruz e Silva († 1799 ou 1800) que:

> À meia noite
> Não conheço Flamengos,

Poesias, IV, 247. — Vê-se que a convivência dos nossos com os Flamengos havia sido grande, de comêço, para êstes assim se tornarem populares.

(3) Lúcio de Azevedo, *O Marquês de Pombal*, Lisboa, 1909, pp. 253-254.

(4) Lúcio de Azevedo, *Christãos Novos*, p. 351.

(5) Sousa Viterbo: *Dicc. dos architectos*, I e II, passim; e *Notícia de alguns pintores*, passim; *A gravura em Portugal*, p. 10.

(6) Sousa Viterbo, *A armaria em Portugal*, II, p. 75, III, p. 181.

(7) Schultze, *Gesch. der lateinischen Eigennamen*, p. 74.

«lo que está confuso»; os Franceses *baragouin* «idioma incompreensível»: ora, como em português antigo os Ingleses se chamavam *Ingreses*, formou-se daqui *ingresia* que vale tanto como «discordância de vozes, balbúrdia, falatório», sentido parecido com o de *aravia* e *algarvia*, que na origem se aplicavam ao «falar dos Árabes». Creio que da observação da elevada estatura dos Alemães, que entre nós traficavam, veio o nosso têrmo popular *alamoa*, que no Minho se emprega na acepção de «mulher alta, desajeitada, nutrida»: efectivamente no séc. XVI dizia-se *alemoa*, o que hoje dizemos *alemã* (1): e de *alemoa* fàcilmente saía *alamoa*. Se é justa a explicação de Morais, *frandulagem* aplicava-se a mercadoria de pouco valor, como coisa de *Frandes* ou *Flandres*, visto que o povo tem tendência para estigmatizar lexicalmente os comerciantes que o enganam, como também se vê de *tratante* (que vem de *tratar*), e de *lôgro* (que vem do latim *lucrum*).

Passando da língua usual aos nomes próprios, encontramos na toponímia: *França*, povoação de Trás-os-Montes, talvez testificadora de algum antigo estabelecimento francês; Horta *dos Franceses*, no Alentejo, evidentemente designação muito moderna, e tirada de quaisquer habitantes casuais. Os vocábulos *Flamengo*, *Flamenga*, *Flamenguinho*, *Flandres*, designativos de sítios ou lugares, estão um pouco espalhados: Beira, Entre Douro e Minho, Estremadura: pela fonética, *fl-* em vez de *fr-*, parecem modernos, e alguns o serão, mas podiam formas antigas ter sido restauradas ou reformadas. Acho notável que um casal *da Flamenga* fique situado na freguesia de Vila-Verde *dos Francos*, a que pouco antes me referi como terra de Francos. Uma quinta e um *monte do Holandês*, no Alentejo, hão-de ser muito recentes. Outros nomes da categoria que estou tratando são: monte (isto é, casal), *do Inglês*, em Almodóvar. No Pôrto há a rua *dos Ingleses*, bem se descobre porquê. A expressão *Inglesinhas*, que aparece por vezes (quinta, *monte*) nada terá com isto, pois creio se refere a umas freiras. Dos Italianos vieram-nos *Grândola* e *Sabóia*. Os Alemães não deixaram vestígios na toponímia, que eu saiba. Apelidos portugueses, originados

(1) Vid. um doc. publicado por Pedro de Azevedo in *O Archeologo Port.*, IV, p. 19.

em nomes ou na língua dos povos que constituem o assunto da presente parte do meu trabalho, é que não faltam, e apelidos enraïzados.

Do assunto me ocupei na *Antroponímia Portuguesa*, Lisboa, 1928: apelidos de origem alemã, austríaca, suíça, flamenga, holandesa, francesa, inglesa, escocesa, irlandesa, italiana, e outros (1) excepto a espanhola (como a galega, etc.), de que em particular se falou supra, p. 00.

RELAÇÕES DA METRÓPOLE COM DOMÍNIOS COLONIAIS ANTIGAS E MODERNAS

1. Vinda de *Pretos* para o reino:

Vós, poderoſo Rei, cujo alto Imperio
O Sol logo em naſcendo vê primeiro,
Vê-o tambem no meio do Hemiſpherio,
E quando dece o deixa derradeiro (2);

De tão grande Império perdeu-se já a principal parte—o Brasil—, e outras na África e na Ásia, restando, porém, felizmente, ainda muito. De tôdas as nossas colónias, excepto talvez Timor, veio e tem vindo gente para a metrópole; e em tempos modernos todos nós conhecemos exemplos.

Como não há ou não tenho presentes monografias especiais do assunto, nem estatísticas, apenas tomei alguns apontamentos avulsos àcêrca de Pretos, os quais vou enumerar. Mas antes disso, lembremos que, em épocas remotas houve na Europa conhecimento de Negros; dêles e das suas relações com as civilizações antigas (Grécia e Roma), vid. o que escreveu A. P. de Carvalho, nas *Origens da Escravidão em Portugal*, Lisboa, 1877, cap. v, p. 41, espécie de introdução.

Foi em 1441 que entraram em Portugal os primeiros escravos negros coloniais (3). Mas já em 1425, tinha sido, por exemplo, aprisionada por Portugueses, à vista de Larache, uma barca de 53 mouros e 3 mouras «negras» (4).

---

(1) Vid. pp. 282-320.
(2) *Lusíadas*, I, 8. Ed. do Sr. Epifânio Dias.
(3) Gama Barros, II, 288.
(4) Apud. Mendes Correia, *Africanos em Portugal* (folheto), pp. 8-9.

Como o relato saíu um pouco extenso, distribuir-se á em várias secções:

a) Os Pretos na literatura culta. – Sem falarmos de obras maiores (de carácter geral) v. g. *Crónica da Guiné*, por ex., cap. XII, *CR*, III, 477-483. (Texto reproduzido no meu folheto intitulado *Língua de prêto*, extraído da *Revue Hispanique*, t. LXXXI), de Gil Vicente (vid. um artigo de W. Giese, in *RL*, XXX, 251-257), do P.^e^ Vieira (1), de C. Garção *Musa Pueril*, por João Cardoso da Costa, p. 328, «Versos a uma Negra vendo-se a um espelho» (soneto). O *Anatómico Jocoso*, onde há muitas alusões a pretos e mulatos, por ex., I, 278: «...nesta função (da Vera Cruz) eu vi mulato, que de cantar a amorosa, sem tomar fôlego, esteve com a candeia na mão», de Bocage (2), etc., e de uma especial *O Hercule Prêto*, romance de A. Teixeira de Aragão *(Hércules* é alcunha de um prèto muito valente), lembremos o seguinte:

1587. Um mulato de nome Solis, na *Cena Policiana* de Anrique Lopez, publicada por J. Ribeiro in *Rev. de Lit. Port.*, Rio-de-Janeiro 1919, n.º 2, p. 35.

1787. *O contentamento dos Pretos em terem a sua alforria* (entremês de cordel).

Almanaques. — Possuo dois: *Novo Almanaque Saragoçano do Pretinho de Guiné para 1916*, com uma vinheta que representa um astrólogo a olhar para a lua, ladeado das seguintes quadras:

Sou o Pretinho de Guiné
De ti muito conhecido,
Pelo meu bom trabalhinho
Que te tenho oferecido.

Todos os anos em Janeiro
Me tens vindo procurar
Para com os meus cálculos
Te poderes elucidar.

Almanaque do Gungunhana para o ano de 1897, com uma vinheta representativa da personagem acompanhado dos seguintes dizeres: «Descrição da vida e aventuras do

(1) A respeito do Brasil. Cf. H. Cidade, *Lições de cult. e lit. port.*, Coimbra, 1933, p. 265.

(2) «A um célebre mulato Joaquim Manuel, grande tocador de viola e improvisador de modinhas», Bocage, *Obras*, ed. de Inocêncio, 1853, I, p. 364.

rei dos vátuas. Histórias, bons ditos e anedotas em prosa e em verso».

b) Na Literatura popular:

Contos:

1. Um Prêto ia a uma igreja, molhava uma fatia de pão no azeite da lâmpada, comia-o e ia dizendo:

Molhar, remolhar
Para Prêto consolar...

Mondim-da-Beira.

2. *História do Prêto:* Uma vez um Prêto foi-se confessar, e o padre deu-lhe de penitência jejuar no outro dia. O Prêto, com receio de se esquecer, pediu ao padre que lhe escrevesse o dia em que havia de jejuar. O padre escreveu:

— *Amanhã jejuará Prêto!*

O Prêto ia ler todos os dias o papel e como nêle se lia *amanhã*, dizia:

— *Inda bem que nã ser hoje!*

E nunca jejuou.

Estremadura. Pessoa de idade. 1933.

3. *Conto da Preta:* Era uma Preta velha que queria casar. O noivo disse-lhe que casava com ela, mas esta havia de ficar uma noite à geada para se fazer branca.

De noite estava a tremer com frio, e dizia:

— Tremelicai, tremelicai, carnes malditas!=que amanhã vou às glórias benditas (que era casar).

Depois, pela manhã estava morta, com o dente arreganhado.

Estremadura. Pessoa de idade. 1933.

4. *História da Preta:* Era uma Preta, que ia à missa todos os dias, porque gostava do Prêto que tocava o órgão. Rezava e no fim pedia a Nossa Senhora:

— Ó binha Senhora, casi a mim c'o Prêto que toca os órgão.

Como ela fazia isto todos os dias, escondeu-se a ouvir o que ela dizia, e respondeu:

— Não casa, não!

Ela, como não lhe agradasse a resposta, julgava que era o menino que a Virgem tinha ao colo, e disse para êste:

— Cala a bôca, bicherico, não é contigo, é com tua mãe.

Estremadura. Pessoa de idade. 1933.

Note-se nestes contos a linguagem de Prêto.

Cantigas. *O Prêto:*

O Prêto já tem carrinho
P'ra na rua passear,
Só lhe falta ter brasão
Para melhor figurar.

O Prêto só é gente
Desde que vem a noite escura
Tudo diz: lá vem um homem,
Ao menos pela figura!

Dês que vem a manhã clara
Que vem a raiar o sol
Tudo diz: lá vem um Prêto,
Ninguém diz: lá vem um home.

Pastoria (Chaves).

Cantam-se, especialmente, na monda.

Estas cantigas têm o aspecto de semi-populares.

Trás! trás! — Quem é?
— É Prêto que vem de Angola
Com seu charuto na bôca,
E seu chapéu à espanhola.

Esta quadra provirá talvez do teatro.

Há uma lenga-lenga do Alentejo, que não tenho presente.

Adágios:

Trabalhar é bom para o Prêto (denota indolência de quem o diz).

Prêto velho não aprende língua (1).

---

(1) Já em Garção.

Boas contas deita Prêto [1]!

Ainda que Negros, gente somos, e alma temos [2].

Na língua corrente costuma-se dizer de uma mulher que trabalha muito: *É uma Negra de trabalho.* E ela mesma diz de si: *Cá está a Negra!...*

2. Língua de *Prêto:*

Da natural alteração da língua portuguesa na bôca dos Pretos, quando se adaptaram à nossa civilização resultou uma idiomática forma especial — língua de Prêto — que foi muitas vezes empregada na literatura teatral para dela se tirarem efeitos cómicos. Vid. *Esquisse d'une dialectologie*, p. 49 sgs., e o folheto com aquêle título, citado supra.

Como amostra sintética dessa linguagem reproduz-se aqui a cópia, feita por mim há muitos anos, de um soneto manuscrito que existia na biblioteca do meu amigo José Calado, do Juncal (Alcobaça), hoje falecido.

Zá rá vai oz Marqué e os canaia,
Que este reino mettia todo a buia;
Angora cantaremo os Areruia,
Porque ere e os outro não nos atrapaia.

Zá angora não terá maize zombaia.
Maize ante revará também... [3];
Nem mandará prender por os patruia
Os gente nos Coxia [4] ós pe dos plaia.

Angora zá os povo não receia
Dos veio candonguêro os tirania,
Que a sorte borrou zá suas idéia.

Morra esse ladram veio, esses arpia,
Que por arma d'aquêre santopeia
Tôro nozo faremo huns fulia.

---

(1) *RL*, xxviii, 193: de Turquel.

(2) Rolland, *Adágios*, 1780, p. 181.

(3) Suprimem-se aqui, por decôro, duas palavras.

(4) Vid. Morais.

Ao lado tem esta nota: «onde o *r* estiver por *l*, leia brando, como entre vogaes».

Tem os artigos no sing. pelo plur. e às avessas; tem *i* por *lh*; *tôro* por *todo*; *zá* (=já); *arma* (=alma).

Exemplos dêste falar colhem, com certa abundância, na Literatura, especialmente na literatura de cordel dos dois últimos séculos. Além do que já se mencionou acima, ao falar-se das obras maiores e menores que aludem a Pretos e do que se escreveu na *Esquisse*, insere-se aqui a seguinte lista:

Villancicos do Natal, 1662; *Villancicos do Natal*, 1663; Carta em língua de prêto no *Folheto de ambas Lisboas*, 1730; *Anatomico Jocoso*, III, 60-62, 1758; *Auto dos escrivães do pelourinho velho*, Lx.ª, 1772; Entremês *A partida forçada*, 1789; *O Preto e o Bugio*, 1789; Novo Entremês *Encanto de Escapim em Argel*, 1791; *Entremês da Castanheira*, Lx.ª, fins do século XVIII; *Viagens de Silverio Diniz* por J(oaquim) d(e) M(acedo), 1.ª Pt., Lx.ª, 1815, p. 32; *Baile dos 3 Reis Magos*, Pôrto, 1888, cordel, p. 12; *Entremês do Nascimento de Cristo* (ms. algarvio), o rei Prêto fala *língua de Prêto*; José Daniel, *Teatro*, pp. 139, 215 e 219.

3. Os *Pretos* no onomástico:

— *Poço dos Negros* no Livro 1.º do *Provimento da Saúde*, a fl. 51, carta de Dom Manuel ao Senado dat.ª de 13-11-1515, manda-se fazer um poço para deitar os cadáveres dos Negros. Notícia em *Depois do Terramoto* de Matos Sequeira, vol. II, p. 45. Citada já esta carta nos *Estudos e Notas Elvenses*, de A. T. Pires, XII, p. 107.

— Bento Gonçalves *Prêto*, sécs. XVII-XVIII, no *Bolet. do Município de Beja*, n.º 11, p. 176.

— *Dos Pretos* em vez de *A dos Pretos*. Povoação do concelho de Leiria, 671 fogos.

— *A dos Negros*. Povoação do concelho de Óbidos.

— *Quinta da Preta*, freguesia de Évora de Alcobaça.

— *Monte dos Pretos*, em Santa-Vitória-do-Ameixial, Estremoz, na *Geografia* de Baptista.

— *Cêrro dos Negros*, freguesia de Querença, concelho de Loulé. Não é povoado.

— *Guiné*. Povoações dos concelhos de Albufeira e Silves.

— *Horta de Guiné*, concelho de Alvito.
— *Monte do Guinéo*, concelho de Odemira.
— *Paços de Cima ou dos Negros*, concelho de Almeirim.
— *Negrelos*, nome de povoação já nos sécs. XI e XIII. Talvez por mouros. Cf. *Cativelos*, séc. XIII, Cortesão.

*

* *

Prêto, como apelido de família, pode não ter nada ètnicamente com Pretos, e provir casualmente da côr da pele. Cf. *Antroponímia*, p. 192.

Acêrca de Pretos medievais, vid. A. P. de Carvalho, *Escravidão em Portugal*, já citada supra.

4. *Pretos* ou *Mulatos* transtaganos:

Estendem-se, tanto quanto sei, pelos concelhos de Alcácer-do-Sal e Alter-do-Chão.

Nos meus apontamentos tenho o seguinte: Devo ver uma lei de 1761 que proíbe a entrada de Pretos em Portugal; e um trecho da *Guerra Civil* de Soriano, I, 335, nota, em que se lê que os Pretos entrados no reino se espalharam principalmente no Alentejo, onde se propagaram. Em conseqüência desta lei começaram a emigrar para Portugal os galegos.

I. Alcácer-do-Sal. — Ao que se escreveu na *EP*, III, 503-504, acrescente-se um artigo que tinha sido impresso no *BE*, n.º 1, pp. 40-41, que aqui se transcreve e em que há uma gravura:

N*O Archeologo*, I, 67, falei dos *Mulatos* de Alcácer-do-Sal, provenientes de África, nos quais especifiquei os seguintes caracteres, além da côr: cabelo encarapinhado, forma platirrínica do nariz. Na ocasião em que escrevi o artigo (1895), informaram-me de que em alguns se sentia ainda o cheiro especial chamado *catinga*.

Ùltimamente tive ocasião de ver alguns exemplares dos mesmos Mulatos; por eu não me dedicar especialmente à Antropologia, não fiz as observações que um antropólogo faria, mas notei em uma mulher prognatismo muito manifesto. Êles próprios dizem que são *atravessadiços*, isto é,

«mestiços», em sentido geral [1]. A côr varia: há indivíduos que são, por assim dizer, pálidos ou morenos, e outros muito foscos, quási pretos. A título de curiosidade reproduzo na *EP*, vol. IV, o retrato de um indivíduo de S. Romão-do-Sado, pertencente à raça de que estou falando: é amulatado, com as mãos mais brancas na palma, que no dorso, cabelo e barba um pouco encarapinhados, nariz largo. Os vizinhos chamavam dantes a esta gente *Pretos do Sado* ou *Pretos de S. Romão*, porque havia lá realmente muitos Pretos. «S. Romão era uma ilha de Pretos», ouvi referir a vários Mulatos; ou: «algum tempo havia lá muito Prêto encarapinhado». Ainda hoje se usa *Prêto* como alcunha ou apelido: Fulano *Prêto*, Fulana José *Preta*. É natural que a singularidade da existência de pessoas pretas ou mulatas e encarapinhadas entre brancos provocasse lendas como a da mencionada «ilha de Pretos», ou cantigas no gôsto da seguinte, originária, já se vê, de brancos:

Ó Sado, ó Sado,
Ó Sado, Sadete [2],
Meus olhos não virão
Tanta gente preta.

cantiga cantada num «baile». Noutro «baile» alguém cantou também:

Ó Senhor dos Mártires,
Cá da Carvalheira [3]
É o pai dos Pretos
De tôda a Ribeira [4].

ao que outrem respondeu:

---

(1) Os antropólogos chamam especialmente «mestiços» aos indivíduos que resultam do cruzamento de Índios com Europeus ou com Pretos: vid. G. Frizzi, *Anthropologie* (colecção alemã de Göschen), p. 19. Nos *Apólogos Dialogais*, p. 24, diz D. Francisco Manuel: «*mistiça*, filha de Bracmene».

(2) *Sadête*, forma criada pela rima, que fica, ainda assim, imperfeita.

(3) Ermida da Carvalheira, onde está a imagem do Senhor dos Mártires (concelho de Alcácer).

(4) *Ribeira*, isto é, *Ribeira do Sado*: é o nome que em Alcácer se dá às terras de semeadura das duas margens do Sado. A Ribeira do Sado constitui pois uma divisão natural, ou região secundária da Estremadura Transtagana. Coligi a propósito muitas cantigas curiosas:

Ribeira do Sado
Tôda ela é minha

de tal a tal (mas da localidade). Não é agora ocasião de as publicar.

Lavrador João	Se êle é pai dos Pretos,
Inda aqui s'tou eu:	Também o é seu.

Pouco a pouco a raça vai-se diluindo no grosso da população circunvizinha; merecia a pena estudar profundamente o assunto, e para êle mais uma vez chamo a atenção dos nossos antropólogos, que aí encontrariam elementos para a solução de vários problemas (cruzamentos, transmissão de caracteres, etc.); êsse estudo devia estender-se ao das localidades para onde os Pretos ou Mulatos do Sado têm emigrado. Pena é que não se descobrisse ainda algum documento que nos esclarecesse àcêrca da data em que na Ribeira do Sado se fixou a raça africana («raça negra»), cujos descendentes estão diante de nós.

Outros apontamentos: O P.^e^ Cardoso, *Dicc. Geog.*, I (1747), p. 140, B, refere que havia «no têrmo de Alcácer, da outra parte do rio, uma *Fonte dos Negros*».

Nas *Memórias Paroquiais* de 1755, lê-se: «a mayor parte das gentes he pretta, e muito disfarçada ou já com as alvaades» (1).

No concelho de Alcácer-do-Sal ouvi o topónimo *Sesmaria dos Pretos* (2).

O lugar onde se cantam os versos em que figura o Senhor dos Passos da Carvalheira (supra), é Ria (ou Rio?) de Moinho, do Sado.

II. Pretos ou Mulatos de Alter-do-Chão — Em Tolosa (Nisa) dizem que os de Alter são Mulatos, «porque são ennegrados». Naquela antiga vila ouvi uma lenga-lenga satírica em que figura a frase *Pretos de Alter-do-Chão*, como de rivalidade.

A área dos Pretos de Alter é provável que, de princípio, se estendesse por longe. Mendo Rodrigues Castelbranco, de Portalegre (distrito a que pertence Alter), teve uma filha de uma Mulata. Um bisavô vivia em 1685. Isto consta de um Códice intitulado *Linhagem dos apelidos de Castelbranco*, de 1637, possuído por um amigo meu, que mo mostrou.

---

(1) No *AP*, VIII, 215.

(2) Àcêrca de sesmaria, considerada em geral, vid. *EP*, II, 704 (índice).

Tendo estado o autor em Alter-do-Chão, por 1934, pôde fazer algumas rápidas observações directas e colher informações orais, e passa a indicar umas e outras:

— Outrora havia lá um indivíduo que tocava bombo e a quem chamavam o Custódio *da Preta*.

— Um irmão dêste era caiador e tinha feição de Negro: nariz achatado, côr tisnada, cabelo de carapinha e indolente, de alcunha *o Calhou*. Morreu por 1924.

— Observei em Alter, alguns indivíduos com os seguintes caracteres somáticos:

Catarina Caraça, de perto de 70 anos: côr mulata, nariz platirrínico, não prognata, lábios não grossos.

Luís Mulato: trigueiro, nariz largo, beiços grossos, côr carregada.

Rita Malhada: côr trigueira, nariz grosso e largo em baixo, não prognata, cara larga, cabelo liso, olhos castanhos, braços negros. Uma filha desta mulher tem as mesmas feições.

Catarina Banheiro: côr morena, braços também morenos, cabelo torto *(torti capilli)*, não prognata, olhos castanhos, a palma da mão branca e as costas negras. Esta mulher proferiu junto de mim a frase: «A mão é uma escuridão».

— Além dos apelidos já citados, acrescentam-se mais êstes: *Escolástica*, *Preta*, *Galega*, *Perua*, *Çapata*, *Lacão*, pertencentes a pessoas, que, pelas suas características fisionómicas devem descender de negros.

*

* *

É opinião em algumas partes, que se trata de verdadeiras colónias de Pretos. Esta gente teria sido enviada para o sul do Tejo para o colonizar. De facto não me parece que constituam escravos avulsos; e talvez não sejam muito antigos, por não estarem ainda de todo absorvidos na nossa população e, pelo contrário, formarem magotes aqui e além. Em refôrço da minha opinião vem o haver, de antes, em Alter, apenas uma família de alguma importância — a de apelido Barreto Caldeira Castelbranco, e o êles habitarem regiões pouco povoadas.

5. *Pretos* na Religião.

Iam *Pretos* no séquito de S. Jorge, na antiga procissão do Corpo de Deus, pelo menos em Lisboa, de que as pessoas da minha idade e mais bem se lembram. Também levavam S. Benedito em uma procissão. Vid. a respeito de S. Benedito o *Diário Secular* de J. T. Soares, 1794, p. 53.

6. *Pretos* nas superstições:

1. Uma mulher que pela manhã, em jejum, vê um prèto *tem um gôsto;* se vê uma preta *tem um desgôsto.*

Um homem que vê, pela manhã, em jejum, uma preta *tem um gôsto;* se vê um prêto *tem um desgôsto.*

Qualquer dos que deve ter o desgôsto faz ao prêto ou à preta uma figa e conserva a mão fechada até encontrar uma farda (militar), e abre então a mão, deitando-lhe a figa.

Braga e Algarve.

2. Quando uma pessoa vê passar na rua ou encontra casualmente um prêto ou preta, do mesmo sexo dela, fica aterrada e bate três pancadas noutra pessoa de sexo diferente do prêto ou preta, para lhe passar o *enguiço*, que se transforma assim em vantagem porque, como vimos no § I, o encontrar ou o ver um prêto ou preta de sexo diferente dá felicidade.

Exemplo (observado por mim): estava eu a uma sacada, em Lisboa, com uma senhora, que, vendo passar na rua uma preta, ficou aflita, retirou-se para dentro, e bateu acto contínuo três pancadas num irmão que estava ao pé, para lhe passar o enguiço: mas como o irmão era de sexo diferente da preta, foi isto para êle uma ventura e para ela uma vantagem.

3. Quando um homem encontra uma preta, ou uma mulher um prêto, já vimos que é sorte; mas se se lhe tocar ao de leve, a sorte aumenta.

4. Quando um homem encontra um prêto, ou uma mulher uma preta, já vimos que causa asar; mas é bom

tocar-lhe ao de leve, e depois tocar noutra pessoa que se encontre: o asar transmite-se a esta.

5. Quando uma mulher encontra um prêto, beija as pontas dos dedos de qualquer das mãos e diz: — *Um gôsto para mim, para mim, para mim;* depois engancha dois dedos e assim os conserva até encontrar ou ver um cavalo branco, uma farda ou uma casa encarnada.

Isto tudo tem mais valor quando o prêto olha para a mulher.

6. Quando um homem vai na rua, e vê um prêto, é asar, como se disse; mas se logo vê um militar, um cavalo branco, um prédio encarnado ou qualquer coisa encarnada, o asar vai para o objecto, ou para o cavalo, ou para o prédio.

7. Quando os rapazes encontram na rua um prêto ou uma preta imitam um espirro, para não terem o asar que o encontro lhes causaria.

Cf. dar um *espirro* e dizer *Jesus*, etc.

8. O encontro de um prêto e uma preta juntos é gôsto completo (1).

9. Há variantes destas superstições.

*

* *

O Prêto, pelos seus carácteres antropológicos, causou sempre grande estranheza num branco. Isto já acontecia nos Romanos, que às vezes o matavam, quando o encontravam (2).

Semelhante de algum modo a isto é o encontro mágico que os Alemães chamavam «Ausgang»: Se, de manhã cedo, ao sair de casa ou ao iniciar uma viagem, uma pessoa, aos primeiros passos *(Ausgang)*, tropeça num homem, num ani-

---

(1) As superstições que vão de 2 a 8 provêm de Lisboa.

(2) Boette in *Hndwb.*, VI, 452-453.

mal ou numa coisa, isto adverte a de que continue ou desista do que começou [1]. Das raízes germânicas e antigas dêste costume tratou Boehm no *Hndwb* [2].

Tão longe levam os Portugueses o mau conceito que formam do Prêto (além do que fica dito nos §§ 1-9), que com êle comparam o Diabo, na côr: «O Diabo é negro!».

*

* *

Com o desenvolvimento que tomaram entre nós, nos tempos de agora as Superstições (concomitantemente ao da Religião) apareceu a *mascotte* e nela figuras de pretos de ambos os sexos.

7. Estimação e castigo de *Pretos:*

Os Pretos não ficavam sempre despreziveis, como sói dizer-se. António de Andrade, «que trata pera Guiné», era casado com Domingas de Sousa, *molher preta.* Vid. *Registo da Sé*, 1593, p. 341. O citado *Prêto* barredor da capela de S. Majestade casou com Caterina Doria. Ibidem.

Eram tratados por pai e mãe: *Pay Flancisco, Mãy Flancisca* [3].

Castigos que recebiam. Vid. *História do Município de Lisboa*, de Fr. de Oliveira, I, 464.

8. Costumes dos *Pretos* relacionados com o viver do nosso povo:

I. *Danças de Pretos e cantigas que se lhes referem.* — Pretos em danças do séc. XVIII: *das flechas*, por Pretos que falam a sua língua; o *Mulato do Pandeiro;* o *Bacolá* com língua de Prêto [4]; Pretos que bailam o *lundum* e música

(1) Vid. R. Andree, *Ethnograph. Parallele u. Vergleiche*, I, 8; e também Grimm, *Deutsche Mytholog.*, II, 937.

(2) Vol. I, col. 410 segs.

(3) *Relação curiosa e que consta das danças*, etc., s. d. (séc. XVIII).

(4) Vid. *Anatómico Jocoso*, III, respectivamente a pp. 60, 304 e 350.

de Pretos com festejo curioso (1). O *lundum*, *londu* ou *landum* é uma dança africana levada para o Brasil pelos escravos africanos e daí trazida a Lisboa; bailavam-no os Pretos em Alfama, ao som da viola. A par com o *landum* dançavam os Pretos vindos do Brasil o *sarambeque* e depois a *fôfa*. Júlio de Castilho, na *Lisboa Antiga*, IV, p. 34 (2.ª ed.), reproduz uma cançoneta, por êle atribuída aos tempos de D. José I, que a seguir transcrevemos, a qual é índice seguro de como o folclore afro-brasileiro influía na estúrdia popular lisboeta:

Sabes tu bem cozinhar,
Meu *pretinho*?
E levar os meus escritos
A casa do meu amor?

Mas não haja mexericos;
Responde-me: sim ou não.
— *Eu não sabo nara risso*
Meu rior.

— Pois que sabes tu então?
— *Uranzum e sarumbeque*
Mas rinego di quem dize
Soca n'ere mau moleque.

Apud Luís Moita, *O Fado*, 1936, pp. 33-34 e 88.

Ouvi em Lisboa, como atribuídos a umas festas, que trouxeram oficialmente Pretos à capital, os seguintes versos de estilo, não porém de forma popular:

A dança dos Pretos
Não tem mais que ver;
Acabada a dança,
Vamos a beber.

Ó Preto, ó Preto,
Lá do Sertão:
Jogando as cartas
No meio do chão.

Ó Preta, ó Preta,
Vamos ao baile:
Se não tens dinheiro,
Empenha o chaile.

A 1.ª quadra era posta na bôca de Pretos, que dançavam. Com as quadras 2.ª e 3.ª concorriam outras, que, quem me informou, não sabia de cor.

(1) *Diário Secular*, de J. P. Soares, 1794, pp. 24 e 66.

E noutras terras os seguintes, do mesmo estilo:

Ó Prêto, ó Prêto,
Lá em Coimbra
Jogar as cartas
É cousa linda.

Real Senhor eu vou passando
À sombra da bananeira,
Diz o Prêto para a Preta:
Está bonita a brincadeira.

Literatura semi-popular muito propagada.

Na procissão do Corpo de Deus, em Penafiel, em tempos antigos, havia um *baile de Pretos* (1). É possível que nesta e noutras danças, algumas vezes, não entrassem autênticos Pretos, e sim homens enfarruscados que os representavam.

II. *Profissões de Pretos:* de caiador (eu ainda vi Pretos, no Rossio, a caiarem as casas, por fora, por 1889), que figura no *Entremês da Castanheira*, s. d., séc. XVIII; Prêto barredor da capela de S. Majestade (2); Pretas vendedeiras de castanhas assadas (há um quadro antigo no Museu Etnológico) (3), de tremoços (4), de mexilhões (5) que levam à cabeça e numa celha, de fava rica (6).

*

* *

O principal papel do Prêto, contudo, na nossa História foi ter servido de escravo, de que se falará algo desenvolvidamente noutro lugar da presente obra. O autor foi obrigado, pela fôrça das circunstâncias a considerar em separado os dois assuntos: Pretos em geral; escravidão.

9. Raça de *Prêto:*

Como estamos tratando da genealogia do Povo Português, não podemos deixar de nos antecipar na matéria, aludindo mais uma vez, embora de modo breve, à escravidão.

Influïram ou não os Pretos no nosso tipo antropológico?

---

(1) Vid. *Penha-Fidelis*, I, p. 53.
(2) *Registo da Sé*, 1593, p. 341.
(3) *História do Museu*, p. 204.
(4) *Ruas de Lisboa*, 4.º
(5) *Entremês da Castanheira*, já cit., e *Jornada para as Caldas*, 163.
(6) *Diário Secular*, já cit., p. 37, e *Jornada para as Caldas*, ibidem.

Mendes Correia diz que «em parte alguma a mestiçagem deixou, porém, vestígios muito profundos» (1) e até chega a afirmar que «os portugueses não têm afinidades hemáticas com os negros africanos» (2). Entende-se que o nosso autor se refere ao século presente, pois o século XVIII apresenta exemplos bem frisantes de «nódoas pigmentares na fisionomia da população» (3), o que com maior intensidade devia acontecer em séculos anteriores e principalmente no XVI. Supõe Mendes Correia que há exagêro no número de negros existentes em Portugal em séculos passados (4), opinião, porém, meramente sua.

*

* *

Vid. *Escravos* no Livro III.

Termina o que se quis dizer dos Pretos.

No andamento do nosso trabalho pertencia tratar aqui dos *Ciganos*, mas o assunto passa para os «Grupos étnicos»: vid. adiante.

Se aos povos que até aqui enumerei (dos Aborígenes em diante), juntarmos colónias recentes, a respeito das quais não posso dar indicações históricas, como Norte-Americanas e outras, teremos diante de nós, me parece, uma relação da mor parte dos elementos étnicos que formaram materialmente o Povo Português. A esta multiplicidade de gentes, ou a alguns grupos, aludem por vezes antigos escritores. Num documento do séc. XIV li algures Domingos Stevez, dito Grego. Referindo-se ao mesmo século (tempo de Dom Fernando), informa o cronista Fernão Lopes que nos muitos negociantes de Lisboa se encontravam Genoveses, Florentinos, Lombardos, Catalães de Aragão e de Maiorca, Milaneses, Corcins e Biscainhos, «e de outras nações a que os reis davam privilé-

---

(1) *Raça e Nacionalidade*, pp. 80-81; *Africanos em Portugal*, p. 10.
(2) *Introdução à antropobiologia*, p. 36.
(3) *Antigos escravos Africanos em Portugal e Brasil*, Pôrto, 1938, p. 14.
(4) *Os escravos*... (já cit.), p. 16.

gios e liberdade» [1]. No séc. XV exclama Álvaro de Brito, com os olhos nos mesmos ou semelhantes povos:

Estrangeiros partjstando
levam de esta nossa terra
ouro, prata,
nossas bolsas alyuando:
com sa paz nos fazem g(u)erra,
que nos mata:

no *Cancioneiro Geral*, I, 186. Em 1516 diz-nos Diogo Velho, já depois das viagens dos Portugueses pelo Oriente:

O' da gram mata Lixboa,
Onde toda caça voa,
Arabya, Persya e Goa!
Tudo cabe em seu curral.
Caleqũo e cananor,
Melláqua, Tairiz Menor,
Adem, Jafo interior
Todos veem per um portal:

no mesmo *Cancioneiro*, III, 462. Do séc. XVI memora o Dr. S. Viterbo: mestre Jorge Grego [2]. D'*O Sumário de Lisboa*, de Cristóvam Rodrigues de Oliveira, escrito por 1551, rectificado no *Panorama*, XII, 405, infere-se que na população de Lisboa, não incluídos uns 8.000 Italianos da freguesia do Loreto, existiam, na população total de umas 100.595 almas:

9.950 escravos;
3.800 estrangeiros *estantes* ou residentes;
3.369 estrangeiros adventícios [3].

Trinta anos depois avalia Matteo Zane a população da mesma cidade em 200.000 almas, sendo uma têrça parte de Negros, e outra de Cristãos-Novos [4]. As colónias estrangeiras de Lisboa, no séc. XVII, menciona-as o rimador António Alvarez nos seguintes versos:

Adiante está S. Paulo,
Onde nações estrangeiras,
Espanhola, Catalã,
Italiana e Tudesca,

---

(1) *Chronica de D. Fernando*, introdução.

(2) *Medicina*, n.º 2, p. 45.

(3) Rebêlo da Silva, *Mem. sobre a população*, etc., Lisboa, 1869, pp. 60-69; e *Hist. de Portugal*, IV, p. 422.

(4) Lúcio de Azevedo, in *Revista de História*, I, p. 34.

A Francesa e Biscainha,
Ceciliana e Flamenga,
Finalmente quantas há
Parecem dar obediência,

Cruz de Cataquefarás,
Celbérrima freqüência
De Espanhóis, que nesta parte
Tem sua audiência e cadeia (1).

Do número de negociantes estrangeiros de Lisboa temos notícia impressa, por exemplo, no *Almanach da Academia*, de 1787 em diante, mas muito imperfeita, bem como as que nos de anos posteriores se dão dos negociantes do Pôrto e outras terras. Das colónias estrangeiras até o fim dêsse século era a italiana a mais florescente (2). Foi só em 1890 que no recenseamento da população de Portugal se especificaram os habitantes, segundo as nacionalidades. Em 1 de Dezembro de 1911 eram êstes os estrangeiros presentes no continente português dentro da população total de 5:557.680 almas:

20.298 Espanhóis;
10.732 Brasileiros;
1.891 Ingleses;
1.806 Franceses;
826 Alemães;
114 Americanos;
530 Italianos;
164 Belgas;
774 de outras nacionalidades (3).

Por «outras nacionalidades» devem entender-se, por exemplo, Russos e Gregos. Até há, ou havia há pouco, em Lisboa um *Café Grego*, ou da colónia, ou como preito a ela. Que em tempo antigo da monarquia cá estiveram Gregos dá-o a entender, entre outras, a designação de João *da Gré-*

(1) *Descrição de Lisboa*, Lisboa, 1625 ou 1626 (no exemplar que consultei, da Biblioteca Nacional, não se distingue bem), sem paginação.

(2) Peragallo, *Cenni* (já cit.), p. 6.

(3) *Censo da população de Portugal*, Lisboa, 1913, p. 294.

cia, de um físico ou médico do séc. XV (1). Da mera expressão *Brasileiros*, que se lê no *Censo*, fica-se sem se saber se os respectivos indivíduos são de sangue português puro, ou mestiços: a importância da sua acção variará com a qualidade dêles.

Terminando neste ponto o que o autor pensou dizer do Continente, passa a referir-se, ràpidamente, às Ilhas Adjacentes, das quais já falou na presente obra várias vezes (2).

É claro que a primitiva colonização de tôdas estas ilhas se fêz com gentes idas da Metrópole (3), às quais pelos tempos adiante se agregaram outras idas não só das colónias, sobretudo africanas, senão também de fora do reino e seus domínios.

Assim, rebuscando documentos, memórias, tradições, encontraremos, por exemplo, notícia de Flamengos (4), talvez Alemães; Mouriscos, certamente cativos de guerra; talvez Bretões; Judeus; Italianos; Franceses; Ingleses; Norte-Americanos; povos das Canárias (como trabalhadores); infinitos escravos. Vid. o que o A. escreveu nos *Opúsculos*, V, 539 segs. (Origem histórica do povo português), e *Mês de Sonho*, Lisboa, 1926, p. 23 e segs.: aí se citam muitas obras de outros AA. Vejam-se ùltimamente *Os Flamengos no Faial*, por A. Ferreira de Serpa, Lisboa, 1929; Velho Arruda, *Colecção de documentos relativos ao descobrimento dos Açores*, 1932; *História dos Açores* de Urbano de Mendonça Dias; e *Emigrante Açoreano*, por Luís Ribeiro, Ponta-Delgada, 1940.

Em tôda esta literatura se fala da colonização e urbanização das Ilhas. No *Elucidário da Madeira* até há capítulos especiais como *Capitanias*, *Emigração*, *Escravos*, *Estrangeiros*, *Judeus*, *Povoamento & colonização*, *Sesmarias*, etc.

No livro de Velho Arruda refere-se êste A. à administração dos dois Arquipélagos (5).

Entre os modos de colonização conta-se muitas vezes a transferência de pessoas de ilha para ilha, como diz G. Fru-

---

(1) Apud. Pedro de Azevedo, in *Archivo Historico*, VI, p. 460.

(2) *EP*, I, 376; II, 695; III, 000; IV, 00.

(3) No *Elucid. da Madeira*, II, p. 327, B, até se mencionam os nomes de alguns primitivos colonizadores que partiram do reino.

(4) Ainda do séc. XVII se especifica um mercador flamengo no Funchal: *AHP*, VII, 377.

(5) P. CXXV segs.

tuoso, *Saüdades da Terra*, v. g.: da Madeira para S. Miguel [1], para a Graciosa [2], para a Terceira [3], do Faial para S. Miguel [4], de S. Miguel para o Faial [5].

Da influência negra na população de vários pontos da Madeira, citam os autores do *Elucidário* curiosos factos de que os antropólogos não poderão duvidar [6].

Viria a propósito enumerar colónias dos Madeirenses e Açoreanos no Brasil e na América do Norte, o que não acontece para evitar que êste artigo vá mais longo.

*

* *

Não ocultamos que esta parte do nosso trabalho dará pouca satisfação às aspirações dos leitores, que estimariam obter resultados mais positivos do que os que se lhe dão. Às falhas especiais de que se falou, p. 207, agregam-se outras como vimos no decorrer do trabalho. Já porque da Antropologia falta ainda vir muita luz, já por natural disposição do nosso espírito para não aceitar fàcilmente hipóteses de pouca base, preferimos não dizer nada a maior parte das vezes, a emaranhar-nos num silveiral sem fácil saída.

JOSÉ LEITE DE VASCONCELOS [7].

---

(1) Pp. 56 e 221.
(2) P. 119.
(3) P. 184.
(4) Pp. 67 e 231.
(5) P. 186.
(6) Vid. *Elucid. da Madeira*, I, 360.
(7) Pela EXPLICAÇÃO FINAL do volume se compreenderá como o saüdoso Mestre já não pôde rever êste artigo, que, por outro lado, êle destinou ao vol. IV da *E. P.* Que se veja aqui a justificação de alguma falha em referências de páginas. (Nota dos editores).

ELEMENTOS HISPÂNICOS DO VOCABULÁRIO LATINO

Neste estudo entende-se por *elemento hispânico* qualquer vocábulo que autores latinos afirmem pertencer aos idiomas da nossa Península (e de que não existam provas em contrário), mesmo que esteja comprovada a sua origem em língua estranha a esta região, pois bastam-nos, para assim o considerarmos, as notícias de que teve uso nela e de que foi por intermédio dos idiomas locais que se verificou a sua entrada em latim. Exemplifica-se êste caso com *urium*, helenismo que parece ter tido alguma vida por cá. Considera-se também *elemento hispânico* a palavra de que nada sabemos noutras línguas antigas, nem mesmo em latim, ou noutras regiões de além-Pirenéus, mas que tem documentação antiga na Hispânia, algumas vezes até com representação na Toponímia. É o caso de *nava* e *veiga* (1).

Se alguns dos vocábulos nestas condições não têem documentação em latim, não poderemos, naturalmente, concluir, por isso, a sua inexistência neste idioma.

De qualquer maneira a presença de hispanismos no idioma do Lácio quere dizer que a êste, quando cá chegou, faltavam certos elementos capazes de exprimir verbalmente algumas das idéias adquiridas no contacto com as populações locais, ou que, tendo-os, não os conseguiu impor eficazmente em face da concorrência das formas indígenas, pois estas conseguiram tomar-lhes o passo, torná-los desusados e, finalmente, fazê-los esquecer.

Pelo vocabulário que segue poderemos fazer uma idéia, mais ou menos clara, do que temos em vista com êste estudo: verificar as novidades que os Romanos receberam na Hispânia e as actividades a que nela se entregaram.

Verificado o tipo (ou tipos) de vocabulário indígena entrado no idioma dos invasores, não parecerá muito difícil

---

(1) As palavras nestas condições vão marcadas com asterisco (*).

tentar a formação de uma síntese sôbre o carácter da romanização da Península, pelo menos nos tempos mais antigos.

O vocabulário apresentado não tem (porque não pode ter) pretensões a definitivo. A nebulosidade que envolve êstes assuntos e a falibilidade das afirmações de alguns autores aqui utilizados (os únicos elementos disponíveis, embora só os utilizássemos nos casos ainda não contestados) não consentem afirmações categóricas e ainda menos conclusões definitivas. Pretende-se, por isso, apresentar aqui apenas algumas informações que, embora curtas, podem constituir, no seu conjunto, pelo menos base de estudo.

*

* *

Os materiais aqui utilizados, como fàcilmente se verifica, estão ao alcance de todos, quere isto dizer que êste trabalho já há muito que podia e devia estar feito, tanto mais que, apesar da sua importância, não prima pela transcendência, nem peca pela dificuldade.

Àparte um ou outro ponto onde se pode encontrar doutrina nova, quási tudo se baseou nas informações do *Dictionnaire Étymologique de la Langue Latine* de Ernout et Meillet e do *Dictionnaire Latin-Français* de Gaffiot. Também bastante se deve aos seguintes livros: Besnier, *Lexique de Géographie Ancienne* (Paris, 1914); Carnoy, *Le Latin d'Espagne d'après les inscriptions* (Bruxelles, 1906); Castro (Américo), *Glosarios Latino-Españoles de la Edad Media* (Madrid, 1936); *Corpus Inscriptionum Latinarum*; Gómez-Moreno, *Sobre los Iberos y su lengua* (na *Homenaje ofrecido a Menéndez Pidal*, III, ps. 475 e segs.); Grandgent, *Introducción al Latin Vulgar* (trad. esp. de F. Moll; Madrid, 1928); Fritz Krüger, *El Dialecto de San Ciprián de Sanabria* (Madrid, 1923); Idem, *Die gegenstandskultur Sanabrias und seiner Nachbargebiete* (Hamburgo, 1925); Lapesa, *História de la Lengua Española* (Escelicer, Madrid, 1942); Lokotsch, *Etymologisches Wörterbuch der Europäischen ... Wörter Orientalischen Ursprungs* (Heidelberg, 1927); M. M. Marrecas, *Noções Elementares de Antiguidades Romanas* (Lisboa, 1872); Meyer-Lübke, *Einführung in das Studium der romanischen Sprachwissenschaft* (Heidelberg, 1909, 2.ª ed.); idem, *Romanisches Etymologisches Wörterbuch* (Heidelberg, 1935); Philipen, *Les Ibères* (Pa-

ris, 1908); Menéndez Pidal, *Manual de Gramática Histórica Española* (Madrid, 1941, 6.ª ed.); idem, *Origenes del Español* (Madrid, 1929); Savi-Lopez, *Origenes Neolatinos* (Barcelona, 1935); Simonet, *Glosario de Voces Ibéricas y Latinas usadas entre los Mozárabes* (Madrid, 1888); Sofer, *Lateinisches und Romanisches aus den Etymologiae des Isidorus von Sevilla* (Göttingen, 1930) (1).

1. **Acnua**, f. (?). Nome em latim rústico do *actus quadratus* (2). Cf. *arapennis*. « ..in modus *acnua* latine appellatur», Varrão, *De Re Rustica*, I, 10, 2. *Variant.* — *Agnua* e *agna*.

— Columela (V, 1, 5) atribui o emprêgo da palavra aos *rustici* da Bética, no que concorda com S. Isidoro («Actum provinciae Baeticae rustici *acnuam* vocant», XV, 15, 5). Cf. e gaulês *acina* (?).

Trata-se de uma palavra rara e técnica.

Não parece justificável a explicação de Bréal e Bailly: «un mot **acnus*, signifiant «fundus», qui n'existe plus en latin, mais qu'on retrouve en ombrien», *Dict. Étym. Lat.*, s. v. *inanis*.

Bibl. — Sofer, p. 164.

2. **Agogae**, f. Canais usados nas minas para esgotamento de águas. «...fossae per quas profluat (torrentem) cavantur — *agogas* vocant...», Plínio, *Nat. Hist.*, XXXIII, 76.

— Trata-se de uma palavra grega (ἀγωγαί), de que não se conhecem quaisquer vestígios, a não ser aquela abonação.

3. **Amma** (3), f. Palavra da linguagem infantil, não ates-

---

(1) Nesta sumária bibliografia não se incluem os autores clássicos utilizados, porque o fazemos no fim do trabalho.

(2) O *actus*, pròpriamente, consistia no espaço de terreno que uma junta de bois podia lavrar num impulso («actus in quo boves agerentur cum aratro uno impetu iusto», Plínio, *Nat. Hist.* XVIII, 9). Havia o *actus minimus*—superfície com a largura de quatro pés e o comprimento de cento-e-vinte (Cf. Varrão, *De Língua Latina*, V, 34; o *actus duplicatus* — superfície com o comprimento de 140 pés e a largura de 120; o *actus quadratus*, também chamado *arepennis*, tinha 120 pés em quadrado, isto é, metade da *ieira* (*iugerum*).

(3) Convém não confundir esta palavra com: 1 — *Amma*, top., cidade da Judeia (entre outras povoações, calharam também aos filhos de Simeão «Amma & Aphec & Rohob: civitates viginti duae, & villae earum», *Vulgata, Josué*, XIX, 30); 2 — Em Palladius (*Hist. monac.*, I, 21, 3.006), *amma* é a transcrição do gr. ἀμμᾶς,

tada directamente, ao passo que *mamma* aparece nos textos [1]. A sua existência supõe-se pelo testemunho das línguas românicas (Cf. REW, 425 e o passo de S. Isidoro dado mais adiante [2]. 2). — Nome do estige, espécie de vampiro que, segundo os antigos, sugava o sangue das crianças [3]. «Strix nocturna... Halc avis vulgo *amma* dicitur, ab amando parvulos; unde et lac praebere fertur nascentibus», S. Isid., *Etym.*, XVII, 7, 42.

— Parece tratar-se de uma palavra indígena (Grandgent, § 16) da Hispânia (Sofer, p. 65), donde se formaram os antropónimos *Amma*, *Ammius*, *Ammia*, *Ammianus*, etc. Ernout e Meillet comparam-na com o velho islandês *amma*, avó e o ant. alt. alem. *amma*, «mãe (que amamenta)». O port. e o esp. têem *ama*, *amo*.

Bibl. — Grandgent, *Lat. Vulg.*, § 16; Sofer, pp. 65 e 173; REW, 425.

4. **Apitascudis.** Pó melálico (?). «...quod, effossum est tunditur, lavatur, usitur, molitur, farinam *apitascudem* vocant», Plínio, *Nat. Hist.*, XXXIII, 69.

— Palavra ainda não registada e que o contexto parece indicar como hispânica, embora não se saiba ao certo a que língua indígena pertenceria.

5. **Apoperes**, f. Abóbora de água. «Cucurbita. *Apoperes.* Sane pepo, melipepo, ocimum Graeca nomina sunt», S. Isid., *Etym.*, XVII, 10, 16.

Variant. — *Apopores.*

— Parece tratar-se de uma palavra indígena (Sofer, pp. 118 e 163). Port. *abóbora*, moç. *(a)bobora*, *buebra*.

Bibl. — Sofer, 11, cit.; REW, 529; Simonet, *Glosário*, 1, 49; Pidal, *Origenes*, p. 409.

6. **Arapennis** ou **arepennis**, m. Medida agrária equiva-

---

(1) «Mammas atque tatas habet Afra, sed ipso tatarum/Dici et mammarum maxima mama potest», Marcial, *Epigram.*, I, 100.

(2) Muitas das palavras infantis caracterizavam-se em latim, tal como esta, pela presença de uma consoante geminada: *abbo*, *acca*, *anna*, *atta*, *pappa*, etc.

(3) Cf. Plínio, *Naturalis Historia*, XI, 232. Não parece difícil achar as razões da evolução semântica para o sentido de *feiticeira*, já abonável em Estácio (*Thebais*, III, 503).

lente ao *actus quadratus* e, portanto, à *acnua* (q. v.). Usava-se na Gália e na Hispânica. «Actus quadratus undique finitur pedibus centum viginti... Hunc Baetici *arapennem* dicunt, ab arando scilicet», S. Isid., *Etym.*, XV, 15, 4; «Galli... semiiugerum quoque *arepennem* uocant», Columela, V, 1, 6.

— Apesar de Ernout e Meillet aproximarem, embora dubitativamente, a palavra *acnua* (q. v.) do gaulês *acina*, pode, talvez, levantar-se a hipótese de ser pré-romana sim, mas não céltica. *Arapennis* teria essa origem (cf. Sofer, pp. 118, 165 e 176, com excelente e vasta documentação). Custa a acreditar que, no vastíssimo território constituído pelo conjunto da Gália e da Hispânia, se empregassem duas palavras com sinonímia perfeita entre si e, ainda por cima, ambas com origem na mesma língua, *Acnua* e *arapennis* empregavam-se na Bética, mas não existe o mais pequeno vestígio do emprêgo da primeira fora da Península, o que nos faz supor o seu uso circunscrito a esta. A segunda tinha maior extensão geográfica, pois, como se disse, usava-se também na Gália. Talvez se empregassem contemporâneamente [1]. Quererá isto dizer que o uso de *acnua* e *arapennis*, na Hispânia, apenas variava no espaço? Seriam vocábulos de emprêgo social diferente? Resta saber ainda se estas preguntas poderão ter alguma vez resposta segura.

Sôbre o destino dêste vocábulo nas línguas românicas, cf. *REW*, 634.

Bibl. — Sofer, pp. 118, 164 e 176; Marrecas, *Antig.*, p. 111.

7. **Arrugia**, f. Galeria de mina, especialmente de ouro. «Cuniculis permagna spatia actia cauantur montes... *arrugias* id uocant», Plínio, *Nat. Hist.* XXXIII, 70. Cf. mesmo liv., 77.

— A quantidade da penúltima sílaba deduz-se das línguas românicas (*REW*, 678). Esta palavra só se documenta no passo acima citado de Plínio, por onde se conhece também a sua possível origem hispânica. Nenhuma informação colhi sôbre a sua origem provável. Está muito representada na Romània. Formas modernas: port. *arroio;* esp. *arroyo.* Na Suíça, no veneziano, no francês, etc.

---

(1) Os presentes do indicativo de Columela e S. Isidoro não deixam acreditar noutra coisa.

Bibl. — Philipon, *Les Ibères*, p. 261; *REW*, 678.

8. ***Artus**, m (?).

— Documentável no cast. *arto*, espinheiro, e no astur. *artu*. *REW*, 690. Nada mais se sabe desta palavra.

9. **Baia**, f. O mesmo. Esta palavra apenas se documenta neste passo de S. Isidoro: «Portus... dictus a deportandis commerciis, idunc, ueteres a baiulandis mercibus uocabant *baias*, illa declinatione a *baia*, *baias* ut a familia, familias» (XIV, 8, 40). Pregunta Meyer-Lübke *(REW.* 882) se não se trata de uma palavra ibérica, mas, segundo Ernout e Meillet *(Dict. Etym.*, s. v.) parece que ela se deve a um êrro de S. Isidoro. Tomou por um nome comum o do pôrto de *Baiiae*, segundo a glossa de Servius, *ad Aen.* IX, 707... «ueteres tamen portum *Baias* dixisse».

Bibl. — *REW.* 882; Sofer, p. 32; *ZrPh.*, XXXIII, p. 492.

10. ***Balsa**, f. Pântano.

— É *REW.* (917) que dá aquela significação. Nada também nos garante o seu carácter hispânico. Pensa-se nêle em conseqüência dos vestígios que ela deixou em port. *(balsa*, forma também castelhana) e em cat. *bassa*, e pelo facto de ter havido na Lusitânia uma cidade com o mesmo nome no sítio onde, segundo parece, se ergue hoje Tavira. Aludem a êste top.: Plínio, *Nat. Hist.*, IV, 116; Mela, III, 7; Marciano, II, 13; *Itin. Antonino*; o Geógrafo de Ravena e ainda o *CIL.*, II, p. 4, 691 e 785.

Haverá alguma relação semântica entre o top. e o subst.?

Bibl. Gómez Moreno, *Sobre los Iberos*, p. 499; Besnier, *Lexique*, s. v.; Wagner, *En torno a las «Etim. Esp.» de G. Rohlfs (REF.* XI), p. 278, nt. 1; *REW.* 917.

11. **Balux, ūcis**, f. Areia de ouro. «...palagas, alii palacurnas iidem quod minutum est *balucem* uocant», Plínio, *Nat. Hist.*, XXXIII, 77; «Illinc *balucis* malleator Hispanae / Tritum nitenti fuste verberat saxum», Marcial, *Epig.*, XII, 57, v. 9.

Var. — *Bal(l)uca (Vegécio*, I, 20, 3).

— Não se justifica o parentesco, sugerido por Philipon, entre esta palavra e *palux*. O esp. tem *baluz*.

Bibl. — Philipon, *Les Ibères*, p. 191; *REW.* 920.

12. ***Barranca**, f. Desfiladeiro, quebrada.

— «Die eigentliche Heimat des Wortes ist die iberische Halbindel, die Ausstrahlung in den Ostalpen auffällig und schwach Wartburg», *REW*, 963 a. Regista-se esta palavra sob reserva.

13. ***Barrum**, n. (?). Terra argilosa.

— Palavra bem representada na România ocidental. Meyer-Lübke *(REW*, 965) julga-a hispânica.

14. **Cama**, f. Leito. Os únicos passos abonatórios conhecidos são os de S. Isidoro: «Camisias vocari quod in his dormimus in *camis*, id est in stratis nostris», XIX, 22, 29; «*Cama* est brevis et circa terram; Graeci enim breve dicunt» XX, 11, 2.

— Não parece muito aceitável o étimo grego; será mais crível uma origem ibero-céltica (Sofer, 164). Sôbre a difusão desta palavra na România, cf. *REW*, 1537.

Bibl. — Sofer, pp. 121 e 164; *REW*, 1537.

15. ***Candaros**, Deserto, estéril. Branco. Cf. *manna*.

— Formas modernas: port. *gandra*, tronco branco da urze, *gândaros*, *cândaros*, ramo sêco, minh. *candeiro*, ramo sêco de carvalho (infl. de *candeia)*; transm. *candeeita* (tronco sêco de urze que serve para acender).

Bibl. — Krüger, 101.

16. **Canthus**, m. 1. — Círculo de ferro que envolve a roda; 1. — «Si quis Afrum vel Hispanum Latinæ orationi nomen inserat, ut ferrum, quos notæ vinciuntur, dici solet *canthus*», Quintiliano, *Inst. Orat.*, I, 5, 8; 1. — Roda. 2. — «Nam quamvis prope te, quamvis temone sub uno / Vertentem sese frustra sectabere *canthum*, / Cum rota posterior curras, & in axe secunda...», Pérseo, V, v. 71.

— Quintiliano considerava, pois, êste vocábulo africano ou espanhol, mas, segundo Ernout e Meillet *(Dict. Etym. de la lang. Latin.*, s. v.) deve ser gaulês (1).

---

(1) Em fr. arc. havia *échanter* (apoiar sôbre o lado): «Puis feist *achanter* Ses toneaus et bien relior», Péan Gatineau, *Vie de S. Martin*, p. 102. Em Trás-os-Montes existe *cantrelas* e no Minho *cantelas*, carro de rodas.

17. **Caracutium**, n. Carro de rodas muito altas. «*Caracutium* vehiculum altissimarum rotarum, quasi carrum acutum», S. Isid., *Etym.*, XX, 12, 3. Var. *carracutium*.

— Tal como *carrus*, donde deriva *car(r)acutium*, devia esta palavra ter um uso que ultrapassava os Pireneus, tanto mais que as palavras latinas designadoras dos veículos de transporte tēem, geralmente, origem gaulesa. Citem-se, como exemplos, *carrus*, *carpentum*, etc., com as quais *caracutium* pode estar aparentada. Mas como as abonações de autores não-peninsulares nos faltam, registamo-la neste trabalho. Covarrúbias dá-a como étimo do esp. *carricoche*.

Bibl. — Sofer, p. 165.

18. ***Carium**. Pedra, rocha.

— Formas modernas: cat. *quer*; Rossilhão *ques*; Toledo *quero*, etc. Cf. basco *harri*, pedra, possìvelmente de **karri*, donde **carium*. Cf. *REW*, 1696 a.

19. **Carrasca**. Carvalho.

— Formas modernas: esp.-port. *carrasca*, sanabr. *carrascos*, lenha para queimar. — *REW*, 1718 a; Krüger, 13,6.

20. **Corrugus**, m. Canal de lavagem na metalurgia. «...flumina ad lavandam hanc ruinam iugis montium obiter duxere a centesimo plerumque lapide — *corrugos* vocant», Plínio, *Nat. Hist.*, XXXIII, 74.

— Sendo hispânica, o grupo *-orr-* talvez a indique como ibérica.

21. ***Cottus**. — Outeiro, colina, eminência.

— Formas das línguas modernas: cast. do N., leon., astur. *cueto*, port. arc. *coto*.

Bibl. — Pidal, *Origenes*, 432; *REW*, 2587 a.

22. **Cuniculus** (1), m. 1. — Coelho. 1. — Varrão, *De Re Rus-*

(1) Ao contrário do que pode parecer à primeira vista, a palavra *cuniculus* não é um deminutivo latino. Observa-se nela facto semelhante ao que em português se verifica com *rosmaninho*.

Trata-se certamente de um estrangeirismo, pois não há nome indo-europeu para o «coelho» (Ernout e Meillet, *Dict. Etym.*, s. v. *cuniculus*). É natural que se trate de um hispanismo, não só porque, neste ponto, se conta com o testemunho

tica, III, 12, 6; Cinaede Thalle, mollior *cuniculi* capillo, vel anseris medullula...», Catulo, 1,25. «M. Varro auctor est a *cuniculis* suffossum in Hispania oppidum», Plínio, *Nat. Hist.*, VIII, 104; «leporem generis sunt et quos Hispania *cuniculos* appellat, fecunditatis innumerare famemque Baliarum insulis populatis messibus afferentes», Plínio, *Nat. Hist.*, VIII, 217.
2. — Covil; galeria de mina. — «Quid si pater fana expilet, *cuniculos* agat ad aerarium», Cícero, *De Officiis*, III, 90; «Alterum deinde transit lacum qui Thespites appellatur rursusque in *cuniculos* mergitur», Plínio, *Nat. Hist.*, VI, 128; «Illi alias eruptione temptata, alias *cuniculis* ad aggerem vineasque actis... ubi diligentia nostrorum nihil his rebus profici posse intellexerunt», César, *De Bel. Gal.*, III, 21, 3; «...*cuniculis* venae fontis intercisae sunt...», Hirtius, *De Bel. Gal.*, VIII, 43,4.

— A linguagem militar deu grande saída a esta palavra, embora também se conservasse nas línguas românicas com o outro sentido (*REW*, 2397). Os derivados eram numerosos: *cunicularius, cunicularis, cuniculosus, cuniculator.*

Apesar de ter o aspecto de deminutivo, não parece que esta palavra possa ser vernácula em latim, nem mesmo se acredita na origem em qualquer língua com êle aparentada, pois, como se sabe, não há nome indo-europeu para o *coelho* (Ernout e Meillet, *Dict. Etym.*, s. v.). Deve tratar-se, por isso, de uma palavra ibérica; a terminação *-culus* talvez aparecesse por analogia. Ver nota da página anterior.

Não parece difícil relacionar os dois sentidos de vocábulo latino.

23. **Dureta**, f. Celha de banho. «...contentus hoc erat, ut insidens ligneo solio, quod ipse hispanico verbo *duretam* vocabat», Suetónio, *Augustus*, cap. 82.

— A única razão que nos leva admitir a origem hispânica

---

de Plínio, mas também porque, segundo parece, a Antiguidade ligava, por vezes, à Península a idéia de «coelho» (Cf. Herculano, *Hist. de Port.*, I, p. 48). Esta palavra teve grande vitalidade em latim vulgar como o prova a sua expansão: port. *coelho*, gal. *coello* e *coenllo*, cast. *conejo*, cat. e val. *conill*, vasc. *conejua*, fr. arc. e prov. *connil* e *connin*, ita. *coniglio*, bret. *konikl, kunigl, koulin*, brit. ant. *kuningen*, irl. *kuinin*, al. *kaninchen*. Nem tôdas as línguas românicas a receberam, pois o romeno tem a expressão *lepore de casa* e o fr. mod. *lapin*, de origem desconhecida, embora não pareça despropositada a aproximação com o port. *láparo*.

dêste vocábulo consiste no depoïmento de Suetónio, acima transcrito.

24. **Gammus.** Espécie de veado.

— Aparece apenas nas Glossas e está representado nas línguas hispânicas (*REW*, 3668). Será, na verdade, vocábulo oriundo de qualquer das línguas pré-romanas da Península? Lembra ao mesmo tempo *camox* e *dammus* (Ernout e Meillet, *Dict.*).

25. **Gangadia,** f. Espécie de argila das minas. «...est namque terra ex quodam argillae genere glarea mixta-gangadiam vocant», Plínio, *Nat. Hist.*, XXXIII, 72.

— No passo citado, Plínio parece ter em vista os *Hispani*. Trata-se de um vocábulo estranho ao latim; nada se sabe, porém, quanto à língua originária.

26. **Gurdus,** adj. Grosseiro, estúpido, desajeitado. Palavra vulgar. «Hic est ille *gurdus*, quem ego Me abhinc duos menses ex Africa», Laberius, 13 (Cf. Aulo Gélio, *Noct. Att.* XVI, 7); «... *Gurdos* quos pro stolidis accipit vulgus, ex Hispânia duxisse originem audivi», Quintiliano, *Inst. Orat.*, I, 5, 57.

— A única informação sôbre a origem desta palavra é-nos dada pelo passo citado de Quintiliano. Assinala-se, porém, o címbrio *gordd*. Passou às línguas românicas, onde está bem representada (*REW*. 3920).

27. **Ida,** f. Território, região. Palavra considerada ibérica por Ernout e Meillet, *Dict. Etym. de la lang. latine*, s. v.

28. ***Isar.** Cabra do monte.

— Formas das línguas modernas: prov. *uzar(n)*; gasc. *izar(t)*; cat. *isart*; bearn. *sarri*; arag. *sarryo*. Pòssìvelmente palavra ibérica (*REW*. 4548).

29. ***Jauga.** Tojo, giesta.

— Muito duvidoso o iberismo desta palavra, assim como as relações entre as citadas no *REW*, 4579.

30. **Lancea,** f. Arma ofensiva. «*Lancea* est hasta, amentum habens in medio: dicta autem lancea, quia aequa lance,

id est, aequali amento ponderata vibratur», S. Isidoro, *Etym.*, XVIII, 7. «... ceteri, ut quemque casus armaverat, sparos aut *lanbeas*, alii praeacutas sudis portabant», Salústio, *Catilina*, LVI, 3; «Commius incesum calcaribus equum conjungit equo Quadrati *lancea*que infesta magnis viribus medium femur ejus trajicit», *De Bell. Gal.*, VIII. 48, 5. Cf. Também Nonius Marccellus, 799, 2;

Var. — *Lancea* (Gloss.).

— Trata-se, na verdade, de uma palavra estranha ao latim, embora não possamos dizer categòricamente qual a origem. Os próprios latinos não estavam de acôrdo: Festc (105, 17) aproximava-a do gr. λόγχη, ao passo que Varrão (A. G. 15, 30) acreditava numa origem hispânica. Ernout e Meillet (s. v.) parecem preferir uma origem céltica, o que não contradiz completamente a opinião do último escritor romano citado.

De qualquer maneira esta palavra teve largo uso. Verificamos isso não só na larga representação que deixou na Romània (Cf. *REW*, 4878), mas também no grande número de derivados, quási todos tardios *lanceatus, lanceare, lanceola, lanceolatus, lancearius, lanciarius, lanceator.*

Bibl. — Philipon, *Les Ibères*, p. 190; *REW*, 4878.

31. **Laurices**, m. Coelhinhos tirados à mãe. «Fetus uentri (cuniculum) exsectos, uel uberibus ablatos, non repurgatis interaneis... *laurices* uocant (Hispani)», Plínio, *Nat. Hist.* VIII, 81.

— Apenas no pl. Não se conhece a etimologia; o único testemunho que até nós chegou da sua origem hispânica é o passo citado de Plíno

32. **Lausia**, f. Ardósia, pedra chata, «Lapides *lauseae*», *Ephemeris epigraphica.* III. 181. Cf. Carnoy, p. 258.

Var — *Lausea* (Cf. Meyer-Lübke, *Einführung*, § 35), *Lousa* (Savi-Lopez, p. 265).

— Ernout e Meillet (*Dict. Etym.*, s. v.), abonando-a também só com textos epigráficos, dizem estas palavra gaulesa ou ibérica. O mesmo fêz Meyer-Lübke no *REW*. As formas românicas (por *lousa*, esp. *losa*, cat. *llosa*, prov. *lausa*, piem. *loza* (1) mostram a extensão geográfica que o vocábulo ocupou.

---

(1) O francês tem *losange* que se supõe ser um derivado dêste vocábulo.

Bibl. — Carnoy, pp. 255, 258; Lapesa, p. 25; Meyer-Lübke, *Einführung*, § 35; idem, *REW*, 4946; Savi-Lopez, p. 265.

33. ***Manna**. Estéril (dizia-se de mulheres e de animais). Cf. *candaros*.

— Formas nas línguas modernas: bearn. *Mane*, basco *mana*. Deriv.: cast. *mañera*, mulher estéril; port. *maninho*. Cf. *REW*, 5307 a.

34. **Mantum**. Manto. Palavra hispânica, segundo Probo; «*mantum* Hispani uocant, quod manus tegat tantum: est enim breue amictum», S. Isidoro, *Etym*, XIX, 24, 15.

— Julga-se êste vocábulo hispânico apenas pelos testemunhos dos autores citados.

35. ***Nava**. Campo raso. Esta palavra só se abona na Toponímia e mesmo nesta não é muito abundante.

— Só devia ter entrado no latim hispânico; faltam-nos, porém, documentos antigos comprovativos. O desconhecimento dos idiomas primitivos da Península não nos permite também assegurar que se trata de uma forma indígena, embora tudo de que podemos dispor o indique.

Bibl. — Baist, *Festschrift Vollmöller*, 251; Lapesa, *Hist.*, p. 24; Meyer-Lübke, *Einführung*, § 230, p. 222; Savi-Lopez, *Origenes*, p. 265.

36. **Palacurna**, f. Lingote de ouro. «... inveniuntur ita massæ, nec non in puteis et denas excedentes libras, palagas, alii *palacurnas*...», Plínio, *Nat. Hist.*, XXXIII, 77.

Var. — *Palacrana, palaga.*

— Cf. *Balux*. O espanholismo desta palavra deduz-se do texto de Plínio.

37. **Paramus**, m. Planalto inculto. «... in æquore *parami* vicit», *CIL*, II, 2660.

— Carnoy, tendo em vista a significação moderna da palavra em espanhol, crê num pleonasmo na frase acima citada. O passo apontado, excluindo a forma moderna, é o único vestígio desta palavra hispânica. Aparece-nos êle numa inscrição votiva em que um certo Túlio oferece a Diana os cornos de um cervo morto *in æquore parami*. Como os templos daquela deusa se encontravam nos cimos de elevações de ter-

reno, não parece impossível admitir a tradução: no alto do planalto, isto é, que o animal não morrera nas encostas, mas sim na parte plana que constituía também o cimo. Êste texto, achado em Leão, data dos tempos do Imperador Adriano (117-138 d. C.). Parece tratar-se de uma palavra característica da topografia hispânica (Savi-López), embora não tenha aspecto ibérico. Segundo Lapesa, deve pertencer à língua ilírio-lígure falada pelos povos que habitavam o Oeste da meseta setentrional. Meyer-Lübke *(REW)* di-la «Kelt.-iber.». Philipon procurou, com mais engenho que verosimilhança, aproximá-la do sansc. *parama*, de sentido assaz próximo.

Bibl. — Carnoy, *Insc.*, pp. 256-257; Lapesa, p. 25; Philipon, *Mélanges d'Arbois de Jubainville*, p. 268; idem, *Les Ibéres*, p. 191; Savi-Lopez, p. 265; *REW*, 6228.

38. ***Perro.** — Cão.

— Não se conhece qualquer forma desta palavra anterior ao período românico. Aventa-se uma origem hispânica; Meyer--Lübke *(Gram.*, I, 47; *REW*, 6449; *ZrPh.*, XXIII, 199) lembrou o ibérico; Donkin propôs, com dúvida, o céltico, porque, segundo êle, no país de Gales emprega-se comummente esta palavra para designar o cachorro.

39. **Salpuga**, f. Formiga ou aranha venenosa. «Quis calcare tuas metuat, *salpuga*, latebras?», Lucano, *Pharsalia*, IX, 837; «Est et formicarum genus venenatum, non fere in Italia, solipugas Cicero appelat, *salpugas* Baetica, his vespertilionis cor contrarium omnibusque formicis», Plínio, *Nat. Hist.*, XXIX, 92; «*Salpuga* serpens est quae non videtur», S. Isidoro, XII, 4,33.

Var. — *Salpinga, salpinta, salpunga, salputa, solifuga* («Est in Sardinia animal perexiguum, aranei forma, quae *solifuga* dicitur, quod diem fugiat», S. Isidoro, XII, 3, 4; «(Sardinia)... in ea neque serpens gignitur... sed *solifuga* tantum, animal exiguum hominibus perniciosum», S. Isidoro, XIV, 6, 40; «Sed quod aliis locis serpens, hoc *solifuga*, Sardis agris, animal perexiguum aranei forma, *solifuga* dicta quod diem fugiat...», Solino, 46, 15), *solipuga* («...citra Cynamolgos Aethiopas late deserta regio est a scorpionibus et *solipugis* gente sublata...», Plínio, VIII, 104; «Et leguminibus innascuntur bestiolae venenatae quae manus pungunt

et periculum vitae adferunt, *solipuganum* generis...», id., XXII, 163. Cf. Cícero, *Fragmenta*, I, 12), *solipugna* («Solipugna, genus bestiolae maleficae, quod acrius concitatiusque fit ardore solis, unde etiam nomen traxit», Festo, 389, 4), *Solipunga* («*Solip unga* (sic) genus bestiola maleficae, quod acrius, concitatiusque fit feruore solis, à quo nomen traxit», Vérrio Flaco, 185,56; Sex. Pompeu Festo (438,35) repetiu as palavras do passo antes citado).

— Nada nos garante que êste vocábulo seja hispânico. O passo de Plínio não nos indica a origem, mas sim a forma usada na Bética. A abonação de Lucano (n. 38 d. C., em Córdova, na Bética precisamente) corrobora essa informação. Como vimos, as variantes abundavam, graças à acção da etimologia popular. Cícero conheceu uma delas, o que prova uma relativa antiguidade no uso da palavra.

Quanto à origem nada se sabe.

Podemos só dizer ao certo que se trata de um vocábulo pré-romano de uso talvez maior no tempo do que no espaço, embora êste não fôsse também pequeno; os povos hispânicos empregaram-no muito. Os passos de Lucano, Plínio e S. Isidoro bem o provam.

Bibl. — Sofer, pp. 58 e 59.

40. ***Sappus**. Sapo.

— Esp. e port. *sapo*, arag. *zapo*. Port. *sapal*. Meyer-Lübke julga esta palavra hispânica (*REW*, 7593).

41. **Sarna**, f. Mesma coisa. «Impetigo est sicca scabies prominens a corpore cum asperitate et rotunditate formae. Hanc vulgus *sarnam* appellant», S. Isidoro, *Etym*, IV, 8, 6. Cf. ainda: Hübner, *Mon. Ling. Iber.*, p. LXXXIII.

Var. — *Sarma* (Sofer, p. 154), *zerna* (id.).

— Parece, na verdade, tratar-se de um hispanismo, embora pareça muito estranho o facto de o basco possuir a palavra, mas importada do castelhano (Cf. Schuchardt, *ZrPh.*, XXIX, p. 162 e segt.).

Formas românicas; port., cast. *sarna*; campid. *zerra*, logud. *atterra*, etc. Cf. Jud, *Romania*, XLIII, p. 194.

Bibl. — Gomez-Moreno, p. 499; Jud, *Romania*, XLIII, p. 455; Philipon, *Les Ibères*, pp. 190, 192; *REW*, 7611; Savi-Lopez, p. 264; Schuchardt, *ZrPh.*, XXIX, p. 562; Sofer, pp. 154, 177.

42. **Scoria**, f. Escória, restos de metais em fusão. «...argentum quod exit a fornace sudorem, quae e camino iactatur spurcitia in omni matallo *scoria* appellatura», Plínio, *Nat. Hist.*, XXXIII, 69. Cf. também Palladius, I, 41, 3.

— Trata-se de grego σκωρία. Cf. *REW*, 7739.

43. **Segutilum**, n. Indício de jazigo de ouro. «Aurum qui quaerunt ante omnia *segutilum* tollunt, ita vocatur indicium», Plínio, *Nat. Hist.*, XXXIII, 67.

Var. — *Segullum*, cf. esp. *segullo* (*REW*, 7790).

— Ernout e Meillet dizem que se trata de um «mot espagnol d'après Pline, qui est le seul à l'employer». Não encontrei também outro passo além do citado, onde nada se diz claramente sôbre a língua originária do vocábulo, mas, na verdade, no capítulo onde ocorre aquêle passo, a Hispânia merece-lhe atenção especial; se o aproximarmos de *talutium* (q. v.), a hispanidade desta palavra aparece-nos com maior clareza.

Bibl. — *REW*, 7790.

44. **Talutium** ou **Talutatium**, n. Indício superficial da presença de ouro no subsolo. «Cum ita inventum est in summo caespite, *talu(ta)tium* vocant, si et aurosa tellus subest. Cetero montes Hispaniarum aridi sterilesque et in quibus nihil aliud gignatur huic bono fertiles esse cognuntur», Plínio, *Nat. Hist.*, XXXIII, 67.

— Trata-se, conforme se pode deduzir do passo citado, de um hispanismo, mas nada se sabe ao certo quanto ao seu idioma originário. *REW* diz que se trata de uma forma gaulesa.

45. **Tautanus**, i. m. Cadeia, clava. «Clava... Hæc et cateia, quam Horatius caiam dicit. Est enim genus Gallici teli ex materia quam maxime lenta... Huius meminit Vergilius dicens (Aen., VII, 741): Teutonico ritu soliti torquere cateias. Unde et eos Hispani et Galli tautanos (var. *teutones*) vocant», S. Isidoro, XVIII, 7,15.

Var. — *Tautonos, teutanos, teutonos* (Sofer, p. 46).

— No passo transcrito, S. Isidoro diz a palavra empregada por Iberos e Gauleses e parece que ela ainda se empregava no seu tempo (q. v. o *vocant*).

Poderíamos pensar num celticismo, tendo em vista a área geográfica do vocábulo, mas, pelos elementos citados no livro de Sofer (p. 46), não parece difícil ver nêle uma forma ibérica, porque, segundo Zupitza (*Z. f. celt. Philol.*, III, 275, 591) e Pedersen (*Vergleichende Grammatik der keltischen Sprachen*, I, § 37, 1), o *au* ibérico corresponde a *ou* em céltico, tendo passado pela forma intermediária *eu*. Em vista dêste facto, não parece difícil pensar no iberismo de *tautanus*, ao passo que as variantes *teutanos* e *teutonos* revelam já influência céltica; elas seriam o estado anterior dos modernos **toutanos* ou **toutonos*.

Bibl. — Sofer, 46, 171; Philipon, *Les Ibères*, pp. 25 e 160; Pedersen, *Gram.*, I, § 37, 1.

46. ***Tautia,** Mata, bosque.
— Port. *touça*. Cf. *REW*, 8602.

47. **Tunna,** f. Pele das frutas; superfície das águas.
— Meyer-Lübke e, baseado nêle, Savi-Lopez dizem esta palavra gaulesa (*gallisch*, no texto alemão), querendo talvez dizer céltica. O galego-português *tona* é até o único vestígio românico da forma *tunna* que tem como equivalentes modernos o címbrio *ton*, pele, pericarpo, couro, superfície e o irlandês central *tonn*, superfície, mão.

Nada nos prova a sua existência em todo o império lingüístico dos Celtas, embora ela não causasse estranheza. De qualquer maneira esta palavra apresenta probabilidades de origem céltica, o que a pode dizer pré-romana; a sua existência actual nos romances prova-nos que entrou no latim hispânico.

Bibl. — Meyer-Lübke, *Einführung*, § 34; id., *REW*, 8987; Savi-Lopez, *Origenes*, p. 262.

48. ***Uaica.** Terreno junto de rio; planície fértil. Não existe documentação, que se saiba, da época latina; as abonações só aparecem a partir do século X: «Concedimus inter ambos riuulos sabadelli vilar sico *ueiga* anta et eclesiola», ano de 960 (*Dipl.*, p. 51); «Et illuc in extremis uillas nominatas... *veiga* integra...», ano de 1059 (*Dipl.*, p. 262). Em cast. tinha, nos sécs. X e XI, as formas *vaica* e *vaiga* (Lapesa, p. 24). Cf. *Glos. Lat. Esp.*, (ed. Américo Castro), pp. 28 e 117.

— Apesar da ausência de documentação latina, podemos

afirmar a antiguidade desta palavra. Basta lembrar que, nas abonações mais antigas que possuímos, emprega-se quási sempre como topónimo, o que pode comprovar a hipótese de esta palavra pertencer a qualquer idioma pré-romano. Menéndez Pidal di-la *ibérica* (*Gram. Hist.*, p. 15) e até a decompõe nos elementos *vai*, rio + *-ka*, região do rio. A existência de um basco *ibaiko* [1], faz supor uma procedência que não é nem a latina, nem a estrangeira, mas anterior a qualquer delas. Por aqui parece fácil rejeitar a doutrina de Schuchardt (*ZrPh.*, XXXIII, pp. 462-468): segundo o eruditíssimo lingüista, o port. *veiga* e o esp. *vega* derivam directamente da citada forma basca.

Bibl. — Baist, *Vega und Nava*, na *Homenagem a Vollmöller*, p. 251 e segs.; Jud, *Dalla storia delle parole lombardo-ladine*, no *Bulletin de dialectologie romane*, III (1911), p. 12; Lapesa, *Hist. de la Lengua Española*, p. 24; Menéndez Pidal, *Cantar de Mio Cid*, II, pp. 501-502; idem, *Gram. Hist. Esp.*, p. 15; idem, *Orígenes del Español*, § 13; Meyer-Lübke, *Einfürhung*, § 230, p. 222; Savi-Lopez, *Orígenes*, p. 265; Schuchardt, *ZrPh.*, XXIII e XXXIII, pp. 463-468.

49. **Uipiō, ōnis**, m. Pequeno gru, pássaro. «...item *uipiones* sic uocant minorem gruem», Plínio, *Nat. Hist.*, X, 135.

— O passo transcrito constitui a única abonação conhecida dêste vocábulo. É nêle que se encontra também a indicação da sua origem balear.

50. **Urium**, n. Terra que envolve o mineral. «...et si fluens amnis lutum importet, id genus terrae *urium* uocant», Plínio, *Nat. His.*, XXXIII, 75.

— Esta palavra, entrada possìvelmente no latim pela Hispânia, tem origem grega: de ὄρος. Não há notícia do seu emprêgo em qualquer outro ponto da Romània.

Dos hispanismos documentáveis em latim reünidos neste trabalho, nenhum sai da simples materialidade, nenhum diz respeito a qualquer abstracção. O seu número, não muito elevado, mostra como a romanização da Península se fêz eficientemente e de tal maneira que só em casos especiais os idiomas indígenas conseguiram fazer-se valer perante o dos invasores,

---

(1) O *REW* (9126 a) diz basca a palavra *vaica*.

DISTRIBUÏÇÃO DAS ACEPÇÕES DOS VOCÁBULOS POR ASSUNTOS

1 — **Ambiente Natural**	*Corografia:* Baia, balsa, barranca, barrum, carium, cottus, ida, lausia, nava, paramus, tautia, uaica .	12	
	Fauna: amma[2], cuniculus[1], gammus, isar, laurices, manna, perro, salpuga, sappo, uipio	10	
	Flora: apoperes, artus, carrasca, jauga, tunna . .	5	
			27
2 — **Mineração de Ouro**:	agogae, apitascudis, arrugia, balux, corrugus, cuniculus[2], gangadia, palacurna, scoria, segutilum, talutium, urium . . .		12
3 — **Utensílios** . . .	*Usos domésticos:* cama, dureta, mantum	3	
	Carro: canthus, caracutim .	2	
	Armas: lancea, tautanus. .	2	
	Medidas: acnua, arapennis .	2	
			9
4 — **Homem**: . . .	Amma[1], gurdus, manna, sarna		4
5 — **Adjectivo**: . . .	candaros		1
	Total . . .		53

mas apenas para lhe impor umas dezenas de vocábulos, a maior parte dos quais de uso restrito e vida efémera.

*

* *

Os três primeiros grupos (os mais ricos) do quadro da *Distribuïção das Acepções dos Vocábulos por Assuntos* mostram o carácter estável da romanização da Hispânia. Dizem respeito ao *Ambiente Natural*, à *Mineração do Ouro* e a *Utensílios*; mostram-nos êles também que os Romanos vieram encontrar ambiente novo e que os indígenas conseguiram dar a conhecer aos invasores alguma coisa que os seus olhos nunca tinham visto.

Muitos dos vocábulos do primeiro grupo têem representação nas línguas modernas; que se saiba ([1]), dêle só não passaram *ida*, *jauga*, *laurices*, *salpuga* e *uipio*, isto é, num total de 27 palavras, 22, pelo menos, conseguiram chegar aos nossos dias. Anotemos a percentagem aproximada: 80 %, o que prova a vida intensa dêstes elementos.

Já no que toca a *Utensílios* a percentagem não chega tão longe, pois só *cama*, *mantum*, *lancea* e *arapennis*, isto é, 4 em 9, passaram às línguas modernas.

Se o ambiente peninsular reservava algumas novidades aos Romanos ([2]), o mesmo não podia acontecer neste assunto, pois é nêle que se encontra o maior número de dúvidas quanto ao hispanismo dos vocábulos apresentados. É que no capítulo *Utensílios* surgem três aspectos desde cedo dignos de especial interêsse por parte dos invasores: as *armas*, as *medidas* e o *carro*. Dêstes três, o último, tão necessário a um exército em campanha, parece ter em latim carácter ainda mais acentuadamente estranho, pois «os Romanos, povo sedentário de proprietários cultivadores da terra, não possuíam os grandes carros de quatro rodas onde os grupos de conquistadores gauleses transportavam as suas bagagens e que, de noite, serviam para rodear o acampamento. Tiraram o nome dos Gauleses, cuja acção na Itália contribuíu para os livrar da ameaça etrusca. *Currus*, nome do antigo carro de guerra,

---

(1) Baseamos as nossas afirmações no *REW*.

(2) Cf., por exemplo, Victor Chapot, *Le Monde Romain*, p. 188.

subsistiu em latim no uso oficial. Mas os nomes latinos de veículos de transporte derivam, geralmente, do gaulês» [1]. Cf. o que se disse s. v. *caracutium*.

A terminologia da *Mineração do ouro*, por sua vez, apresenta-se com elementos de hispanismo menos problemático, e o quantitativo dos vocábulos registados surpreende se o compararmos com cada um dos outros grupos. Se não supera o *Ambiente Natural*, consegue exceder o dos *Utensílios*, com o qual forma o bloco de todos os vocábulos da nossa lista relativos a terminologias de actividades materiais.

Dêstes elementos «mineiros», só cêrca de um têrço conseguiu chegar às línguas modernas e mesmo êsse viu alargar o sentido de quási todos os seus componentes, o que os fêz perder o seu tipo especial.

Por aqui se deduz que os elementos hispânicos entrados em latim, relativos a esta actividade, não tiveram destino muito próspero, talvez em conseqüência do enfraquecimento da exploração das minas auríferas peninsulares [2], embora, de qualquer maneira, não possa haver dúvidas, pelas informações que êste estudo parece poder fornecer sôbre o papel que elas representaram na romanização da Península.

Estas palavras deviam ter entrado relativamente cedo em latim, como se verifica pelo texto de Plínio, quanto mais não seja pela maneira segura como êste as cita [3], o que pode

(1) Ernout e Meillet, *Dict. Etym.*, s. v. *carrus*.

(2) Não devia ser avultada a quantidade de ouro extraída das minas da Península, apesar das cobiças que estas inicialmente despertaram e de cedo muitas delas passarem para propriedade do Estado (V. Chapot, *Le Monde Romain*, p. 189); não chegaram até nós notícias muito gratas dos resultados da sua exploração, tanto mais que as dos Balcãs as excederam depois, o que não devia ser difícil, porque muitos dos mananciais auríferos da Hispânia estavam a esgotar-se. Hoje essas minas ou têem importância reduzida, ou deixaram de ser exploradas. Plínio refere-se ainda ao ouro de aluvião do Tejo (l. XXXIII, 66): «fluminum ramentis, ut in Tage Hispaniae, Pado Italiae...». Pomponio Mela também tratou do mesmo assunto, mas acrescentando o pormenor das pedras preciosas trazidas pelas águas do rio: «...et Tagi ostium, amnis gemmas aurumque generantis», *De Situ Orbis*, III, 1. No século XII, Edrici observou o mesmo fenómeno: «Situada nas proximidades do Oceano, esta cidade (Lisboa) tem na sua frente, na margem oposta, o forte de Al-Ma'adan (Almada, isto é, o manancial), assim chamado porque, com efeito, o mar lança palhetas de ouro na margem», p. 223.

(3) Todos os vocábulos relativos à *Mineração do Ouro* se podem documentar no texto pliniano, sobretudo no livro XXXIII, onde são freqüentes as alusões à existência daquele metal na Península Hispânica.

mostrar uso corrente já no seu tempo (aquêle escritor morreu no ano 79 d. C.).

Um assunto há, porém, que parece não ter preocupado os Romanos na Península: a vida marítima, pois, exceptuando *baía* e, de certo modo, *tunna*, nada encontramos que lhe diga especialmente respeito. Não é impossível que para isso muito concorresse também o atrasamento possível dos indígenas nessa actividade.

Parece crível, depois de meditar diante do quadro atrás apresentado, que o Romano da Península, sobretudo o da época de Plínio, se esforçava por conhecer a orografia, a flora e a fauna locais, ao mesmo tempo que explorava intensamente o subsolo à procura do precioso metal; usava também armas, medidas e carros, o que, no entanto, não implica necessàriamente vida nómada, pois a existência da *cama* e a da celha de banho *(dureta)* [1] podem talvez fazer crer no contrário.

JOSÉ PEDRO MACHADO.

(1) Apesar de se documentar o uso dêste objecto, registamos a existência da *sarna*.

Autores Latinos Utilizados

Aulo Gélio — *Oeuvres Complètes*. Paris — Garnier. S. d.

César (C. J.) — *Guerre des Gaules*. Paris — Hachette. 1929. Juntamente: o *Liber Octavus* da mesma obra da autoria de Hirtius.

Cícero (M. T.) — *Selecta Opera Philosophica*. (De Officiis, De Senectute, Paradoxa ad M. Brutum, Somnium Scipionis, Tusculanarum liber). Lugduni. 1810.

Columela (L. J. M.) — *Rei Rusticae Scriptores*. Ed Schneider. 1794.

Estácio (P. P.) — *Thebais*. Ed. Klotz. 1908.

Festo — *De Verborum Significatione*. — Avctores Latinae Lingvae in Vnum Redacti Corpus. Genevae. 1622.

Geog. de Ravena — *Ravennatis Anonimi Cosmographiae Graecae Versio Vetustior*. Ed Pinder — Parthe. 1860.

Hirtius — Cf. *César*.

S. Isidoro — *Isidori Hispalensis Episcopi. Originum sive Etymologiarum Liber I*. Avctores Latinae Lingvae In Vnum Redacti Corpus. Genevae. 1622.

Itin. Ant. — *Antonini Itinerarium*. Ed Parthey et Pinder. 1848.

Labérius (D.) — *Scaenicae Roman. Poesis Fragmenta*. Ed Ribbeck. *(Comicorum latinorum fragmenta)*.

Lucano (M. A.) — *Pharsalia*. Ed. Hosius. 1905.

Marcial (M. V.) — *Epigrammaton*. Lipsiae. Teubner. 1876.

Marciano — Ed. Huschke *(Jurisprudentiae antijustinianae quae supersunt)*.

Mela (Pompónio) — *De Situ Orbis*, na *Bibliothèque Latine-Française*. Paris--Panckoucke. 1843.

Palladius (R. T. A.) — *Opera*. Ed. Schmitt. 1898.

Pérseo — Ed. Jahn-Bücheler, 3.ª ed. 1893.

Plínio — *Naturalis Historia*. Lipsiae. Teubner. 1870.

Quintiliano (M. F.) — *De Institutione Oratore*. Ed. Meister. 1887.

Salústio — *Bellum Catilinae, Bellum Iugurthinum*. Olisipone. Ex typographia Publica. 1901.

Solino (C. J.) — *Collectanea rerum memorabilium*. Ed. Mommsen. 1895.

Suetónio — *Les Douze Césars*. Paris. Garnier. 1931.

Varrão — *De Re Rustica* (Ed. Keil. 1891); *De Lingua Latina*—Avctores Latinae Lingvae in Vnum Redacti Corpus. 1622.

Vegécio — *Ars veterinaria sive mulomedicina*—Scriptores rei Rusticae, ed. Schneider. 1797.

TOPONÍMIA PORTUGUESA (1)

(ESBOÇOS)

(Continuado do vol. XXXV, págs. 50-139)

79. Almafrexe — Siadoiro

Almafrexe, conforme A. R. de Andrade, na *Chorogr. historico-estat. do distr. de Coimbra*, p. 149, é uma pequena póvoa ou quinta na freg. de Penalva de Alva, sobre a margem esquerda do Alva (Oliveira do Hospital). O *Dic. Postal* escreve, porém, *Almafreixe* e a *Ch. Mod.* diz *Almafreixo*. Não tenho abonações antigas dêste nome, que me parece poder explicar-se pelo ar. *al-makhreje*, «a saída, o saïdoiro, lugar onde ou por onde se sai; bôca de saída, desembocadura (v. g. de um vale)». Na Argélia há uma pov. homónima, *Makhredj*, que A. Cherbonneau, obra cit., p. 53, explica dêste modo. Devo notar que *kh* é representação convencional da 7.ª consoante arábica, de som muito gutural, sem correspondência em português, e que nos vocábulos que passaram à nossa língua deu normalmente *f*, como al-khorje > *alforje*, tabikhe > *tabefe*, etc.; e do *j* arábico resulta às vezes *x* ou *ch*, v. g. em jilel > *xairel* (esp. *jirel*); az-zabaje > *azeviche*; manjil > *manchil*; ilje > *elche*; Marjique > *Maraxique* ou *Marachique*, (topónimo do Sul do Alentejo), etc. Cp. também *Almeixoafra*, outra forma de *Almeijoafra* de que falo no artigo subseqüente.

Com sentido idêntico ao dêste topónimo temos em Portugal, além de outros, os nomes de lugares: **Saída** (Amarante e Póvoa-do-Lanhoso) e **Saïdoiro** (Cantanhede). Êste último vulgar e geralmente diz-se e escreve-se, porém, com metátese das vogais pretónicas, **Siadoiro** ou *Siadouro* e assim

---

(1) A explicação das principais abreviaturas a seguir empregadas encontra-se nesta *Revista*, vol. XXXIII, p. 233 e XXXV, p. 50.

aparece no *Dic. Postal* e na *Ch. Mod.*; a sua base é o lat. vulgar *salitorium, formado sôbre salire, sair. O censo de 1527 menciona ainda um lugar de *Saidouros* entre Pardilhó e Murtosa, no antigo têrmo de Antoan. (*A. H. P.*, VI, 275). Um doc. de 1143 cita *Salidorium*, local junto da Figueira-da-Foz (*Rev. de Historia*, X, 274) e outro de 1221 fala de *Varzea de Saidouro* no aro de Lamego (Fr. Balt. dos Reis, *Livro da Fund. do Most.º de Salzedas*, 82).

80. **Almajoafas**

Êste plural designa em conjunto, correntemente e já desde o séc. XVIII, os lugares contíguos de *Almajoafa de Baixo* e *de Cima*, na freg. de Paderne (Albufeira). O *D. G.* do P.e Cardoso traz *Almeyjoafras* também no plural; algures leio ainda *Almeijoafas*, com referência aos mesmos lugares.

Dou a *Almajoafa* o mesmo étimo que Moura, nas adições aos *Vestígios da língua arábica* de Fr. João de Sousa, apontou para **Almejofa** (ou *Almijofa*, conc. de Tondela), isto é, o ar. al-mojauafa, «a cousa côncava ou encovada», qualificativo referente à situação topográfica do lugar, em sítio côvo, deprimido, fundo. Essa circunstância gerou numerosos topónimos nossos, de que citaremos alguns mais vulgares: *Concavada* (Abrantes), *Côvo, Cova, Covada, Covão, Fundo, Fundão, Fundêgo, Fundeira, Fundada* (correspondente ao esp. *hondonada*), *Baixa, Baixía, Baixas, Baixo, Baixos*, etc., espalhados por todo o país.

Quanto à epêntese do *r* na sílaba final, da forma oferecida pelo *D. G.*, cfr. *espinafre*, voc. em cujo étimo não há essa consoante (vid. M. Lubke, *E. R. W.*, n.º 706; A. Steiger, *Contrib. a la fonética del hisp.-ar.*, 236 e 306) e os vulgarismos *chefre, cacifro, aljabra* (gíria; = algibeira) *papalvro*, (fuinha, animal) por *chefe, cacifo, aljaba, papalvo*, etc.

Da mesma origem do indicado são os nomes de lugares seguintes: **Almeijoafra** ou *Ameijoafra*, nas fregs. de Sabóia e S. Teotónio (Odemira); **Almeixoafra**, *Ameixoafra* ou *Almeijoafra* nas fregs. de S. Barnabé e Santa-Cruz (Almodóvar); **Ameijoafa** na freg. de S. Domingos (Santiago-de-Cacém; e **Almojafa**, sítio na freg. de Odeleite (Castro-Marim), na Carta Arqueológica do Algarve, de Estácio da Veiga. (*O Arch. Port.*, XV, 232).

Parece evidente que, nas alterações que atingiram as duas primeiras sílabas destas formas toponímicas, salvo a última, houve influxo do nome comum *amêijoa*, que no Sul se diz também *almeja* (cp. *almejas* no *Thesouro* de B. Pereira e no *Dic.* de Morais).

81 Almograve

Lugar da freg. de S. João das Lampas (Sintra), já mencionado no *D. G.* do P.[e] Cardoso, I, s. v. Há outro *Almograve*, casal no conc. de Odemira.

Êste nome reproduz, seja como simples apelativo, seja como apelido-alcunha, o ant. port. *almogáver*, que tem também as variantes *almogavre* e *almogávare*, com retracção do *r*, fenómeno freqüente. Nas *Cantigas de Santa Maria*, de Afonso o Sábio, ocorre mesmo já o plural *almograbes* com essa retracção; na *Cron. do Condestável*, cap. 31, vem *almogáveres*. Também Damião de Góis, *Crón. de D. Manuel*, L. IV, C. 39, escreveu *almograves* a par de *almogavres*, e *almograves* igualmente na *Aulegrafia* de Jorge Ferr.[a] de Vasconcelos, p. 135. Significava o «homem das fronteiras que, junto com outros, formando tropa fazia a cavalo incursões e depredações no país inimigo», provindo do ar. *al-mogáuar*, «o que faz incursões ou algaras».

Foi usado também como apelido ou alcunha. Num doc. de 1168 da Sé de Coimbra figura um *Petrus Presbyter Almogaber* (*Livro Prêto*, cópia da Univers. de Coimbra, II, fl. 308 verso); outro de 1272 traz como testemunha um *Pelágio Almograve* (*Rev. Lus.*, IX, 268).

Nos *Vestígios da língua arábica* deturpou-se êste topónimo (como aliás se fêz com tantos outros, sem escrúpulo) em *Almograbi* para lhe dar por étimo o nome de relação arábico al-mograbí, «o africano ocidental», ou mais precisamente «o do Magrebe (a Berbéria e, em especial, Marrocos)». Mas, falsificado o topónimo a explicar, inutilizada ficou a explicação pretendida... E não vale a pena insistir no caso triste.

Pode, não obstante, aproveitar-se o azo para dizer que daquele nome arábico de relação mograbí nasceu um antigo adj. port. **mogarabi**, «do Magrebe», correspondente ao fr. *mograbin*, usado v. g. no plural pelo P.[e] Francisco Álvares na sua *Verdeira informaçam das terras do Preste*

Joam, pág. 128 (ed. de Lisboa, 1889): «até que acharam mouros *moqarabiis* de Fez e de Tremecen que hiam pera Adem...».

É curioso notar que, não qualquer plumitivo vulgar, mas o próprio e benemérito Santa Rosa de Viterbo, forjou sôbre aquêle plural adjectivo um falso singular *moqarabil*, que incluíu no seu *Dic. Portátil*, Coimbra 1825, transformado em substantivo e com o significado ainda mais falso de «negociante, mercador». Daí passou o espúrio vocábulo (como inédito!...) para o *Novo Dic.* de C. de Figueiredo, onde continua, e para outros, que dêle copiaram. Valha-nos Santa Luzia!

82. Alvor — Divor — Alvoeira

Alvor, vila do Algarve, é chamada *Albur* e *Albor* nos documentos do séc. XII, que relatam as conquistas de portugueses e cruzados no Algarve em 1189 (Herculano, *Hist. de Port.*, 5.ª ed., II, 27 e nota V final). Igualmente *Alvor* na doação do castelo dessa vila ao Mosteiro de Santa Cruz, em Dezembro do mesmo ano (*Mon. Lusitana*, P. IV, L XII, C. IX; Fr. Nicolau de Santa Maria, *Chron. dos Con. Regrantes*, P. II, L. IX, C. IX, p. 213) e ainda no séc. XIII (*Scrip.*, 416).

O étimo dêste nome, já apontado por Sousa nos citados *Vestígios* e aceite por Herculano, *Hist. de Port.*, II, 27, está no ar. al-bur, «a charneca ou baldio, o campo inculto». Em ant. esp. usou-se o mesmo voc. sem o artigo sob a forma *bor* com êsse sentido de «campo inculto» (Eguílaz y Yanguas, *Glosar.* cit., s. v.).

Na freg. de Santo António dos Olivais (Coimbra) há ou havia também um **Casal do Alvôr** (ou *Alvôre*, como escreve o *Dic. Postal)* que não figura no Censo das Povoações de 1911, mas a que se refere já um doc. de 1502 (T. Braga, *Camões. — Época e Vida*, 177, nota) e mais alguns do séc. XVI no *Livro da Fazenda* da Univ. de Coimbra, manuscrito de 1570. Um outro doc. de 1635 menciona um «olival que está aonda chamão o Alvor, limite de Coimbra, e pello meo delle passa a estrada q̃ vay para a Portella da Cobiça». (Fr. Bernardo da Assunção, *Most. de Celas — Índice da Fazenda*, p. 191. Coimbra, 1921).

Entendo que aquêle voc. arábico é também o 2.º elemento do nome do nosso rio **Odivor** ou **Divor**, afluente do Sorraia, que provirá do ar. uadi-bur, «rio da charneca»,

construção vulgar com elipse do artigo em vez de uadi al-bur, o que é caso freqüente [1]. Hoje é mais corrente dizer *Divôr*, com eliminação do primeiro *o*, que foi tomado pelo artigo definido, como sucede nos nomes congéneres *Dejebe* e *Diáxere;* mas o P.e Carvalho na *C. P.* (II, 439, 526, 527) escreve ainda e sempre *Odivor* e esta é também a forma, que figura na Carta histórica dos territórios do Sul de Portugal reconquistados nos séculos XII e XIII organizada pelo Dr. Rui de Azevedo e publicada no vol. I da *Hist. da Expan. Port. no Mundo*, em frente à página 60, o que indica que o escrupuloso A. a encontrou em docs. dessa época.

Na toponímia do N. da África está também bastante representada a palavra em questão. Na Argélia temos, com grafia francesa: —*El-bour*, «a charneca» (oásis perto de Neguça); *Ras-el-bour*, «cabo da charneca»; *Djebel-el-bour*, «monte da charneca», etc., mencionados por A. Cherbonneau na *Légende territ. de l'Algérie.* Em Marrocos há *Agadir-el-bour*, «alcáçova *(agadir)* da charneca», ao S. da cidade de Marrocos, entre os Gundafi (Eug. Aubin, *Le Maroc d'aujourd'hui*, 52 e 55-56) cujo 1.° elemento é berbere.

*

* *

O nosso distinto arabista Prof. David Lopes, que a par de soluções etimológicas muito felizes de alguns topónimos portugueses de origem arábica, tem outras que o não são,

---

(1) No *D. G.* do P.e Cardoso, I, 487, lê-se, a propósito dêste rio: «chama-se *o Divor* porque nasce na Freguesia de Nossa Senhora da Graça *do Odivor*, nome corrupto; porque no frontispício da dita Freguesia, em uma pedra mármore, está êste epigrama: *Divorum hanc molem Domino posuere coloni: / Gratia sub tanto numine certa manet.* E daqui se colhe chamar-se antigamente a tal Freguesia Nossa Senhora da Graça *de Divorum.*

O que se colhe daqui não é bem isso; é que o P.e Cardoso (ou quem o informou) não entendeu o latinório do epigrama, que tem já de si evidentes, mas frustres, pretensões etimológicas. O genitivo plural *Divorum* «dos deuses», não pode explicar o nome *Odivor* (que pertence realmente a um numeroso grupo de rios portugueses começados por *Odi-* ou *Ode-*, a que aludi já nesta revista, vol. XXXIII, p. 267), — além de que seria uma denominação pagã, politeísta, imprópria da dita Nossa Senhora.

Mas os nossos antigos — e muitos modernos — contentam-se com êsse género de etimologias... *à la minute!*

quis pôr de lado a explicação de *Alvôr*, que acima se preconiza, mas não deu para isso mais razões do que «parecer-lhe pouco crível que um tal nome [campo inculto] fôsse dado ou ficasse a uma povoação» (*Rev. Lus.*, XXIV, 267-8). Essa alegação, porém, não tem valor algum, — digo-o sem quebra da consideração, que me merece o saber do finado professor. Na verdade, temos em Portugal dezenas de povoações, algumas importantes até e antigas, chamadas por palavras sinónimas de «campo inculto», ou de sentido próximo — *Charneca, Baldio, Mato, Matos, Gândara, Pousio, Pousia, Maninho, Tojal, Brenha, Silva, Enxara*, e outras. Se até não faltam muitas com o nome de *Ermo* e *Deserto!*

Êstes nomes foram, decerto, dados primitivamente a sítios desabitados, cujo estado de incultura o justificava; mas, quando nêles se fundou um casal, uma póvoa, um castelo, uma ermida, um mosteiro, etc., ficaram como nome determinativo às novas entidades e prevaleceram afinal, sòzinhos, para designar estas. Assim, um topónimo arábico significando, por exemplo, castelo, aldeia, casal ou outra coisa *da charneca* (al-bur) é tão natural e comezinho como os nomes Vil(a) *de Matos*, Santo Antão *do Tojal*, S. Julião *da Charneca*, Aldeia *do Baldio* ou até Casais *do Deserto*, que são não só críveis mas reais, pois denominam povoações portuguesas dos nossos dias.

Em vez de al-bur preferiu o douto arabista para étimo de *Alvôr* o ar. al-ber, «o poço», em que *-er* passou a *-or*, diz êle (*Rev. Lus.*, loco cit.) como no nome *Borratém*, que faz vir do ar. ber at-ten(e), «poço da figueira».

Aqui é que D. Lopes teve uma falsa visão, pois nenhuma palavra portuguesa existe em que *o* tónico, qual é o de *Alvôr*, provenha de *ie* arábico, que é a letra medial de ber (ou bir, como geralmente se translitera). Fonèticamente êsse al-ber não pode dar o *Albur* = *Alvor* do séc. XII. O caso de ber at-ten(e) > *Borratém*, com *o* sucessor de *ie*, mesmo que tal étimo se considere certo (a seguir o discutirei), é muito diverso e não comparável ao de al-ber ▷ *Alvor:* no 1.º caso a vogal de ber, dada a situação proclítica desta palavra, fica átona, susceptível por isso de alterações mais ou menos profundas, o que já não pode dar-se no 2.º caso, por aí ser tónica; ber está em pausa.

Pelo exposto acho inaceitável a etimologia de David Lopes [1].

A família daquele vocábulo ber tem, porém, mais representação na nossa toponímia. Do seu deminutivo precedido do artigo arábico, isto é, de al-bueira (forma vulgar por buira) «o pocinho», deve provir o nome de lugar **Alvoeira**, na freg. de Mouronho (Tábua), já com a mesma grafia no séc. XVIII, no *D. G.* do P.e Cardoso, I, s. v. Na Argélia há também, segundo Cherbonneau, obra cit., povoações com o nome de *Boueira* e *Bouira*. Em Portugal são numerosos os lugares com a denominação sinónima de *Pocinho*, havendo igualmente *Pocico* e *Pucelo*.

83. Borratém

É o nome do local de um poço célebre e de uma rua, antigo beco, junto dêle, na freg. de Santa Justa de Lisboa (*C. P.*, III, 394; J. B. de Castro, *Mappa de Portugal*, 3.a ed., III, 190). Referências antigas: um doc. de 1455 chama a êsse local *Baratem*; outros da mesma época dizem *Barrotem* e *a Borratem* (O *Arch. Port.* v, 258 e 259, art. de Pedro de Azevedo).

Devido ao facto de haver hoje ao lado do Poço de *Borratém* o mercado dito Praça *da Figueira*, David Lopes explicou êsse nome pelo ar. ber at-ten (e), «poço da figueira», como disse atrás (*Rev. Lus.*, XXIV, 267).

A explicação não repugna, em teoria; mas fica puramente cerebrina, porque o fundamento que a sugeriu a D. Lopes é ilusório. É que até a 2.a metade do séc. XVIII, pelo menos, o nome *Figueira* não designa sítio nenhum das vizinhanças do Poço de *Borratém* ou da Praça *da Figueira* como pode ver-se quer na *C. P.*, loco. cit., quer no minucioso vol. III do aludido *Mappa de Portugal*. É um nome, pois,

---

(1) Com a lealdade que deve ser timbre de todo o investigador sério, hei-de dizer ainda, que já o velho (e desacreditado...) arabista espanhol Conde, na tradução que fêz de uma parte da geografia de Edrici, com o título de *Descripcion de España de Xerif Aledris* (Madrid, 1799) pretendeu nas notas, a p. 206, explicar o topónimo *Alvor*, não pelo ar. al-ber, no singular, como fêz D. Lopes, mas por um pretenso plural dêsse vocábulo, isto é, por al-bôr, «os poços». Conde, porém, não merece confiança. Se tal plural existisse, passaria desapercebido ao arabista português? As fontes, de que disponho, só acusam para ber=bir os plurais biar e abar.

muito moderno, inteiramente desconhecido ainda então e que por isso nada auxilia a decifração do topónimo em questão.

Por mim, insatisfeito, procurei outro étimo. Segundo a tradição popular, *Borratém* equivale a *tem borra*, por alusão ao poço ainda existente no sítio, cuja água era suja, atribuindo-se isso, em certa época, mas indevidamente aos detritos de uma tanoaria adjunta (Júlio de Castilho, *Lisboa Antiga*, 1.ª ed., II 305). Já no séc. XV, por igual motivo, se deformara também o nome, conforme vimos, em *Barrotem*, como quem dissesse *tem barro*.

Ora em tempos antigos tôda a Baixa, incluindo os arredores do Rossio, actual Praça da Figueira e Poço de *Borratém*, estava crivada de poços, quer para abastecimento público, quer para rega das muitas almoinhas ou quintais, que por aí havia. Mas a água dêsses poços, de todos ou de quási todos, era impura, suja, lodosa, o que não admira porque — por um lado os terrenos da Baixa são de atêrro, devendo ter no subsolo lôdos do estuário do Tejo, cujas águas em remotas eras entravam até aí; — e por outro lado as infiltrações dos escorros, que desciam dos sítios altos da cidade, as dos charcos que pululavam, dos monturos e dos esgotos, sem escoante nesses tempos, por demais explicam o caso da água impura ou lodosa sem pensar em detritos de oficinas. Cfr. O *Arch. Port.*, V, 215-16 e 259; Costa Lôbo, *Hist. da Soc. em Port.* 121-22.

Por todos êstes motivos parece-me que o nome do poço de *Borratém* se explicará com mais verosimilhança, e partindo da forma mais antiga *Baratem*, pelo ar. ber ath-then, «poço do lôdo». O ar. then significa «lôdo, lama, barro» (em fr. *boue, limon, argile)*; dêsses sentidos ao de *borra* a distância é mínima...

Sendo assim, as alterações aludidas, *Barrotem* e *Borratem*, em vez de simples afeiçoamentos do nome arábico por etimologia popular, seriam verdadeiramente meias traduções dêste. É isso que creio.

Em Portugal temos também, no concelho de Mortágua, uma quinta de **Burratena** segundo o *Dic. Postal* (melhor se escreveria *Borratena)* denominação que deve representar o nome pátrio feminino correspondente ao topónimo *Borratém*, sendo formada à maneira das de Quinta das *Santarenas* e Monte da *Sacavena*, que também figuram na toponímia, respectivamente nos concs. de Coimbra e Montemor-o-

-Novo, e representam os nomes pátrios femininos de Santarém e Sacavém.

Quanto a *Baratan*, nome de um lugar da freg. de Rio de Mouro (Sintra) já mencionado no *D. G.* do P.^e Cardoso e tão semelhante ao aludido *Baratem*, não ouso pronunciar-me a seu respeito por falta de abonações mais antigas.

84. Bóbeda — Bobadela — Boadela — Bogadela

Do lat. vulgar *vŏlvĭta, «volta, arcada», veio o ant. port. *bóveda*, que hoje se diz *abóbada* (Cfr. M. Lubke, *R. E. W.*, n.º 9445), deixando pelo caminho as variantes *bóbeda, bóboda, bóbada* e *abóveda*.

Esta palavra no sentido de «construção abobadada», como são alguns templozinhos ou ermidas, fontes cobertas, etc., deixou muita descendência na nossa nomenclatura topográfica.

Assim, figuram aí: no séc. XIII **Volveda**, sítio de propriedade reguenga na freg. de Vilela, conc. de Arcos-de-Val-de-Vez *(Inq.*, 388). Modernamente: -**Bóbeda**, lugar do conc. de Chaves, já com esta forma no censo de 1530 e no séc. XVIII *(A. H. P.*, VII, 270; *C. P.*, I, 510); **Abóbada**, em S. João-do-Monte — Tondela, que é *Bobeda* no censo de 1527 e *Abobeda* no séc. XVIII *(Cad.*, 158; *D. G.* I, 13; **Abóbada, em** S. Domingos-de-Rana — Cascais, que é também *Bobeda* no censo de 1527 e *Abobeda* no séc. XVIII *(A. H. P.*, VI, 257; *D. G.*, I, 13-14); S. Marco **da Abóbada**, lugar e freg. do conc. de Évora, que é dito *da Bobeda*, na *C. P.* do P.^e Carvalho, II, 430; etc.

O deminutivo em *-ela* dêste nome não está menos representado, pois temos:

Bobadela, sede de freg. no conc. de Oliveira-do-Hospital, onde existem os restos de um célebre arco romano, que decerto provocou a denominação. Esta tem a forma *Bovedela* em doc. de séc. XII; *Abovedella* em 1211; *Bovedela* «quod est in terra de Sena», em 1256; *Bovadela* e *Abovadela* nas inquirições de 1258; Regalēgo de *Bavadela* em 1282. Vid. J. Anastácio de Figueiredo, *Nova Malta*, I, 33, 216-17, 225; II, 258. *Inq.*, 774. É curioso registrar, que o A. da *Nova Malta*, que era da região, ao falar de *Bobadela* por sua conta, dá sempre a êsse nome a grafia *Boadella*, como se vê do vol. III, 262.

Bobadela, freg. do conc. de Boticas. Tem a forma *Boubadela* em 1320-21 (F. de Almeida, *Hist. da Igreja*, II, 651).

Bobadela, na freg. de S. João-da-Talha (Loures), que vem com a forma estropiada *Dobedela* no Censo das Povoações de 1911. Aí perto citam umas inquirições de cêrca de 1220 um lugar chamado *Abóveda (M. H. I.*, Doc., p. 11).

Bobadela, no conc. de Chaves, perto da *Bóbeda* supra. É dita *Bobadella* no censo de 1530 *(A. H. P.*, VII, 269) e na *C. P.* do P.^e^ Carvalho, I, 434.

Boadela, na freg. de Pedraça — Cabeceiras-de-Basto. É *Bovadela* em 1258 *(Inq.*, 663).

Aboadela, lugar conjunto ao de Covêlo-do-Monte e que é sede da freg. também chamada Ovelha-do-Marão (Amarante). As inquirições de 1220 chamam-lhe *Abovadela* e *Abovedela (Inq.*, 62, 153, 201, 259), e a *C. P.*, I, 143, ainda em 1706 escreve *Bobadella*.

Aboadela, na freg. de Cepões — Lamego, é *Alldea da Bobadella* no censo de 1527 *(Cad.*, 127).

O *A* inicial da maioria das formas apontadas é o artigo definido aglutinado. Nos três últimos topónimos deu-se o desaparecimento do *v* = *b* interior, que se vocalizou primeiro em *u*, sendo êste depois absorvido pelo *o* contíguo. Não se trata, portanto, de dissimilação eliminatória de labiais, pois êsse fenómeno dá-se não só em palavras, que têm duas consoantes labiais, como *buber* (pop. por *beber*) > *buer*, *frávoga* (= *frávega*) * *frágova* > *frágoa*, mas também em outras com uma só, v. g. lat. subundare > *sondar*; *genovês* > > *genoês* (ant.); Equabona > *Couna* (Coina); lat. arvum > > *aro*, ar. at-tabute > *ataúde*, etc.

De uma antiga forma *Bobadela* julgo provir também a actual do topónimo **Bogadela**, lugar da freg. de Barbeita (Monção) que aparece já no séc. XVIII no *D. G.* do P.^e^ Cardoso, II, 197, devendo ter havido aqui dissimilação das labiais *b-b* em *b-g*, como no topónimo *Bougado* (Santo-Tirso), antigamente *Bouvado*, e *Boubado*, e em *Fragozelas* (S. Pedro-do-Sul), que era no séc. XIII *Fravozellas*, etc. Cfr., a êste respeito, o meu estudo *O lat. «fabrica» na língua e na topon. port.*, no vol. XI da revista *Biblos*.

Na Espanha há também casos análogos aos nossos de *Boadela* < *Bobadela*: — o topónimo actual *Boadilla* de Rio-Sêco, na prov. de Palencia, é *Bobatella* em doc. de 920; e *Boadilla* de Araduey, na prov. de Leão é *Bobadiella* em doc.

de 1256 (Vignau, *Indice de Sahagun*, p. 645-6), o que não impede aliás a existência de várias outras povoações de nome *Bobadilla*. De algumas destas últimas proveio o apelido homógrafo, que transcendeu até Portugal nos sécs. XVI e XVII sob a forma *Bobadilha*: um D. Pedro de *Bobadilha* aparece em Lisboa em 1614 e 1615 (P. de Azevedo e Prestage, *Registos de Santa Cruz do Castelo*, 200 e 201); e um João de Melgar *de Bobadilha* militou na nossa India e naufragou em 1615 (Bocarro, *Decada XIII*, p. 466). Dêste apelido passou o nome à Herdade da **Babadilha**, no conc. de Arronches, decerto por ser o da proprietária. Quanto ao *a* da primeira sílaba, cp. a variante Regalêgo de *Bavadela*, atrás citado.

85. Alenquer — Alfornel — Alpampilher — Alvísquer

Alenquer, vila da Estremadura, foi tomada aos mouros só em 1148. A forma mais geral do seu nome, até fins do séc. XVI, é *Alanquer*, v. g. no testamento de D. Sancho I de 1188, no foral próprio de 1212 (onde o adj. pátrio respectivo é *alancarensis)*, em doc. de 1218, etc. Cfr. Herculano, *Hist. de Port.*, 5.ª ed., II, 147 nota 1, e nota III no fim; *For.* 559. É ainda ela que figura nos *Lusíadas*, III, 61.

Os textos latinos trazem *Alanquerio*, por exemplo docs. de 1265 e 1271 *(Livro dos bens de D. João de Portel*, p. 49; Gama Barros, obra cit. III, 117, nota 3) e uma inscrição no Mosteiro de Celas, Coimbra, da era MCCLXXII. *Alenquer* e *Alemquer*, embora grafias mais raras, também aparecem já em 1217 e 1321 (Herculano, obra cit., II, 171, nota 2; *O Arch. Port.*, XIV, 158 e 161), na *Cron. do Condestável*, caps. 18, 21, 41, etc. Esta forma actual prevaleceu, porém, definitivamente, sôbre as outras na transição do séc. XVI para o XVII. Vid. o que digo na *Brasilia*, II, 4-5, a propósito do apelido *Alencar*.

Na carta régia de instituïção da Ordem de Cristo de 1311 há outra variante — *Alomquer*, duas vezes (P. Leal, *Port. Ant. e Mod.*, I, 106); Fr. Manuel de S. Caetano Damásio, na *Thebaida Port.*, II, 199, 226, 231, 233, etc., escreve sempre *Alunquer* com referência a factos do séc. XIII; também se lê *Alonquer* e *Alomquer* no Rol dos Benefícios do bispado de Lisboa de 1528, Ms. n.º 117 da Col. Pombalina, na Bibl.

Nacional; e, como informa o Dr. Leite de Vasconcelos, ainda hoje se diz *Alonquer* e *Alunquer* em várias localidades da Estremadura *(Ests. de Philol. Mirandesa,* I, 239, nota 1) — formas que eu próprio ouvi também a pessoas do Bombarral e de Turquel.

Apesar de não serem estas últimas as mais antigamente abonadas, são elas talvez as mais próximas do étimo dêste interessante topónimo, que eu considero de origem moçarábica, como tantos outros do centro e sul do país, em que aparece o artigo arábico *al* anteposto a um nome latino ou românico. No nosso caso e segundo a minha hipótese êsse nome será o lat. iuncarium, «juncal», designação locativa que na época proto-histórica assumiria a forma iunquerio (Cfr. *junquerium* no *Glossar.* de Ducange) resultando assim, daquela anteposição, ao menos teòricamente, *al-iunquerio.* A forma românica pura correspondente a um tal topónimo, isto é, *Junqueiro* denomina ainda hoje, no singular ou no ploral, uma dúzia ou mais de povoados nossos.

Mas por um lado a terminação *-io,* estranha dentro da língua arábica, cujas palavras terminam ordinàriamente em consoante (David Lopes, *Rev. Lus.*, XXIV, 259) costuma cair por via de regra nos vocábulos adoptados pelos moçárabes. Foi essa a razão por que o topónimo pré-romano do Alentejo *Abelterium* se fêz durante a dominação muçulmana *Alter,* — e o lat. vulgar monisterio (=monasterium) através de al-monester se fêz, como nome próprio, primeiro *Almoester* e depois *Almoster,* topónimo estremenho, — e o lat. modius se fêz em ar. *mudd,* almude, etc.

Outro exemplo do mesmo fenómeno, que aduzirei a propósito, é o nome moçarábico *al-forner* (ou *al-fornair),* «forneiro», que representa o lat. furnarius e foi usado também como apelido já no séc. XIII (Simonet, *Glosar.* cit., 229). Dêle é que provém o nosso topónimo **Alfornel** na freg. de Benfica (Lisboa), que deve ter-se escrito primitivamente com *r* final em vez de *l.*

Por outro lado o *i* inicial, nas palavras da família do lat. iuncus, «junco», e outras similares usadas entre os moçárabes, não chegou a consonantizar-se, e às vezes caíu mesmo, como mostram as formas *unco* e *yunco,* «junco»; *yuncha* e *aloncha (al-oncha)* «junça»; *ulio* e *unio,* «julho» e «junho», nomes de meses; *Ulian,* a par de *Yuliam* e *Ilyan* do lat. Iulianus, nome pessoal, etc., formas arroladas por

Simonet, *Glosar.* cit., CLXXIX, 555, 618-19. Na toponímia do país vizinho há muitos outros reflexos disto. Assim na região de Toledo, onde foi numerosa a população moçarábica, perduram ainda *Yuncos, Yuncler* (var. ant. *Yunquer)* e *Yunclillos* (var. ant. *Onclellos)*, nomes cuja base é aquêle vocábulo *oyunc.* Cfr. González Palência, *Los mozár. de Toledo en los siglos XII e XIII*, vol. prelim., p. 114. Em outros pontos da Espanha aparecem: *Unquera* (Santander, Oviedo), *Unqueira* (Granada e ilha Maiorca) provenientes do lat. iuncaria; *Unza* (Santander; do lat. iuncea); *Valdunquillo* (Valhadolide; ant. *Valle de Yunquello)*, etc. Vid. mais casos em Menéndez Pidal, *Orígenes*, 2.ª ed., 244-5.

Conforme o exposto, portanto, um primitivo topónimo *Iuncarium* ou *Iunquerio* devia tomar regularmente, na bôca dos moçárabes, a forma *Al-iunquer* ou mesmo *Al- unquer* e de aí as formas populares portuguesas *Alonquer* e *Alunquer* supra citadas. Antes do fim do séc. XII surgiram finalmente as formas *Alanquer* e *Alenquer* pela passagem do *o* = *u* pretónicos a *a* sob influência do *n* contíguo, como sucedeu em *ancinho, encinho* do lat. uncinus, em *fangueiro* (fueiro) de funicarius, em *embigo* (pop.) de umbilicus; em *Medancelhe,* lugar em Rio-Tinto — Gondomar, que é *Miloncelli* em docs. de 1013 e 1021 *(D. et Ch.* n.ºs 222 e 348); em *Jancido,* outro lugar na freg. de Foz do Sousa — Gondomar, que é *Juncidus* nas inquirições de 1258, etc.

Claro que, por honra do leitor, não me detenho aqui a rebater — nem a etimologia popular do *alão quer*, que a heráldica com as suas infantilidades etnográficas faz figurar nas armas da vila, — nem a fantasia flamenga do *alano kerka (alanorum fanum!)* da autoria do nosso Damião de Góis e que até figura no seu epitáfio tumular, por êle próprio confeccionado, — nem ainda o «*Allãoquer*, nome de hum governador maometano», que o prior do Turcifal em 1758, ou alguém por êle, inventou à falta de melhor, para explicar o nome da vila *(O Arch. Port.*, VIII, 257).

Mas não deixarei de trazer ainda à baila mais dois topónimos de formação moçarábica análoga e da mesma região: *Alpampilher* e *Alvisquer.*

Alpampilher se chama uma antiga lezíria do Tejo, e campo entre a Ponte de Setil e a Azambuja. Um doc. de 1221 dá a variante *Alpampilhel* e outro de 1229 *Alpanpilel* (Herculano, obra cit., II, 90, nota; *Rev. Lus.*, IX, 271-2).

A. C. de Meneses em 1823 escreve *Alpampulhar (Classificação dos bens nacionais*, 167).

Êste topónimo tem por base o nome vulgar de planta *pampilho*, e corresponde-lhe na linguagem corrente *Pampilhal*, que aparece também como nome de um lugar no conc. da Sertã.

Alvisquer é o nome de um extenso campo junto de Santarém, a N. E. da cidade (P. Leal, *Port. Ant. e Mod.*, VIII, 586) a que com essa mesma grafia já fazem referência muitos documentos do séc. XIII. Cfr. Herculano, obra cit., II, 147, nota; *Livro dos bens de D. João de Portel*, 77, 125, 137; Aires de Sá, *Fr. Gonçalo Velho*, I, Docs., p. 338, nota 2).

A base deve ser aqui o lat. viscum, nome de uma planta, não decerto o *viscum album*, L., que não cresce em Portugal, mas outra espécie, a que se aplicasse êsse nome, talvez o «sanguinho», que Bento Pereira na *Prosodia Latina* dá também como tradução daquele vocábulo latino. Ainda poderia tratar-se do *cardo visgo* ou *do visco (carlina gummifera*, D. C.) freqüente à margem dos campos e dos caminhos, desde a Beira até o Algarve, o qual é chamado *viscarago, -inis* no latim de Santo Isidoro, palavra de que os moçárabes fizeram a seu turno *vixcaráin* (Simonet, obra cit., 569) (1).

Há outros lugares de nome *Alvisquer* na freg. de Tôrres-Novas, na freg. de Belver (Mação) e na da Conceição (Tavira). O desta última tem a variante *Alvesquer*.

86. Angeja — Fareja — Gôje — Eja — Estarreja

Os nossos docs. medievais oferecem uma série de nomes pessoais terminados em *-egia* (com as variantes gráficas *-eia*, *-eja* e *-ega*) que não me recordo de ter visto assinalar pelos especialistas, mas que, ao menos pelo que mostra a sua parte inicial, são claramente de origem germânica. Os que

(1) No que não deve pensar-se, porém, é em *visqueiro*, outro nome do azevinho (arbusto espinhoso de cujo entrecasco igualmente se extrai visgo), porque não cresce no Ribatejo, embora êsse vocábulo possa figurar na nossa toponímia como segundo elemento de *Souto Bisqueiro*, lugar da freguesia e concelho de Sever-do-Vouga.

conheço são todos femininos, apesar das notas em contrário do Dr. Cortesão, no *O. M.* Extraímos dos *Diplomata et Chartae* êstes:

Faregia: — domna Faregia (n.º 200 de 1008); uxor mea Faregia (n.º 118 de 976); Farega deovota (n.ºs 70 e 78 de 956 e 960). Sôbre o elemento inicial *Far-*, que entra também nos antropónimos *Faramundus* ou *Pharamundus, Fâripertus, Fâre-castus, Farilli* (nome de mulher), etc. vid. J. M. Piel, *Os nomes german. na topon. port.*, n.º 436.

Godegia: — Godegia confessa (n.º 402 de 1057); no n.º 357 de 1047, figura uma mulher chamada *Godgia*, que deve ser o mesmo nome com falta do *e*. Godoy Alcantara, no seu *Ensayo* cit., p. 244, menciona *Goegia*, que é a forma evolutiva, com queda regular do *d* intervocálico. A base será aqui *God-* ou *Gud-*, «Deus», que entra em muitos outros nomes pessoais: *Godegildus, Godemirus, Godesindus, Godesteus, Godegeua* = *Gudegeba*, etc., arrolados no *O. M.*

Vistregia: — avia nostra Uestregia (n.º 222 de 1013); avia mea Uistoregia (n.º 248 de 1021); uxori mea Vistregia (n.º 286 de 1034); avia mea Uestregia (n.º 858 de 1097). O primeiro elemento é aqui *wistr-*, que aparece também em *Vistremirus* = *Uestremirus, Vistrarius* = *Uestruarius*, etc., no mesmo *O. M.* e sôbre o qual vid. G. Sachs, *Der germanischen Ortsn. in Spanien und Portugal*, p. 103.

Geluegia: — Geluegia connomentum Velita (n.º 300 de 1038).

Se aquela terminação *-egia* resulta do encurtamento hipocorístico de nomes binários mais longos, se é um sufixo ou se constitui por si só um segundo elemento de composição com sentido próprio, que se poderá enquadrar v. g. na família antroponímica de *Ega* = *Egas, Égela, Égelo* = = *Égilo, Egileuba* = *Eileuua* = *Eieuua, Égica*, etc., compete aos germanistas decidir. Cfr. sôbre êstes últimos nomes, J. M. Piel, *obra cit.*, n.º 326.

De nomes pessoais do grupo, que fica indicado, provieram entre outros os nossos topónimos seguintes:

Fareja, freg. do conc. de Fafe. O doc. n.º 200 de 1008, acima aludido, refere-se já à sua «ecclesia de Sancto Martino de *Farega*» (com *g* = *j* ou *gi*) assim chamada decerto porque, conforme diz o texto, «fuit ipsa ecclesia de domna *Faregia*». Esta «domna» é a mesma que, nos docs. sobreditos de 956 e 960, figura como *Farega deovota*. Nas inquiri-

ções de 1220 as grafias do topónimo são *Fareja* e *Farega* (*Inq.*, 84).

Há hoje outra **Fareja,** simples sítio de moinhos na freg. de Sousa (Vagos), já assim dita na *C. P.*, II, 155, mas *Fareyxa* no censo de 1527 (*A. H. P.*, VI, 278); e ainda outra **Fareja,** lugar da freg. de Castro-Daire, que nas inquirições de 1258 se diz *Faregia* e *Fareygia.* (*Inq.* 938-39). Reproduzem ambas, como a de cima, o nome de mulher homógrafo de que falei. Junto da última *Fareja,* na mesma freg., fica o lugar de **Farejinhas** cujo nome é um deminutivo plural do dessa freguesia e já figura igualmente em 1258 sob a forma *Faregías* e *Faragías* (*Inq.*, 933-4 e 938) com *-gías* por *-gĩas* isto é, *-ginhas.*

Gôje ou *Gôije,* lugar da freg. da Ínsua ou Castendo (Penalva-do-Castelo). Chama-se *Goegi* naquelas inquirições de 1258, nome que representa sem dúvida o genitivo do 2.º nome de mulher acima indicado: *Goegiæ* = *Godegiæ* (sc. *villa),* «quinta de *Godégia*».

Angeja, freg. do conc. de Albergaria-a-Velha, que melhor se escreverá *Anjeja.* Popularmente *Injeja.* O censo de 1527 diz *Emjeja* e *Emgega (A. H. P.*, VI, 275 e 277). É porém *Anseia* em doc. do meado do séc. XI, anterior a 1065 *(D. et Ch.* n.º 448. Vem aí com a grafia *Ansela,* mas Pedro de Azevedo disse-me, que havia êrro de *l* por *i).* Também se lê *Anseia* várias vezes numas inquirições de 1284 *(M. H. I.*, p. 73-5 e Docs. p. 42); *Ansegia* em doc. de 1166 *(Rev. de Hist.*, X, 277) e em outro de 1301 *(Arq. do distr. de Aveiro,* I, 51). Um de 1298 dá-nos ainda a cacografia *Anzega (Elucidário* de Viterbo, s. v. *mamóa)* com *g* representando *j*, como já vimos atrás e é freqüente na escrita antiga.

Embora não documentado ainda, é de admitir como origem dêste topónimo um nome pessoal feminino *Ansegia,* formado com aquela terminação *-egia* sôbre a base *Ans-* ou *Anse-*, que entra em muitos outros nome pessoais, largamente representados na toponímia, como são: — *Anselmus, Ansemirus, Ansemundus, Ansericus, Alsaldus, Ansuetus* = *Ansetus, Ansulfus, Ánsila,* etc. Cfr. sôbre essa base Leite de Vasconcelos, *Antroponímia,* 31-2, e J. M. Piel, obra cit. n.º 54.

Da forma toponímica primitiva *Ansegia* resultou *Angeja* pela assimilação da sibilante dental à palatal seguinte, como em *paijagem* (ant.) por *paisagem,* em *gengibre* da lat. zingi-

ber, em *jambujeiro* (pop.) por *zambujeiro*, em *Mogege*, lugar da freg. de S. Torcato de Guimarães, que é *Mosegi* em doc. de 1173, etc.

Êja, sede de uma freg. (Penafiel) sobranceira ao lugar de Entre-os-Rios, na confluência do Tâmega com o Douro. Antiga cividade que foi, antes de nascer Portugal, o centro de um vasto território, que se estendia ao N. e S. do Douro. Docs. de 875 e 982 mencionam já o *territorio Anegia*, que é a forma primordial; um de 922 fala da *civitas Anegia*, outro de 952 da *urbs Anegia*; outro de 1059 cita a *villa de Anegia* (*D. et Ch.*, n.os 8, 25, 64, 420). Em 1024 aparece a forma *Anega*, em 1047 *Aneia* e em 1061 *Enegia*. Vid. tôdas estas grafias e outras ainda no *O. M.* e principalmente no estudo de Pedro de Azevedo, *O território de Anegia*, publicado no vol. IV de *O Arch. Port.* A seqüência regular das formas dêste nome, até à actual, foi *Anegia* > *Aneja* > *Äeja* > *A Êja*. Ainda hoje na localidade e na região circunvizinha se diz sempre *a Êja* (*estive na Êja, fui à Êja*, etc.) com um primeiro *a*, que se tomou pelo artigo, mas não é senão o *a* inicial de *Anegia*.

Do exposto resulta ser descabida a solução etimológica, que para *Êja* preconizou o Sr. Dr. J. M. Piel, obra cit. n.º 337. Uma solução verdadeira há-de partir daquela forma mais antiga do topónimo, que o êle não teve em conta, e está, quanto a mim, em um nome de mulher homógrafo, isto é, **Anegia*, do mesmo grupo de *Faregia*, *Godegia* e *Vistregia*, mas tendo como base o elemento *Ane-* ou *Ana-*. Êste elemento corresponde verosìmilmente ao ant. alto alem. *âno*, *ana*, «avô, avó» (cfr. Mowat, *Les noms familiers chez les romains*, pp. 30-31) e entra em vários outros nomes pessoais como são: *Ánila*, um dos bispos assistentes ao concílio de Braga de 672; *Ánilo*, *Animirus*, *Anagildus* = *Anegildus*, *Aniedrudia*, etc., recolhidos no *O. M.*

Antes de concluir: — o topónimo **Estarreja** pertencerá também ao grupo aqui estudado? Não tenho abonações suas anteriores ao séc. XV e a grafia é igual desde então até hoje. Mas a existência de um velho nome pessoal **Astregia*, similar de *Vistregia*, embora com outra base, é admissível e explicaria perfeitamente — por um lado êsse topónimo, mediante anaptixe de uma vogal no grupo *-tr-* e refôrço seqüente do *r*, tudo fenómenos vulgares, — e por outro lado **Estreje**, nome de um lugar na freg. de Ardegão (Ponte-do-

-Lima) que é *Astrigi* numa inquirição de 1308 (Aires de Sá, *obra cit.* I, Docs. p. 25) e *Stregi* algures no séc. XIII. Aquela base seria aqui a mesma, que entra nos nomes pessoais *Astrulfus* = *Astorulfus*, *Astruarius* = *Astrarius* = *Astreirus*, *Astrual dus*, *Astragundia*, *Astruildi* = *Astruili* = *Astrildi* = *Astrilli*, etc., recolhidos no *O. M.*, e sôbre ela vid. Leite de Vasconcelos, *Antrop. Port.*, 37, e J. M. Piel, *obra cit.*, n.os 94 e 399.

Note-se que *as-* inicial átono passa em português normalmente a *es-*, como no lat. asparagus > *espargo*, absconsus > *escuso*. A toponímia está cheia de exemplos disso: nesta revista, vol. 35, p. 126, citei *Espio*, *Espaio*, *Esprela*; agora lembro *Estromil*, *Estrufe*, *Estremonde*, que assentam respectivamente em genitivos dos nomes de pessoas *Astromirus*, *Astrulfus* e * *Astremundus*; **Escariz**, no conc. de Vila-Verde que é *Ascarizi* no séc. X, genitivo do antropónimo *Ascaricus*; *Esturãos*, que é *Asturianos* no séc. XI; **Ester** (Castro-Daire) que é *Aster* no séc. XII nos *Documentos Medievais Portugueses*, e nas inquirições de 1258, assentando no genitivo antroponímico *Asterii* (sc. *villa*), «quinta de Asterio», etc.

Quanto à falada anaptixe, cfr. *Fevereiro* do lat. Februarius; *cangarêna* (pop.) por *gangrena*, e as formas antroponímicas *Uistoregia* e *Astorulfus* acima citadas; e, quanto ao refôrço do *r*, cp. mais *parróquia* por *paróquia*, *carranca* formada sôbre *cara*, *carriço* do lat. cariceus, etc. Os dois fenómenos conjuntos observam-se, v. g., em *tarrincar*, *perrisco*, *carrapicho* (fam.) por *trincar*, *prisco* ou *aprisco*, *capricho*; *Carramona* por *Carmona* (apelido), etc.

Assim, pois, também *Estarreja* pode provir de **Astregia*. *Salvo meliori*...

87. Beringel — Belanzel — Brinzel — Veringueira

De um ant. antropónimo germânico latinizado *Berengarius*, fem. *Berengaria*, não ficou descendência directa em português. Os representantes dêle, que aparecem na nossa onomástica, vieram-nos pelo francês ou pelo espanhol.

Êsse nome deu regularmente: — em fr. *Bèrengier*, *Berenger* (variantes *Bérangèr*, *Béringer*, *Bélanger*, *Branger*, etc.) no feminino *Bérengère*; — e em esp. *Berenguero*, *Berenguer* (êste também catalão) com as variantes *Beringuel* e *Belenguer*,

que se lêem em Godoy Alcântara, *Ensayo* cit., 99, — no feminino *Berenguera* e *Berenguela*.

Com relação ao português, eis os casos:

a) — Das formas francesas acima ditas procedem — por um lado o nome de homem *Beringel*, mais geralmente usado como apelido, e por outro o nome de mulher *Beringela*, e talvez também *Beringeira* (1) — havendo neste último caso aportuguesamento da terminação francesa *-gère* em *-geira*, e naqueles passagem do 2.º *r* a *l* por dissimilação. Como em esp. ocorrem também *Berenger* e *Berengello* e a par o feminino *Berengella*, que procedem igualmente do francês, é possível que estas formas, ao menos a última, tenham servido de veículo às francesas para chegarem até nós.

b) — Das formas directas espanholas masculinas *Berenguer*, *Beringuel*, femininas *Berenguera* e *Berenguela* vieram para Portugal as nossas correspondentes *Beringuel* (usada só como apelido) *Beringueira* e *Beringuela*, com algumas pequenas variantes.

De tôdas as formas portuguesas femininas há abonações na monumental *Antroponímia Portuguesa* do Dr. Leite de Vasconcelos, pp. 48, 57 e 511. Aduzirei por isso aqui sòmente algumas do género masculino, a que êle não alude.

Num doc. de venda de 1162, relativo a bens nos arredores de Alpiarça e Almeirim, aparece como testemunha um *Suario Berĩgel* (Aires de Sá, obra cit., I, Docs. p. 6); noutro de 1338 figura *Beringel Onbert*, florentino assistente então no nosso país (Gama Barros, *obra cit.*, IV, 404); e num doc. galego de 1324 nomeia-se o bispo de Compostela *D. Frey Veringel*, nome que numa inscrição coeva tem também a forma *Fr. Beringel* (Martínez Salazar, *Docs. Gallegos*, pp. 105 e 109; A. de la Iglésia, *El idioma gallego*, II, 33). São casos do grupo da alínea *a)*.

---

(1) Para explicar o nome *Beringela* não precisamos, assim, recorrer a um novo nome germânico diverso de *Berengarius*, como fêz o Dr. Leite de Vasconcelos, *obra cit.*, p. 511.

Quanto a *B(e)ringeira*, — nos documentos antigos há casos irrecusáveis em que esta grafia encobre a pronúncia *Beringueira*, isto é, em que *g*, apesar de seguido de *e*, tem evidente som gutural. Mas creio que outros há também em que *g* na mesma grafia vale *j*, como hoje, e o último topónimo adiante citado apoia esta hipótese. Quere dizer, entendo que, ao lado de *Beringueira*, houve realmente *B(e)ringeira* com *g* palatal, assim como, a par de *Beringuela*, houve *Beringela*.

Nas inquirições de 1258 aparece, por outro lado, um *Johannes Beringuel (Inq.*, 386); e em Março de 1940 vivia na Beirã, conc. de Marvão, um negociante de nome José Careto *Berenguel*. São casos do grupo da alínea *b)*.

Vejamos agora o reflexo dêsses nomes pessoais na toponímia.

Temos à frente de todos **Beringel** ou **Bringel**, lugar e freg. do conc. de Beja. Deve o seu nome ao mencionado *Suario Birĩgel*, testemunha no doc. de 1162. Êsse indivíduo, em ano incerto, fundou no têrmo de Beja, em terreno que já era ou passou depois a ser do rei, um mosteiro que foi núcleo da futura povoação. Em Julho de 1259 (e não em 1255, como se lê no *D. G.* II, 168) D. Afonso III doou aos monges de Alcobaça o seu «reguengo» chamado *mosteiro de Soeiro Beringel* e em 1261 o bispo da diocese autorizou a construção de uma igreja nesse lugar (Vid. Rui de Azevedo, na *Hist. da Expansão Port.*, I, 58); no ano seguinte o doador constituíu aí também um município sob o dito nome de *Beringel*, a que deu foral *(For.*, 703), município que durou até à época liberal. Um doc. de 1473 dá-nos mais dêsse nome a forma *Bringel* (Aires de Sá, *obra cit.* I, Docs. p. 373). O censo de 1527 traz *Birymgell (Cad.*, 40). Outros topónimos, que nasceram do mesmo nome pessoal, são ainda:

Beringel, lugar da freg. do Ameixial (Loulé) segundo o *D. G.* II, 169; e quinta na freg. da Oliveira (Guimarães) à saída para Fafe, chamada por êrro *Bringuel* no *N. Dic. Chor.* de Cardoso de Azevedo.

Bringel, ant. casal da freg. e conc. de Castro-Verde, segundo o mesmo *D. G.*, II, 286. Hoje há nessa freguesia apenas o diminutivo **Bringelinho**, que designa um lugar dela, meeiro com a freg. dos Padrões, que no *Dic. Postal* se ortografa *Beringelinho*.

Bringel, sítio e campo, que conheço em Cidadelha, freg. de Santa-Maria-de-Avioso (Maia). Na matriz rústica respectiva tem a grafia *Brigel*...

Brinzel, casal na freg. de Fermentões (Guimarães), segundo a *Chor. Mod.*, II, 477.

Belenzel ou **Belanzel**, lugar na freg. e conc. de Proença-a-Nova, que o *D. G.*, II, 675, chama *Cazal de Balanzel*, mas que deve ter sido antes * *Berengel*.

Nestes dois últimos nomes *-g(e)-* passou a *-z-* como em

virze, *rezisto*, *alzibeira*, formas populares por *virgem*, *registo*, *algibeira*.

Finalmente: — **Veringueira**, lugar na freg. de Aldeia do Carvalho (Covilhã) citado no *Censo das Povs.* de 1911, — e **Berengeira**, pov. da freg. de Martim-Longo (Alcoutim), no séc. XVIII, nomeada no *Port. Ant. e Mod.*, V, 101, reproduzem formas femininas do nome aqui versado.

88. Carmões — Caramão

Carmões é povoação e freg. do conc. de Tôrres-Vedras, na *C. P.*, III, 22, dita *Carmòins*. Com pretensões etimológicas escreve dela o P.e L. Cardoso no *D. G.*, II, 446: «*Carmoens* ou *Clamores*, como se chamou antigamente». Mas isto é falso, apesar de se ter posteriormente repetido muitas vezes, sem reflexão, — porque mais de 200 anos antes, no censo de 1527, já o nome pleno desta povoação era *Aldea dos Carmões (A. H. P.* VI, 254). O P.e Cardoso ou o seu informador pensaram, como origem do topónimo, no plural de *clamor*, «procissão de preces», que popularmente se diz *cramol* e *caramol*. Na verdade esta palavra tem reflexos na toponímia: há **Caramol**, nome de lugar na freg. de S. Pedro do Sul, e nome de um outeiro com marco geodésico no conc. de Mortágua, segundo a carta do país de 1 por 100.000, fl. 13. Também há uma serra ou monte do *Caramadoiro* em Ribeiradio, nome sinónimo, de que já falei nesta revista, vol. XVII, p. 128. Na Estremadura, porém, onde fica *Carmões* não se usam tais designações, que são aí substituídas por *cirio*. O étimo verdadeiro dêsse topónimo é outro. Trata-se do plural de um ant. apelido *Carmão*, vindo do Entre Douro e Minho para o Sul, talvez no séc. XIII. Nas inquirições de 1258 aparece, no têrmo de Faria, um *Dominicus Carmõ*, de Sonim *(Nova Malta*, I, 307); e nas de 1220 há também por aí um *Gunsalvo Carmon*, dono de uma «hereditate» *(Inq.*, 109, col. 2.a). Como êste apelido surge numa região em que *l*, sobretudo antes de consoante, se transforma em *r*, pode supor-se que *Carmon* seja simples variante de *Calmon*, apelido com que aparece também v. g. um *Menendo Calmon* em doc. de 1195 *(D. C. e C.*, V, 86) e que ainda no séc. XVIII usam dois escritores nossos, segundo o dicionário *Portugal*, s. v.

Na freg. da Ajuda em Lisboa havia, e creio que há ainda, um **Casal do Caramão** (por outro nome dito *Casal do Gil)* que figura no *Dic. Postal* e na *Chor. Mod.*, cujo determinativo representa o mesmo apelido *Carmão* com anaptixe de um *a*, como nas formas populares *caravão, Caramona, carapinteiro*, por *carvão, Carmona, carpinteiro*.

Apetece chamar finalmente aqui à colação, para o emparceirar com o anterior, o topónimo **Carramão** (lugar de freg. de Candoso — Guimarães), já com esta grafia no *D. G.*, II, 453, no qual, se não há ilusão, se observará o mesmo refôrço do *r*, a que me referi no precedente artigo 86, a propósito de *Estarreja*.

89. Enxarrique

É assim que se chama um pequeno rio que, encorporado com o Lucriz, entra no Tejo em Vila-Velha-do-Ródão. Cfr. *Port. Ant. e Mod.*, XI, 1080. Na *Nova Carta Chor. de Port.*, do Marquês de Ávila e de Bolema, II, 373-4, lê-se *Euxarrique*, mas julgo que nesta forma há êrro do primeiro *u* por *n*.

Êste nome, com a grafia *Exarec* e para designar o pôrto existente na foz do sobredito rio, vem já na carta de doação da terra de *Guidimtesta* ou *Belver* à Ordem do Hospital, em 1194: *portum de Exarec ubi Liquariz ingreditur Tagũ*, isto é, «pôrto do Enxarrique, onde o Lucriz se mete no Tejo» *(Nova Malta*, I, 151-2).

Êle representa certamente o ant. vocábulo hispânico *exarique* (variantes *axarique* e *xarique*, nos docs. espanhóis) «parceiro agrícola; colono (servo ou não) que cultivava uma propriedade e, como remuneração, tinha participação nos rendimentos dela», que provém do ar. *ax-xaric*, «o parceiro ou sócio». Vid. Eguíląz y Yanguas, *Glosar.* cit., s. v.).

Sôbre o refôrço do *r* na forma *Enxarrique*, cfr. J. J. Nunes, *Gram. Hist.*, 2.ª ed. p. 00, e vid. o que atrás disse a propósito de *Estarreja*. Por outro lado, a passagem de *ax*- arábico a *enx-*, antigamente *eix-*, é em port. perfeitamente normal e análoga à que se observa em *enxoval, enxaqueca, enxeco*, etc.

Em eras remotas deve ter havido um casal, uma herdade ou outra propriedade dita *do Exarique*, junto da foz ou pôrto do aludido rio ao qual êste nome determinativo passou com o decurso do tempo.

Quanto ao sentido, cp. os nossos topónimos *Casal do Parceiro*, em S. Jião (Seia), *A do Parceiro*, na freg. de S. João dos Montes (V. F. de Xira). Há no país outros lugares chamados *Parceiros*, no plural.

É de notar que, no S. do Alentejo (Serpa), se usa ainda, segundo o Sr. Pombinho Júnior, o vocábulo comum *enxerrique*, mas no sentido de «pequeno rendimento *acessório* de outros, achega»: *F. arranjou naquele negócio um bom enxerrique (Rev. Lus.*, XXXV, 157). Êste vocábulo tem claramente a mesma origem do topónimo supra.

90. Casteição — Castainço

Casteição é nome de uma freg. do conc. da Mêda, que também se ouve dizer *Castreição*. Foi antigo conc., que teve foral em 1196 *(For.*, 501), no qual dezenas de vezes o seu nome se lê *Castaicion;* mas é curioso verificar que Franklin, na conhecida *Mem. para servir de índice dos forais*, 2.ª ed., pp. 13 e 261, o inscreve sob a forma *Castreição*. As inquirições do séc. XIII trazem também *Crastaiçom* e *Castreiçom (M. H. I.*, 85 e Doc. 49), sendo a epêntese do *r* devida a analogia com outros nomes de terras em que figura a palavra *Castro* ou *Crasto*. No censo de 1527 é *Casteyção* ou *-çam (Cad.* 115); na *C. P.* II, 310 e no *D. G.*, II, 510, já tem a forma actual.

O étimo é claramente o lat. vulgar *castaniceone-, aumentativo de *castanicea sc. arbor, «castinça ou castinceiro, castanheiro bravo, não enxertado». Tôda a região de *Casteição* é muito abundante de castanheiros. No vizinho conc. de Penedono fica outra freg. de nome **Castainço**, no censo de 1527 dita *Castajmso* com *s* por *ç (Cad.*, 119), o qual provém do masculino daquele lat. vulgar *castanicea, também representado no ital. dialectal *castagniccio*. Cfr. *R. E. W.* n.º 1742. Quanto à forma aumentativa do primeiro topónimo, comparem se os nossos nomes de lugares congéneres: *Castanheirão* (Fundão), *Carvalhão* (Barcelos e Pombal), *Sobrão* e *Sobreira Gorda* (Paços-de-Ferreira e Monchique), *Pinheiro Grande* (Chamusca), *Pereirão, Faião*, etc.

91. Gervide — Margonça

Reúno êstes nomes pelo tratamento similar que, no decurso dos séculos, sofreu a sua parte inicial.

Gervide é nome de lugar na freg. de Oliveira-do-Douro (Gaia), que nada tem que ver com antropónimos da raiz germânica *ger-*, como supuseram os Srs. G. Sachs e J. M. Piel. As aparências actuais iludem... Como no séc. XIII a forma dêsse nome de lugar era *Argevide* e *Argevidy (Corpus Codicum*, 176 e 180) o seu étimo verdadeiro deve estar em **Argeviti* sc. *villa*, «quinta de um indivíduo chamado Argevito».

A mesma explicação serve para **Gervide**, lugar hoje da freg. de S. Gens (Fafe), mas antigamente da de Esturãos, que é contígua, ao qual as inquirições de 1258 chamam *Argevedi (Inq.*, 615, 2.ª); — e deve servir igualmente para outros topónimos homógrafos nos concs. de Guimarães, Castelo-de-Paiva e Pêso-da-Régua, de que não tenho abonações antigas.

Na Galiza há também *Argevid* (Lugo), em doc. de 1017 *Argiviti*, topónimo que Sachs, obra cit., pp. 66 e 117, menciona mas não aproximou o nosso *Gervide*, julgando-os erradamente nomes diversos.

O nome pessoal *Argevitus*, de origem germânica indubitável, é sob a grafia *Argiovitus*, o de um bispo do Pôrto, que regeu a diocese de 585 a 610 (Mgr. Ferreira, *Mems. Arch.-Hist. da cidade do Pôrto*, I, 75 e 89) e sob a forma românica *Argiuido* aparece num doc. nosso muito incorrecto de 1021 (*D. et Ch.*, n.º 248). O seu 1.º elemento formativo, *Arge-*, é o mesmo que entra nos antropónimos *Argericus, Argemirus, Argemundus*, etc. e sôbre cujo sentido opinam vàriamente os germanistas (cfr. L. de Vasconcelos, *Antrop. Port.*, 30); sucede o mesmo com o 2.º elemento, latinizado *vitus* ou *witus* (com um só *t*, note-se bem, para explicar a sonorização em *d)*. Êste elemento não parece ter entrado em muitos nomes conservados na toponímia peninsular. Sachs descobriu apenas três—*Argevid, Gervide* e *Mondavide* (Lugo), que afinal se reduzem a um só, pois os dois primeiros são idênticos, como vimos, e o último não pertence à espécie: é uma designação inteiramente românica, galega, que está por *Mon(te) da Vide*, isto é, da videira, comparável — quanto à redução da primeira palavra, a *Monforte, Monsanto, Monreal*, — e pelo determinativo *da Vide*, aos nossos topónimos *Castelo de Vide, Cabeço de Vide* (ditos ambos antigamente *da Vide), Rio de Vide, Casal da Vide, Monvides, Videmonte* (ant. *Vide do Monte)*, etc.

Quanto à evolução fonética da forma mais antiga *Argevide* para a actual, entendo que aquela se tornaria primeiro **Agervide*, com metátese do *r*, dando-se depois nesta a aférese do *a* inicial, que foi tomado pelo artigo. Por êsse processo é que o nome comum *urgebão*=*orgevão*, através de *ogerbão*, se reduziu a *gerbão*, *gervão* ou *girbão*. Vid. tôdas estas variantes no *Novo Dic.* de C. de Figueiredo.

Outros topónimos em que se deu, segundo parece, facto idêntico ao de cima, são — **Germil**, que designa um lugar da freg. de Viariz (Baião), ao qual o *Dic. Postal* atribui também a forma *Argemil*, que seria assim a primitiva, assentando esta em **Argemiri* sc. *villa*, «quinta de Argemiro», — e talvez ainda **Germunde**, em Pedorido (Castelo-de-Paiva), que apesar de dito já *Germondi* no séc. XIII *(Corpus Codicum*, 424), pode muito bem representar uma primitiva *villa *Argemundi*, «quinta de Argemundo».

Caso de redução semelhante de *Argevide* > *Gervide* é o que se deu com *Hermegonza*, velho nome de um lugar que hoje se diz **Margonça** na freg. de Cucujães (Oliveira-de-Azeméis) e figura já em doc. de 1135: «de villa de Bazar XII.ª integra et uno casal de *Hermegonza*» (D. H. P. n.º 173). *Bazar* é hoje *Baçar* na vizinha freg. de Castelões de Cambra. Na carta de couto de Cucujães, de Julho de 1139, dá-se-lhe igualmente o nome de *Ermegonza (D. H. P.* n.º 183; D. Abiah Reuter, *Docs. da Chancel. de D. Afonso Henriques*, p. 125-6). A base dêste topónimo é aqui o nome medieval de mulher *Ermegundia*, que aparece nos documentos desde o séc. X, nem só com essa forma primitiva, mas também com as variantes — *Ermecundia, Heremicundia, Ermeconza, Ermegunza, Ermegonza* e *Hermegonça*, arroladas tôdas no *O. M.* Sôbre o respectivo sentido vid. a citada *Antrop. Port.*, 50, e J. J. Nunes na *Rev. Lus.*, XXXII, 115-16.

Entre a forma toponímica mais velha *Ermegonza* e a actual *Margonça* deve ter havido duas intermédias, que não são menos certas pelo facto de não estarem documentadas: **Armagonça* e **Amargonça*.

Resulta do exposto, que a solução etimológica de *Margonça* pelo hipotético nome de mulher **Margundia*, assente pelo Sr. Dr. J. M. Piel, obra cit., n.º 939, não tem aceitabilidade.

92. Quetriz — Guetiz — Güíde

Numa investigação séria da antroponímia peninsular de procedência germânica é preciso distinguir do elemento formativo *vitus* = *witus*, a que me referi no número anterior, um outro mais prolífico do que aquêle, latinizado *wittus*, com dois *tt*, que nem sempre aliás aparecem nos documentos, mas que se perpetuam no *t* actual dos derivados toponímicos. Êste outro elemento, seja qual fôr o seu significado, com cujo apuro me não detenho, é o que entra v. g. no bem conhecido nome pessoal ant. *Alvito (Aluitus, Aloytus)* e em outros como *Eloito, Androitus, Sesuito* arrolados no *O. M.*, e nos nomes dos reis visigodos *Wittericus* ou *Wittiricus* (601 a 610) e *Wittiza* (697 a 710), nos nossos diplomas medievais escritos ordinàriamente com *U* inicial em vez de *W*, e às vezes com *V*.

Êstes últimos dois nomes são a base dos topónimos *Quetriz* e *Guetiz*, de que vou falar.

Quetriz, é lugar da freg. do Pinheiro (Oliveira-de-Frades), que o censo de 1527 diz *Catriz (Cad.*, 177). No *Livro da Fazenda* da Universidade, ùltimamente impresso, e que é de 1570, lê-se *Quitriz*, a pág. 299. Mas as inquirições de 1258 dão-nos a forma mais pura, *Gueteriz (Inq.*, 913, 2.ª), o que nos leva a emparelhar êstes topónimos com os galegos *Guitiriz* (Lugo e Corunha), *Guitriz* e *Vitiriz* (Corunha).

O étimo comum será, pois, *Witterici* sc. *villa*, «quinta de um certo Viterico». Dêste nome pessoal recolheu Cortesão no *O. M.* o patronímico *Uitirizi*, registrando também uma forma *Gucterizi*, que julgo êrro de leitura do doc. ou de impressão por **Gueterizi* (*c* em vez de *e*) e que corresponderá àquêle, em época mais moderna. É de lembrar que o *w* inicial germânico quási uniformemente está representado em port. pela gutural *g(u)*, raras vezes por *v*.

Na sucessão *Gueteriz* > *Quetriz* houve troca dessa gutural sonora pela surda correspondente (*c* = *q* = *k*), fenómeno de que a onomástica oferece mais exemplos. Assim, entre os nomes de lugares, temos: — **Contumil** (Pôrto), no séc. XIII *Gontimir (Inq.*, 312); **Contige** em Vila-da-Igreja — Satão, que é *Gontigi* em 1258 *(Inq.*, 778) e não assenta no hipocorístico *Gundiza*, como quere Sachs, obra cit. 61, mas sim no genitivo do antropónimo *Gontuigius*; **Quimbres** (Coimbra), que

não é senão variante de **Guimbres** (Póvoa-de-Varzim) e representa decerto um dos patronímicos do nome pessoal *Quimara* = *Guimara* (e *Uimara*) vulgar nos nossos docs. medievais. Na antroponímia arcaica, além dêste último, podem citar-se os casos do apelido *Consálbiz*, ainda popular em algumas regiões por *Gonçalves*; de *Quedazi* = *Guedaz* (e *Uetazi*), patronímico de *Gueda*; e dos nomes *Quizoi* = *Kizoi* = *Guizoi* (e *Uizoi*), *Carcia*, *Cotierre*, etc. constantes todos do *O. M.* Menéndez Pidal, *Orígenes del español*, 2.ª ed., 330, assinala e documenta factos idênticos em antigo espanhol.

Guetiz por sua vez é lugar da freg. do Torno (Lousada), segundo a *Chor. Mod.* e o censo de 1911. O *Dic. Postal* chama-lhe *Gatiz*, variante comparável à de *Catriz* para *Quetriz*. Das duas formas dêste único nome fêz o Sr. Piel, obra cit. n.os 557 e 778, dois nomes diversos, relacionando o primeiro com a raiz de *Guedes* (o que não é aceitável por causa do *t)*, e o segundo com uma hipotética raiz gótica *Gatt-*, a que se aporia o suf. patronímico *-ici* (o que não é aceitável também, porque tal sufixo é átono e devia dar *-ĕz* não *-iz)*. O étimo que considero verdadeiro de *Guetiz* está no genitivo latino *Wittizae* sc. *villa*, «quinta de um indivíduo chamado Vitiza». Do séc. X há abonações dêste nome no *O. M.* com as formas *Vitiza* e *Vittize*. Êle produziu também na Galiza o topónimo *Guitizá* (Corunha), que porém assenta no seu acusativo latino-gótico *Wittizane-*, como já disse Sachs, obra cit. 101.

Outro topónimo, que pertence ainda à mesma família, é **Gatiande**, lugar da freg. de Macinhata-de-Seixa (Oliveira-de-Azeméis), que nada tem com a aludida raiz *Gatt-* como supôs o Sr. Piel. A comparação dêsse nome com o galego *Guitiande* (Corunha), postula claramente para étimo de ambos um genitivo antroponímico *Wittenandi* sc. *villa* «quinta de um indivíduo chamado *Vitenando*», como disse já Sachs, quanto ao topónimo galego. *Wittenandus* é nome binário germânico comparável pelo 1.º elemento ao sobredito *Witterícus* e pelo 2.º a *Fredenandus*, Fernando, etc. Não figura no *O. M.*; mas êste glossário consigna um *Victenando*, que considero grafia imperfeita dêle em doc. de 1037, e outro *Ketenando*, em doc. de 993, que equivalerá a ** Guettenando* e será variante de aquêle, de acôrdo com as equivalências acima indicadas, quanto à inicial: *Uimara* = *Guimara* = *Quimara*, *Uizoi* = *Guizoi* = *Kizoi*, etc.

Para terminar êste artigo hei-de dizer que Sachs, loco

cit., não tendo em conta a distinção a que me referi no começo dêle, arregimentou equivocadamente com *Quetriz* < < *Gueteriz*, sob a raiz gótica *weit*, os nossos topónimos *Guidões* e *Guide*.

Em face das regras fonéticas da formação do português, é desde logo evidente, como já notei, que aquêles nomes com *t* não podem ter a mesma origem dêstes com *d*. Mas deixando por agora *Guidões*, tratarei só de *Guide*, freg. do conc. de Mirandela, a respeito do qual a equivocação sobe de ponto porque, contra o que supõe o autor alemão (e até alguns nacionais) êsse vocábulo é trissílabo, pronuncia-se *Gu-íde*, e portanto deveria escrever-se *Güíde*, ou melhor ainda *Goíde*.

Na verdade, um doc. de 1199 e outro de 1435 chamam-lhe dessa forma, *Goide* (*D. C. e C.*, III, P. 2.ª, 114; *O Instituto*, de Coimbra, LVI, 490); o censo de 1530 diz, ainda mais nìtidamente, *Gohide* (*A. H. P.*, VI, 268); nas inquirições e docs. do séc. XIII vem vàriamente *Guydi*, *Goidy*, *Guidi*, *Goidi* e até *Guido* (*Nova Malta*, I, 240, 241, 242 e 245 nota). É claro, assim, ao menos para mim, que o étimo respectivo deve estar no genitivo do nome pessoal, que tem a forma *Gogito* em doc. de 1012 (patron. *Gogidiz* em um de 1017) e é *Goydo* e *Goido* em outros mais tardios (*O. M.*), isto é, estará em *villa Gogiti*, «*quinta de Gogito*». Estamos, como se vê, muito longe da raiz *weit*...

Creio mesmo, afinal, que aquela grafia *Gogito* só nos encobre a forma viva *Gogido*, e esta não é senão etapa evolutiva de um primitivo *Godegildus* a que já me referi atrás. — Sendo assim, lá se vai a pretensa raiz *Gog-*, a que alude o Sr. Dr. Piel, obra cit. n.º 625, e ficam também sem qualquer consistência as ligações que o saüdoso Mestre Dr. Leite de Vasconcelos presumiu quer do nome *Goydo* com o ant. alto alemão *wit*, «amplo», quer do nome *Gog-ito* com o gótico *Gaivi*, «distrito», na *Antrop. Port.*, pp. 39 e 352.

Acrescentarei ainda que o nome, que gerou *Güíde* = *Goíde* deu também nascimento aos topónimos **Gogido** (Arcos-de-Valdevez) e **Gogide** (Terras-do-Bouro), os quais estão para aquêle, quanto à conservação da palatal, — como o topónimo **Cagide** (Vila-Verde), que provém do nome pessoal *Cagidu* = *Kagito* consignado no *O. M.*, com a forma *Kagildus* e *Cagitus* nos documentos medievais espanhóis, segundo o *Ensayo* de Godoy Alcântara, está para **Caíde** (Lousada e Guimarães);

— como o topónimo **Fagilde** (Barcelos, Vieira, etc.), que assenta no nome pessoal *Fagildus*, está para **Failde** (Bragança) e **Fail** (Viseu); — e ainda como o topónimo **Tágilde** (Guimarães, Paredes, etc.) que deriva do antropónimo *Attanagildus*, está para **Talde** (Póvoa-de-Lanhoso) e **Ataíde** (Amarante). Cfr. sôbre o assunto J. J. Nunes, *Gram. Hist.*, 2.ª ed., 182.

93. Queiriz — Quires — Queiriga — Quiraz

Já está dito por outrem que o topónimo **Queiriz**, que designa uma freguesia do concelho de Fornos-de-Algodres, (em 1258, nas *Inq.*, 792, escrito já com essa grafia e com a de *Queyriz)* e um lugar da de Agilde, concelho de Celorico-de-Basto, provém do genitivo do ant. nome pessoal germânico *Quedericus*, — e que o topónimo **Queiriga** provém, por sua vez, do respectivo feminino *Quederica*. Cfr. L. de Vasconcelos, *Opusc.*, III, 287 e 319, e G. Sachs, *obra cit.*, 79. Aquêle genitivo aparece como patronímico no nome de mulher *Ero Quederici*, em doc. nosso de 987 *(D. et Ch.*, n.º 142); outro espanhol de 1064 nomeia um *Pelaio Kederikiz*, com uma variante dêsse patronímico (Godoy Alcântara, *Ensayo*, cit., 239).

O nome pessoal *Quedericus* deve ter sido, de início, uma simples e comezinha alcunha significando «rei da barriga», isto é, «pessoa notável pela sua grande barriga». Interpreto o 1.º elemento *Quede-* ou *Quide-* pelo gótico *qithus*, barriga (cp. *Frede-* ou *Fride-*, em *Fredericus*, que provém do gót. *frithus*, sossêgo, boa paz) e o 2.º, o vulgaríssimo *-ricus*, pelo gót. *reiks*, rei, divergindo assim de Sachs, *obra cit.*, 79, que prefere ligar aquêle 1.º elemento ao gót. *qithan*, falar.

Em muitas expressões vulgares a palavra *rei*, como aqui, não tem pròpriamente o sentido de «soberano», mas aplica-se ao «indivíduo mais notável entre os da sua classe ou condição», v. g. *rei da pilhéria, rei dos mandriões, rei dos animais, rei do petróleo*, etc. Em casos iguais, os árabes empregam em vez de *rei* a palavra *pai (abu)*, e assim dizem *Abu-querxe*, «pai da barriga» para alcunhar um homem barrigudo (Sousa, *Vestígios da l. arábica*, 2.ª ed., 4). A opulência abdominal tem sido desde sempre uma abundante fonte antroponímica. *Pantex*, pança, já soa entre os cognomes romanos; *Wamba*, seu sinónimo, foi um ilustre rei visigodo

(séc. VII); nos docs. medievais espanhóis colheu Godoy Alcântara os nomes Petro *Ventre* e Martin *Panza,* homónimo êste do imortal Sancho *Panza,* que escudeirou o Cavaleiro da Triste Figura; em França são vulgares *Pansu* e *Pansard* e na Alemanha *Bauchig,* «pançudo»; entre nós os apelidos e alcunhas *Barriga, Barrigudo, Barrigana, Barrig'ancha* e *Pança* figuram na *Antrop. Port.*, 199, 201, 489 e 629; em doc. de 1268 nomeia-se um Dominicus Petri *Ricus de ventre (Livro dos b. de D. João de Portel,* 107); e algures encontrei também como apelido-alcunha nosso *Bandouva* (bandulho), no séc. XIII ou XIV.

A existência do ditongo *ei* em *Queiriz* parece indicar que entre esta forma e a etimológica *Quederici* houve uma 3.ª forma **Quedrici,* cujo *d* se vocalizou em *i,* como no lat. vulgar *cathĕdra,* que deu *cadeira.* A mesma explicação serve para o topónimo **Freiriz** (Vila-Verde), que vem de *Frederici,* sc. *villa* «quinta de Frederico».

*

* *

Apesar da diferença actual de acento tónico, são fundamentalmente idênticos ao de cima os dois topónimos seguintes, a que nem o Dr. Leite nem Sachs se referiram, e aos quais aliás pertencem as formas antigas, que êste último aduz e atribui a *Queiriz:*

Quires, ant. lugar, hoje simples quinta na freg. de Vila-Nova-da-Telha (Maia), na raia com o conc. de Vila-do-Conde. É esta a *villa Quederici* mencionada no doc. n.º 79 dos *D. et Ch.,* do ano 960.

Quires, lugar da freg. de Vila Nova de *Quires,* conc. de Marco-de-Canaveses, a que se referem muitos docs. antigos. Um de 1118 fala já de *Villa Bona de Queiriz* (B. B. B. U. C., IV, 174); outro de 1167 diz *Queeriz* e *Queriz,* tal qual como as inquirições de 1258 *(D. H. P.,* n.º 216; *Inq.* 589, 595); outro do séc. XIII, traz *Vila Bôa de Queiriz (Nova Malta,* I, 325); *Quiriz,* diz outro de 1306 *(O Arch. Port.,* X, 208). É ainda *Queyryz* no censo de 1527 *(A. H. P.,* III, 258); mas no fim do séc. XVII, na *C. P.,* I, 396, vem já *Quires.*

Qualquer dêstes dois topónimos se pronunciou, pois, *Queiriz* e *Quiriz,* com acento tónico na última sílaba, até fins

do séc. XVI. Sôbre a redução do ditongo átono *-ei* a *i* nesta última forma, vid. J. J. Nunes, obra cit., 80. A retracção posterior do acento, na passagem de *Quiriz* para *Quíres* deve resultar do emprêgo dêsses nomes em próclise, sendo portanto um caso análogo ao do nome de mulher *Beatriz*, que se fêz popularmente *Brites*, nessas condições, mediante as formas intermédias *Brietíz* e *Britíz*. Cfr. o meu estudo *Sobre o nome Càmões*, p. 23 (separata da *Biblos*, vol. III) e L. de Vasconcelos, *Opusc.*, III, 87.

Quanto ao topónimo **Queiriga**, freg. do conc. de Vila-Nova-de-Paiva, é na verdade tentador aproximá-lo, como fêz o Dr. Leite, do de *Queiriz* e do antropónimo que gerou êste. Seria, assim, um caso a emparelhar com o de **Mouriga** (Melgaço) em face de *Mouriz* e *Mourigo*, provenientes do antropónimo *Maurigo*; com o de **Lòriga** (Seia), no séc. XIV *Louriga*, em face de *Louriz*, *Luriz* e *Lorigo*, provenientes do antropónimo *Loderigu* = *Leodericus*; com o de **Senceriga** ou *Sanceriga* (Póvoa-de-Lanhoso) em face de *S. Ceriz*, em 1319 *Sanceriz*, derivados provàvelmente do nome pessoal, que no *O. M.* aparece escrito *Cencerigu*; com o de **Rodriga** (Barcelos) em face de *Ròriz*, ant. *Rodoriz*, e *Roiriz* provenientes do nome pessoal *Rodrigo*, ant. *Rodericus*, etc. Mas apesar de têrmos já *Queiriga* em vários docs. medievais (*Nova Malta*, I, 518-20) até usado como apelido na região de Ferreira-de-Aves, que é vizinha, em doc. de 1292 (*Rev. Lus.*, VIII, 44), a mais velha grafia que do nosso topónimo recolhi é *Cayriga*, nas inquirições de 1258 (*Inq.* 876) o que deita muita água fria naquela fervura... O mais prudente, pois, enquanto não aparecerem outras provas decisivas, é apenas presumir que *Queiriga* representará a forma feminina de um dos numerosos nomes pessoais em *-rigo*, usados na Idade-Média. A forma *lar* (por *lugar*) *das Coyrigas*, que vem no censo da Beira de 1527 (*Cad.* 135) não merece confiança alguma; êsse censo, conforme foi publicado, está inçado de formas horrorosamente deturpadas.

O Sr. Dr. J. M. Piel pretendeu dar outra explicação mas não foi feliz, a meu ver: «*Queiriga*, diz êle, é a forma feminina do nome medieval *Quiriaco* (ano de 952) *Quiriagus* (ano de 882), que não passa do nome grego-latino *Quiriacus*, em português *Ciríaco*. Em grego *Kyriakós*, tirado de *Kyrios*, senhor». Vid. Fonseca da Gama, *Terras do Alto Paiva*, 346; Lamego, 1940.

Na verdade, aquêle antropónimo adjectival grego *Kiriakós* (correspondente ao latino-cristão *Dominicus*, Domingos) que primeiro foi adoptado em latim sob a forma regular *Cyriăcus*, teve mais tarde uma nova adopção sob a forma *Quiriacus*, de que o *O. M.* recolheu as abonações, em que o distinto professor baseia a sua etimologia.

Devo dizer, com franqueza, que tal base é fonèticamente inaceitável. E não o é só porque *Quiriaca*, mesmo fazendo tónica a sílaba *-ri*, como êle faz, levado pela música de *Cyriăcus*, não pode explicar o ditongo de *Queiriga* (em 1258, *Cayriga)*. Há pior. É que averiguadamente o *a* de *Quiriacus* (e assim o de *Quiriaca)* era longo em latim vulgar e portanto o acento tónico da palavra estava na penúltima *-ācus*, pelo diapasão de *aegyptiācus, armeniāca*, etc., que tinham também essa prosódia (cfr. o *R. E. W.* de M. Lübke, s. v v.) apesar de serem proparoxítonos em lat. clássico.

A prova plena disto está, como em tantos outros casos, na toponímia. Um doc. nosso de 1081 *(D. et Ch.*, n.º 595) menciona dois topónimos, que contêm êsse nome em genitivo, ambos sob a forma *villa Quiriaz*, a qual manifestamente encobre e postula **Quiriāci*: uma das *villas* ficava «inter Limia et Katavo» e é hoje **Quiraz**, freg. do conc. de Barcelos; e a outra ficava «inter Ave et Durio» e é agora **Quiraz**, lugar da freg. de S. Pedro-de-Avioso (Maia). Além dessas, há outra **Quiraz** no conc. de Vinhais, — sem contar **Criaz** (Esposende e Barcelos), já com esta forma em 1220, e que parece proceder do mesmo **Quiriaz* com perda da pretónica, como em *crela, crena, prigo* (pop.) por *querela, querena, perigo*. O fenómeno é antigo, pois já em lat. vulgar se dizia **critare* por *quiritare* (Grandgent, *Introd. al lat. vulgar*, trad. esp., § 229).

Ora concluindo, — como será possível derivar *Queiriga* de *Quiriāca*?

94. Dine — Nace

Dine, freg. extinta e hoje simples povoação da de Fresulfe (Vinhais), é dita nas inquirições de D. Afonso III, séc. XIII, *Digni, villa de Digne* e *Sancta Maria de Dino (Nova Malta*, I, p. 509; *O Instituto* de Coimbra, LVI, 96; LVII, 382 e 442). No censo de 1530 *Dyne (A. H. P.* VII, 266).

A sua etimologia é claramente *villa Digni*, «quinta de um certo Digno». O nome pessoal latino-cristão *Dignus*, fem. *Digna*, foi muito vulgar. A Igreja canonizou pelo menos

quatro *Dignas*, uma delas mártir em Córdova, em 853. Em docs. nossos de 922, 937, 1059 e 1080 figuram pessoas de nomes *Dignus*, *Dignus* presbiter, *Digno Baltárit*, Sussanna *Digni* filia (*D. et Ch.*, números 26, 44, 420 ante-penúltima linha de p. 259, e 586).

Em lat. vulgar, contràriamente ao clássico, *dignus* tinha *i* longo (Grandgent, *obra cit.*, § 172) o que explica que não tenha passado a *e*. Quer por êsse facto, quer pela evolução do grupo intervocálico *-gn-*, com simples assimilação do *g* ao *n* em vez da regular palatalização dêste, vê-se que a formação do nosso topónimo foi muito tardia. Cfr. J. J. Nunes, *obra cit.*, 127.

Outra formação toponímica que, pelo tratamento fonético idêntico do mesmo grupo de consoantes, se vê também ser tardia, oferece o nome *Nace*, lugar da freg. de Calvos (Póvoa-de-Lanhoso), erradamente escrito em geral *Nasse*.

No séc. XVIII o *D. G.*, II, 374, escreve *Nasce*, como também se fêz no censo de 1911. Mas no censo de 1527 (*A. H. P.*, III, 253) vem a forma *Alldea de Enaçe*, a qual nos conduz sem dúvidas ao étimo respectivo, que é *villa Egnatii*, «quinta de um indivíduo chamado *Egnacio* ou *Inacio*». Deparou-se-me em doc. do séc. XII outra grafia ainda mais expressiva, mas não a acho agora, nem é indispensável.

Sôbre o antropónimo *Egnatius* = *Ignatius* vid. L. de Vasconcelos, *Opusc.* III, 98, e A. Bongioanni, *Nomi e Cognomi* 133. Quanto à queda do *e* átono inicial de *Enace*, é fenómeno igual ao que se deu em *namorar*, *pitafe*, *cris* por *enamorar*, *epitáfio*, *eclipse*, etc.

Na Galiza há, de formação igual à do nosso, o topónimo *Naz de arriba* (Lugo).

95. Camondos

Lugar da freg. de Arranhó (Arruda-dos-Vinhos). Variante *Camondes*. No *Dic. Postal* vem **A dos Camondos**, que é a forma toponímica mais completa. No séc. XVIII o *D. G.*, I, 55 e 589, diz *A dos Comondos*, e o *Mappa de Portugal* de J. B. de Castro (3.ª ed., III, P. V, p. 307) traz *A dos Comundos*.

Esta formação toponímica pertence a um tipo, que estudei já nesta revista, vol. 33, p. 264 e segs., do qual no conc. de Arruda ocorrem mais exemplos: — *A dos Arcos*,

A do Barriga, A de Mourão, A do Baço, todos arrolados no censo de 1911.

Em **A dos Camondos** o determinativo representa o plural do antigo apelido *Camondo,* que aparece usado v. g. em 1258 por um *Suério Camondo* (*Inq.*, 319), em 1284 por uma mulher, *Boa Camonda (Corpus Codicum,* 525), etc.

Em docs. espanhóis assume êsse apelido a forma *Camundo:* segundo Godoy Alcântara (obra cit., 102), no séc. XII o 5.º arcebispo de Compostela chamava-se *Pelagius Camundus;* Menéndez Pidal cita um doc. de 1153 em que o mesmo nome tem a forma *P. Camúndez (Origenes,* 301).

E já no séc. VI o historiador Jornandes se refere a um certo *Camundus,* o qual, apesar de qualificado de «dux Romanorum», era provàvelmente de raça germânica, porque o seu nome parece conter, na parte final, o vulgar elemento antroponímico germânico *-mundus.*

As inquirições de 1258 mencionam no Norte do país um outro topónimo idêntico ao aqui tratado — *Casal dos Camondos,* na freg. de Chorence, conc. de Terras de Bouro (*Inq.*, 422).

(Conclusão e índice no volume seguinte).

Figueira-da-Foz, Abril de 1943.

JOAQUIM DA SILVEIRA.

SUBSÍDIOS PARA O VOCABULÁRIO PORTUGUÊS

Aproveitando a generosa hospitalidade da Revista Lusitana, *vamos continuar a edição dêstes notabilíssimos subsídios, que seu autor começou a publicar na revista* Brotéria, *em 1925 (Segunda série — Fé, Ciências, Letras — Vol. I, pág. 29. Caminha, 1925).*

Êsse trabalho prosseguiu-o pessoalmente até à sua morte, em La Guardia — Espanha, a 30 de Janeiro de 1927.

A redacção daquela revista continuou a estampa do manuscrito até à letra R (Rume), *suspendendo-a em 1936* (Brotéria, *vol. XX, págs. 178-179. Lisboa, 1936). A interrupção deveu-se à remodelação da revista e à conseqüente carência de espaço para artigos de interêsse mais vasto.*

O presente ensejo leva-nos a concluí-la, para não privar os linguagístas portugueses dos frutos da pesquisa incansável do nosso eruditíssimo e venerando confrade. A intenção e orientação do seu trabalho, explicou-as êle no pequeno prólogo que antepôs aos seus Subsídios. *Queria concorrer com algumas achêgas para o* Novo Dicionário da Língua Portuguesa, *de Cândido de Figueiredo, a cuja 3.ª edição de 1924 presta homenagem com uma modéstia e desinterêsse edificantes.*

De facto, a edição de 1913, aproveitara os trabalhos do Padre João Serafim Gomes, abandonados no Colégio do Barro na perseguição de 1910, sem indicar a proveniência... Sic vos non vobis!

Ao rematar êste trabalho, bom seria reünir num só volume tudo o que fica disperso pelas páginas da Brotéria *e da* Revista Lusitana. *Oxalá, possamos levar a têrmo tão útil emprêsa.*

Se a nossa língua é digna de todo o carinho e culto para que no mundo seja conhecida em todo o esplendor da sua riqueza lexicológica, a grata memória de quem tão apaixonadamente a estudou bem merece que tal esfôrço se não perca, no esquecimento que, às vezes, é panteão dos maiores beneméritos do comum.

Evidentemente respeitamos o manuscrito da letra ou revisão do autor.

Lisboa, 31 de Janeiro de 1943.

DOMINGOS MAURÍCIO GOMES DOS SANTOS.

Sabóia, *f. T. do Pôrto.* O mesmo que *Couve lombarda.*

Sacretário, *m.* Por *secretário* diz o vulgo e lê-se *passim* nas *Lendas da Índia.*

Saganho, *adj. Prov. dur.* Sovina, mesquinho. (Us. só de gente rústica). Corr. de *Tacanho?*

* **Sagina,** f.... Ceva: «o pasto nímio e a sagina (dum cavalo)» *Alma Instr.* III, 681. Fig. Pasto espiritual e substancioso.

* **Saginação,** *f.*

Sagrêdo, *m. Ant.* Segrêdo. Conselho de estado, senado, junta de conselho: «antre estes discípulos eram doze de seu conselho ou sagredo.» *Hist. de Vespasiano,* 40.

Sagro, *adj. Ant.* Sacro, Sagrado.

* **Saibo...** (Não é só *popular).* Sabor ácido e pouco agradável que tem o pão mal levedado, a vasilha que não foi bem lavada, etc. «Ou fôsse disto, ou do saibo da vazilha, ou do ar corrupto.» *Apólogos Dialogaes,* p. 18 (Do lat. *sapidus* substantivado).

Saibrar, *v. t.* Cobrir de saibro, ensaibrar.

Saiço, *m. Prov.* Espécie vimeiro ou salgueiro. (Lat. *salicius,* de *salix).* Cfr. infra *Saísso.*

* **Saimirí,** *m. Género* de macacos da América tropical, da fam. dos cebídeos.

* **Sainetear,** *v. t.* Adubar com sainete; (fig.) tornar aprazível de sal ático, suavizar com bom gôsto.

* **Saísso.** Vid. Saiço. Vem registado no Dicionário de Vieira; o *Grande Dicionário Franc.-Port.* de Domingos de Azevedo sòmente o traz no verb. *Osier.*

* **Salamandrar,** *v. t. Des.* Dar a qualidade, falsamente atribuída à salamandra, de andar no fogo sem arder: «coração salamandrado». Marcos de Lisboa, *Chron.*, II (cânticos de Jacopone).

* **Salamandrídeos,** *m. pl.* Família de batráquios urodeles, que compreende as salamandras e os tritões.

* **Salamandrina,** *f.* Alcalóide contido no líquido fétido e acre segregado pela salamandra. Género de salamandrídeos, próprios de Itália e Dalmácia.

* **Saloma,** *f. Vulg.,* Celeuma de marítimos.

* **Salomear,** *v. i.* O mesmo que *celeumear!* Cfr. *Vocabulário,* Marujo.

* **Salpimentar,** *v. t.* Temperar com sal e pimenta; (fig.) «tornar picante».

* **Saltatórci,** *adj.* Próprio para saltar.

***Saltinhar**, *v. i.* Dar saltinhos, saltitar.

***Saluçar**, *v. i. Pop. e ant.* Soluçar. «Estes são os que... levam os olhos para a desejada terra de promissam, tam suspirada e saluçada deles.» H. Pinto, *Dial. da Tribulação*, cap. 2.

***Saluco**, *m. Prov. minh.* O mesmo que *saluço* ou *soluço*. (Colhido em Viana do Minho).

***Sampana**... (Cfr. *champana*).

***Salvage 2**, *adj.* e *s. Ant.* e *pop.* O mesmo que *selvagem*. «Salvage touro de arrugada fronte». *Malaca Conq.* l. V, est. 27.

***Salvagem 3**, V. *Selvagem*. Cfr. Dic. de Vieira.

***Salvante**, *prep. Ant.* Excepto salve, tirante, à fora: «Dais armas a inimigos? Não nas deis senão a amigos, Salvante se o vós nom sois.» Sim. *Meach., Comédia* 3, quási no fim, ed. de 1631.

***Sámente**, ou sanmente, adv. De modo são. Com doutrina sã. Morigeradamente.

Samnitino, *adj.* O mesmo que *samnítico*. Cfr. *Viriato Trag.* c. VII.

Samnítico, *adj.* Relativo aos samnites, povo antigo, ou ao território que foi dêles na Itália central.

Samoco, *m.* Nome da *Myrica Faia*, segundo Brotero, o mesmo que *faia das Ilhas*.

Sandasiro... Se não é êrro por *sandastro*, é-o por *sandasere* ou *sandasero*. V. *sandastro*.

***Sandastro**, *m.* Pedra preciosa com gotas ou manchas douradas em forma de estrêlas. Cfr. *Nouveau Larousse Illustré, art. sandastre;* Plin. XXXVII, 7, que diz ser pedra muito diferente da *sandasere; Novo Dic.* de C. de Figueiredo, art. *sandareso* e *sandasiro*. (Do lat. *sandastros* [Flaubert em *Salammbô* escreveu *sandastrum*].

Sanear... Justificar, ressarcir, abonar o que foi malsinado ou pôsto em suspeição: «...alcançou ficar mais saneada sua innocencia ainda deante dos homens». Sousa, *Vida do Arc.*, IV, c. 7.

***Saneáxi**, *m. T. da India.* «Saneáxi é titulo dos penitentes, solitários e contemplativos, ...posto que vulgarmente na India a todos estes penitentes e religiosos chamam os Jogues... Os Saneáxis observão seis cousas, a saber, castidade, mansidão, abstinencia, paciencia, humildade e desprezo do mundo». *Oriente Conq.*, I, div. 2.ª, § 70 — Cfr. *Jogue*.

Sangralingua... *galeium apparine.*
Saniássi ou **Saniáxi,** *m.* O mesmo que *saneáxi.*
***Sànôna** *m.* e *f. Chul.* Indivíduo inerte e atoleimado, pamonha.
Santantoninho, *m.* ... Pada ou pão pequeno (?) «Comi dous Santantoninhos com uma fome excessiva». J. Bahia, *Fen. Renascida,* I.
Sapateira, *adj. f.* Diz-se da azeitona que vem mole e tocada ou que na salmoira aparece quási podre.
***Saraça**[2], *f. Pouco us.* O mesmo que *saragoça.* «Um varatojano com seu hábito de saraça».
***Saraivoso,** *adj.* Relativo a saraiva.
***Sarampelho,** *m. Prov. beir.* O mesmo que *sarampêlo.*
Sarampêlo, *m.* ... «Sarampêlo sete vezes vem ao pêlo», adágio do Minho.
***Sargaçal,** *m.* Terreno que cria sargaças. Us. por Camilo.
Sargal, *m.* Lugar abundante em sargaços.
***Sarmoar,** *v. i. Ant.* Sermoar, prègar: «... sarmoando-lhe muito, veo-se para Grecia». *Ined. de Alcobaça,* t. I, Act. dos Apost. c. 20, v. 2 — O texto diz: *et cum exhortatus eos fuisset multo sermone.*
Sartar, *v. t. Ant.* O mesmo que *ensartar.*
Satispadecer, *v. i. Teol.* Diz-se do penar das almas no Purgatório, para indicar que ali não têm merecimento satisfatório como nesta vida: «o Purgatorio, onde estão aquellas almas que sahirão deste mundo em graça de Deus, mas sem terem acabado de satisfazer as penas correspondentes a seos pecados, pellas quais ahi satispadecem». *Alma Instr.,* I, 622.
Saturnino, *adj.*... *Ant.* De humores atribuídos à influência do planeta Saturno: «... o sogeito he Sotunino, melancholico, triste e cogitabundo.» Abreu, *Portug. Médico,* 340.
Saucem, *m.* Festa que na Índia celebram os maometanos em memória de Ali, neto de Mafoma. *Oriente Conq.,* II (2.ª ed.; p. 100).
***Sciena,** *f. (Sciœna)* Peixe grande e oblongo, semelhante.
***Scienídeo,** *m. pl.* Família de peixes acantópteros.
***Scienoides,** *m. pl.* Grupo de peixes cienídeos, que comprende o cachucho.
Scítala ou **scytala,** *f.* Pau roliço, que os correios espartanos levavam enrolada a mensagem. (Lat. *scytala,* gr. *skutalê).*
***Scítale** ou **scytale,** *f.* Género de serpentes reliças *(ilysia scytale),* da América do Sul. Antigamente dava-se êste

nome a umas serpentes que se diziam existir na Líbia com propriedades fabulosas de côres e de fascinação: «Nas libycas montanhas / As Scítales são feras, de pintura / Tão singular, que só co'a vista encantão». Cam., *Eglog.*

* **Scível,** *adj.* «Conhece (Deus) tudo quanto é scivel». *Alma Instr.*, II, 140.

* **Sebastianice,** *f.* Qualidade de sebastianista. Dito ou acção procedente de sebastianismo. Camilo, *Bohemia*, 45.

* **Sebastianismo,** *m.* Crença de sebastianista. Camilo.

* **Secalhão,** *adj. Fam.* Muito sêco no trato.

Secorrer, *v. t. Ant. Lend. da Índia*, IV, 145.

* **Secorro,** *m. Ant.* e *pop.* O mesmo que *socorro. Lend. da Índia*, passim.

* **Secundar,** *v. t...* auxiliar; promover, sendo de outrem a iniciativa: «A manifestação que tencionais dar em meu favor, secundada por essas Câmaras municipais». Castilho, LXXVIII, 114.

* **Seder,** *v. i.* Forma arcaica e a mais próxima do lat. *sedere.* Cap. *seer.* «Sedia-me eu na ermida de Sam-Simion». Cantar de amigo. Cfr. *As cem melhores Poesias*, escolhidas por C. Michaëlis, 4.

* **Seductivo,** *adj.*

* **Seductório,** *adj.* «applicar (o demonio a sua operação seductoria». Bern., *Flor.* I, 166 (1.ª ed.).

Sêma, *f. Vul.* no Pôrto. Pão de sêmea.

Semelhável... «huma besta semelhavel a hum Leão pardo». Goes, *Chron. de D. Man.*, part. 3.ª, c. 57.

* **Semelho,** *adj. Ant.* Semelhante: «ninguem tem / semelho ao Condestabre». Cfr. Santa-Ana, *Chron. dos Carmel.*, I.

* **Semelho,** *adj. Ant.* Semelhante: «Do Restelo a Sacavem Nem ningola nem ninguem / Tem semelho ao Condestabre». Cfr. *Cancion. Geral Port.*, II, 345.

* **Segorbino,** *adj.* Relativo a Segorbe, cidade espanhola na prov. de Castellon de la Plana.

* **Segóvia,** *f.* Tecido fino fabricado em Segóvia, que se usou muito no século dezóito.

Segoviano, *adj.* Relativo à cidade de Segóvia.

Segunda... *Carne de segunda,* chamam no Pôrto à do peito da vaca.

Segundar, *v. t.* Repetir, dar ou tomar ou fazer por segunda vez: «Mas eu segundarei esta (carta) mui cedo.» Bern.,

Lima «disse Teodemiro, com voz trémula de cólera e de escárnio e segundando o golpe». Herc., *Eurico*, c. 10.
* **Seguntino** [não deve confundir-se com *saguntino*], *adj.* Relativo a Sigüenza, cidade espanhola na prov. de Guadalaxara.
* **Seitemo**, *adj. Ant.* Sétimo. D. Duarte, *Arte de cavalg.*, pág. 513.
* **Selamúrdia**, *f. Prov. dur.*
* **Selamúrdio**, *m. e adj.* ^ Sonsinho, taimado. «É fugir das selamúrdias; que essas ferram-na pela calada». (Cfr. *salamurdo* e *selamorda*).
* **Seleccionar**, *v. t.*
* **Seligir**, *v. t. P. us.* Escolher «seligeremos alguns versos». *Alma Instr.* II, 629.
Selga, *f.* O mesmo que *celga* ou *acelga*.
Sem-dúvida, *adj.* Certo, incontestável: «Fora dita grande se nola deixarão escrita (a prática) polos mesmos termos e palavras, que por sem duvida tenho acendera fogo nas almas e dera a vida a estes escritos». Sousa, *Vida do Arc.*, l. IV, c. 11.
* **Semiafricano**, *adj.* Que é meio africano. Que não tem a agricultura comum à Europa. «Semiafricanos páramos dessa desconsolada província Transtagana». Castilho, XXXVII.
* **Semiamericano**, *adj.*
* **Semianimal**, *adj.* Que tem meia natureza ou meia figura de animal. *M.*
* **Semiárabe**, *adj.*
* **Semiarábico**, *adj.*
* **Semiarmado**, *adj.* Meio armado.
* **Semiateu** ou **semiatheo**, *m.* «Cego he o Semiatheo, que se considera que ha Deus, ignora a Sciencia de Deus, e cuida que se lhe pode esconder». *Alma Instr.*, II, 140.
* **Semibizantino** ou **Simibyzantino**, *adj.*
* **Semibretão**.
* **Semibritânico**, *adj.*
* **Semiburlesco**, *adj.* Meio burlesco. Castilho, XLII, 116.
* **Semicerrado**.
* **Semiclássico**, *adj.*
* **Semigermânico**, *adj.*
* **Semigongórico**, *adj.*
Semicerrado, *adj.*
Semicolumna ou **Semicoluna**, *f.* O mesmo que *meia coluna*.
Semicristão, *adj.*

Semiculto, *adj.* Que tem meia cultura.
***Semieremítico,** *adj.* Eremítico em parte: «o monacato camalduense é semieremítico».
***Semierme,** *adj.* Semiarmado (Lat. *Semiermis).*
***Semifrio,** *adj.* Meio frio: «aquella consoladora água semi-fria do oriente». Tomás Ribeiro.
Semigasto, *adj.* Meio gasto. Castilho.
***Semiherve** ou **Semiervi,** *m.*
***Semiheróico,** *adj.* Meio heróico. Castilho, XLII, 116.
Semihomem, m... *Deprec. «Os semi-homens da pigmêa História actual». Castilho, XXIV, 82. *Homem destituído de virilidade: «o tempo gasta os velhos de sorte que ficam semihomens». Nova Flor., III, tít. 3.º, XXVII, § 1.
***Semihumano,** *adj.*
***Semilíquido,** *adj.* Meio líquido. Líquido, mas crasso, como a matéria sebácea.
***Semimahometano,** *adj.* Meio maometano. Castilho, XLII, 116.
Semimodernismo, *m.*
Semimodernista, *m.* e *adj.*
Seminário, *adj. Des.* Relativa a semente ou germe: «a primeira causa da virtude que ha seminaria nestas plantas, foi o Spirito Santo, pella virtude que dicemos imprimira nas agoas, quando sobre ellas andava, nam com passos locais, mas potenciais». *Alma Instr.*, II, 402. *Cfr. ibid. infra.*
***Semimundano,** *adj.*
***Seminatural,** *ad.*
Semipagão... *adj.*
Semi-palavra, *f....* «murmurando entre dentes semipalavras». *Nova Flor,* I, 405.
Semipúblico, *adj.*
Semi-românico ou **semirromânico,** *adj.*
Semi-romano ou **semirromano.**
Semi-romântico ou **semirromântico.**
Semi-sagrado, *adj.* «as armas semi-sagradas da cavalaria». Antero de F., *D. Pedro,* 28.
Semi-secreto, *adj.*
***Semi-silvestre,** *adj.* Que é meio silvestre: «versos... relativos ao viver semi-silvestre de el-Rei Evandro». Castilho, XXI, 187.
***Semitrágico,** *ad.* Meio trágico.
***Semi-uncial,** *adj.* Diz-se em paleografia duns caracteres

medievais, usados principalmente nos séculos nono e décimo, em que misturam os unciais com os minúsculos ou cursivos, e são menores que os unciais.

***Semivida,** *f.* Existência em certo sentido morta: «folgáramos que em um mui singelo mosteirinho se reunissem, e gastassem sua semi-vida, ou mais que vida, algumas Religiosas». Castilho, XXXVII, 14.

Sem-justiça... «sempre recebeis males por bens, sem justiças por igualdades». *Trab. de Jes.*, trab. 30, exerc.

***Sem-justiça,** *f.*... «Que outra estrada não tem por onde possa/Do Acórdão escapar á sem-justiça». Hyssope, c. 4.º.

***Sem-pátria,** *m.* e *f.* e *adj.* (sem forma pl.).

***Semsabôrmente,** *adv.* Insìpidamente: «todo o prosaico reboliço das existências com que a sua anda sempre inevitável e semsabormente entretecida» Castilho, XXXVII, 124.

***Semsaboronamente,** *adv.* De modo sensaborão.

Senão quanto [também é loc. clássica, mas p. us. depois dos quinhentistas], o mesmo que *senão que*: «como o Espirito santo he o que allumia o entendimento para entender, e inflama a vontade para amar, tanto a mais insina, quanto a mais inflama, se não quanto ha ahy cousas que o não se poderem entender he muyto grande motivo de amor». Paiva de Andr. *Serm.* I, p. 14.

Senão que [loc. clássica], excepto que, antes, porém, mas.

***Senescalado,** *m.* Cargo de senescal. Comarca sujeita a um senescal em certos países.

***Senlheiro,** *adj.*: *Ant.* Separado de todos, só: «Dous, ou tres ou a certos senlheyros». Ined. de Alcob. I, Regra de S. Bento, c. 1. (Do lat. *singularius).*

Senilmente, *adv.*

Sénio... Segundo Rabano Mauro e os que dividiram a vida do homem em sete idades, é a última delas, que começa depois da velhice, aos cinqüenta-e-seis anos. Cfr. *Alma Instr.*, I, 205. (Cfr. *Decrepidue).*

Separativo, *adj.*:... *Que indica separação, disjuntivo.

***Sequia,** f. *Secura, especialmente de terras no estio. Sêde: «Vou-me a morrer de sequia» Gil Vic. (ed. de Hamb.) III, 372 = O Dic. de Mor. qualifica o vocábulo de *pleb.* sem razão.

***Sequidade,** *f.* O mesmo que sequidão. Cfr. Dic. de Morais. Secura no trato. *Alma Instr.*, III, 115.

Serafim[2], *m.* O mesmo que *xerafim* ou *xarafim*. *Cartas de Af. de Albuq.*, passim.

***Serao** ou **serau**, *m. Des.* O mesmo que *sarau*. «houve no Paço seraos e festas». *Hist. Gen.*, I, 227.

Serão, *Pl. ant.* serãos: «materias de que tratam nos seus largos serãos», Luc., *Vida de Xav.*, VIII, c. t.º.

***Serenação**, *f.* Acto ou efeito de serenar.

***Sermoar**, *v. i.* Fazer sermões, prègar.

Serpear.... * *V. t.* Caminhar ou fluir sinuosamente por; percorrer serpenteando.

***Serpeio**, *m.* Movimento sinuoso. Sinuosidade, meandro.

Serpente.... *Adj. Des.* O mesmo que *serpeante:* «a quinta do Camidêlo, & Almeára, que estam no monte serpente pela quinta de Figueiredo». Balt. Teles, *Chron. da C.*, II, 612.

Serralho.... * *Serralho de feras,* pátio dos bichos, conjunto de jaulas (o que em fr. se diz *mènagerie*). Cfr. *Bluteau*, art. cadêa; *F. J. Freire,* Reflexões, I, 89.

***Serrar**[2], *v. i. Ant.* «Serraram os nossos, e começaram a batalha». Baltasar Teles, *Chron.*, II, 626.

Serrilha.... * *S. de oiro ou prata,* galão de oiro ou prata denteado.

Sertela... Enfiada de minhocas para isco de pesca. (De *Sorta)*

Sertoriano, *adj.* Relativo a Sertório (Lat. *Sertorianus).*

Servicio, *adj. Ant.* Serviçal, idóneo: «muytas vezes deu officios, / comendas e beneficios, / a homens muy descuidados, / e delle bem alongados, / por serem bons e servicios». Garcia de Res., Miscel.

Sêsmo... *Ant.* A sexta parte, ...«não podia ser que crecessemos na altura os cinquo sesmos por nenhum dos outros Rumos». Castro, *Rot. de Lisboa* a Goa, 266.

Sesto, *m.* (talvez *sestro* ou sistro) «tangendo sempre muytos sinos... & outros tangião com tambores, & sestos». Fernão M. P., *Peregr.*, c. 90, no fim. [No c. 163 da mesmo ed. se tê *sestros*].

***Setecentista**, *m.* Escritor do século que começa em 1701.

***Sextumvirato**, *m.* Cargo de sextúmviro. Cand. Lus., *Refl.* I, p. 152.

***Sextúmviro**, *m.* Magistrado romano, que exercia o cargo juntamente com cinco colegas.

Sicera... *Alma Instr.*, II, 727.

(Continua).

MISCELÂNEA

PROBLEMA ETIMOLÓGICO

ARAVESSA, ARADESSA

Os nossos dicionários, e bem assim o *Vocabulário Ortográfico e Remissivo da Língua Portuguesa* por Gonçalves Viana (1), registam a palavra «*araveça*», definida assim por Cândido de Figueiredo, por exemplo, na 4.ª edição do copioso *Novo Dicionário da Língua Portuguesa:*

«**Araveça,** f. Espécie de charrua, com uma só aiveca, que pode mudar-se de um para o outro lado. (A pronúncia minhota aconselha a forma *aravessa*). (De *arar* + ?).»

Por outro lado, o mesmo Gonçalves Viana no anterior *Vocabulário Ortográfico e Ortoépico da Língua Portuguesa*, conforme a *Ortografia Nacional* do mesmo autor, escreveu, à pág. 57, o seguinte:

«**araveça,** f. N. B. O étimo é desconhecido, mas já escrito com *ç* no *Vocabulário Port. e Latino* de Bluteau.»

Consultando o *Dicionário Etimológico da Língua Portuguesa* por Antenor Nascentes, vê-se que êste autor se limitou a afirmar:

«**ARAVEÇA** — De *arado* + *eça*. (Leoni, *O génio da língua portuguesa*, I, 136). Figueiredo tira de *arar* e diz que a pronúncia minhota aconselha a forma *aravessa.*»

---

(1) Refiro-me à 2.ª edição, de 1913, a meu ver, a mais digna de fé, pois as edições posteriores continuam a não considerar a errata desta edição, o que é um tanto mercantil e pouco respeitador da memória de Gonçalves Viana...

A moderna *Enciclopédia Portuguesa e Brasileira*, evidentemente em virtude da observação de Figueiredo, regista a forma com *ss* (1):

«**Aravessa,** *s. f. Prov.* Espécie de charrua duma aiveca que se pode virar dum lado para o outro. (De *arar*, por uma derivação incerta).»

Os nossos dicionários, quanto ao étimo da palavra que estudo, ou nada dizem ou se limitam a dizê-la provinda de *arar*, não explicando, porém, a terminação, que não é *eça*, mas *essa*, como vou procurar defender, pois estou convencido de que achei a explicação filológica da formação de tal palavra.

A meu ver, deu-se a concomitância em *aravessa* de dois verbos latinos, ambos êles com o significado de *lavrar*, *sulcar:* o verbo *arare* e o verbo *vertere*. É, pois, neste *vertere* que se tem de assentar o étimo das sílabas *-vessa* de *aravessa*.

De facto, a *aravessa* abre mais largos regos do que o arado comum e serve para *virar* (note-se bem) as leivas de terra, de modo que a acção do ar a faça mais fértil.

Ora, que quere dizer em latim *vertere?*. Por Quicherat lembrarei que: Voltar, fazer voltar... *Revolver* (a terra), lavrar.

Dêste *vertere* há o particípio *versus, revolvido, lavrado*, e o substantivo *versus, us*, que significa *sulco* ou *rêgo*.

Portanto, significados que explicam cabalmente a parte *-vessa* de *aravessa*.

Reforçam-me a convicção de assentar *aravessa* no latim *versus* mais estas duas realidades:

1.ª O mesmo latim *vertere* surge-nos em português com a sua significação de *lavrar* (por intermédio do freqüentativo *versare*) em *vessar*, nas *vessadas* e em *vessadela*, *vessadouro* ou *vessadoiro*.

---

(1) O recente *Vocabulário* da Academia também não deixou de considerar o que disse Figueiredo e marcou a palavra *aravessa*, que, porém, ficou deslocada na ordem alfabética, certamente por emenda de *aradeça*, pois lhe ocupa o lugar.

2.ª O sentido de *lavrar* de *vertere* não se quedou no latim, mas passou, por exemplo, ao francês, onde se vê nas palavras *versoir* (aiveca do arado) e em *versage* (primeira lavra à terra de pousio).

Chegado aqui, parece que o étimo por mim proposto encontra grave obstáculo na variante «*aradeça*» de *aravessa*.

Claro que, aceite a explicação etimológica que dou para *aravessa*, a «*aradeça*» tem de passar também para *aradessa*.

Temos, pois, *aradessa* e não *aradeça*.

¿Como explicar, todavia, a mudança de *v* para *d*?

Em minha opinião, o *d* apareceu em *aradessa* pela influência analógica com *arado*. E tanto mais isto é de aceitar quanto é certo que, em boa verdade, a *aravessa* ou *aradessa* não passa de uma sorte de arado provido de uma só aiveca, a qual pode ser fixa ou móvel.

Julgo ter atinado com a origem da até agora enigmática derivação de *aravessa*, que Cândido de Figueiredo, guiado pela pronúncia popular do têrmo, aconselhou se grafasse com *ss*, como só pode ser em vista do latim *versus*, que vejo na palavra estudada.

VASCO BOTELHO DE AMARAL.

UM HELENISMO DE CASTILHO

Ao cantar o rapto de Europa no segundo volume de *O Outono* (pág. 47, ed. 1905), escreveu Castilho:

«O cêsto da Princesa era na arte prodígio:
feitura e rico dom do sábio fabro *anfígio*
a Libe, quando Amor a Neptuno a juntou.»

Interpretou-se aquela forma *anfígio* como a significar *vizinho, comarcão, limítrofe* e assim se averbou na *Grande Enciclopédia Portuguesa e Brasileira* e na moderna 5.ª edição do *Dicionário* de Cândido de Figueiredo. Atribuíu-se-lhe o étimo grego *amphigeios*.

Convém, todavia, observar que o *Dictionnaire Grec-Français*, de Bailly, o léxico grego mais digno de confiança, conquanto não seja o mais copioso, não regista tal forma. E, ainda que o vocábulo existisse em grego, não poderíamos nós ter em português, correctamente, *anfígio* a rimar com *prodígio* como se encontra no referido passo.

A palavra que existe na língua grega e que corresponde, de facto, à forma de Castilho é *amphígyos*, a qual, segundo informa Bailly, significa: pontiagudo nas duas extremidades e, por extensão, de extremidades robustas (mãos e pés), de membros robustos.

Com esta informação continuemos a leitura de Castilho. Repetimos, completando-a, a transcrição já feita para não interromper o sentido e para tornar mais fácil o exame do texto:

«O cêsto da Princesa era na arte prodígio:
feitura e rico dom do sábio fabro *anfígio*
a Libe, quando Amor a Neptuno a juntou.
À bela Telefassa, após, Libe o doou:
eram do mesmo sangue; e Telefassa o dera
à sua filha Europa.
....

Destas plumas a curva é que veste as redondas
bordas do cêsto rico, obra do Lémnio deus,
e dom de Telefassa à filha, amores seus.»

A identificação do *sábio fabro anfígio* com o Lémnio deus não deixa dúvidas.

Se nos lembrarmos de que Vulcano (ou, à grega, Efesto) tinha instaladas na ilha de Lemnos as oficinas, em que lavrava as célebres obras de arte, e de que êste deus era de tal modo feio e disforme que Júpiter, logo que êle nasceu, o expulsou do céu, compreenderemos nìtidamente o epíteto de Castilho. E definiremos com segurança *anfígio*: pontiagudo nas extremidades, disforme; de membros robustos.

Lisboa, Janeiro de 1943.

MARGARIDA DE BRITO BOTELHO DE AMARAL.

EXPLICAÇÃO FINAL

A DECLARAÇÃO impressa na última página do volume anterior já fazia prever para o 38.º um atraso que ninguém estranharia nas circunstâncias actuais. Ia, porém, adiantada a elaboração quando se deu, a 17 de Maio de 1941, o falecimento do saüdoso Director da *Revista Lusitana*, o eminente professor Doutor José Leite de Vasconcelos. A tristíssima ocorrência logo determinou longa interrupção dos trabalhos, por virtude das estiradas diligências judiciais inerentes à execução do testamento.

Assim ficou muito reduzida a publicação das *Ementas gramaticais*, continuada pela mesma pessoa a quem o falecido Professor já para o volume precedente confiara o honroso encargo. Também não foi possível reünir a tempo materiais que melhor definissem o pensamento do autor do artigo *Origens do Povo Português*. No vol. IV da *Etnografia Portuguesa*, a publicar brevemente, se preencherão as lacunas. Igualmente se notará no presente volume a falta da secção *Bibliografia*. Virá incluída no volume seguinte.

Propõem-se os editores completar a série actual da *Revista Lusitana* com a publicação do vol. XXXIX, em grande parte consagrado à comemoração do passamento do seu fundador, e com a do vol. XL, destinado todo aos *índices*.

OS EDITORES.

ÍNDICE DO VOLUME XXXVIII

End